

# QUARENTENA DA RESISTÊNCIA

NA VOZ DE 21 CATADORAS



**F u p**  
A FESTA LITERÁRIA  
DAS PERIFÉRIAS



Eduardo Coelho (Org.)

# Quarentena da resistência

Na voz de 21 catadoras

1ª Edição



Santo André  
Maio 2021

Copyright © 2021 das autoras

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

#### COORDENAÇÃO GERAL

*Adolfo Homma, Adalberto Azevedo e Eduardo Coelho*

#### COORDENAÇÃO DAS OFICINAS

*André de Jesus Torres, Daniele Tadeu de Oliveira, Fabio Luiz Cardoso, Glauca Moreira Secco, Jucilene Nogueira, Lucas Mathias Ribeiro, Luciana di Leone, Mariana Carvalho, Mariana Patricio e Marta de Jesus Gabriel*

#### EQUIPE DE APOIO

*Alan Poves Arnese e Michelle Gonçalves da Silva*

#### EDIÇÃO

*Carolina Casarin*

#### PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

*Dayana Romeiro*

#### ILUSTRAÇÃO DA CAPA

*Designed by Freepik*

---

#### DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Quarentena da resistência: na voz de 21 catadoras /

Organização Eduardo Coelho. – 1.ed. – Santo André : Coopacesso, 2021.  
240 p.

ISBN: 978-65-89139-15-7

1. Catadoras de material reciclável 2. Mulher – trabalho  
3. Narrativas pessoais I. Coelho, Eduardo II. Título.

CDD 331.4

---

Elaborado por Sueli Costa – CRB-8/5213

Índices para catálogo sistemático: 1. Mulher: Trabalho 331.4

## SUMÁRIO

NOTA DO ORGANIZADOR.....	5
<i>Eduardo Coelho</i>	
APRESENTAÇÃO.....	7
<i>As Catadoras</i>	
TEXTOS DAS CATADORAS.....	11
A origem do catador, <i>Ivanilda da Conceição Gomes</i> , 13 A roça, a cidade e o lixão, <i>Maria Lucia Souza dos Santos</i> , 16 Lembrança assim, é tanta coisa!, <i>Maria Izabel da Cruz Oliveira</i> , 21 Não tenho mais dor de cabeça, <i>Francisca Maria Lima Araújo</i> , 25 O mundo triste e sombrio das ruas, <i>Luciana Maria Ferreira</i> , 30 Minha formação foi na rua, e meu doutorado é catação, <i>Maria Mônica da Silva</i> , 32 Hoje fico me perguntando por que o mundo é assim, <i>Andréia Firagi</i> , 42 A vida é um desafio, <i>Patricia Frazão</i> , 43 O marido, <i>Nair Camilo Faria</i> , 53 O tempo do coração, <i>Viviane Conceição de Souza</i> , 54 Vamo, nega, vamo catar papelão na rua, <i>Silvana dos Santos</i> , 62 O dia a dia de uma catadora avulsa, <i>Nair Camilo Faria</i> , 66 Nós fizemos nossa salinha um galpão de reciclagem, <i>Maria Benedita Faria</i> , 69 Agora eu tô na minha vidinha normal, <i>Maria Izabel Braga</i> , 72 Feijão com pão temperado, toucinho e mugunzá, <i>Ana Maria da Silva de Oliveira</i> , 74 Saindo do lixão e chegando no galpão, <i>Maria Lucia Souza dos Santos</i> , 76 Eu parecia uma cigarra, <i>Clotilde da Silva</i> , 79 “Deixa a vida me levar”, <i>Maria das Dores Pereira</i> , 82 Um pouquinho da minha vida, <i>Gislaine de Cerqueira Ramos</i> , 85 E assim nasceu a sede da Coopcent ABC, <i>Maria Mônica da Silva</i> , 88 Juntando as duas casas, <i>Francisca Maria Lima Araújo</i> , 96 Refazendo levanta a Raio de Luz, <i>Maria Lucia Souza dos Santos</i> , 97 Aquele dia foi a diferença total, <i>Viviane Conceição de Souza</i> , 100 A Coopcent ABC caminha com as próprias pernas, <i>Patricia Frazão e Viviane Conceição de Souza</i> , 103 Se você nunca mexeu com a formiga, não atça o formigueiro, <i>Patricia Frazão</i> , 109 Quando começamos, <i>Ana Maria da Silva de Oliveira</i> , 113 Aqui tudo é administrado só por nós, catadores, <i>Maria Lucia Souza dos Santos</i> , 116 Acima de tudo, companheirismo, <i>Clotilde da Silva</i> , 119 Uma inclusão de pessoas, <i>Patricia Frazão</i> , 121 Rede forte, base forte, <i>Claudia da Silva</i> , 123 Projeto Cataforte I, <i>Maria Mônica da Silva</i> , 127 A importância dos catadores na Política Nacional de Resíduos Sólidos: lembranças, <i>Claudia da Silva, Patricia Frazão e Maria Mônica da Silva</i> , 129 Projeto Cataforte II, <i>Claudia da Silva e Maria Mônica da Silva</i> , 133 Violência doméstica, <i>Patricia Ramos</i> , 134 Diálogo com o presidente	

Lula, *Maria Mônica da Silva*, 135 Só tem uma forma de barrar o incinerador, *Francisca Maria Lima Araújo*, 138 A gente fez uma zoadá, *Ivanilda da Conceição Gomes*, 139 Eu nunca vi arroz e feijão pegar fogo, *Edilaine Gonçalves*, 140 As pessoas mais afetadas são as grávidas, os idosos e as crianças, *Patrícia Frazão*, 143 A tecnologia tem que estar nas mãos corretas, *Viviane Conceição de Souza*, 144 O projeto Cataforte III, *Claudia da Silva*, 146 Cooperativa toma decisões no coletivo, *Maria Mônica da Silva*, 148 As coopergatos, *Francisca Maria Lima Araújo*, 151 Nós não somos um coitado, *Ivanilda da Conceição Gomes*, 152 O que eu sei é que ninguém faz nada sozinho, *Gislaine de Cerqueira Ramos*, 155 O lixo é responsabilidade de todos, *Clotilde da Silva*, 157 Você sabe quais são os plásticos recicláveis?, *Maria da Penha Aparecida Cunha Guimarães e Maria Izabel da Cruz Oliveira*, 160 O dia a dia nas cooperativas, *Luciana Maria Ferreira*, 162 Eu sou coordenadora de esteira, *Maria Izabel da Cruz Oliveira*, 164 Peruca longa de cabelo humano, *Andréia Firagi*, 168 O valor do trabalho dos catadores, *Clotilde da Silva*, 169 Muita coisa boa depois que eu cheguei na cooperativa, *Maria Benedita Faria*, 172 Ninguém é melhor do que ninguém, *Nair Camilo Faria*, 174 É no trecho que a gente aprende, *Patrícia Frazão*, 176 Como eu voltei pro eixo, *Maria Mônica da Silva*, 177 Gênero, *Edilaine Gonçalves*, 181 Disputas internas nas cooperativas, *Luciana Maria Ferreira*, 182 Administrar uma cooperativa não é fácil, mas eu faço isso, *Patrícia Ramos*, 183 Problemas na cooperativa, *Francisca Maria Lima Araújo*, 184 Meio ambiente, *Maria da Penha Aparecida Cunha Guimarães*, 186 A Tiranossauro e a Dirty Mouth, *Viviane Conceição de Souza*, 188 E aí eles viram que a coisa era séria, *Ana Maria da Silva de Oliveira*, 190 A gente não pode mais ser humilhado por este tipo de pessoas, *Patrícia Frazão*, 192 Olha o meu futuro aí!, *Maria Izabel da Cruz Oliveira*, 195 O futuro do catador, *Clotilde da Silva*, 198 A gente tem que levantar os pequenos, *Claudia da Silva*, 199 A universidade tem que sair da redoma, *Patrícia Frazão*, 201 Lideranças conscientes da economia solidária, *Viviane Conceição de Souza*, 203 A economia solidária como solução, *Ivanilda da Conceição Gomes*, 204 De muito coração, eu mando meu axé, *Maria da Penha Aparecida Cunha Guimarães*, 206

CATANDO CORAÇÕES.....	211
<i>Julio Ludemir</i>	
A GARANTIA DO TRABALHO DECENTE.....	213
<i>Martin Hahn e Thaís Dumêt Faria</i>	
A FORÇA E A POTÊNCIA DAS CATADORAS.....	217
<i>Elisiane dos Santos e Sofia Vilela de Moraes e Silva</i>	
BASTIDORES: O PROCESSO FORMATIVO DE 21 CATADORAS.....	221
<i>Adalberto Mantovani Martiniano de Azevedo, Adolfo Homma, Alan Arnese, André de Jesus Torres, Carolina Casarin, Eduardo Coelho, Fabio Cardozo, Glaucia Secco, Jucilene Nogueira, Lucas Mathias Ribeiro, Luciana di Leone, Mariana Patricio, Marta de Jesus Gabriel</i>	
SOBRE AS AUTORAS.....	237

## NOTA DO ORGANIZADOR

Os textos reunidos neste livro foram produzidos em duas etapas. A primeira consistiu numa parceria entre a Festa Literária das Periferias – Flup, o Ministério Público do Trabalho – MPT e a Coopcent ABC. Ao ler sobre a efeméride em torno dos sessenta anos de publicação do *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, a procuradora do Trabalho Elisiane dos Santos teve a ideia de promover um ciclo de formação literária destinado a catadoras de materiais recicláveis. Com tal objetivo, Elisiane dos Santos recorreu a Julio Ludemir, que aceitou o desafio, integrando-o à programação da Flup, de que ele é curador e um dos fundadores. Dar à Flup a tarefa de coordenar todo o processo de criação foi uma decisão acertada, pois uma das singularidades dessa festa literária se localiza em seu potencial formativo, que trouxe a público autores como Ana Paula Lisboa, Geovani Martins e Yasmin Thayná.

As oficinas de produção textual da primeira etapa foram realizadas de maio a agosto de 2020, contando com a participação de vinte catadoras, que foram publicadas no livro *Carolinas*. Elas narraram suas experiências "atualizando" os diários de Carolina Maria de Jesus, homenageada do ano dessa festa literária que, no contexto da pandemia da covid-19, ampliou notavelmente seu campo de ações. Alguns textos da primeira etapa foram incluídos no presente volume.

A segunda etapa se estruturou por meio da ampliação das parcerias: além da Flup, do MPT e da Coopcent ABC, o projeto conquistou o apoio da Organização Internacional do Trabalho – OIT, que ofereceu condições materiais para que o ciclo de formação da Flup fosse estendido até janeiro de 2021, com o objetivo de produzir um segundo livro, mais relacionado à história de militância daquelas vinte catadoras, que ganhavam uma nova participante, impossibilitada de fazer as oficinas do primeiro ciclo de formação. Enquanto no primeiro livro buscamos explorar suas experiências biográficas, num viés literário, no segundo enfatizamos o percurso de organização profissional dessas catadoras, ampliando seu diálogo com a história, mas sem desprezar os recursos literários de que a história, por sinal, se vale.

Desde a primeira etapa das oficinas este projeto encontrou, ainda, apoio indispensável da equipe coordenada pelo professor de Políticas Públicas Adalberto Mantovani Martiniano de Azevedo, que leciona e pesquisa no Centro de Engenharia, Modelagem e Ciências Sociais Aplicadas – CECS da Universidade Federal do ABC. Sua equipe foi composta de alunos da UFABC: André de Jesus Torres, Daniele Tadeu de Oliveira, Lucas Mathias Ribeiro e Mariana Carvalho Mendes, que desenvolveram um excepcional trabalho de apoio às catadoras. Alan Arnese e Michele Gonçalves da Silva também foram imprescindíveis para que todo o projeto se realizasse no contexto de isolamento social. Na segunda etapa, o projeto teve o apoio do Laboratório de Teorias e Práticas Feministas do Programa Avançado de Cultura Contemporânea – PACC da UFRJ, coordenado por Luciana di Leone e Mariana Patrício, professoras e pesquisadoras da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A equipe do Laboratório Feminista do PACC contou também com a participação de Glaucia Secco, professora do Colégio Pedro II, e Jucilene Nogueira, professora do CEFET-RJ e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura. Destaca-se, no que diz respeito às parcerias com a universidade, que as oficinas foram criadas em grande medida a partir das metodologias do Laboratório da Palavra/PACC/UFRJ.

Algumas dessas experimentações metodológicas sofreram colaborações imprescindíveis de outros parceiros que participaram das duas etapas e que já estiveram ligados à educação popular: Adolfo Homma, Fabio Cardozo e Marta de Jesus Gabriel. A equipe de produção editorial, formada por Carolina Casarin e Dayana Romeiro, também colaborou com o processo de desenvolvimento e coordenação das oficinas.

Por fim, agradecemos a Coopcent ABC e a todas as catadoras pela confiança depositada na equipe que coordenou os dois processos formativos, bem como pela sua disponibilidade de trocas, em que as diferenças se reuniram num sentido transformador. Agradecemos ainda à toda a equipe da Flup, às procuradoras do Trabalho Elisiane dos Santos e Sofia Vilela, bem como à Organização Internacional do Trabalho.

*Eduardo Coelho*

*Professor da Faculdade de Letras/UFRJ*

## APRESENTAÇÃO

Sair da invisibilidade e ser conhecida e reconhecida por todos como profissionais que trabalham em defesa do meio ambiente e pela construção de uma sociedade sustentável, foi o que inicialmente nos motivou a escrever ou contar as nossas histórias, relacionadas às nossas vidas, ao nosso trabalho, enfim, ao nosso cotidiano enquanto catadoras de materiais recicláveis, quando fomos convidadas pela Festa Literária das Periferias – Flup e pelo Ministério Público do Trabalho – MPT a participar das oficinas de escrita.

Na medida em que fomos desafiadas a escrever ou falar sobre nossas vidas e nosso trabalho, nos deparamos com fantasmas do passado e do presente, que muitas vezes escondíamos dentro de nós por serem lembranças que nos causavam dor, vergonha, revolta, mágoa, preocupação e tristeza. Relembramos e refletimos sobre a vida dura que vivemos, nossas fragilidades, forças, ameaças, desafios e oportunidades que circundam o universo das catadoras de materiais recicláveis. Ser mulher num mundo machista, ser ignorada como se fôssemos invisíveis, ter que trabalhar numa profissão desvalorizada e discriminada, apesar da importância que representa para a sociedade e para o futuro do planeta.

Em plena pandemia do coronavírus, de maio de 2020 a janeiro de 2021, nós, 21 catadoras de materiais recicláveis, nos reunimos virtualmente durante sete meses, nas noites de quinta-feira, em oficinas de escrita e contação de histórias. Inicialmente, as reflexões estavam vinculadas ao livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, da Carolina Maria de Jesus, uma escritora catadora de materiais recicláveis que viveu na cidade de São Paulo na década de 1960. Lemos o livro e, nas terças-feiras à noite, assistimos a programas semanais pela internet, debates sobre essa grande escritora produzidos pela Flup.

A primeira parte desse processo formativo de escrita e contação de histórias teve por objetivo a produção de textos das catadoras para fazer parte de um livro elaborado pela Flup em homenagem aos sessenta anos do *Quarto de despejo*. De certa forma, podemos dizer que escrevemos e

contamos as histórias de 21 Carolinas de hoje, cada uma com suas características e valores. O que Carolina narrou sobre a sua vida e a sua época, nós fizemos a partir das nossas vidas e da nossa época.

Depois, por meio do projeto desenvolvido em parceria entre a Flup, o MPT e a Coopcent ABC, com o apoio da OIT, avançamos para refletir sobre a realidade nua e crua em que vivemos, abordando temas sobre as nossas cooperativas, as nossas organizações, as ameaças que rondam nosso meio e que podem causar danos irreparáveis à categoria, as leis que beneficiam o meio ambiente, a sociedade e os catadores, mas que não são cumpridas pelo poder público, e a perda de direitos que vem acontecendo atualmente, que afeta não apenas as catadoras e os catadores, mas todos os trabalhadores brasileiros. Este livro retrata essa segunda fase.

Antes de participar das oficinas, nós nem sonhávamos em escrever um livro. Para a maioria, a relação com a escrita era distante. Algumas sequer tinham domínio de leitura e escrita. Para essas, foram criadas condições para que pudessem narrar suas histórias e seus saberes, histórias que foram gravadas e transcritas posteriormente por integrantes do grupo de apoio formado por colaboradores da Coopcent ABC e por alunos bolsistas da Universidade Federal do ABC.

Foi uma experiência fantástica. Algumas das catadoras que participaram colocam esse projeto como divisor de águas em suas existências na catação. E, para todas nós, foi um grande desafio contar nossas histórias, mostrar nossa realidade, denunciar as ameaças e injustiças provocadas, principalmente, por grandes empresários que invadem o universo dos catadores e entram pela porta da frente dos governos municipais, estaduais e federal, ditando regras, mudando legislações e construindo falsas narrativas para a sociedade, de acordo com suas conveniências.

Focamos também no papel das prefeituras em relação à coleta seletiva e às cooperativas de catadores. O nosso trabalho depende das prefeituras na medida em que elas são responsáveis pela implantação do sistema de coleta seletiva nos municípios. Dependemos do grau de consciência ambiental e social, da visão de mundo e do cumprimento da legislação ambiental vigente, por parte dos prefeitos e dos gestores públicos municipais, responsáveis pelo setor de resíduos. A coleta seletiva realizada por catadoras e catadores pode ser um trabalho precário, desumano, sem condições mínimas de saúde e segurança, ou um trabalho descente, humanizado, de acordo com os critérios da OIT.

No *Quarto de despejo*, Carolina Maria de Jesus mostrou a vida na favela e na catação em sua época, gerando profundas reflexões. Esperamos ter mostrado um pouco a realidade das catadoras na atualidade, neste livro intitulado *Quarentena da resistência*, pelo fato de ter sido produzido durante a pandemia do coronavírus. E contribuído para que catadoras e catadores saiam da invisibilidade e sejam reconhecidos e respeitados pelos serviços em prol do meio ambiente, trabalho que prestam aos municípios e à sociedade.

Esse processo impactou as nossas vidas. Fez com que refletíssemos sobre nossa existência, construíssemos novos conhecimentos, nos conhecêssemos melhor, a nós mesmas e às outras catadoras. Muitas catadoras que participaram desse processo citam que as oficinas foram como terapias que as ajudaram a superar traumas e situações não resolvidas do passado. Consideramos que o processo para viabilizar este livro foi interessante e mexeu com nossos corações e nossas mentes. Esperamos que faça o mesmo com os leitores.

Agradecemos a todos que contribuíram para a elaboração do livro: OIT, MPT, Flup, UFABC, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, grupo de apoio do projeto formado por alunos bolsistas da UFABC, integrantes do Laboratório de Teorias e Práticas Feministas do Programa Avançado de Cultura Contemporânea da UFRJ, entre outros colaboradores das cooperativas de catadores e da Coopcent ABC, ao corpo técnico que trabalhou no livro e à coordenação do processo.

*As Catadoras*



# **TEXTOS DAS CATADORAS**



# ***A origem do catador***

IVANILDA DA CONCEIÇÃO GOMES

Eu nasci em Jaboatão dos Guararapes, Pernambuco, no dia 14 de março de 1986. Vivi com a minha mãe biológica até quatro anos, depois fui adotada pela minha mãe atual e vim morar com ela em Alagoas. Minha infância não foi boa porque não fui criança. Minha mãe é deficiente e me adotou na intenção de eu ficar ajudando, já que os filhos dela estavam tudo grande e tomando seus rumos. Minha mãe perdeu uma perna com 22 anos e tinha uma prótese. Eu era a companhia dela para tudo.

Fui para escola e a regra era da escola para casa. Não podia ir para canto nenhum. Não tive amigos pra brincar na porta. Eu só era criança quando estava na escola. O horário de recreio era o melhor horário para mim, era o momento em que eu brincava. Não tive infância de brincar de boneca, de casinha. Eu estudava, mas teve período que eu passava sem poder ir para a escola porque tinha que cuidar da minha mãe. Se ela tinha agenda com médico o mês todo, eu tinha que ficar esse período acompanhando ela, então repetia de ano. Parei de estudar e hoje voltei, mas não concluí o ensino médio ainda. Estou no segundo ano do ensino médio.

A minha mãe trabalhava na praia, era ambulante na Praia dos Franceses, em Marechal Deodoro. Ela criou os filhos dela na beira da praia, vendia pastel. Fazia em casa, é cozinheira de forno e fogão, trabalhou muitos anos em São Paulo, curso de tudo ela tem. Negócio de cozinha, ela faz tudo. Como não podia trabalhar fichado porque era deficiente e tinha a aposentadoria, mas não queria depender só da aposentadoria, trabalhava na Praia dos Franceses vendendo pastéis. Ela fazia os pastéis à noite, acordava de madrugada e fritava na hora. A gente colocava numas caixas de madeira e acho que foi por isso que não cresci, fiquei pequenininha, porque era uns quatro ou cinco caixotes de madeira na minha cabeça com pastéis pra vender na beira da praia. Com o tempo, fui ficando mais esperta.

Ela deixou de vender pastéis porque estava dando muito trabalho, e o movimento estava caindo. Depois, ela começou a fazer sanduíche natural.

Fazia o pão de madrugada, de manhã ela recheava e comecei a vender sanduíche natural na caixa. Como eu era de menor e não podia ter licença pra trabalhar na beira da praia, e ela era deficiente, entrei como acompanhante dela. Por isso eu tinha a licença pra poder trabalhar fazendo venda na beira da praia, tinha um crachá. Por fim, o movimento do sanduíche acabou, e aí ela começou a alugar boia. Atividade profissional, eu não tive, mas desde cedo ela ensinou que nós tínhamos que trabalhar pra dar seguimento na vida, sempre na beira da praia. Fiquei na beira da praia trabalhando até os 17 anos.

Tive uma adolescência muito complicada. Minha mãe sempre foi muito rígida, é uma pessoa que pega no pé, e só deixei de andar com ela quando fiz 18 anos e saí de casa. Ela descobriu que eu estava no posto de saúde fazendo exame pré-natal, porque estava gestante, e foi até lá me ver. Voltei a ajudar ela, mas estava morando com meu companheiro e ficamos assim, eu na minha casa e ela na dela. Depois que me separei do pai de meu filho, que na época tinha quatro meses, voltei para a casa da minha mãe. E hoje, se ela precisa ir no médico ou qualquer outra coisa, tenho que pedir para sair porque tenho que acompanhar ela.

---

Era um fim de tarde, estava meio atordoada da cabeça, meu filho tinha nove meses, Rosivaldo, que hoje está com 16 anos. Botei meu filho no braço, peguei uma bolsa, botei a roupa dele, o leite, a mamadeira, e disse: “Vou sair. Espairar a mente, pensar um pouco na vida. Não quero a vida que eu levei, que eu vivi, não quero pro meu filho. Vou sair.” Fui na favela do lixão, visitar as pessoas que antes eram vizinhas da casa onde eu morava com meu ex-marido. Foram todos pra lá.

Cheguei e fiquei na casa da Fabiana. Conversamos e, depois, falei que não queria ir pra casa. Ela disse: “Se quiser ficar, você fica.” Ela falou: “O trabalho que tem por aqui é o lixão, a gente tem que catar material.” E propôs que eu ficasse na casa dela, cuidando das suas filhas, duas meninas: “E a gente vai revezando.” Aí comecei a ir pro lixão. Eu ia mais aos domingos, pra pegar o arrego, que era o carro que trazia alimentos ao lixão. E no domingo era sempre bom porque não tinha aquela multidão de gente.

Quando o carro do arrego chegava, eu ia catar danone, frutas, alimentos com poucos dias para vencer, enlatados. A gente pegava tudo e

colocava em sacos, lavava direitinho e guardava na geladeira. Fui aprendendo com ela. No lixão, a gente não separa por tipo, no lixão a gente enche o sacolão tudo de um jeito só. Foi assim que iniciou a catação na minha vida, dentro do lixão.



O catador surge na sociedade, em primeiro lugar, por não ter outra oportunidade de trabalho. Muitas vezes, pelo seu histórico de sair da roça, de vir para a cidade e, ao chegar aqui, não tem escolaridade, não tem conhecimento de uma profissão. Aí vem a fome, vem a necessidade, e ele tem que encontrar alguma coisa para se sustentar, se alimentar. Então, começa o pontapé inicial da existência do catador. Falta de oportunidade e dificuldades.

Agora mesmo, na pandemia da covid-19, várias pessoas que são graduadas em outras profissões, por falta de emprego, acabam se tornando catadores, por ser a única oportunidade que têm neste momento. E a coisa que mais se gera no mundo são resíduos. Nunca vamos ficar pra dizer “não tenho dinheiro pra comprar o pão”. Se eu for na lixeira, pego garrafa, papelão, e já tenho o dinheiro pra comprar o pão.

# ***A roça, a cidade e o lixão***

MARIA LUCIA SOUZA DOS SANTOS

Nasci no dia 25 de novembro de 1962, na cidade de Itagibá, na Bahia, vizinha de Dário Meira, que é a cidade do cacau. Somos em nove irmãos, e dos filhos da minha mãe, a mais velha sou eu. Quando era criança, a gente não tinha muito recurso e eu gostava de brincar de boneca, só que minhas bonecas quem fazia era minha vó. Boneca de pano. Ela fazia aquelas bonecas de pano e a outra vó fazia panelas de barro pra vender, que ainda vende muito por aí, e ela também fazia panelinhas de barro pra gente brincar. Esses eram nossos brinquedos.

Quando fiz uns dez para 11 anos, fui para a roça carregar balaio e descarregar cacau. Os homens tiravam o cacau e amontavam, a gente sentava ao redor e ia descarregar. A gente ia de manhã e só voltava à tarde. Minha mãe fazia aqueles embornalzinhos de farofa, e quando dava meio-dia a gente se sentava pra comer. E a 1h voltava a trabalhar. Sempre a gente trabalhou desde pequeno para ajudar nosso pai.

Depois fomos para uma fazenda que trabalhava com cacau durante a semana e no sábado e domingo a gente fazia horta. Plantava quiabo, maxixe, pepino, cebola, cenoura. E esse era o nosso brinquedo do sábado e domingo, fazer horta. Quando estava pronto para vender, a gente levava pra feira. Meu pai comprava uns balaio bem grande e a gente ficava com vergonha porque já estava crescendo e via as moças da região tudo arrumadinhas indo para a feira e a gente ia com balaio tudo cheio de verduras para vender, para criar os outros irmãos pequenos, que eram nove. Os maiores que tinham era eu e mais duas irmãs e um irmão. Os outros eram pequenos.

Com 15 anos eu estava em Salvador, trabalhando de babá. Eu olhava as crianças, levava as crianças para brincar, tinha que dar banho no horário certo, levar eles até o carro para ir à escola, passar as roupas deles, deixar tudo passadinho. De tarde eu tinha que dar banho, trocar, passear, contar historinhas. Quando eu ia para uma festa, não era

pra me divertir, mas pra olhar as crianças para não cair, para não se machucar... sempre tinha que estar com as crianças. E eu ia igual uma enfermeira, toda de branco, nunca esqueci, era uma sapatilha branca, um avental branco, uma toquinha branca e um vestido branco, que estava escrito babá, no bolso. Então eu não tive infância, tinha que fazer serviço de adulto.

Depois que fiz 17 anos, voltei para a Bahia, pra roça, já era maior, tinha mais força. Comecei a trabalhar de novo com cacau e plantando capim. Fazia aceiro de cerca com um metro de largura, para quando viesse fogo não passar para o outro lado. Nós trabalhava com enxada fazendo aceiro e ganhava pelo que fazia, por metro, era muito pouco. Quando era de tarde, as nossas mãos estavam cheias de calos. Tinha muito carrapato, passava remédio para tirar carrapato. Nessa época a gente sofreu muito.

E estudar, eu estudei pouco, porque meu pai falava: “Vocês vão ajudar a criar seus irmãos, e não estudar.” A gente ia estudar bem longe nas fazendas, com caderninho debaixo do braço, que a gente caminhava para estudar. A professora ia de carro de uma cidade para outra para ensinar. Nós estudou pouco. Hoje eu vejo a falta que faz o estudo.



Nessa época eu casei, com 17 anos. Casei nova para ver se saía dessa vida. Não era tempo de casar ainda, mas a luta era tão grande que resolvi casar. O meu marido era também da roça, tive três filhos, e a vida piorou ainda mais. Fiquei casada com ele por 12 anos. Meu pai separou da minha mãe, minha mãe ficou sozinha, meu pai veio embora para o Paraná. Nós fomos ajudar nossa mãe a criar os outros filhos.

Depois eu vim para São Paulo, depois que lutei, lutei e não consegui. Aí eu já tinha uns 29 anos. Deixei meus meninos com a minha mãe, cheguei aqui e comecei a trabalhar. Ainda bem que naquela época você entrava em uma empresa com qualquer estudo que tinha. Quando eu cheguei aqui, entrei numa empresa que fazia cabide e prendedor de roupa. Era no bairro do Serraria, em Diadema. Aluguei uma casa e fui comprando as coisas devagarzinho, e logo mandei o dinheiro para a minha mãe vir com meus meninos. Depois, arrumei um outro serviço que era melhor, no metrô. Lá eu trabalhava na limpeza, e ganhava o

vale transporte e o ticket refeição, que usava no mercado para comprar comida para os meus filhos. Foi lá que conheci o Régis, meu marido atual.

---

Um dia o segurança estava saindo e disse que ia chegar outro segurança, que ele dizia que era legal, que nós ia gostar dele. Quando o Régis chegou, ele ficava olhando os nossos crachás, anotava no caderno, e liberava nós para subir para o setor. Um dia eu estava passando e ele pegou meu crachá e disse que depois queria falar comigo. E, depois, fui conversar com o Régis. Ele perguntou se eu tinha filhos, falei que tinha. Ele falou que tinha uma criança com um aninho e que estava separando da mulher, procurando outro lugar para ficar. Falei que tinha três filhos, que eram pequenos, e que estava trabalhando ali para sustentar eles. Régis ficou um tempão conversando comigo e falou que havia gostado de mim e perguntou se eu não queria que ele me ajudasse. E eu disse: “Como assim, me ajudar? Eu nem te conheço.” Ele falou que via em meu rosto uma pessoa sofrida e que podia me ajudar.

Fui até a minha chefe e conversei com ela, que falou: “Lucia, tome cuidado porque esse Reginaldo já trabalhou aqui umas três vezes, porque a gente muda de setor. Ele trabalhou no banco, no carro-forte, e a gente já sabe a vida do Reginaldo. É melhor você tomar cuidado porque você já sofreu muito.” No outro dia, fui falar com o Reginaldo. Ele perguntou: “Lucia, você resolveu?” E falei que tinha meus filhos e ele disse que se eu aceitasse ia me ajudar a pagar o aluguel, e disse ainda que eu ia sair desse serviço e arrumar outro melhor.

Conversei com meu irmão, que eu tinha ajudado a vir da Bahia, e ele falou: “É melhor você conhecer esse cara direito. Me apresenta ele para eu ver.” Meu irmão conversou com ele e depois me falou: “Acho que esse cabra aí não vai dar conta de tu não, é melhor você ficar com seu serviço.” Aí perguntei pro Régis qual a proposta que ele tinha para mim. E a proposta dele era me tirar do serviço, me deixar em casa uns dias, ele me ajudava a pagar o aluguel e que era para eu arrumar um mercado para ir comprando as coisas, que todo mês ele ia dando o dinheiro. Aceitei.

Antes eu morava num barraco, pagava aluguel e trabalhava para sustentar três filhos. A vida estava difícil. Tinha um terreno que um pessoal estava

invadindo e fui lá. Fiz um barraco com três cômodos e fui morar com meus meninos. Quando o Régis foi no meu barraco, ele falou: “Nossa, Lucia, eu nunca morei num barraco”, e que a família dele tinha uma vida até boa. Falou pra eu vender o barraco, ele ia alugar uma casa pra mim. Aí resolvi sair do emprego. A minha chefe falou que se eu saísse da firma, ia perder todos os meus direitos, porque eu estava saindo porque estava querendo sair. E eu saí, e só recebi o que eu tinha trabalhado.

---

Ele alugou uma casa e pagava o aluguel. E veio morar comigo, me ajudando. Depois ele falou: “Lucia, vamos embora de São Paulo, vamos para Campinas.” Ele tinha um dinheiro bom, porque tinha saído da firma, tinha vendido um terreno que era dele no Cocaia, em Santo Amaro. Disse que em Campinas ia comprar um terreno para nós construir uma casa. E foi uma má ideia, um passo errado que nós demos. Fomos para Campinas, ele comprou o terreno e a gente construiu uma parte da casa. Depois, andou por aquele mundo caçando serviço e não achou nada. E só gastando o dinheiro que tinha. Depois ele falou: “Vamos vender e vamos embora para São Paulo, porque lá eu acho um serviço de segurança de novo.” Mas aí já tinha gastado todo dinheiro que tinha ganhado e nós viemos embora. Voltamos para São Paulo, ficamos uns tempos sem dinheiro, foi muito ruim. Às vezes ele até chorava porque não achava emprego.

Nessa época, conhecemos um colega chamado Zezão, e ele falou: “Vamos dar um passeio no lixão, Reginaldo?” E o Régis foi no lixão do Alvarenga.<sup>1</sup> Só tinha uns três ou quatro barraco lá, era muito ruim, não tinha nem casa nem nada. Mas o Zezão falou: “É bom para morar, todo mundo trabalha neste lixão, e ganha muito dinheiro.” Régis viu muita gente no lixão. Ele voltou para casa e falou: “Lucia, eu conheci um lugar hoje chamado lixão e o Zezão quer me vender um barraco lá, tu não quer ir ver?” Falou que tinha muita gente trabalhando no lixão, e que lá ele não ia trabalhar, porque ia repórter direto e não queria ser filmado para sua família não ver ele lá no lixo.

---

1. O lixão do Alvarenga foi iniciado na década de 1970 e encerrou suas atividades em 2000. Localizado na área da Represa Billings, na divisa entre os municípios São Bernardo do Campo e Diadema.

Fui no lixão, gostei de lá e nós fizemos negócio com o barraco. O barraco não tinha energia, nós acendia vela, e todo dia ia trabalhar no lixão, eu e dois meninos meu, porque um não queria trabalhar no lixo. Só veio a Bárbara e o Fabio. O Régis ia deixar nós no lixão e falava: “Quando vocês catar, eu venho buscar.” E era repórter direto lá porque era muita gente no lixo, muita criança. Começamos a trabalhar no lixão, era uma disputa muito grande. Aonde você colocava a mão, o pessoal dizia: “Este aqui é meu, aqui tem dono.” A gente não desistiu porque o lixo não podia ter dono, porque vem de todo lugar, então tem que ter uma vaga para nós.

Meus meninos entrava no meio, a gente catava fio e latinha. Os outros catavam plástico, papelão, porque já tinham um lugar certo pra vender. Como nós não tinha prática disso, só catava latinha e fio. Todo dia levava para casa e ia juntando. Quando era de tarde, sentava no chão, pegava uma faca e limpava os fios todinho com a faca e ia fazendo uma bola, e quando tinha uma quantidade boa ia vender lá no Orquídea, empurrando o carrinho de mão. Lá vendia, pegava o dinheiro, que era pouco, e comprava as coisinhas pra comer. A gente foi indo nessa luta. Cada dia que passava a gente foi conhecendo as pessoas do lixão e foi aumentando a quantidade de latinha e fio. A gente também foi aumentando a amizade com as pessoas, e elas diziam que nós podia catar sem problemas, já não proibia mais. “Vai chegar um caminhão de São Paulo, com bastante coisa, quando despejar vocês podem vir catar”, e nós ia e catava.

No domingo tinha pouca gente, mas tinha muita morte, tinha gente matando e nós tinha que ver aquilo e fingir que não via. Uma vez passou três jovens e perguntou a hora. Pouco tempo depois nós ouviu os pipocos e aí o Régis falou: “Vamos lá ver.” Quando chegamos, o rapaz falou assim: “Segue pra frente sem olhar para trás, pra vocês não ficar igual esses daqui.” Nós estava com um monte de saco na mão e saímos correndo pro lixo. Sempre a gente via isso. Mas você tinha que ver e fingir que não estava vendo nada e nós fomos nessa luta trabalhando.

# ***Lembrança assim, é tanta coisa!***

MARIA IZABEL DA CRUZ OLIVEIRA

Eu sou em 12 irmãos, nasci em São Paulo, na avenida Moraes. Depois, pequena, vim morar em Diadema e comecei a trabalhar tinha uns dez, 11, 12 anos. Recordo de uma época em que minha mãe largou a gente com meu irmão Aauto e teve que sair, ou sumiu. Quando meu pai faleceu, sei lá, ela deu uma desgostada, e se afastou, acho que pra respirar. Eu tinha uns 12 anos, minha irmã caçula tinha de cinco pra seis, o Aauto tinha 19 e cuidava de todos. Meu irmão tinha mania de falar: “Olha! A gente tem que ir atrás da mãe, porque senão, vocês não existem. Vocês ficam que nem indigente.” Depois de um tempo, meu irmão teve que ir atrás dela pra ver a data do nosso nascimento. Eu com 13, quase 14 anos, não tinha nenhum registro de nascimento. Primeiro emprego que ele arrumou, na Resil, foi quando tirou os documentos dos mais pequenos. Minha mãe deu uma data pro Aauto conseguir registrar a gente. Isso foi o que me marcou mais!

Todos nós sentimos muita falta da minha mãe, porque a gente era muito apegado a ela, muito, muito, muito mesmo. Não deixamos ela em paz não, boba! Fomos atrás dela. Nessa época que a gente conheceu o lixão. Ela morava lá, num barraquinho. Quando meu pai faleceu, ele tava no Exército, já era até cabo. E quando faleceu, minha mãe ficou assim, sem nada, sem ter um recurso pra gente. E o Aauto sempre falava: “Nós temos que cuidar da mãe.” Eu nunca deixei ela.

Lembrança assim, é tanta coisa!

---

Meu irmão tinha o maior cuidado com a gente. Naquele tempo, onde a gente morava, aqui, criança na rua... Às vezes passava um carro da prefeitura, não sei; às vezes era do Juizado. Se a criança não estava na escola, não estava fazendo nada, eles catava e levava. Meu irmão ficava morrendo de medo de eles pegarem a gente ou separarem a gente um do outro. Por

isso que eu acho que ele ficava com esse cuidado, com medo de perder as irmãs dele.

O primeiro emprego que o Adauto arrumou, ele falou assim: “Arrumei um emprego, vou trabalhar fichado, daí já vou colocar o nome da mãe, porque, se acaso acontecer alguma coisa comigo, a mãe vai ter direito de receber alguma coisa.” Nós nunca deixamos ela, sabe? Me lembro que ela passava, e a gente sempre estava lá.

A gente ia pro lixão, a gente trabalhava a noite todinha. Sabe o que eu mais gostava de fazer? Eu ia com a Landa pro lixão. Nós trabalhávamos a noite toda. Eu adorava chegar na casa da minha mãe de manhã cedinho, fogão de lenha aceso! Eu gostava de subir, o fogão era grande, aquele de barro, eu adorava subir, ficar sentada, sabe? Tomar um café. Ficava sentada esquentando o corpo, esperando ela fazer um cafezinho... E ela fazia uns bolinhos de chuva. Era um tempo muito gostoso. E a gente ficava assim, um pouco ficava aqui com o Adauto, um pouco ficava lá com ela.



Tive pouco tempo pra brincar, mas o tempo que tive, eu brinquei. Até hoje brinco, jogo bola com a molecada na rua. Empino pipa com meus sobrinhos, jogar bolinha também, bolinha de gude. Nunca tive tempo de brincar com boneca. Acho que eu era meio moleque mesmo. Sempre, quando o Adauto tinha tempo, a brincadeira que ele brincava com a gente era de jogar bola, jogar bolinha e empinar pipa. É por isso que eu gostava. Não tive uma infância assim com celular, não tinha luz na nossa casa.

Minha mãe via a hora assim. Dependia do dia, dia de sol quente, ela falava: “Olha, agora já é meio-dia.” A gente falava: “Ah, tá! Ela sabe, né.” Eu perguntava: “Mãe, como a senhora sabe?” Aí ela falava onde o sol estava... Acho que ela falava certinho porque... costume das pessoas antigas.

Disso de ver hora: até lá no meu serviço, a maioria sabe ler e escrever, e às vezes elas não sabem ver hora no relógio de número! Outro dia mesmo eu ensinei a filha da Mônica a ver hora no relógio. Fiquei explicando pra ela: “Meu irmão que me ensinou. Ele fazia no chão, fazia uma roda no chão, fazia os números, os pontinhos. Ou se não, com pedaço de carvão, ele fazia.” Aí ele ficava explicando: “Olha, quando este daqui, o pequeno, o pequeno sempre é hora. E o grande, que vai ficar rodando,

é minuto.” E aprendi a ver hora assim! Acho que não aprendi mais porque eu não dei importância pra isso. Depois chega uma hora que você começa a trabalhar, e aí vai ficando difícil, difícil, difícil... e você acaba esquecendo de fazer alguma coisa de útil pra você.

---

Eu ainda ia completar 18 anos. Eu trabalhava com uma moça no Ipiranga, perto do Moinho Velho, trabalhei muito tempo com eles. Ela era rodo-moça da viação Cometa. Trabalhei muito tempo em casa de família. Nesse tempo não pensava que ia voltar para a catação.

Como eu vinha pra casa de 15 em 15 dias, toda vez que eu ficava no final de semana ela me levava pra viajar. O marido dela trabalhava com negócio de eventos, sei lá. Ele chamava Wagner e ela chamava Tânia. Ele me apresentou pro Sargentelli lá no Rio. Queriam que eu virasse uma mulata do Sargentelli. Falei assim: “Não, se eu fizer isso, meu irmão vai me matar.” Eles falavam assim: “Não, neguinha...”. Eles me chamavam de “neguinha”, que ele ia me acompanhar. Fiquei com medo: “Ah, eu vou ter que andar sem roupa, ah, vou nada, mulher...” Porque as mulatas do Sargentelli andavam quase nuas, né, bem dizer, com pouquinha roupa, com uns sutiens bem pequenininho, uns detalhe em baixo, só um tapa-sexo. Eu falei “não”! Vixe, vergonha! Caipira! Eu sempre fui bicho do mato. Perdi a oportunidade de ter dinheiro, olha aí. Podia ter um dinheiro hoje.

Meu irmão não deixava a gente usar nem shorts. Nem minha mãe, ela nunca gostou, ela sempre tomou muito cuidado com a gente, então... É que nem eu falo pras meninas, nessa coisa de usar roupas, é criação mesmo, a gente nunca usou shorts. Deve ser por isso. Eu e minhas irmãs, era tudo bicho do mato.

---

Eu não sabia que o Sargentelli era famoso. Como esse meu patrão trabalhava com evento, já conhecia, acho que tinha trabalhado com ele. Aí me apresentou. Sargentelli ficou encantado comigo. Ah, sai pra lá véio... Ele tinha mania de ficar, eu não me lembro direito, ele tinha mania de ficar falando meio cantando, era ziriguidum, não sei o quê, umas pa-

lavras lá assim, que eu não lembro mais. Depois de um tempo, depois eu não lembro bem... Mas ele ainda pegou na minha mão, me deu uma volta, sabe? Quando a pessoa pega você assim e vira, vixe, eu não... Não quero não! Fiquei desconfiada demais. Oxente, eu tinha um medo lascado. Falei assim: “Não, não quero não.”

Se fosse no tempo de agora, eu tinha encarado. Nós é bicho do mato. Acho que esse Sargentelli já até morreu. As pessoas antigas são muito bestas. Se importa até com o jeito que os outros vão olhar pro jeito que você está vestida.

# ***Não tenho mais dor de cabeça***

FRANCISCA MARIA LIMA ARAÚJO

Nasci na cidade de Oeiras, no Piauí, no dia 26 de abril de 1962. Tinha nove irmãos e fiquei nesta cidade até os 16 anos. Fui trabalhar na roça, não tinha nem sete anos. Era bem pequenininha. Meu pai fez uma enxada, pequena também, e eu trabalhava com eles, plantando milho, arroz, feijão, mandioca, um monte de coisas. A gente saía de casa de manhã, levava rapadura com farinha e este era o café da manhã, bebia água, e ficava lá até 1h da tarde. Depois, minha mãe levava um pouco de comida, a gente comia e continuava trabalhando, só voltava para casa à noite. Quando tinha arroz, era arroz que a gente almoçava. Quando não tinha, era feijão com farinha. Carne era muito difícil, porque meus pais só iam na feira de 15 em 15 dias e compravam toucinho, gordura, para colocar na comida. Foi sofrida a vida da gente.

A gente pisava o milho com o pilão de pau, à noite, quando chegava. Pisar o milho é colocar o milho no pilão, deixar de molho um pouco, e depois bater com pau para tirar aquela casquinha. Aí a gente colocava ele de molho de novo, levantava às 5h da manhã e pisava no pilão para fazer a massa quando a gente fazia cuscuz. Fazia cuscuz com rapadura, ou era farinha com rapadura, ou era com abóbora.

Quando a gente estudava, era no mato, e estudava à noite, nem tomava banho. Não tinha água. Ia buscar água longe, com uma lata, colocava a lata na cabeça, passava pelas cercas de arame. Era engraçado, e apesar desse sofrimento todo a gente era feliz. A gente tinha que tomar banho com um litro de água, lavava o rosto e os pés. Tomava banho direito de oito em oito dias, quando ia no riacho lavar roupa. Amarrava num lençol as roupas, colocava na cabeça e ia, ficava quatro horas andando de pés. A gente lavava a roupa todinha, colocava para secar e depois ia tomar banho. Era bom demais, divertido.

E, à noite, ficava olhando a Lua, ouvindo histórias de Trancoso, um monte de história que eles ensinavam pra gente. Na minha adolescência,

não sabia o que era televisão e nem sabia o que era rádio. Meu pai comprou um rádio e eu nunca tinha visto aquilo. A primeira vez que ouvi um rádio falando, foi engraçado, morri de medo. Eu nem dormi de noite, chamei o meu pai, que estava dormindo. E ele respondeu: “O que é, menina?” “Tem um homem velho falando dentro do rádio, eu estou com medo, e se esse homem aparecer aqui?” Eu tinha nove anos.

Tinha muita vontade de estudar, mas vivia num lugar que a gente só trabalhava. Achava que o meu mundo era aquele mesmo. Tinha um professor que dava aula pra nós à noite, tinha vez que ele dava só matemática, ensinava aquelas continhas de matemática, e outras vezes ensinava a escrever, não tinha matérias que nem hoje. Se a gente errasse, ele batia com a palmatória na mão, doía muito, eu lembro disso. Tinha gente que não queria estudar porque levava palmatória na mão. Pra estudar à noite a gente ia dentro dos matos, tinha só uma trilha e o povo ainda botava medo na gente, dizendo que tinha alma, e a gente saía correndo com medo.



Quando eu era adolescente, tinha um rapazinho que gostava de mim, e eu dele, mas a gente não namorava como hoje. Os namoros de antes era só para ver e toda mulher casava novinha. Só que a minha mãe não queria que eu namorasse esse rapaz e ela me levou para a casa de meu tio, no Maranhão, e fiquei revoltada. Quando cheguei no Maranhão, já tinha um rapaz lá e meu tio falou: “Olha, você vai casar com Fulano.” E foi assim. Não tem esse negócio de namoro.

Depois que eu tive meus filhos, ele foi embora, a menina tinha só um mês de nascida. Na verdade, vivi com ele só para ter esses filhos. Engravi-dei do primeiro e ele viajou, e aí, quando voltou, engravidei da menina e ele viajou de novo. Quando ela tinha um mês, ele foi embora e fiquei sofrendo. Há pouco tempo, descobri que ele está vivo e mora no Pará.

Fui quebrar coco-babaçu com machado pra criar meus filhos, e nesta época eu morava com meu sogro. Ele estava cansado de criar filhos dos outros e jogava piadinhas pra mim. Fiquei triste e fui embora para a casa da minha mãe, não voltei mais. E meu sogro ficou triste, mas eu também achava que não tinha sentido, casada com o filho e morava com o pai.

Chegar no Piauí com duas crianças foi difícil. Comecei a trabalhar na roça de novo. Morria tudo que plantava, não dava fruto porque era seca, não chovia. A gente trabalhava, mas não tinha resultado. E o mais difícil é que, não conseguindo nada, dependia da minha mãe para criar meus filhos, e as condições financeiras dela também não eram boa. Ela costurava, fazia roupas, e com aquele dinheirinho que ela ganhava a gente vivia.

Os meus irmãos eram muito chatos. Como eu era uma mulher separada, eles chamavam a gente de “sendera”. Eu era prisioneira, não podia sentar na calçada pra conversar com ninguém, porque se sentasse eles me chamavam de “rapariga”. Tinha que ficar presa dentro de casa, não podia sair, e um dia me revoltei. Pedi um dinheiro emprestado pro meu cunhado. Ele perguntou pra que eu queria dinheiro, e falei que era pra ir pra São Paulo trabalhar, que depois eu pagava. E ele falou: “Não vou fazer isso, você sair no mundo. E seus filhos?” Falei que ia deixar meus filhos com minha mãe, e depois eu vinha buscar. Ele falou que não queria fazer isso, mas como gostava muito de mim ia arrumar o dinheiro.

“Mãe, estou indo pra São Paulo.” Ela quase morreu de chorar. Falei que eu não ia ficar o resto da minha vida naquele lugar sem poder criar meus filhos, que eu via todo mundo indo pra São Paulo e conseguia as coisas e que eu tinha que aventurar. Naquela época, eu tinha uns trinta anos. A viagem tinha levado cinco dias, a estrada era ruim e eu não tinha trazido nada pra comer. O povo me dava comida no caminho.

Cheguei no Terminal do Tietê, aquilo era muito diferente da realidade que eu vivi. Fiquei assustada e sem destino, sem saber pra onde ir. Sentei na calçada e comecei a chorar. Falava: “Meu Deus, o que eu vim fazer aqui? O que está acontecendo com minha vida?” Um rapaz me viu chorando e se aproximou de mim, falou: “Menina, você está precisando de alguma coisa, você quer se abrir comigo?” Eu, com medo dele, falei que não era nada e continuei chorando. Ele insistiu: “Menina, eu não sou nenhum bandido, fala pra mim porque você está chorando.” Falei que não tinha pra onde ir e não sabia o que ia acontecer com a minha vida. Ele chamou a esposa, que tinha chegado de viagem. Depois de me ouvir, ela falou: “Vamos para minha casa. Você dorme, come e fica cuidando da minha filha, pra mim ir trabalhar. Eu vou ter que pedir as minhas contas se não tiver ninguém pra cuidar dela.” Ela trabalhava no Bem Barato, em Piraporinha.

Fiquei dois anos trabalhando a troco de comida na casa dela. Lavava, cozinhava, e cuidava da criança, que tinha problema, tinha o narizinho cortado e se engasgava toda vez que ia comer. Eu ficava com medo da menina morrer. Depois, arrumei um empreguinho numa fábrica de tintas e ela falou que eu podia ir, e comecei a trabalhar, mas aí ela falou que era pra eu me virar. Pronto, me ferrei de novo, porque tinha que achar um lugar pra morar.

Fui morar com uma amiga no Jardim Calux e aí minha história mudou de novo. Comecei a trabalhar, só que eu tinha que atravessar duas favelas pra ir trabalhar, e eram perigosas. Era muito tiroteio naquela época. Eu rezava e tremia de medo, entrava às 6h da manhã. Com o tempo, fui me acostumando.



Não queria dar notícias pra minha mãe antes de arrumar alguma coisa pra mandar buscar meus filhos. Depois de muitos anos que eu estava longe, um dia, uma pessoa que me conhecia de lá me descobriu e deu notícia pra minha mãe. Ela veio do Piauí atrás de mim, queria me levar embora. Falei que não, que eu ia trabalhar pra criar meus filhos. Entrei em outra empresa, que ficava no Serraria, era uma empresa de japonês que fazia peça de borracha. Depois, fui trabalhar numa lavanderia e, em seguida, fiquei desempregada. Foi nesse tempo que eu fui para o lixão. Antes de acabar o dinheirinho, comprei um barraquinho no lixão, que era debaixo do lixo.

E aí mandei buscar meus filhos. Foi um sofrimento grande porque eu não tinha condições nenhuma, estava desempregada. Meus filhos começaram a estudar, mas eu não deixava eles irem pra escola porque lá matava gente toda hora, era perigoso. E a minha filha mais velha ficou com pneumonia, quase morreu. Teve que tomar três meses de Benzetacil. Ela era bem magrinha e não comia nada, eu não tinha nada pra fazer pra ela comer. Tinha um guarda de nome José que trabalhava na escola. Ele me dava a cesta básica dele e comprava frutas pra ela e eu passava a roupa dele. Ele tinha dó de mim e me ajudou bastante.



Quando comecei a trabalhar no lixão, meus companheiros eram o Pelé, a finada Edileuza e o marido dela, que já é falecido também. Eu pegava os materiais, vendia lá em cima, e comprava feijão, arroz, o que desse para comprar com o dinheiro. Todo dia vendia pra comprar alguma coisa porque às vezes eu não tinha nada pra pôr no fogo pros meninos comer. Nada, nada, nada... Foi sofrido no lixão, mas uma coisa eu posso falar, foi a melhor faculdade que eu tive na vida, foi eu ter que viver naquele lixão, passando o que passei, pra hoje eu me transformar na mulher que eu sou.

Muitas vezes me sinto frágil, me sinto fraca, mas olho para trás e vejo que todo esse sofrimento que passei me deu forças pra viver. A gente ia pegar o material e eles derrubavam a gente pra não pegar, era cada um por si e Deus por todos. Eles aproveitavam porque as mulheres eram frágeis e não deixavam a gente pegar as coisas melhores. Se pegasse, tomavam da gente. Tinha muita gente boa, mas a maioria era gente da pesada, eram pessoas que estavam ali só para fazer maldade. A minha vida foi muito sofrimento. Quando vejo que as coisas estão difíceis, penso que eu tenho uma missão na Terra pra cumprir. Tudo que eu passei na vida é porque sou uma mulher forte. Não tenho doença, graças a Deus. Não tenho mais dor de cabeça. Antes eu tinha um monte de coisa, achava que era doente, mas é coisa da vida.

# ***O mundo triste e sombrio das ruas***

LUCIANA MARIA FERREIRA

Morar na rua não foi um período muito fácil pra mim, que estava grávida de seis meses do Caio Henrique e tinha a Cinthia Tamy com um aninho e pouco. Sem opção, encontrei nas ruas um refúgio e vivi na pele esta experiência, assim como tantas outras, até formar esta mulher que sou hoje.

Nos primeiros dias foi horrível. Você tem que matar um leão por dia pra sobreviver neste mundo sombrio e triste que é as ruas. Quando cheguei não sabia como lidar com aquilo, onde dormir, comer, acomodar minha filha... Nossa, chorei muito! Só vivia com os olhos inchados, então descobri que qualquer lugar era lugar, embaixo de coberturas de lojas, padarias, praças ou também no relento das calçadas imundas e fétidas, disputando espaço com lixos e bichos, com quem ficava nas praças, mas eu tinha muito medo por causa dos demais que usavam drogas e brigavam muito. Temia pela minha vida e pela dos meus filhos.

Encontrei também pessoas legais, que uma hora e outra me ajudavam com alguma coisa. Eu sempre me virava, pedia por favor se poderiam dar um banho na Cinthia pra mim, depois que pegava ela na creche, às 17h. Nesse período em que ela estava na creche, eu aproveitava pra pegar material reciclável na rua, porque tinha algumas pessoas que já separavam pra mim. Então eu vendia no ferro-velho para comprar as coisinhas de Cinthia e marmitex pra gente jantar, mas na maioria das vezes era mesmo pão seco com água. Eu, como estava grávida, desmaiava direto com fome, carregando as coisas na cabeça. Quando via já estava caída igual uma jaca podre.

Tive que aprender rápido o linguajar das ruas, até mesmo para me comunicar e entender o que eles falavam. São inúmeras e infinitas não só as linguagens como a situação de um povo praticamente esquecido pela sociedade, que se omite ao invés de dar oportunidades. Resumindo, quando era pra falar com alguém um determinado assunto, chegavam

na pessoa assim — “Eaê, deixa eu falá pá você é tipo assim”, e falavam o que queriam. Quando algo estava errado — “Então, mano, deixa eu passá a caminhada pá você, tio, tá ligado?”. Quando um obrigado — “Oh, salvou mano, é nós, véi.”. Quando nervoso — “Vixiii, chamar o mano ou fulano pá zideia.”. Quando estava tudo certo — “Fechô, é nós di verdadi.”.

Sempre me chamavam e até hoje, quando encontro um deles, é: “Eaê, guerreira, suave na nave”, ou então me chamam de “patroinha”, porque quando vim trabalhar na cooperativa resgatei bastante deles para trabalhar comigo. Hoje me tratam assim, “patroinha”.

# ***Minha formação foi na rua, e meu doutorado é catação***

MARIA MÔNICA DA SILVA

Eu sou filha de nordestina. Minha mãe é natural do Ceará. A gente é de uma cidade chamada Acopiara. Minha mãe me teve com 18 anos. Sou de 1973 e, naquela época, para uma menina de 18 anos ter um filho, ser mãe solteira, era uma situação muito complicada. No Nordeste, as pessoas eram muito machistas, muito conservadoras, então pra minha mãe me ter foi meio complicado. Ela engravidou de mim, o meu pai simplesmente largou de mão, não ligou, não cuidou. Ela começou a se virar sozinha comigo e a minha avó ajudou a me criar. Minha mãe tinha que trabalhar e minha avó ficava em casa cuidando de mim. A minha mãe, ela é uma mulher muito sofrida.

Minha avó ficou viúva muito nova, acho que com seis filhos, e aí ela teve que se virar sozinha para criar os filhos. Os filhos que tinham oito, nove anos já teve que começar a trabalhar para poder ajudar ela. Meu avô morreu e deixou ela sem nada porque ele gastou tudo na gandaia com outras mulheres. Minha mãe era uma das filhas mais velhas e tinha que trabalhar para ajudar minha avó, com oito anos de idade ela trabalhava em casa de família para poder se virar. E os meus dois tios homem, um que já é falecido e outro que tá vivo ainda, que hoje em dia é acamado e a gente cuida dele, eles eram muito machista. Eles não aceitavam minha mãe dentro de casa porque minha mãe teve uma filha e era mãe solteira. Eles colocavam a minha mãe pra fora. Pra mim não ficar na rua, minha avó disse pra ela: “Você procura emprego, vai trabalhar e deixa a criança que eu cuido.” Com muita luta minha avó me criou até os oito anos, até essa idade eu morei com ela. A gente tinha uma relação maravilhosa. Ela é uma pessoa muito importante na minha vida, faz muitos anos que faleceu, mas foi quem ajudou a formar o meu caráter. Muitas coisas eu aprendi com ela.

Mas, quando eu tinha oito anos, o meu tio, que era o mais velho, era bem de vida, tinha uma padaria, uma casa muito boa, ele que ajudava a

sustentar a minha avó, ele começou a dizer que minha avó não tinha que ficar comigo, que minha mãe que se virasse comigo. Minha mãe tinha arrumado um marido e tava morando com esse cara. Inventou uma história para que minha avó deixasse eu ir morar com a minha mãe. Ele chantageou a minha avó. “Ou você deixa a Neném”, o apelido da minha mãe é Neném, “tomar conta da filha dela ou então não vou lhe ajudar mais”. Era ele que dava as coisas pra minha avó, que ficou sem escolha. Teve que se separar de mim e deixou eu ir morar com a minha mãe.

---

Até os oito anos de idade eu tive uma vida mais ou menos, porque era eu e minha avó e esse meu tio, que hoje em dia é acamado, que morava. Minha mãe trabalhava e mandava o dinheiro. Eu vivia mais ou menos bem, não tive uma infância muito boa, mas eu sobrevivia. Quando a minha avó me entregou pra minha mãe, e eu fui morar com ela e esse cara com que ela vivia, um cara que era chamado Francisco, a gente foi morar numa roça, um sítio, ou era uma fazenda, não lembro bem. Eu gostava muito de televisão, achava aquele negócio muito da hora, e naquela época as pessoas não tinha TV em casa. Era só quem era rico que tinha TV, e às vezes a gente assistia ou pela janela, ou então eles colocava no meio do terreiro, no quintal, que a gente chamava de terreiro, e juntava aquele monte de gente e assistia. Eu gostava muito disso. Eu tinha nove anos.

Chegou um dia, eu nunca gostei desse meu padrasto, nunca gostei dele. Tinha alguma coisa nele que eu não gostava, mas não entendia na época o que era. Um dia, ele chegou pra minha mãe e falou: “Olha, eu vou acertar um serviço na fazenda vizinha, você deixa eu levar Maria Mônica comigo? Como ela gosta de assistir televisão, aí ela brinca um pouco lá com as crianças e vou acertar o meu serviço.” Minha mãe achou que não tinha problema nenhum. Nem eu, jamais imaginei o que ia vir. Fui com ele pra essa fazenda vizinha, era umas 5h da tarde.

Ele ficou conversando, começou a novela das seis, depois começou outro negócio lá, depois o *Jornal Nacional*... e ele foi enrolando, enrolando, pra que ficasse bastante de noite pra gente poder ir embora. Eu não imaginava o que ele tava planejando. Fiquei com ele até esse horário, eu, inocente, e ele: “Vamos embora, Maria Mônica!” A gente foi embora, peguei na mão dele, a gente foi andando, vinha por uma estrada de terra.

E daí esse cara virou pra mim e falou: “Olha, Mônica, aqui na estrada é muito perigoso porque aqui passa muitos animais, aqui passa onça, passa lobo, aqui passa alguns animais. Pra gente não correr risco, vamos fazer o seguinte, tem uma trilha aqui que vai sair já perto do nosso terreiro. Vamos entrar nessa trilha porque a gente consegue chegar mais rápido em casa.”

Essa é uma parte da minha vida que eu tento esquecer, mas eu vivi ela. Inocente, eu não sabia de nada. Lembro que eu tava com um vestido florido, ele era amarelo com umas florzinha, um vestido muito lindo que uma tia minha tinha me dado. Eu odeio flor, eu odeio, não gosto, detesto flor. Eu, segurando a mão dele, e a gente foi por essa trilha. No meio do caminho, a gente já tava bem no meio da mata, bem no meio do mato mesmo, ele falou: “Para aí um pouquinho, Mônica.” “Que foi, algum bicho?” Eu tinha muito medo de lobo porque a gente ouvia algumas histórias de lobo e de onça, eu tinha muito medo desses bichos. “Que foi, Francisco, aconteceu alguma coisa? Tem algum bicho?” “Não, não, não tem não, mas fica quietinha. Faz uma coisa, Mônica, levanta o seu vestido.” Eu falei: “Levantar meu vestido? Mas por que, Francisco, pra que eu preciso levantar meu vestido?” Naquela época eu não sabia de nada, era muito inocente. Com nove anos a gente não sabe de nada. E aí eu falei: “Não, não posso levantar meu vestido.” “Não, você pode, eu sou seu padrasto, eu mando em você, você pode levantar seu vestido.” Eu falei: “Não, eu não posso levantar meu vestido.” E não quis levantar meu vestido.

Ele deu um tapa na minha boca que eu tenho uma cicatriz até hoje, e falou: “Você vai fazer o que eu tô mandando!”, e me derrubou no chão. Quando ele me derrubou, rasgou a minha calcinha, e eu comecei a gritar e chorar muito porque fiquei com muito medo daquilo. Não sabia o que tava acontecendo, eu não entendia o que era aquilo que ele tava tentando fazer comigo naquele momento. Lembro que só dizia pra ele: “Mas o que é isso, por que você tá fazendo isso comigo? A minha mãe, eu vou dizer pra minha mãe!”, e ele me batia. E comecei a gritar muito. Nisso que eu comecei a gritar, escutei um tiro. Escutei um tiro, e aí ele se assustou e saiu de cima de mim. No que ele saiu de mim, chegou um senhor, que era vizinho da gente, com uma espingarda na mão e falou pra ele: “Larga a menina, larga a menina!” E ele: “Não, mas eu não tô fazendo nada, nada.” Aí eu falei: “Ele tá tirando a minha roupa, ele rasgou minha calcinha, ele tá me batendo.”

O moço me pegou e puxou eu pra trás dele. O nome desse senhor, eu nunca esqueço, era Raimundo. Seu Raimundo me colocou pra trás dele e falou: “Agora você vai comigo até a mãe dela. Quando chegar lá, vou falar pra mãe dela o que você tentou fazer com essa criança, e ela vai resolver com você o que vai ser feito.” Eu, sem entender direito ainda o que estava acontecendo: “Gente, por que ele me bateu? Por que ele rasgou minha roupa? Por que será? Será que eu fiz alguma coisa de errado?”

A gente foi até minha mãe. Quando chegou lá, seu Raimundo chamou minha mãe, meu padrasto meio assustado, dizendo: “Não, eu não fiz nada, a culpa foi dela, a culpa foi dela.” Aí minha mãe saiu pra fora assustada: “Mas o que aconteceu? O que aconteceu?” Eu, com machucado na boca... minha mãe olhou minha boca e perguntou: “O que aconteceu?” Aí seu Raimundo falou pra mim: “Mônica, fala pra sua mãe o que ele fez com você.” Falei que ele levantou meu vestido, que rasgou minha calcinha, que bateu na minha boca, que ele me derrubou, e a primeira reação da minha mãe foi me dar um tapa. Ela deu um tapa tão grande na minha cara, ela virou a mão e pá na minha cara. Quase caí no chão, seu Raimundo me segurou. E ele disse: “Mas a senhora tá errada, como a senhora faz uma coisa dessas com a sua filha? Ele tentou abusar da sua filha, a senhora não tá vendo o que aconteceu? Olha o estado da criança!” E minha mãe dizia: “A culpa é dela, a culpa é dela, pra que ela foi com ele?” “Mãe, mas a senhora deixou eu ir com ele. O que eu fiz de errado? O que aconteceu? Me fala, o que eu fiz?” E minha mãe muito nervosa.

Acabou que o senhor foi embora, ele falou: “Olha, é de família, vocês resolvem”, e minha mãe me deu uma surra e depois eu vi que ela brigou mais meu padrasto, brigaram muito os dois, mas no final da história ela achava que a culpa tinha sido minha.

Depois desse dia, comecei a ficar com muito ódio dele. Não suportava ouvir ele, a voz dele, não suportava ver ele. Todo dia ele saía pra roça com minha mãe e eu ficava maquinando como que eu ia matar ele. Ficava pensando: “Tenho que dar um jeito de matar ele, porque senão ele vai judiar de mim de novo.”

Um dia, coloquei veneno dentro do pote de água. Lá no Ceará a gente bebia água nos pote de barro. Só que a primeira pessoa que entrou em casa e foi pegar água, foi minha mãe. Eu bati na mão dela e quebrei o pote. Levei outra surra. Minha mãe me batia muito. Apanhei demais, mas não podia contar porque eu tinha feito aquilo.

Sei que minha vida ficou assim. Eu só apanhava e brigava com ele porque criei um ódio tão grande dele. Um dia, pensei: “Quer saber de uma coisa, não vou ficar aqui com esse povo mais não, vou embora.” Fugi de casa. De madrugada, quando eles tava dormindo, eu saí no meio do mato andando, fui chegar na cidade vizinha, mas tudo era povoado e o povo se conhecia. Descobriram de quem eu era filha e me mandaram de volta pra minha mãe.

Depois disso, minha mãe entrou em contato com uma tia minha, que morava em Picos, no Piauí, para ver se ela não podia ficar comigo. Disse que eu tava dando muito trabalho. Começou aquele joga pra um lado, e joga pra outro, e a criança vai pra um lado, e vai pra outro. E eu não entendia: “Por que minha mãe tá fazendo isso? Por que eu tenho que ficar na casa de um, na casa de outro?” E toda a casa onde eu estava, sofria.

A última onde eu fiquei foi dessa minha tia de Picos. Ela apanhava do marido, sofria violência doméstica. Ele batia muito nela e eu não aguentava ver aquilo. Apanhava junto porque eu me metia no meio, então apanhava nós duas. Um dia, a última vez que eu vi esse cara, o marido da minha tia, ele bateu nela, foi uma discussão danada. Sei que ele colocou a mão na porta e eu tava com uma faca grande, cortando alguma coisa, e aí eu olhei pra mão dele: “Ah, vou arrancar a mão dele fora.” Meti a faca no dedo dele e parti um dedo. Foi a maior confusão e fugi de lá também. E desse dia em diante, decidi: “A partir de hoje, ninguém, mas ninguém vai judiar de mim, ninguém vai pôr a mão em mim, nunca mais ninguém põe a mão em mim. Eu não vou apanhar de ninguém e não vou deixar mais ninguém fazer o que estão fazendo comigo.” Vou me virar sozinha. Foi quando eu fui pra rua, com dez anos.



Eu saí de Picos pra Acopiara, tinha uma rodovia, peguei essa rodovia e andei até chegar em Acopiara. Quando vinha carro, eu entrava no mato porque tinha medo de alguém me pegar e fazer alguma coisa. Entrava no mato, e assim eu fui. Cheguei no Ceará, em Acopiara. Fiquei morando nas ruas em Acopiara e fui crescendo. Comia o que achava na rua ou quando alguém me dava. Fiz algumas amizades. Quando você tá na rua, qual é o círculo de amizade que você tem? Ou pessoas que bebem muito ou pessoas que usa droga, mas um protege o outro. Um protege

o outro e você tem que saber bater. Pra você sobreviver na rua você tem que ser boa na porrada. É muito cruel, a rua é muito cruel, mas também é uma grande escola de vida. Eu aprendi bater na rua mesmo, batia ou apanhava. Por isso que os moradores de rua são unido entre eles, porque a gente apanha dos outros e tem que saber bater. Lá aprendi também que quem te ajuda, quem te dá a mão, você protege e dá a vida pela pessoa. Porque me protegeram na rua. E não adianta dizer que catador de rua não se respeita, se respeita sim! A gente se protege entre a gente.

Lembro que era muita criança nas ruas. Formava umas turminhas e quando alguém queria bater em algum de nós, a gente se protegia. Achei também algumas pessoas adultas que moravam na rua e que adotaram a gente, de uma certa maneira cuidavam da gente. Às vezes eu dormia num lugar, não sabia o que era aquilo, era muito lixo que tinha, era perto de um lixão. E depois eu me mudei pra rodoviária. Até então, não tinha rodoviária em Acopiara, tinham acabado de construir, e eu queria dormir por lá. Me sentia mais protegida onde tinha muita gente porque sabia que ninguém ia me bater ou querer me violentar.

Comecei a dormir dentro do banheiro da rodoviária. Dormi um dia, não aconteceu nada, ninguém mexeu comigo. E ficou uma semana assim. Aí uma moça da limpeza percebeu que alguém tava dormindo lá e um dia ela me pegou. Ela falou: “Menina, você não tem mãe? Não tem pai?” Olhei pra ela e disse: “Eu tenho mãe, mas não cuida de mim, cuida do marido dela, e decidi que não ia mais ficar com ela.” “E o seu pai?” “Pai, eu não tenho não, eu não tenho pai, não tenho contato com essa pessoa. Eu sou sozinha. Por quê? Você tem algum problema comigo?” “Não, não é isso, mas você comeu alguma coisa hoje?” “Não, não comi ainda, não consegui achar nada pra mim comer.” E ela começou a me trazer comida, às vezes alguma roupa. Eu tomava banho, porque na rodoviária tinha chuveiro e ela me escondia pra mim tomar banho. Ela me ajudou um bocado. Eu morei na rodoviária, uns dois anos.

Quando fui morar na rodoviária, de certa forma eu fiquei protegida. Essa mulher cuidava de mim, e fui ficando. Dormia, durante o dia perambulava, porque eu não podia ficar lá dentro. De dia era mais complicado porque o pessoal da rodoviária não deixava, mas à noite eu conseguia dormir. Durante o dia eu andava pra um lado e pro outro.

Comecei a sair e fazer amizades. Sempre gostei de dançar, nossa, eu gostava muito de dançar. Onde tinha música, eu ia. Entrava, dançava.

Quando eu tinha 13 anos, conheci uma menina no forró, o nome dela é Leninha. Eu gostava muito de forró, adorava dançar forró, axé, gostava demais. Quando a gente se conheceu, ela era garota de programa. A mãe era doente e ela precisava de alguém para cuidar da mãe enquanto fazia programa. Mas a primeira abordagem que ela fez comigo, foi assim: “Mônica, você não quer fazer programa?” Eu perguntei pra ela: “Como assim, fazer programa? O que é isso, fazer programa?” “Você não sabe? Fazer aqueles negócios com os homem.” “Mas, como assim, que negócio? Eu não sei que negócio é esse com os homem, eu detesto homem, eu odeio homem. Não gosto de homem.” E ela dizia pra mim: “A gente tem relação com homem, sabe?” “Mas... relação? Como assim relação, Leninha?” E ela me explicou como era o sexo, o que era o sexo. “Deus me livre, esse negócio nojento. Não, não quero isso não. Não vou fazer isso, não quero.” Ela disse: “Você vai poder sair da rua, vai poder alugar uma casa, ficar de boa.” “Não, eu não quero, eu prefiro ficar onde eu tô, eu não quero isso. Tenho um nojo tão grande de homem, eu não quero.” “Então, vamos fazer uma coisa, eu preciso trabalhar, preciso fazer meus programa e a minha mãe é doente. Ela tá com câncer e não tem cura. Alguém tem que ficar com ela. Você não quer ir morar comigo? A gente mora junto, eu, você e minha mãe. Eu faço programa, você cuida da minha mãe, limpa a casa e a gente vai se virando.” “Ah, tudo bem. Então vamos, eu vou.”

Eu conversei com a moça da rodoviária que me ajudava e falei para ela que ia morar com uma pessoa. Ela pediu o endereço e disse que ia me visitar. Ela foi um anjo na minha vida. O nome dela era Francisca. A dona Francisca falou: “Você vai, mas qualquer coisa, Mônica, você vem aqui, me avisa e a gente vê como é que eu continuo te ajudando.”

Fui morar com a Leninha, a gente ficou pouco tempo lá em Acopiara porque a mãe dela piorou e teve que ser transferida pra Santa Casa, em Fortaleza. A gente foi junto, na ambulância. Durante o dia a gente perambulava pela Santa Casa, mas à noite não podia. Ia eu e ela dormir na rua. Ela fazia alguns programas pra gente comer. A gente dormia na Praia de Iracema, na Praia do Náutico, na Praça José de Alencar. Até que a mãe da Leninha morreu. A gente chegou no hospital de manhã cedo e os médicos avisaram que ela tinha falecido. A gente ficou meio triste porque, bem ou mal, eu sentia que ali era a minha família.

Aí a Leninha virou pra mim e disse: “Mônica, eu não tenho ninguém, você não tem ninguém, eu só tenho você e você só tem eu. E se a gente

for pra São Paulo?” Eu falei: “Pra São Paulo, como é que a gente vai pra São Paulo, Leninha?” “Mônica, a gente pega carona de caminhão. Os caminhoneiros, quando eles vê menina bonitinha que nem nós, novinha, eles dá carona e é só a gente fazer sexo com eles.” “Leninha, você sabe que eu não faço essas coisas.” “A gente faz o seguinte, eu falo com os caras. Se eles quiser fazer programa com você, vamos falar que você tem uma doença grave porque faz muitos anos que você faz programa. Os cara têm muito medo, Mônica, de pegar doença.” Eu falava: “Leninha, e se eles quiser me pegar a força, como é que a gente vai fazer? A gente não tem a mesma força que um homem.” “A gente pega caminhão que só tenha uma ou duas pessoas, no máximo, e vamos armadas. A gente leva uma faca, estilete, gilete. Mônica, você é boa na porrada, bate bem pra caramba. Eu já vi você brigando várias vezes, quebra o povo na porrada. Não tem essa não. Nós quebra eles no pau e, qualquer coisa, a gente enfia a faca, a gilete, sei lá, a gente dá um jeito.” Com muito custo, ela me convenceu: “Então, vamos pra São Paulo!”

A gente pegou a BR-116, a BR que do Ceará vem parar em São Paulo. A primeira carona que a gente pegou não foi muito longe, mas um dos caras falou: “Se vocês fica aqui tem muito caminhoneiro, vocês pode conseguir uma carona que vá direto pra São Paulo.” Era um posto de gasolina e a gente foi pra lanchonete pra ver se encontrava algum caminhoneiro que vinha pra São Paulo. A gente tava com fome. A Leninha começou a puxar assunto com um caminhoneiro e ele falou: “Eu vou para São Paulo, mas não vai dar pra mim levar vocês porque vocês são crianças, como é que eu vou levar vocês? Se a polícia me pega, vai dar problema.” Continuamos a procurar. Nisso, falei: “Nossa, Leninha, eu tô com muita fome!” “Vamos pedir, Mônica, vamos pedir pra alguém pagar uma coxinha pra gente.”

A gente se aproximou de um cara e eu pedi: “Moço, dá pra você pagar alguma coisa pra eu comer?” Ele olhou pra mim e falou: “Você tá com fome?”, comendo uma coxinha. “Tô, tô com fome.” “Você quer uma coxinha?” “Quero, por favor, pra mim e pra minha amiga”, eu falei. “Ah, para as duas, então tá.” Ele pegou a coxinha, jogou a coxinha no chão, pisou, estragou a coxinha e disse: “Agora, vocês pode comer. Pode comer. Vocês não têm que tá pedindo dinheiro para os outros. Por que vocês não vão fazer programa? Por que vocês não vão dar isso aí para os outros pra vocês conseguir dinheiro?” Eu olhei pra ele e falei: “Prefiro comer essa coxinha que tá aqui no chão, do que ganhar dinheiro dessa forma. Muito obriga-

da, que Deus lhe abençoe.” Catei a coxinha que ele pisou e comi. Comi a coxinha.

Um senhor que tava olhando chamou a gente de canto. Ele falou: “Vocês estão indo pra onde?”. Eu disse: “A gente queria ir pra São Paulo, mas acho que a gente não vai conseguir.” Eu, comendo a coxinha, com a coxinha na mão. E ele: “Joga essa coxinha fora. Você tá com fome? Pode pedir o que vocês quiser comer aí, pode pedir que eu pago.” “Mas o senhor vai querer alguma coisa em troca?” “Não, minha filha, não quero nada, eu só quero que vocês comam. Eu vi o que o rapaz fez com vocês. Isso não se faz com ninguém, isso não se faz nem com um cachorro, imagina com um ser humano. Pode comer o que vocês quiserem, eu pago.” “Eu quero comida, a gente não comeu hoje ainda. Eu quero comida”, a Leninha falou. Ele comprou, pediu pro pessoal servir a gente, o pessoal serviu e a gente comeu. E ele disse: “Eu tô indo pra Minas Gerais, Minas fica mais perto de São Paulo. Se vocês quiser ir comigo, eu levo vocês.”

A gente veio, pegou carona com esse senhor até Minas Gerais. Ele falando da família, dos neto, ele contou muitas histórias, e eu toda desconfiada. Eu dizia: “Leninha, esse cara vai fazer alguma coisa com a gente. Tem alguma coisa de errado, ninguém é bom assim, ninguém vai ajudar outra pessoa assim.” “Mônica, não, vamos, fica em paz, qualquer coisa a gente reage, ele é um sozinho.” “Leninha, eu tô ficando com medo.” E o senhor tratando a gente tão bem, tão bem, mas eu não acreditava que tinha pessoas que tratava alguém bem. Principalmente, pessoas moradoras de rua que não tinha nada. Ele olhou pra mim e falou: “Filha, fica tranquila, eu não vou fazer nada com vocês. Eu apenas quero ajudar, tá bom? Eu só tô ajudando. Não quero nada em troca.”

A gente seguiu viagem, chegamos em Minas, ele deixou a gente num lugar onde tinha bastante caminhoneiro. Ficamos uns dois ou três dias em Minas pra conseguir uma outra carona pra vir até São Paulo. E depois a gente conseguiu uma carona até Diadema. Ele deixou a gente numa rodovia, não sei se era Imigrantes, não lembro, já era pertinho, tava chegando em Diadema.

Quando criança, a Leninha já tinha morado alguns anos com a mãe em Diadema e ela conhecia um pessoal da comunidade Vila Popular. A gente desceu na rodovia e continuou andando, foi assim que eu conheci Diadema, a cidade que me acolheu, onde aprendi tudo. Foi quando começou uma nova história na minha vida. Conheci uma pessoa maravilhosa, o meu

primeiro marido, o José Pedro, que foi quem acolheu eu e a Leninha na casa dele, aliás, no barraco dele, que na época era só barraco de madeira. A gente teve três filhos e minha vida mudou totalmente. Eu não morei mais nas ruas. A minha vida de verdade, acho que começou ali, quando eu passei a ter consciência de muitas coisas. Eu tava com 14 anos. Minha formação foi na rua, e meu doutorado é catação. Essa é a minha história.

# **Hoje fico me perguntando por que o mundo é assim**

ANDRÉIA FIRAGI

Eu já passei por muitas coisas e vi pessoas passar, de você gritar e ninguém ouvir, de se mostrar e não ser vista. Teve uma época da minha vida que me marcou muito. Aconteceu quando eu tinha 17 anos, me colocaram atrás das grades numa cadeia. Eu dizia, gritava que era inocente, mas ninguém me ouvia além de Deus e minha mãe. Apanhei muito. Era uma menina, apesar de ser perdida com os vícios. Eu era inocente, cheia de sonhos, mas pela minha inocência conheci pessoas errada e não tinha noção como tem pessoas cruel. Fui obrigada a estar no lugar errado na hora errada e isso custou dias cruel dentro da prisão. Tentei tirar minha vida duas vezes, mas graças a Deus nas duas vezes fui impedida.

Aquilo já tinha ficado muito difícil depois de todos me culpar, uma cidade toda me condenar. Foram dias difícil porque não me escutaram, primeiro me acusaram. E tudo isso me deixou doente, perdi anos da minha vida sofrendo com medo de tudo, me afundei mais nos vícios. Não foi fácil eu me recuperar.

Hoje fico me perguntando por que o mundo é assim. A maioria das pessoas não ouve, julgam pela aparência, por preferência sexual, pela cor ou se você é gordo ou magro. Quando vê alguém pedindo, sem ter força pra nada, a maioria das pessoas diz isso é um vagabundo ou uma vagabunda, nem se dá o trabalho de ouvir.

Falamos muito em querer ser ouvida, em ser enxergada, em não querer ser vítima de preconceito. Acabar com tudo isso está em nós mesmo, em reivindicar respeito. Sempre estar nos observando: “Será que estou ouvindo as pessoas como quero ser ouvida? Será que estou enxergando as pessoas sem julgamento, mas sim com a alma e a mente aberta? Será que estou ensinando meus filhos ou meus próximos a crescerem e ser pessoas melhor?”

# *A vida é um desafio*

PATRÍCIA FRAZÃO

A minha infância, não tenho boas lembranças. Tive uma infância triste, quando desde pequena tive que trabalhar para ajudar a família, minha mãe era uma mulher humilde que de forma simples cuidava de cada um de nós naquela cidade do interior do Pernambuco, Garanhuns. Aos sete anos eu tinha que estudar e trabalhar, eu ia para escola na parte da manhã e à tarde ia para a casa de uma mulher, Ilda, uma portuguesa muito brava. Quando chegava da escola eu já vinha triste, porque queria brincar com meus irmãos e as crianças na rua, mas tinha uma família muito pobre, miserável, porque aquilo não era pobreza. Muitas noites íamos dormir com fome, bebíamos água, mas a fome só aumentava.

Eu ia para a casa dessa senhora limpar a casa dela a troco do que sobrava da janta deles para levar para os meus irmãos. Com o passar do tempo, fui entendendo as coisas. Eu cresci e aí era obrigada a trabalhar até nos domingos, e esse era o dia mais difícil, pois os filhos dela iam para almoçar e eu ficava o dia inteiro lavando louça e servindo de babá na hora do almoço. Eu ficava no fundo do quintal junto com o cachorro, lá no fundo tinha uma mesa onde eu passava as roupas e era lá que ficava eu e o cachorro. Muitas vezes a fome era tanta que eu tinha vontade de comer a comida dele, que era mais do que nós tínhamos em casa. Assim que acabava de comer já tinha que limpar a cozinha, eu ficava a tarde inteira limpando aquela casa e as pessoas nem mim viam. Eu não existia para elas, o que interessava era as coisas estarem do jeito que elas queriam, ficavam falando o que iam comprar para as crianças e eu não tinha nem um chinelo de dedo mais arrumado para calçar, o que tinha era quebrado, com um prego que machucava meu pé.

Eu pensava até quando vamos viver assim, um dia vou crescer e trabalhar e vou dar o melhor para a minha família. Achava que tudo ia mudar, mas tudo só foi piorando. Perto de casa existia um lixão a céu aberto onde eu e meus irmãos íamos pegar os restos de alimentos que vinham

no caminhão do lixo. As roupas que tínhamos eram doação e, como eu era a mais velha, nunca tinha algo que servia em mim. O meu pé era grande e eu tinha vergonha porque a maioria das meninas tinham um pé menor, aquilo era doloroso, nada servia para mim. Quando ia para a escola era difícil pois as crianças tinham roupa e calçado, material escolar, mas eu não. Ia mais por conta da merenda e já chegava com fome. Lembro que o meu pai acordava cedo e fazia água quente com um pouco de açúcar, quando tinha, e dava para cada um de nós. O fogão era de carvão e quando não tinha o carvão arrumávamos lenha para cozinhar as coisas que trazíamos do lixo. Ficávamos feliz porque íamos comer. Como toda criança gostávamos de brincar e fazíamos aquela algazarra no fim da tarde, não tínhamos malícia, aquele era o momento em que esquecíamos as coisas e todos juntos éramos só crianças. Corríamos, brincávamos de esconde-esconde, aprontávamos e éramos felizes com o pouco que tínhamos.

Minha mãe adoeceu e descobrimos que ela tinha problemas cardíacos, as coisas só foram piorando. O meu pai começou a beber e quando trabalhava gastava todo dinheiro com bebida, e começou a arrumar mulheres na rua. A minha responsabilidade aumentava porque meus irmãos eram pequenos e minha mãe sofria em ver que meu pai não dava importância para nada. Nós dormíamos em cima de uma lona de caminhão, não tínhamos cama para dormir. Tudo ali era pequeno naquela casa. Éramos em seis irmãos, os mais novos dormia com a mãe e os mais velhos no chão de terra batido em cima de uma lona. Quando estava muito frio acendíamos um fogo para nos esquentarmos no terreiro, mas logo o sono chegava, tínhamos que deitar na lona fria e demorávamos para esquentar. Minha mãe com aquele olhar de sofrimento e tristeza, era difícil para ela. A única coisa que tinha era nós.

Com 11 anos apareceu o amigo de uma comadre da minha mãe lá na cidade e falou para minha madrinha que uma mulher precisava de uma moça pra trabalhar, só que era em São Paulo. Minha madrinha rapidamente falou com minha mãe, e minha mãe disse que não tinha coragem de mim mandar para tão longe. Mas ela tanto insistiu que minha mãe disse tá bom, mas como que ela vai, não temos dinheiro pra passagem. Minha madrinha disse: “Quando seu Antonio for para São Paulo fazer um carroto, falo com ele.” E assim foi, chegou o dia de vir embora. Eu toda empolgada porque finalmente ia sair daquele lugar e trabalhar, mudar de

vida, ajudar minha mãe. Mas o pesadelo só estava começando. Eu vim junto com aquele homem que tinha arrumado uma mudança pra vim pra São Paulo e a família dele no caminhão, vinha gente na boleia e lá atrás também. No primeiro dia ele queria abusar de mim, quando viu que a mulher percebeu ficou receoso porque ela mim chamou para ficar junto dela, e assim com muito medo fui fazendo amizade com ela.

Finalmente chegamos em São Paulo e fomos direto entregar a mudança. Depois ele mim levou no Brás, em um restaurante, a mulher que mim recebeu era estranha, mim mostrou o restaurante e mim levou para conhecer onde eu ia dormir, um lugar estranho. Ela falou que durante o dia eu ia trabalhar no restaurante e à noite tinha que receber algumas pessoas lá em cima, no quarto. Entrei em desespero, comecei a chorar, gritar, fazer escândalo. Que não ia ficar naquele lugar, que ia embora. A mulher falou pra mim levar embora que eu ia dar problema, ela não queria problema com a polícia, e ele mais que depressa falou pra mim: “Agora vou ter que levar você embora.” O meu medo era como ia ajudar minha mãe, meus irmãos, então ele falou que tinha uma irmã da comadre da minha mãe que morava na Vila Maria, com uma filha quase da minha idade, e ia ver com ela se eu podia ficar lá uns dias. Então ele mim deixou lá. Eu achava que estaria melhor.

Mesmo com muito medo e sozinha em uma cidade grande, fui ficando. Ela tinha cinco filhos e uma moça, eu tinha que levantar cedo para lavar as roupas e arrumar a casa, trabalhava o dia inteiro naquela casa, virei a empregada deles. As humilhações eram grande. Um dia essa mulher, Cida, mim chamou e falou vamos ali dar um passeio. Fui sem medo, pegamos um ônibus, eu e a filha dela, e ela, e descemos em Guarulhos, ela tinha um lugar. Tirou umas roupas velhas da mochila e mim disse: “Vai ali e veste essas roupas.” Era um bairro muito chique, ela falou: “Agora você vai apertar a campainha das casa e pedir roupas, quando essa sacola estiver cheia traz aqui que eu te dou outra vazia.” E assim eu fiz. Teve uma hora que estava com muita fome e aí ela falou pede alguma coisa pra comer. Pedi comida, ganhei muitos alimentos, levei tudo pra ela e a fome era tanta que comecei a pedir pão. Lembro que teve uma moça que perguntou se eu queria algumas bananas que ela ia jogar fora. Eu falei sim. Naquele momento a fome era tanta, comi tudo escondido da mulher. Mas ela estava na esquina mim observando, quando cheguei perto ela mim humilhou e disse que o que eu tinha ganhado era dela e

eu não podia comer. Se não como que as pessoas iriam ficar com dó de mim. O dia acabou, chegou a hora de ir embora, ela nos levou em um bar deu as roupas que tínhamos trocado, tirei aquela roupa velha fedida de morador de rua, colocou todas as roupas em uns sacos. Antes de sairmos ela falou vamos ali fazer um negócio. Era um lugar onde ela vendia as roupas. Ela não mim deu nada e disse você já tem casa e comida não precisa de mais nada. Fomos embora. Cheguei e fui arrumar a casa, eu estava muito cansada de tanto andar o dia inteiro, meus pés tinha bolhas. Mesmo assim limpei tudo. Ela fazia a comida, todos daquela casa comia menos eu. Arrumei amizade com uma menina lá de perto da casa, ela tinha muita dó de mim. Ela fazia comida e mim chamava escondido pra comer. À noite eu dormia no chão forrado com um tapete velho em um canto da casa.

Passaram-se alguns meses e minha mãe desesperada, sem saber notícias minha. Ela falou com o caminhoneiro que tinha mim trazido pra cá, ele vendo o desespero dela disse: “Pode ficar tranquila vou até lá ver como ela está e trago notícias pra senhora.” Um dia ele chegou e falou com a dona Maria, ela disse está tudo bem. Quando ele mim viu achou estranho e mim chamou de canto, aí falei que queria ir embora, estava com saudade da minha mãe e dos meus irmãos, ele falou que tinha trazido pra uma cidade do ABC uma amiga minha, se eu queria ver ela. Fui com ele no caminhão, chegamos em Diadema. Fui na casa da irmã da minha amiga, fiquei o fim de semana com eles, foi muito bom. Mas chegou a hora de ir embora, o seu Antonio chegou. Minha amiga disse que quando arrumas-se serviço eu podia morar com ela, voltei pra aquela casa de novo. A filha dela tinha arrumado um namorado e começou a ter ciúmes porque ele conversava comigo. Até que um dia ela estava com raiva e na frente dele, sem mais nem menos, mim deu um tapa, eu podia aceitar tudo menos apanhar, quando ela mim deu aquele tapa na cara eu vancei nela, bati nela e a mãe dela mim expulsou da casa. Vim parar em Diadema na casa da irmã da minha amiga.

Logo arrumei serviço em casa de família e fui trabalhar, mas a vida é um desafio. A dona da casa começou a ficar com ciúmes de mim e mim mandou embora, fiquei lá uns três meses. Novamente estava sozinha e com medo de tudo. Fiquei morando na casa da irmã da minha amiga e cuidava dos filhos dela e da casa pra ela trabalhar. Um dia o marido dela tentou abusar de mim, acordei assustada porque eu dormia com as fi-

lhas dele, na mesma cama. Aquilo pra mim foi a morte, mais uma vez o destino mim deparava com essa situação. A mulher mim expulsou de casa, jogou minhas coisas na rua e eu não tinha pra onde ir. Sentei na calçada e chorei. O meu desespero era grande, um rapaz que mim conhecia se aproximou e perguntou o que estava acontecendo. Conteí e ele não acreditou. Mim ajudou a pegar as coisas e mim levou pra casa de um rapaz que mim ajudou muito, ele era noivo de uma moça que logo ele mim apresentou. E ela muito educada disse que ia mim levar pra casa dela. Fiquei na casa dela alguns dias, com os pais dela, eles eram boa gente e queriam comprar minha passagem pra eu ir embora.

Mas eu não queria pois sabia que aqui conseguiria mudar de vida e mudar aquela história. Foi quando ela mim levou na favela onde ela conhecia uns rapazes e disse que eles eram gente boa. As pessoas falavam mal das pessoas que moravam nas favelas, quem morava em favela era bandido. Quando chegamos fiquei com medo, aqueles barracos de tábuas, as crianças correndo na rua, o povo batendo papo. Achei estranho mas não questioneí porque eu não tinha onde morar. Fui morar com aquele pessoal e conheci o pai dos meus filhos. Na época ele tinha 27 anos, eu 13. Começamos a namorar e de repente eu estava grávida, com 14 anos. Meu mundo era só de ilusão pois achava que tudo ia ser diferente, até que o pai dos meus filhos mostrou a verdadeira face dele. Ele falava que meu filho não era dele e que eu não prestava, mim humilhava e eu só sabia chorar. Eu tinha medo dele mim machucar e machucar meu filho.

Chegou o dia de ganhar meu filho, minha vizinha mim ajudou pois ela via o meu sofrimento. Eu mal tinha roupas pra vestir e meu filho não tinha nada. Minha vizinha conseguiu roupas de bebê e mim deu. Eu não ia deixar ninguém fazer mal pro meu filho, mesmo muito nova, ele era tudo pra mim. Alguns dias perto dele nascer, comecei a sentir muita dor, mas eu era apenas uma criança não sabia que ele estava para nascer. Sofri uns três dias e no quarto dia de dor a vizinha percebeu que eu não estava bem, ela falou vamos pro hospital esse neném vai nascer. Comecei a chorar porque eu era de menor e tinha medo de roubarem meu filho. Não tinha carro pra mim levar pro hospital e chamaram o carro da polícia, não sabia se chorava de medo ou de dor. Quando cheguei no hospital meu filho demorou uns 15 minutos, finalmente nasceu no dia 6 de agosto de 1993. O meu milagre chegou, ele era tudo que eu tinha. O pai nem ligou, falava coisa ruim e eu protegia meu filho. Ele ameaçava levar meu filho

embora e eu tinha medo, não tinha pra onde ir e não ia voltar pra casa da minha mãe com mais uma boca pra alimentar.

O nascimento do meu primeiro filho foi uma mistura de emoções, sentimentos, medos. Ele era tudo que eu tinha, o mais importante era ele. Os dias se passavam e as coisas pioravam naquele barraco de tábuas cheio de lesmas e ratos. Mas eu cuidava dele pra que ele não sentisse o impacto da favela, eu brincava com ele e o protegia de tudo e de todos. Ele foi crescendo e um dia o pai chegou tão perturbado que mim agrediu. A minha vontade era pegar meu filho e sumir daquele lugar. Ele tinha mim dado um soco no rosto e eu estava com meu filho no colo, jogou a desculpa na bebida. Eu mim senti como ninguém nesse mundo. No outro dia ele fez de conta que nada tinha acontecido e mais uma vez fiquei no meu canto quieta, triste, com vontade de acabar com tudo. Mas o olhar do meu filho e aquele sorriso lindo fazia com que eu suportasse dor imensa dentro de mim. Fui mim distanciando da minha mãe, do meu pai e de meus irmãos, eu não podia falar o que estava passando em São Paulo, até que perdi totalmente o contato com eles.

Um dia descobri que estava grávida de novo e meu filho estava com dois anos. Eu novamente grávida, o mundo caiu mas eu pensei agora ele vai mudar. Quando contei, ele disse: “Esse filho não é meu.” Eu chorei demais e pensei por que ele fala isso comigo, mim humilha dessa forma. Eu tinha medo até de sair no portão e ele achar que eu estava olhando pra alguém na rua. Um dia passei mal e perdi o neném. Ele simplesmente falou que eu não prestava nem pra isso. Tive uma hemorragia forte em casa, cheguei a desmaiar. Quando minha vizinha viu aquela cena virou pra ele e disse: “Se você não socorrer ela agora vou chamar a polícia.” Com medo ele mim socorreu. Quando cheguei no hospital tive que fazer uma curetagem e tomar sangue, estava muito fraca. Quando retomei as forças lembrei do meu filho e orei para que Deus não mim deixasse morrer, meu filho precisava de mim. Ele foi mim buscar, mal falava comigo. Cheguei em casa, vi meu filho e continuei na mesma vida, sendo empregada dele e dos irmãos dele.

Mais uma vez eu estava grávida, meu filho mais velho tinha quase quatro anos. Tinha que lavar, passar, arrumar pra ele e os irmãos dele e não podia reclamar de nada. Passei a gestação cuidando de tudo, ele tinha vergonha de sair comigo na rua porque falava que eu não era nada dele. Aquilo doía dentro de mim, mas eu suportava. Meu filho nasceu e minha

vida continuou, mas agora eu tinha que defender duas crianças. Na maioria das noites chorava escondida pra ninguém ver, ele passava as noites nos bares bebendo e jogando. Um dia chegou tão embriagado que o meu menino mais velho estava deitado e ele arrancou ele da beliche e ameaçou bater nele. Eu vancei nele, passei a mão em um tamborete e falei: “Pra você bater no meu filho vai ter que mim matar primeiro.” Não sei de onde saiu tanta coragem e força, ele com um metro e oitenta de altura e eu baixinha. A vizinha correu porque as crianças choravam com medo e gritavam muito, até que por fim acalmei. Finalmente tive coragem pra enfrentar ele, tive medo dele judiar dos meus filhos e passei a dormir com uma faca embaixo do travesseiro. Se ele tentasse fazer alguma coisa com meus filhos eu ia matar ele, mas meus meninos não iam passar por isso.

As coisas já eram difíceis até que ele ficou desempregado e só foi piorando a ponto de não ter o que dar pros meus filhos comerem. Conversando com uma vizinha ela disse que tinha arrumado serviço em uma cooperativa e falou um pouco de como era trabalhar lá, estavam começando e que era só colocar o nome em uma lista que quando precisasse eles chamavam. Enquanto isso ela perguntou se eu podia cuidar das filhas dela pra ela trabalhar de imediato. Comecei a cuidar das filhas dela junto com meus meninos, ele não gostava mas era o que tinha pra comprar leite para meus filhos. Cuidei delas até a cooperativa mim chamar pra trabalhar. Quando fui chamada parecia que estava saindo de uma prisão porque finalmente eu ia ter pra onde ir e meus meninos iam pra escola. Mesmo desempregado ele não cuidava dos filhos, era muito triste, ele tinha vergonha de falar que era pai deles. Aquilo mim matava por dentro. Comecei a ganhar meu dinheiro, mas era tão pouco que só dava pra dar uns trocados pra mulher levar meus filhos na escola e comprar arroz e feijão. Ele foi ficando acomodado com tudo isso, não se preocupava mais em arrumar serviço. Na cooperativa eu conseguia arrumar muitas coisas, roupas pros meus filhos, calçados, brinquedos, um carrinho velho, uma roupa que ninguém sabia de onde tinha vindo. Quando ia chegando a tarde eu ia ficando triste pois sabia que ele ia estar lá, mas eu tinha que enfrentar pelos meus filhos.

Um dia recebi uma ligação. Uma pessoa falou que minha mãe tinha falecido e que já tinha 15 dias que tinham enterrado ela. Meus irmãos falavam que a morte dela era minha culpa, pois não dava notícias. O povo falava que eu tinha virado bandida, vagabunda de favela. Ninguém sabia o que eu

passava. Senti uma dor muito profunda. Tinha perdido minha mãe e não pude mim despedir. Chorei muito e carreguei esta angústia dentro de mim, fiquei com sentimento de culpa e preocupação porque meus irmãos ainda eram pequenos e eu era uma das mais velhas e não tinha como cuidar deles. A minha força vinha de meus meninos que eu protegia com minha vida, era isso que importava pra mim. O que eu podia fazer era engolir o choro e continuar a vida de novo. Fui mim isolando do mundo e não acreditava em ninguém. Descobri que estava grávida de novo, agora com medo de perder o serviço, mas o pessoal mim aceitou. A cooperativa não recolhia INSS e eu já sabia quando o neném nascer o que vou fazer, eu ia trabalhar todos os dias. Às vezes alguém dava carona mas na maioria tinha que ir a pé e voltar cansada, com fome. Quando eu chegava o barraco daquele jeito, tudo sujo, as crianças com fome e ele bêbado. Até que eu tive que parar de trabalhar, meu filho estava perto de nascer. Parei de trabalhar e no outro passei mal, ele nasceu e agora eu tinha que dar um jeito, a comida que tinha comprado não ia dar até eu voltar a trabalhar. Mim vi sem nada dentro de casa e meu filho sem leite, mim deu um desespero. Eu tinha prometido que eles não iriam passar pelo que passei. Tive que deixar meu neném com 42 dias de vida com a vizinha pra não ver eles passarem fome. A preocupação com o neném era grande pois ele só tinha um mês de vida e eu não podia nem amamentar meu filho. Tinha que trabalhar para manter todos em casa. A saúde do bebê era frágil e ele tinha bronquite asmática, ficava doente e eu tinha que sair às pressas pra socorrer.

Quando o meu filho caçula fez um ano lembro que estávamos em casa, mas aquela noite estava estranha. Percebi que o pai deles estava com medo até de abrir a porta mas fiquei quieta pensando o que será que ele aprontou. Qualquer barulho que ele ouvia, levantava assustado. Era dia 17 de setembro de 2003. Ele acordou na madrugada, arrumou as coisas e disse: “Estou indo embora. Vou trabalhar fora do país com meus irmãos, mas ninguém pode saber.” Eu assustada perguntei o porquê e agora o que eu ia fazer, ele disse: “Vou pra Minas Gerais até arrumar as coisas e de lá vou embora pros Estados Unidos e vou trabalhar pra dar uma vida melhor pra você e os meninos.” O meu menino mais velho tinha nove anos e o do meio tinha seis. Ele ainda estava no Brasil e eu não sabia realmente o que tinha acontecido pra sair daquela forma. Um dia fiquei com muito medo, vi perto de casa umas pessoas estranhas conversando que naquela noite iam entrar e acabar com quem estivesse ali, pensei logo vão matar eu e meus filhos. Não podia ouvir um barulho no portão que achava que esta-

vam entrando pra nos matar, sem eu nem saber o porquê. Fiquei a noite inteira acordada, abraçada aos meus filhos, desesperada. O dia amanheceu e tive que sair pra trabalhar e fazer de conta que estava tudo bem. Deixei meus filhos em casa e fui trabalhar. Eu queria que o dia acabasse logo pra mim ver meus filhos, quando cheguei e vi que eles estavam bem meu coração disparou de alegria.

Os dias foram passando, eu cuidando de meus filhos, achando que finalmente ia ter paz quando começou a aparecer pessoas cobrando dívidas que ele tinha deixado. Ele bebia e jogava nos bares e o povo queria receber. Eu falei que não sabia de nada e que ele tinha ido trabalhar fora e eu não tinha dinheiro pra pagar as dívidas dele. Lembro que teve uma mulher que foi mim cobrar, quando falei que não tinha dinheiro ela falou posso entrar na sua casa e ver o que você tem, eu disse que não, a única coisa que eu tinha era uma televisão de 14 polegadas pros meus meninos assistir e eu não ia entregar a ela. A minha energia já estava cortada há mais de ano, eu não tinha condições de pagar nada, tinha que decidir pagar essas dívidas ou comprar comida pros meus filhos. A pressão era muita, comecei a ficar deprimida, a ter crises de choro durante o dia e mim isolar das pessoas na cooperativa. O meu filho mais velho tinha crises de epilepsia e tomava remédios controlado, o mais novo tinha crises de bronquite e o do meio também.

Quando comecei a ver coisas decidi procurar o médico. Comecei a falar e chorar e ele disse que eu estava com uma depressão muito forte, a ponto de surtar. Ele mim passou um monte de remédios, eu fiquei assustada. Tomei e fiquei pior, eu estava dopada. Tomei duas semanas e pensei: “Não vou continuar tomar esses remédios, estou ficando estranha.” Parei de tomar e continuei a trabalhar decidida que não tinha tempo pra depressão. Um dia pensei que tinha que voltar a estudar. Conversei com meus filhos e eles falaram: “Vai sim mãe, a gente cuida uns dos outros.” Eu já tinha feito a inscrição, estava decidida, ia voltar a estudar de qualquer jeito. Cheguei o grande dia eu estava receosa pois tinha tempo que não estudava. Trabalhei na cooperativa o dia inteiro, fui pra casa com muita pressa, fiz janta pros meninos, dei banho neles, tomei banho e nem jantei, peguei meu caderno e fui. Quando cheguei na escola vi que ali tinha pessoas bem mais velhas do que eu e que não tinham desistido. Tive mais motivação para continuar, era difícil trabalhar, estudar, cuidar de meus filhos, às vezes ficava acordada até mais tarde fazendo trabalho de escola e tinha que acordar cedo pra trabalhar. Mas foi assim que comecei a enfrentar meus

medos, a depressão, as angústias, vivendo um dia de cada vez. Comecei a mim libertar daquele homem autoritário, violento, mentiroso que tinha mim causado tantos traumas na vida. A única coisa boa que tinha mim deixado era meus filhos.

Eu não tinha mais vontade de mim relacionar com ninguém, quando as pessoas se aproximavam eu brigava até sem ter motivos, falava que não estava procurando ninguém. E assim foi. Comecei a gostar de mim e ver a força que tinha sozinha e jurei pra mim mesma que ninguém nunca mais ia fazer nada comigo nem com meus filhos. Parei minha vida pra mim dedicar única e exclusivamente só pra eles. Terminei com o pai deles por telefone. Ele já não mim ajudava mesmo, não quis mais saber de ninguém. Eu ia mim dedicar a meus filhos, meus estudos e meu trabalho. Durante dez anos foi assim, altos e baixos. Meus filhos nunca deixou de estudar, nem deixei eles trabalharem fora até a idade que fosse permitido.

Comecei a entender o que era uma cooperativa, como era o meu trabalho naquele lugar e porque eu estava ali junto com aquelas pessoas que também estavam excluídas de uma sociedade machista e medíocre. E que nós catadores não existíamos para o poder público, nem para o mundo, e mais uma vez estava no meio de uma situação que eu não concordava. Eu via o oprimido sendo opressor. Alguns falava que eu era encenqueira porque não aceitava ser pisada nem humilhada por mais ninguém. Eu com-prava briga pra defender aquelas pessoas. Não era fácil defender pessoas que muitas vezes mim humilharam, mas não tinha importância, eu não ia deixar de ajudar quem precisava naquele momento. Eles começaram a mim mandar pra participar de reuniões, comecei a entender como funcionava, eles só não podiam saber que eu já estava entendendo. Ninguém sabia ao certo como funcionava, ninguém tinha estudado pra isso, todos estávamos aprendendo a lidar com situações muito difícil. E era triste tudo aquilo, lidar com pessoas de diferentes personalidades, mulheres excluídas, mães solteiras e eu era uma delas. Pessoas sem estudo, sem perspectivas de vida ou de continuar trabalhando. Aquele lugar onde se juntava tantos problemas, tantas situações e eu estava ali, ninguém sabia o que eu tinha passado. Tudo que acontecia dentro da cooperativa pra defender as pessoas eu estava no meio da confusão. Ninguém mim defendia, mas eu defendia o povo. Às vezes eu falava não tô nem aí e lá estava eu de novo brigando porque não concordava com as coisas.

# O marido

NAIR CAMILO FARIA

Quando conheci meu esposo eu trabalhava no terminal de ônibus Pirapórinha, em Diadema. No início foi bom, ele não me xingava, não me batia, mas com o passar do tempo tudo mudou. Ele começou a me xingar, me bater na frente dos nossos filhos. Era briga de manhã, de tarde e à noite. Os nossos vizinhos falavam assim: “Vem, pessoal, vai começar o espetáculo, circo de graça”, e eu ficava muito triste com a situação. Quando eles viram que eu estava machucada, chamaram a polícia. Aí ele chorava, dizia que estava arrependido e ficava por isso mesmo. Os policiais aconselhava nós para não brigar mais e resolver a situação da melhor maneira possível, mas no dia seguinte começava tudo de novo. Sem contar que ele me perseguia no serviço dizendo que eu tinha caso com o encarregado do meu trabalho. Quando era encarregada, ele dizia que eu era sapatão, que tinha caso com a encarregada. Mas agora isso acabou. Me libertei dele e da escravidão em que eu vivia. As correntes foram quebradas.

# O tempo do coração

VIVIANE CONCEIÇÃO DE SOUZA

Eu nasci na cidade de Guarulhos, em São Paulo, em 1977. Os meus pais se conheceram num centro de umbanda. Nossa família nasceu em berço evangélico, mas o meu pai por um tempo foi conhecer outras religiões. Ele gostava de lá porque era músico e lá ele batia tambor. Foi quando conheceu minha mãe, que na época era menor de idade. Começaram a se relacionar, foram morar juntos e minha mãe engravidou de mim. Foi uma gestação boa até o quinto mês, quando ela caiu de cima de um cavalo. Ela não me perdeu, mas teve que fazer muito repouso.

Quando eu nasci, meu pai e minha mãe discutiam muito. Quando eu tinha nove meses, eles tiveram uma briga feia, em frente da casa de meus avós. Era um dia de domingo. Segundo o que minha avó me contava, eles foram passar o dia lá e começaram a briga. Aí minha mãe, com raiva do meu pai, falou que ia me matar. E me jogou bem no meio da avenida, estava passando um ônibus, mas nada aconteceu. Por conta disso a minha avó falou que a partir daquele dia a Viviane não viveria mais com eles. Meu avô e minha avó me criaram.

---

A minha infância foi boa. Cresci na casa de meus avós e tinha 15 tios, porque meu avós tiveram vinte filhos. Três morreram e dois a minha vó perdeu. Todos esses tios já eram grande quando fui morar na casa da minha vó. Então, eu fui a filha caçula dela. A filha que ela falava, que ela e o meu vô queriam ter. Porque todo ano ela ficava grávida e esperava uma menina. Naquela época as pessoas não tinham os recursos que a gente tem hoje. Em pouco tempo ficava grávida. Não evitava filho igual fazemos hoje. Eles me criaram com toda atenção, todo carinho, toda viagem, brinquedo que eles não puderam dar para os filhos deles, eles davam para mim. Eles falavam sempre para mim que fui a pessoa que eles tiveram a oportunidade de serem pais.

Eu cresci na cidade de Guarulhos até mais ou menos a idade de oito anos. Os meus avós moravam na avenida Brasil, em Guarulhos. Uma casa que tem de esquina, que se chamava Casa Pastoral, porque meu avô era pastor da Igreja Assembleia de Deus do Campo de Madureira. Depois meu avô foi transferido para São Paulo, para o campo da igreja de São Mateus. E eu fiquei morando em São Mateus até fazer dez anos. Depois, ele foi transferido para Americana. Nos mudamos para Americana, num bairro que se chamava Colina. E ele ficou lá como pastor uns três anos.

Com 12 anos, mudei para uma cidade que se chama Mogi Guaçu. Era um lugar que eu gostava muito, fiz muitas amizades, que eu comecei a ficar mocinha. Meu avô já tinha sido jubilado, que é a mesma coisa que aposentado. Em Mogi Guaçu morei até meus 15 anos. Então, teve um problema na cidade com a minha prima, a cidade é pequena e se você tem um problema todo mundo fica sabendo. Foi um problema muito sério. E aí começaram a perseguir a nossa família. A minha vó ficou triste e falou que não queria mais morar lá. Falou para meu avô que ele podia vender a casa pelo preço que quisesse e que ela queria ir embora. E o meu avô, para não contrariar a minha avó, resolveu mudar para Guarulhos.

Meu avô comprou uma casa em Guarulhos, num bairro chamado São João, na rua Guarabira, número 28. Assim que nós chegamos em Guarulhos eles estavam asphaltando a rua e isso me deixou em choque porque Mogi Guaçu era uma cidade muito bonita, arrumada. Com muitas praças. Eu gostava de praticar esportes, fazia natação. Tinha clube de graça, eu estudava no colégio de manhã e à tarde ia no centro esportivo do Atendimento Integral à Criança e ao Adolescente – AICA. Quando chegamos em Guarulhos, fiquei assustada porque nós viemos morar numa rua que nem tinha asfalto. Um bairro feio, estranho, que eu achei muito diferente. Meu avô falava que estávamos perto da família, seus filhos moravam ali, e era um lugar que encontramos rápido e a um preço acessível, porque ele não tinha conseguido vender a casa em Mogi Guaçu. Teve que comprar com outras economias que ele tinha.

Eu comecei a estudar em Guarulhos, com muita luta, porque demorei pra ir para o colégio. Eu não queria. Quando havia se passado um ano e meio que eu estava no colégio, conheci um rapaz que não conversava com ninguém na escola, só conversava comigo. O nome dele era Eliano, e a gente fez amizade. Passou uns quatro meses e ele me pediu em namoro. Eu nunca tinha namorado sério com ninguém, e comecei a namorar com

ele. Eu levei ele em casa e ele conheceu meus avós, que gostavam muito dele. Era um rapaz muito dedicado, muito esforçado. Era novinho, a mãe dele andava na cadeira de roda, teve um AVC. Ele que cuidava dela. Tinha mais oito irmãos, mas quem cuidava dela era ele. Cuidava da limpeza da casa, da comida, de colocar as coisas dentro de casa. Ele que mantinha a casa, junto com a aposentadoria da mãe, que era deficiente. Ele trabalhava no aeroporto de Guarulhos, era um rapaz muito bom, não bebia e nem fumava.

Começamos a namorar, nos demos bem. Nesse meio tempo que a gente estava namorando, eu engravidei. Tinha 17 anos. Assim que engravidei, descobrimos que ele tinha um câncer, um linfoma no pescoço. Ele tinha vinte anos e eu tinha 17. Ele foi fazer um tratamento no Hospital das Clínicas de São Paulo. Naquela época estava chegando um remédio de fora do Brasil que estava dando certo no exterior e estavam trazendo pra cá, para fazer pesquisa. Como o Eliano era muito novo, eles decidiram fazer o tratamento nele. A médica falou que quando o remédio não matava o câncer, em alguns casos ele alimentava. A gente ficou preocupado porque ele era muito novo, mas mesmo assim ele topou e quis começar a fazer esse tratamento.

Com um mês, o pescoço dele ficou lisinho. Nós ficamos felizes, achando que ele tinha se curado, mas pelos exames de contagem de glóbulos brancos no sangue, e o exame de plaquetas, os médicos diziam que o linfoma ainda estava nele. De repente, o linfoma voltou, e grande. Sei que ele viveu quatro meses. Pouco antes de morrer, ele parou de andar, não comia, as coisas não desciam na garganta dele, porque o câncer tampava. Ele não comia mais, e foi muito rápido.

Perdi o meu bebê, que era uma menina. Estava com quatro meses e pouco, e ele não soube. Eu tive um susto quando o Eliano começou a ter convulsão. Nunca tinha visto ninguém ter convulsão e eu nem sabia o que era isso. Ele estava todo transformado, com um cara estranha, e levei um susto grande, ele se debatendo, e senti uma dor na barriga. Quando cheguei no hospital, o médico falou que não tinha mais o que fazer para salvar o bebê. Eles tiraram o bebê e fizeram curetagem.

Eu era muito nova e não tinha estrutura para nada disso. Nem para viver um câncer com o Eliano, nem para viver a perda do bebê. Foi muito difícil! Dez dias depois que perdi o bebê, Eliano morreu. E começou a dificuldade na minha vida. Entrei numa depressão tão grande que me recusava a falar,

passsei nove meses sem falar. Eu não falava com ninguém. Qualquer pessoa que falava comigo eu não respondia. Minha avó falava comigo e era como se eu tivesse ficado muda. Eu chorava e sentia tristeza. Não me conformava. Como podia ter acontecido tudo aquilo em tão pouco tempo? Eu pensava que ia viver para o resto da minha vida com o Eliano. E não vivi nem três anos com ele. Não aceitava essas coisas e entrei num sofrimento muito grande. O único namorado homem que tive foi o Eliano. Quando voltei a me interessar por outro ser, já foi mulher. Não foi homem mais.

---

Completei 18 anos nesta situação, bem ruim, os meus avós sofriam e eu me recusava a ir ao médico, não aceitava. Até que um dia foi umas pessoas na minha casa, minha avó convidou para fazer uma oração. Ela falou que não aceitava mais essa situação na vida da Viviane, e que ela ia fazer o que era necessário para curá-la. Eles fizeram a única coisa que eles sabiam fazer naquele momento, orar. Minha avó começou uma oração que não findava. Só ia parar de orar quando a Viviane melhorasse. Eu via bichos saindo da parede pra vir me pegar. Quando alguém fala que vê bicho, eu não duvido. Via aqueles bichos dentro do quarto. Pareciam desenho animado, enormes, saindo da parede, vindo me pegar, mas eles nunca me pegaram. Eu tinha muito medo. Sei que um belo dia acordei de manhã e esqueci que eu não falava, que estava naquela tristeza toda.

Levantei, tomei um banho e falei para a minha avó que ia na casa de meu pai. Perguntei para meu avô se ele podia dar o dinheiro da passagem, e ele perguntou se não queria que ele levasse, falei que não, que queria ir de ônibus porque fazia tempo que não andava de ônibus. Do mesmo jeito que entrei naquele mundo, saí. Num piscar de olho. E aí fui no meu pai. Minha avó, com medo de acontecer alguma coisa comigo, avisou o meu pai. Ele ficou no ponto de ônibus, fazendo de conta que estava vindo de algum lugar.

Quando descii do ônibus, vi o meu pai. Falei que fazia tempo que a gente não se via e que estava indo para a casa dele. Ele disse que estava indo na casa de um amigo, mas já que eu ia na casa dele, ele ia junto para a gente tomar um café. E disse para eu conversar um pouco com meus irmãos. Quando eu entrei na casa de meu pai, falei que havia resolvido ir visitá-los porque estava lá no quarto vendo bicho, e não queria ficar

daquele jeito, não. Eu falava normal, como se nunca tivesse parado de falar. Os meus avós ficaram felizes, meus pais ficaram felizes, e daquele dia em diante esse pesadelo acabou. Não me permiti mais ficar dentro do quarto, chorando. Continuava revoltada com a vida, claro. Eu falava que Deus não podia ter feito aquilo comigo, não achava justo. Não quis mais saber desse negócio de igreja porque fiquei revoltada. E a minha família entendeu minha revolta.



Os meus avós queriam que eu fizesse faculdade, porque o meu avô sempre falou que eu era muito inteligente. Que eu precisava fazer faculdade. Esse ciclo da minha vida me tirou o interesse do estudo. Isso foi perceptível. Esse foi um bloqueio que não foi superado, eu não fiz faculdade e não teve jeito, isso não mudou.

Uns meses depois que eu já estava bem, a minha tia, que trabalhava com salgados, me perguntou se eu queria trabalhar na gráfica onde ela levava os salgados. A gerente precisava de alguém para trabalhar no acabamento gráfico. A minha vó me falou que eu só ia se quisesse, porque nunca tinha trabalhado, passado fome, ficado desassistida. E falei para a minha avó que queria ir sim. Passei por uma entrevista, o nome da moça que me entrevistou era Elizabeth. Falei que nunca havia trabalhado antes e ela perguntou se eu não tinha problema respiratório, rinite, essas coisas, porque ia mexer com papel e soltava um pozinho, e respondi que nunca tinha tido problema.

Fiz um teste de trabalho e ela ficou impressionada. Falou que eu trabalhava com agilidade e ia me dar muito bem lá. Era para encadernar. A gerente fazia muitas horas extras. Porque tudo de gráfica parece que era para ontem, não tem nada para amanhã, era muito estranho. Eu falava: “Mas como é que pode, acabou de chegar e já está atrasado.” Então, eu fazia hora extra também. Eu não tinha problema em ficar até mais tarde. Não tinha pressa de ir embora porque estava sempre triste. Eu pensava muito no Eliano. E a gente conversava, eu e ela, a gente fez uma amizade.

Depois de alguns meses, mudei de cargo. Eu cuidava do acabamento gráfico. Eles deixaram eu cuidar de toda situação, eu era líder. Um dia, era sexta-feira, a Beth falou: “Viviane, hoje nós temos um pedido, precisamos terminar, tem algum problema, dá para você ficar?” Ficamos com

mais três moças. Lá pelas 10h ela falou que o que havia sido feito já alcançava o pedido, e a gente podia ir embora. Fui tomar banho, estava um dia de bastante calor. As meninas saíram e ela falou: “Viviane, eu deixo você na sua casa.”

Ela era uma mulher casada, tinha um filho mais velho do que eu e uma menina de dez anos. Foi me deixar em casa, e no caminho disse: “Vamos passar na padaria para comer alguma coisa.” Concordei, porque estava com fome. Comemos um lanche, conversamos um pouco. Quando me deixou na porta de casa, ela falou: “Viviane, eu queria fazer uma coisa.” Ela podia fazer, eu nem desconfiei o que era. E foi aí que ela me deu um beijo. Fiquei em choque, passou muita coisa na minha cabeça, numa hora só. Uma mulher casada, que era minha chefe, como é que fez aquilo? Fiquei atordoada e empurrei ela, que disse: “Calma, Viviane.” “Você não podia ter feito isso. Como você faz uma coisa dessa com uma pessoa?” Ela riu. Entrei em casa, ela ligou o carro e saiu.

---

Naquela época não tinha celular, que nem tem agora. Quando ela chegou em casa, me ligou e perguntou se estava tudo bem. Respondi que ela não podia ter feito aquilo comigo e desliguei o telefone. Passou sábado, domingo e não comentei com ninguém, porque eu nem sabia como falar sobre aquilo. Mas fiquei pensando: “Como que pode uma pessoa fazer uma coisa daquela?” Na segunda-feira, não fui trabalhar. Minha avó ficou preocupada, achou que eu estava doente e falei que não. A Beth ligou pra minha casa e perguntou para minha vó porque eu não havia ido trabalhar, e ela disse que não sabia. Eu só havia dito que não ia trabalhar. Minha avó ficou preocupada: “A Viviane nunca havia faltado no trabalho, desde o primeiro dia que ela foi, nunca teve nenhum problema.” Terça-feira, não fui trabalhar. Ela ligou novamente para a minha casa.

Na hora do almoço, foi lá em casa. Minha avó falou que eu não queria falar com ela, mas ela ia falar comigo, porque ela é adulta. Entrou no quarto, tentei empurrá-la, mas ela disse que eu ia ter que falar. Falou que eu podia ter todos os problemas do mundo com ela, mas com o trabalho não, que eu tinha responsabilidade, que nunca esperava isso de mim. Porque nunca havia faltado com respeito comigo dentro do ambiente do trabalho. Falei que ela havia faltado com o respeito comigo a vida inteira.

E ela falou que se eu não quisesse mais trabalhar, teria que ir no RH e dizer que não queria mais o trabalho. Agora, simplesmente não ir, não é coisa de gente adulta fazer. “A partir do momento que nós colocamos você para liderar uma equipe é porque nós acreditamos em você. E o que você está mostrando? Dois dias faltando e você não está doente e nem nada. Você está misturando o trabalho com a vida pessoal.”

Mas ela fez isso usando o psicológico, porque sabia que não era certo o que ela estava fazendo. Falei que não era infantil e que na quarta-feira ia trabalhar. Eu podia muito bem arcar com minha responsabilidade. E aí ela disse: “Viviane, você não sabe, mas você é apaixonada por mim, é que você ainda não enxerga.” Ela era muito ousada.

Demorou alguns meses, ela me convidou pra ir para a praia. Acabei indo. Foi o marido e os filhos, foram todos. E quando chegou lá, ela perguntou: “Viviane, vamos andar na praia?” A gente passou a noite inteira conversando na beira da praia, e ela me disse: “Viviane, você não percebe que a gente se gosta.” Falei que ela era casada e eu nunca havia gostado de mulher desse jeito. Fiquei muito confusa com a minha mente e ela me levou para o psicólogo.

Comecei a fazer terapia, e depois de alguns meses, o psicólogo perguntou: “Viviane, por que você está vindo aqui até hoje? Você está vindo só por que você gosta de uma mulher? O seu coração tem olho?” Eu falei “não”, e ele perguntou: “Você gosta com o coração, com os olhos, com a mão, com a boca, com o que você gosta? Onde é o seu sentimento?” “Aqui dentro”, e apontei para o coração. “Seu coração não tem olho. Ele não sabe se gosta de homem ou de mulher. Ele sabe simplesmente que gosta. Isso é paranoia que a sociedade coloca na cabeça das pessoas. Que homem nasceu para casar com mulher e mulher com homem, que tudo que é diferente disso é ruim, não pode. Isso não existe, Viviane. O nosso coração não escolhe por quem ele se apaixona. Vai viver”, ele falou. “Você está perdendo tempo de viver. Vai ser feliz, o tempo que o seu coração gostar dessa pessoa.” Saí de lá totalmente diferente. É claro que acho que ele já tinha me preparado, até chegar essa fase de falar isso, foi preparando o meu psicológico para chegar até aquele momento.

A Beth me perguntou como ia ser, se eu queria viver com ela. Me envolvi de verdade e nós ficamos três anos juntas. E, depois, tomei a decisão que eu não queria mais ficar com ela. Não achava justo eu ser a pessoa que ia destruir o lar dela, porque ela ainda tinha uma filha pequena.

E a filha gostava demais do pai, só que gostava também da mãe. Aquilo passou a ser um tormento pra menina. Ela levava a filha pra fazer terapia, porque ela não dormia mais com o marido que vivia na mesma casa, estavam separados. E aí eles mudaram para dois apartamentos, um junto do outro. Eu não podia destruir o lar de ninguém. Eu conversei com ela, conversamos muito, foram dois ou três meses de conversa, de choro, mas de uma forma muito sensata. Falei que não queria viver dividida, num mundo paralelo. A gente terminou o relacionamento. Eu já tinha saído da gráfica quando isso aconteceu, e eu não atendi mais ela, me distanciei o máximo que pude. E aí vim para Diadema.

# Vamo, nega, vamo catar papelão na rua

SILVANA DOS SANTOS

Eu nasci em Marília, estado de São Paulo, em 1960. Quando tinha dois anos vim para São Caetano do Sul onde fiquei até os 18 anos, e depois mudei para Mauá, onde moro hoje. Minha mãe e meu pai trabalhava em São Caetano. Minha mãe lavava roupa pra fora e meu pai era porteiro. Tenho oito irmãos. Meu pai vivia no bar bebendo. Um dia a minha mãe falou pra ele: “Sai da minha vida, eu vou criar os nove filhos sozinha. Você pega sua mala e vai embora.” Aí ele foi embora. Nós era tudo pequeninho.

Minha mãe foi um pai pra mim. Ela saía às 5h da manhã pra trabalhar lavando e passando roupa e voltava às 7h da noite, com um monte de comida. Meus irmãos tudo morrendo de fome. E durante o dia eu saía para pedir esmola, e vender bala no farol. Estudei até o quarto ano, depois não fui mais. Parei de estudar pra ajudar em casa. Pedia esmola em São Caetano do Sul. Meus irmãos eram tudo pequenininho e eu era mais velha, tinha uma irmã mais velha do que eu.



Fui morar com a minha irmã de quarenta anos, a mais velha que eu. A minha irmã trabalhava no hospital, de noite. Era enfermeira na Santa Casa. Eu lavava roupa, limpava a casa, fazia comida. Um dia eu peguei o menino e fui levar na escola, meu sobrinho. Então meu cunhado falou: “Você não tem nada comigo, vou te mandar embora.” Cheguei em casa e falei pra minha irmã: “O seu marido tentou me pegar, e eu não deixei ele me pegar.”

No outro dia ele me machucou. Chamei minha irmã e ele, meu cunhado. Minha irmã perguntou: “Você tentou mexer com a minha irmã?” “Não,

não tentei. Ela é muito chata. Ela que tentou.” “Irmã, eu não tenho que sair daqui. Quem tem que sair daqui é ele.”

Eu estava limpando a geladeira, num outro dia, e peguei uma maçã pra comer. Ele falou: “Você não vai pegar maçã. A maçã é do menino pequeno, do meu filho.” Ele tomou a maçã da minha mão e me deu um tapa. Falei pra ele: “Se você me der mais um tapa, vou chamar a polícia, vou falar que você tá me batendo.” E minha irmã pediu: “Conversei com meu marido, dá pra você ir pra casa da mãe?” Fui pra casa da minha mãe, que falou: “Não aceito você aqui porque você tá grávida.” “Tá bom, mãe, eu me viro.”

Depois eu arrumei um homem, fui morar com ele e tive um filho. Esse homem não era nada. Ele arrumava televisão velha. O meu barraco tinha um monte de televisão velha, ele passava a perna nos outros porque dizia que arrumava a televisão e ela dava defeito de novo. Vinham até com carro de polícia na minha casa procurando meu marido e aí eu me separei dele. Fui morar no meio do mato. Forrava um lençol no chão, dormia debaixo da árvore. Debaixo de chuva, de calor. Eu catava papel na rua e no final do dia ia pra cima do morro.

Um dia encontrei uma senhora, ela falou: “Por que você tá dormindo aí, em cima do morro, como bicho e não sei o quê?” “Tô dormindo aqui e não tenho lugar pra ficar.” Ela olhou pra mim: “Cadê sua mãe?” “Minha mãe não me quer, eu tô grávida, muito doente.” “Então, arruma essa mala e vem morar comigo.” Fiquei quatro anos com ela, mas lá era muito chato. Falei: “Vou embora pra casa da minha mãe.” “Você não tem mãe, não tem isso, não tem aquilo.” “Não, eu tenho minha mãe.”

Meu irmão falou: “Silvana, você quer morar comigo?” “Ah, eu não quero ficar com você, não.” Esse meu irmão já morreu. Ele tomou soda de desentupir pia por causa da muié. A família tudo louca! Fui morar na rua. Eu trabalhava de dia, puxava carrinho, pedia batendo de porta em porta. Todo mundo me dava roupa, me dava sapato, me dava um monte de coisa. Eu fazia assim, trabalhava de dia e dormia de noite no sereno. Uma vez eu falei: “Vou procurar uma vida pra mim.” Aí conheci esse cara que é pai do meu fio, com quem estou morando até hoje, já faz 17 anos. Ele foi muito legal, me ajudou, catava papelão comigo na rua. Ele começou a criar o meu menino com um aninho e dava de tudo pro menino.

Eu estava sentada na beira do rio, descansando a perna, e ele estava passando com o carrinho e ficou me olhando. Ele veio conversar comigo e falou: “Posso pedir um beijinho para você?” Eu falei: “Pode.” E ele me

beijou e perguntou se eu queria morar com ele. Foi amor à primeira vista. Eu respondi que queria. Ele morava numa casinha no bairro Vila Feital, em Mauá. Mas a dona pediu a casa de volta e ele veio morar comigo no meu barraco. Ele cuida muito de mim, cuida do meu filho. É o amor da minha vida. Esse valeu.



A gente foi catando, e catando, e uma mulher ofereceu um barraquinho pra nós. Meu marido: “Vamos, nega, pra lá?” “Lá vai ser muito difícil. Não tem papelão, não tem lata, não tem nada.” “Tem, lá tem muita coisa boa pra nós fazer.” No outro dia, ele falou: “Vamos, nega, vamos catar papelão na rua.” Aí a gente ficou só catando. “Nega, vamos morar lá pra Mauá, porque a catação aqui não tá dando nada pra nós.” A gente veio pra Mauá. Chegamos aqui e ele falou assim pro dono do ferro-velho: “Dá pra você arrumar um quartinho pra mim e pra minha muié morar? Eu não tenho lugar pra morar. Nós mora no meio do morro.” O homem do ferro-velho falou: “Eu tenho um quartinho, dá pra vocês ficar um tempo aqui.” A gente morava dentro do ferro-velho. Ali a gente fazia a nossa comidinha, de manhã catava papelão.

Ele catava papelão com um carrinho e eu catava com outro e tudo que eu e ele ganhava nós juntava e comprava comida, roupa, sapato. Meu marido é mais velho que eu e também estudou pouco. Nós catava em loja, mercado, na rua, e em muitos lugares. As lojas guardavam materiais para nós. Meu marido é boa pessoa, então todo mundo confia nele. Porque nas lojas que cata ele faz uma boa limpeza. Tinha pessoa que pedia para ele levar entulho e dava o papelão, e ele levava o entulho e limpava o local. Deixava tudo limpinho. No outro dia ele voltava e o cara da loja dizia que o papelão tá ali e o ferro tá ali, se ele quisesse podia levar tudo. Depois que nós pegava o papelão, nós vendia no ferro-velho. Nós deixava todo o material no meu quintal, depois vendia.

Um dia encontramos uma cama sucateando. Ele falou: “Vamos vender, tamo precisando de dinheiro, tamo passando fome. R\$ 100 a gente vende a cama.” Compramos arroz, feijão... A gente tava jantando e falamos: “Vamos fazer um fogãozinho de lenha.” A gente pegava os tijolinho, colocava um monte de pau e álcool pra fazer aquela linda polenta. Aí comia

aquela polenta. Fazia polenta com caldo de pé de galinha. Enchia a barriga e ele falava: “Vamos dormir, minha neguinha, vamos dormir.”

Um dia eu fui na APAE levar o meu menino, porque ele tinha a fala presa e não falava direito, como eu. Mas eu só acompanhava o menino, só ele era atendido. Ele melhorou bastante. Depois eu comecei a trabalhar no quartel da guardinha militar, fazendo limpeza, durante um ano. E aí eu saí.

Um dia falei assim: “Chega dessa vida de catar papelão!” Peguei dois anos de trabalho, mas saí, fui mandada embora. Depois trabalhei quatro anos no quartel militar. O contrato terminou, saí e conheci a minha prima aqui, que perguntou: “Você quer trabalhar comigo?” E ela me colocou na cooperativa. Aqui nós come, nós brinca, nós bebe, nós faz uma bagunça. Gosto muito de estar aqui. Nós quebra um pau louco aqui.

# O dia a dia de uma catadora avulsa

NAIR CAMILO FARIA

Eu comecei desde criança, junto com a minha mãe. Naquela época, não existia esse negócio de carrinho, não existia nada. Sabe aqueles sacos de nylon para entulho? Então, na época era aqueles sacos. Nós saía, cada uma com dois sacos, um de cada lado, e nós catava tudo que nós via na nossa frente. Era garrafa PET, de refrigerante, era garrafa de vidro, era lata, era lata de óleo, lata de leite Ninho, nós catava tudo. No final do dia nós íamos vender, pra trazer um dinheirinho pra casa. Isso quando eu era mais novinha.

Depois, eu fiquei viúva, fiquei viúva com dois filhinhos, um de um ano e um de oito dias. E desempregada porque meu marido, ele falava assim: “Lugar de mulher não é trabalhando.” A mulher tinha que ficar em casa, cuidando da casa, para que o esposo chegasse e visse tudo pronto. Ele não deixava eu trabalhar de jeito nenhum. Eu ficava em casa, ele ia trabalhar e eu ficava em casa.

Aconteceu que, certo dia, ele saiu, ele bebeu muito, e foi atravessar a rodovia dos Imigrantes e foi atropelado. Nisso eu tava com meu filho de um ano e o meu filhinho de oito dias. Foi duro pra mim, foi triste, na época eu fiquei só com eles. Eu não tinha a oportunidade de nada porque eu nunca tinha trabalhado, aliás, nem documento eu tinha. Tinha uma certidão rasgada que não aparecia nem o meu nome direito, eu não ligava pra tirar documento, eu não ligava porque ele falava: “Não, você não precisa tirar documento, você não vai trabalhar.” Mas eu pensava: “Eu tenho que tirar documento, porque se você não tem uma certidão, se você não tem um documento, você não existe.” Como que a pessoa vai existir se ela não tem documento?

Eu já era catadora, só que não sabia. Quando me vi desempregada, com meus filhos pequenos, que eu tive que sair para catar as coisa pra vender, porque não foi fácil o que eu passei, não é fácil você tá com uma criancinha de oito dias e uma criança que nem dois anos tinha.

Algum jeito eu ia ter que dar na minha vida, mesmo correndo risco, correndo perigo, eu tinha que sair, tinha que enfrentar. E nesse momento eu tive consciência: “Quer saber, eu sou uma catadora!” Só que ainda não sabia o que significava ser uma catadora, mas eu falei: “Eu sou uma catadora!” Tive essa consciência, muito antes de entrar na cooperativa Nova Conquista.

O dia a dia de uma catadora começa logo cedo. Uma catadora avulsa tem que levantar cedo e ir à luta para enfrentar a concorrência. A catadora enfrenta risco até de morte pelos concorrentes. Corre risco também de cortar as mãos, de ficar doente, ninguém deixa a gente usar o banheiro. Às vezes nós passamos da hora de comer, enfrentamos sol e chuva, pra nós não têm tempo ruim.

Eu fui catadora avulsa. Sabia que corria risco de ser violentada, maltratada pelos moradores, mas a necessidade falou mais alto. Uma vez eu tive que correr porque um homem passou por mim de carro bem devagar, parecia estar me seguindo. Mesmo com medo, no dia seguinte tive que levantar cedo de novo para ir buscar o sustento dos meus filhos.

Minha irmã Maria Benedita conta que quando ela começou catar reciclagem na rua ela tinha muita vergonha e dava vontade de se esconder debaixo dos carros. Quando saía para catar ninguém falava com ela, mas quando ela tava na barraca de vendas dela as pessoas falava com ela.

Arrumei emprego, meu primeiro emprego foi à noite, trabalhei três meses de limpeza. E depois saí, fiquei parada, arrumei bico, fui lavando roupa para as pessoas, e limpa uma casa ali e outra aqui, cuida de uma criança aqui e outra ali, e fui levando a vida. Até que minha irmã Benedita perguntou assim pra mim: “Nair, onde eu trabalho tá precisando de gente, se eu arrumar lá, você quer?”

Comecei a trabalhar lá, depois saí, depois voltei de novo. E aí falei pra minha irmã: “Não vou ficar não, tá pagando muito pouco.” E sempre o coordenador falava: “Mês que vem vai ser melhor”, e sempre ele passando nós pra trás, e sempre: “Mês que vem vai ser melhor, mês que vem vai ser melhor”, e nós ficou três meses sem receber. Então, eu saí. Um dia, ela falou assim: “Nair, entrou uma menina lá, o nome dela é Mônica, uma coordenadora que tá tomando conta lá agora. Nossa, Nair, agora lá tá bom. Você vai ver, nós vamos receber direitinho. Mônica botou pra quebrar mesmo, ela chegou pra resolver tudo, pra mudar tudo.”

Uma colega minha chamada Dorinha disse que cada dia ela faz a cação em lugares diferente. Ela disse que fazia coleta em um carrinho de madeira, um puxava na frente e outro empurrava atrás. Outra colega minha, a Maria Izabel, disse que tem um galpão de lixo na casa dela. Um dia teve enchente, molhou tudo e apareceu uma cobra. Ela pegou a cobra e jogou no mato porque ela disse que não tem medo de bicho nenhum.

# Nós fizemos nossa salinha um galpão de reciclagem

MARIA BENEDITA FARIA

Eu tinha uma barraquinha e depois que meu marido ficou desempregado, ele veio trabalhar junto comigo na barraquinha, porque ele trabalhava numa firma. Aí, o dinheiro da barraquinha não tava dando, porque a gente tinha que pagar o INPS meu e o dele. Eu falei pra ele: “Vamos pegar a salinha, e vamos juntar reciclagem dentro da salinha. Vamos deixar a sala pra lá. Do que adianta nós ter uma salinha bonitinha, arrumadinha, e nossa barriga ficar vazia? Então, vamos ocupar a salinha pra nós pôr as reciclagens.” (Nossa casinha é bem pequenininha, tem três cômodos, bem pequenininha.)

Nós peguemos aquela salinha, e começemos, nós tinha a barraquinha, trabalhava na barraquinha, a gente ia lá, montava, ele ficava olhando, eu pegava as sacolas e ia pegar as reciclagem, colocava lá, depois, ele trazia pra casa no carrinho. Chegava em casa, nós separava tudinho, deixava tudo bonitinho, depois chegava um mês, 15 dias, nós vendia. Nós fizemos nossa salinha um galpão de reciclagem, nós colocava de tudo lá, que nós achava, que nós ganhava, e assim foi indo. Depois, um conhecido da gente perguntou pra ele: “Se você arrumar um serviço de firma, você quer?” Ele arrumou trabalho na firma e eu continuei na barraquinha, pegando as reciclagens. Chamei minha irmã, Nair, pra me ajudar, dar uma força pra mim, e continuemos.

---

Um dia, eu tava na rua catando as reciclagens, encontrei uma colega que trabalha no posto, e ela falou: “Nossa, Maria, vai ter um curso lá no posto sobre esse negócio de reciclagem. Acho que pra você que já é acostumada a mexer com reciclagem vai ser uma boa. Acho que vai ser muito

legal.” Fui. Cheguei lá, fiz o cursinho e comecei a trabalhar na cooperativa. Deixei de trabalhar com a barraquinha porque ficava muito puxado pra mim. Meu marido lá na firma e eu na cooperativa.

E tô até hoje lá. Tô até hoje e não pretendo deixar não. Porque tá no sangue. Tá no sangue, eu não sinto nem um pingo de vontade de sair de lá. Pra mim, lá foi muito bom porque foi uma terapia, eu abri bastante a mente depois que entrei, aprendi bastante coisa, aprendi a conviver com as pessoas. Tinha vergonha até de comer num restaurante. Foi uma colega, a finada Vilma Moura, que me incentivou a comer no restaurante e falou: “Vamos, Maria, não é o que você tá pensando”, ela me incentivou. Então, foi muitas coisas mesmo que mudou na minha vida, depois que eu fui trabalhar pra cooperativa. E eu gosto, vou com amor, com carinho.

Dentro da nossa cooperativa, eu procuro sempre fazer o melhor, tá ali, para as pessoas que trabalham com a gente. E eu sempre procurei fazer o melhor. Eu tô ali preocupada em limpar, deixar arrumadinho, organizadinho, chego cedo, e sempre procurando uma melhora pra nós, é isso que eu gosto. Mudou muita coisa, muita coisa mesmo na minha vida. Porque não era fácil trabalhar na rua.

Passava muita humilhação na rua, as pessoas desfaziam da gente, a gente ia pegar uma reciclagem no portão de uma pessoa, às vezes já tava lá em cima do portão pra ver se eu tava rasgando sacola, coisa que eu nunca fiz. Eu abria a sacola, bonitinha, com luva na mão, nem saía suja. As pessoas até admiravam, falavam: “Nossa, você como uma pessoa que cata reciclagem na rua, conheço pessoas que catam reciclagem e anda tudo sujo. Você não, você anda limpinha.” Até maquiagem eu passava. Passava maquiagem, e se arrumava, e ia feliz da vida como se tivesse saindo pra firma.

Eu já tinha a barraquinha, então as pessoas me conheciam. E eu peguei mais ainda conhecimento, porque eu chegava nas casas, assim, às vezes, e elas guardavam as coisas pra mim tudo limpinho, tudo separadinho. Elas até lavavam as embalagens das coisas e deixavam ali. As sacolinhas que elas guardavam pra mim era sempre limpinha. Aí, eu chegava lá e elas me davam café, suco, bolo. Elas me chamavam pra entrar pra dentro da casa delas. Tinha tantas pessoas humilde, que eu conhecia, que elas me chamavam: “Maria, entra aí, toma um café, come um pedacinho de bolo.” Encontrei muitas pessoas que me maltratou, sim, mas encontrei muitas pessoas boas que me tratou bem na rua.

Sempre fui uma pessoa que tudo que eu gosto de fazer, gosto de fazer com amor e carinho. Se for pra mim fazer uma coisa que não seja com amor, com carinho, eu prefiro não fazer. Se eu não gostasse de trabalhar lá, na reciclagem, eu não ia. Por quê? Porque eu acho que a gente tem que fazer coisa que a gente gosta, coisa que a gente acha bom fazer. A gente faz com amor, a gente faz com carinho. É tão gostoso, aquilo rende na vida da gente. Mas, quando você faz uma coisa que você não gosta, você faz emburrada, você faz com raiva, você faz, assim, não rende na vida da gente. Nem na vida da gente, nem na vida de quem tá ao lado da gente.

# ***Agora eu tô na minha vidinha normal***

MARIA IZABEL BRAGA

A história que tenho é a história da minha própria vida. Comecei com a reciclagem por motivo de necessidade mesmo, depois de um casamento desfeito. Seis filhos pra tomar conta, pra sustentar. Fiquei até sem moradia porque, na época, tinha duas opções: ou perdia os filhos ou perdia a casa. Eu preferi perder a casa.

Fui morar no terreno que uma pessoa me doou, fiz um barraquinho e caí pra dentro, né. Aí, com um tempo, a necessidade foi apertando e foi quando passei a mexer com a reciclagem. Eu comecei minha vida pegando prego. Os outros pegava as coisas boas. E como era um aterro, eu ia com um ímã catando os pregos. Baldes e baldes de prego, e no outro dia vendia pro sustento.

Depois fui me evoluindo, fui aprendendo mais coisa, os filhos foram crescendo e entendendo também, e aí a luta começou. Fui me envolvendo com pessoas que já sabiam de reciclagem, fiz cursos, trabalhei muito em eventos comandando pessoas com reciclagem. Agora eu tô na minha vidinha normal.

Eu mesma tenho meu centro de reciclagem. Tem o pessoal que busca pra mim na rua, e eu vou mantendo a vida. Não vou dizer que tenho tudo. Tenho saúde, graças a Deus, tenho os filhos já encaminhados, mas continuo na reciclagem. Todos eles sabem mexer com reciclagem, mas cada um foi entendendo seu destino, né. Um é cuidador de idoso, o outro é gerente de um hipermercado, as meninas também já trabalham. Então cada um já está encaminhado.

Na quarentena, quando eles podem, estão tudo aqui me ajudando. E eu vou levando a vida assim, mas é bom, é bom. Sempre tenho os netos por perto. Até os netos estão aprendendo a mexer com reciclagem e a dar valor ao serviço que a avó faz. Acho muito bom isso. São 15 netos e duas bisnetas. É uma turminha boa.

Já encontrei muita coisa no lixão. Me marcou muito uma época em que eu achei seiscentos dólares. Na época eu comprei um Chevette. Aqui a

gente usa muito Chevette cortado. Foi a maior alegria pra mim: consegui pagar o Chevette. Agora estou com outro Chevette, outro Chevettinho cortado. Porque aquele lá trabalhou bastante, e aí precisei arrumar outro. O meu sonho mesmo seria um caminhão. Aí, sim, eu me sentiria realizada. Aqui na região onde moro, é tudo Chevette cortado. É o que a gente tem pra sobreviver. A gente consegue trabalhar com o que tem.

Uma vez a gente estava na Vereador com o Chevette, e o Chevette quebrou. Um repórter da Globo estava por lá. Chamei um carro pra guinchar a gente, né, e aí mais tarde, na hora do jornal, vi meu Chevettinho guinchado. O repórter falou: “A gente vê muita dessas furrequinha andando pela cidade.” Nossa, meu Chevette estava na Globo. Nossa! Todo mundo comentava: “Você viu o jornal, viu o Chevettinho da dona Izabel guinchado, aparecendo na Globo, no *Jornal Nacional*?” Foi a maior alegria. Pelo menos guinchada eu consegui aparecer na Globo. O Chevettinho ficou famoso.

Achei celular com crédito. E muitas vezes a gente ia abrir um saco de reciclagem e podia achar um envelope... sempre alguma coisa tinha dentro... às vezes 15... Era uma reciclagem rica. Era difícil o dia em que você ficava sem dinheiro, porque sempre achava alguma coisa. Às vezes podia estar até sem o dinheiro do pão, mas quando você abria, assim, opa, já defendi o pão de hoje. A gente pega mais no centro: Moema, Porto Belo, Morumbi, então é um lixo rico, rico. O pessoal não valoriza.

Tem pessoa que chega perto e diz: “Nossa, vocês são esforçado”, e tem aqueles que passa e sempre vira a cara. Fica com nojo: “Ah, está mexendo no lixo!” Não sabe que é dali que a gente vai tirar o sustento. É dali que a gente vai ensinar as crianças. Aqui em casa todo mundo já sabe reciclar, porque a gente ensina. O que você tem hoje, é a bolacha de amanhã. É seu pirulito, é sua bala. Então, tudo eles aprendem.

É uma coisa muito boa. Eu não tenho vergonha de ser uma recicladora, não tenho. Gosto muito. Um dia sem trabalhar, eu me sinto mal. Sempre trabalhadora, sempre uma mulher independente. Ensino aos meus filhos as mesmas coisas. Vamos ser independente, vamos lutar.

Hoje tenho uma vida boa, sossegada, os filhos criados. Não tenho que ficar me preocupando com o que vou comer amanhã.

# **Feijão com pão temperado, toucinho e mugunzá**

ANA MARIA DA SILVA DE OLIVEIRA

Eu nasci em 9 de dezembro de 1961, em um sítio no município de Acopiara, Ceará, e vivi nesse sítio até os 24 anos. Tive uma infância que considero boa, a gente brincava bastante, os meus pais eram amorosos com os filhos, um pouco severos dentro do limite de pais, mas a gente gostava muito deles e eles gostavam muito da gente também. Desde pequeno a gente já tinha responsabilidade. Com sete anos a gente trabalhava na roça fazendo plantio de milho, feijão, algodão, arroz. E até eu casar, com 24 anos, sempre trabalhei na roça. E trabalhei como professora três anos, na roça. No Ceará, no tempo que eu tava lá, quem tinha o quinto ano podia ensinar alfabetização. O trabalho que eu tenho registrado na carteira é três anos como professora. No sítio ensinava só até o quinto ano. Era aluno que ensinava outras crianças, as que tinha mais dificuldade. A professora tinha muitos alunos e não conseguia atender todo mundo. Aqueles que desenvolvia mais, ficava como professora, assim né, como ajudante.

Casei no sítio e vim pra Mauá porque meu marido já tinha uma casa aqui. Nunca paguei aluguel, toda vida morei em minha casa mesmo. Quando vim do Ceará pra São Paulo, eu estranhava tudo. Fiquei em casa até meu marido ficar desempregado. Logo que eu casei fiquei grávida e tive minha filha, aí fiquei um tempo ocupada.

Meu marido ficou desempregado em 1996, ele trabalhou na fundição da Cofap, fábrica que fazia amortecedor, durante 18 anos. Ele ganhava bem. Fui procurar emprego, mas fiquei grávida do meu menino, e aí pronto, eu parei de procurar emprego. Meu marido trabalhou depois em feira, de servente e depois decidiu trabalhar só na reciclagem. Ele catava material na rua, nunca trabalhou em cooperativa. Até o dia em que morreu, ele catava na rua. Ele tinha os pontos, só ia pegar os materiais que

as pessoas guardavam pra ele. Andar catando, carregando carrinho, não é fácil, mas só que ele tinha os pontos certos de pegar, não saía catando somente na rua.

Quando meu marido chegava em casa os materiais vinha tudo misturado e eu ajudava ele a separar. Depois, quando ganhei o meu menino, ele arrumou uns vidros pra gente lavar. Catava muito litro, garrafa de vidro. Teve uma época que nós lavava três mil litros por mês, tirava a noite em claro lavando litro. Era litro de Dreher. A gente tinha que tirar o rótulo, a tampa e tinha que lavar. Nós pegava uma buchinha, botava num arame, ponhava detergente, esfregava e enxaguava. Depois vendia pro moço que enchia de vinho e vendia. Até o meu marido morrer, ele lavou litro. E depois que ele morreu, não lavamos mais.

Quando meu marido estava vivo era pensionista e com o que ele ganhava tirava o salário mínimo. Ele catava o papelão e vendia. E o material fino, como latinha e cobre, guardava em casa. Antes de morrer, na quarta-feira ele vendeu tudo o que juntou, tinha dado mais de R\$ 3 mil. Ele morreu na sexta, e foi o dinheiro certinho para o enterro. E aí, graças a Deus melhorou na Coopercata, cooperativa onde trabalho. A minha sorte foi ter melhorado na cooperativa. Enquanto puder eu quero trabalhar, para não ficar aperreando filho. Para mim está bom ganhar o que eu estou ganhando agora, dá pra ir levando.

---

Eu gosto de comer arroz e feijão. Lá no Ceará, o que nós gostava de comer era feijão com pão temperado com toucinho e mugunzá, cozinha o milho misturado com feijão e temperado com toucinho. E a outra comida era o baião de dois, nós fazia muito lá no Ceará. Tudo era muito gostoso com toucinho de porco.

O que me motiva a viver são os meus filhos, porque depois que a gente tem os filhos tudo que a gente viver é para eles. E tá bem comigo mesmo e com eles. Hoje o meu sonho é pedir a Deus saúde, porque estando bem, você vai em frente. Lutar, enquanto tiver força para trabalhar... O bom da vida eu acho que é trabalhar. Pra mim, amanhecer o dia e não ir pra cooperativa é sem graça. Eu já me acostumei. Se não tiver a cooperativa, não sei o que fazer. Aí a coisa fica ruim.

# **Saindo do lixão e chegando no galpão**

MARIA LUCIA SOUZA DOS SANTOS

Meus meninos não estudava e um dia veio uma assistente social em casa e disse que criança não podia mais ir pro lixão, que tem muita morte e as crianças estão vendo muitas coisas que não era pra ver. “A gente vai colocar as crianças pra estudar e à tarde elas vai para um projeto e as mães vai receber. O que as crianças catava para ajudar os pais elas vão receber. Eles vão para um curso e a gente vai dar um dinheiro para ajudar a família.” Eles botaram as crianças nas escolas e meus meninos já estava tudo grande. O projeto chamava PETI<sup>2</sup> e era em São Bernardo do Campo. As crianças, quando saíam da escola, iam direto para este lugar, onde aprendiam muitas coisas. A família que tinha muitas crianças chegava a ganhar R\$ 300. Outros ganhavam R\$ 400, dependia do tanto de gente que tinha na casa. E eu ganhava R\$ 300 porque tinha só duas crianças, o outro menino não trabalhava comigo. E isso foi ajudando.

Para os adultos teve um curso à noite pra aprender a separar o material, saber qual o tipo de material que nós estava triando e o valor dele. Tinha gente que falava que a prefeitura estava querendo tirar nós do lixão e que não ia ter material, e nem nada. O ônibus vinha buscar nós no Alvarenga e levava para a Secretaria de Desenvolvimento Social da prefeitura. Nós saía às 18h da nossa casa e voltava às 22h. O ônibus vinha trazer nós. Enquanto fazia o curso, a prefeitura estava construindo dois galpões para trabalharmos. Fizemos vários cursos com a USP, o Sebrae, para aprender a falar com as pessoas. A gente era muito estúpida para falar com as pessoas. Nós tinha que mostrar que a gente era de bem. E eles também tiraram nossas medidas de roupa e sapatos e foram fazendo nosso uniforme.

---

2. Programa de Erradicação do Trabalho Infantil. As mães recebiam um valor por deixar os filhos na escola enquanto participavam de cursos.

No dia 6 de fevereiro de 2001, eles chamaram a gente para conhecer os galpões. Nós já tinha terminado os cursos. Lá tinha escritório, sala de reunião, refeitório, geladeira, fogão, mesa, produtos para o café da manhã... e eles falaram que no começo, enquanto não estivesse dando dinheiro, a prefeitura ia sustentar nós com café da manhã, café da tarde, cesta básica para levar pra nossas casas e o leite das crianças. Tinha muitas mães com crianças pequenas. Toda sexta-feira chegava a assistente social com a cesta básica, produtos para as crianças, produtos de limpeza, e vinha um pó que tinha café misturado com leite que era muito gostoso. A gente passou um começo muito bom, eles ajudaram bastante. E teve uma japonesa que ensinava a gente a separar o material com qualidade, e tinha outro professor que ensinava a fazer as contas para a gente saber como vender.

A gente triava sentado no chão, puxando o material com rodo, e o caminhão da prefeitura trazia o material. O galpão ficava na rua Batuíra, em São Bernardo. No dia em que foi inaugurado, todos os filhos dos catadores vestiram uma batinha azul que a prefeitura fez, escrito “Re-fazendo”, porque era o nome da associação que estava sendo formada e cantaram uma música. Enquanto eles cantavam, os pais iam entrando todos de uniforme, que era na cor marrom. O prefeito cortou uma fita para ele entrar. Foi muito bonito.

E a gente começou a trabalhar, mas só que os catadores do lixão não gostaram de lá porque o que ganhavam era muito pouco. No primeiro mês, uns recebeu R\$ 25, outros R\$ 30. O que mais recebeu foi R\$ 40. E muitos jogaram o dinheiro no chão, pisaram em cima falando que aquilo não era dinheiro, que tiraram eles de um lugar bom para colocar num local daquele, e que não iam ficar. A assistente social dizia que as coisas ia melhorar e que lá eles estavam seguros, fora de risco: “Trabalham com luvas, botas, não estão na chuva e no sol. Vocês têm o café da manhã, que antes vocês não tinha. Aqui para vocês tomar um café vocês têm que lavar as mãos, vocês não lavavam as mãos, comiam do jeito que vocês estavam, e hoje nós entregamos um galpão com cozinha, com sala de reunião, com escritório, com banheiro, tudo organizado. O que mais vocês querem? Por enquanto vocês estão ganhando pouco, mas vamos ajudar no que pudermos, isso vai melhorar.”

Teve um monte de gente que desistiu. Ficou pouca gente mesmo para trabalhar. Eu e o Régis falamos: “Nós não vamos desistir, vamos ficar.” Pegamos nosso dinheiro. Naquela época foi R\$ 25 para cada um. O meu mais o do Régis foi R\$ 50. No outro mês ganhamos um pouco mais e

a prefeitura foi ajudando a gente a encontrar os compradores, fomos aprendendo a separar o tipo de material, o tipo de plástico, o tipo de vidro. Com isso a gente foi encontrando compradores que pagavam um pouco mais. Quando a prefeitura trazia nos caminhões pouco material, nós pegava uns bags e íamos nas casas cedinho, antes do caminhão de lixo passar e enchia os bags com os materiais e saía arrastando até o galpão. Era uma diferença grande porque antes do caminhão com a coleta chegar, nós já tinha aquele material pra separar. O pessoal foi vendo a nossa luta, o nosso interesse de correr atrás das coisas.

Começaram a chegar materiais de empresas que viam o nosso esforço pra crescer, e diziam: “Vamos ajudar esse povo.” Muitas pessoas vinham com seus próprios carros com papelão, plásticos e outros materiais. Achamos até uma empresa que doava papelão para nós que já vinha prensado. E isso aí ajudou muito em nosso ganho. As pessoas iam fazer visita e ajudava. O Hospital Assunção ajudou muito, pediu pra nós ir lá para dar uma palestra.

De primeiro nós era muito tímido para dar palestra. Quem era mais pra frente era o Régis, ele sempre gostava de ir e falar, mas nós era tímido. O Reginaldo e o Zé da Guia, que era o presidente, é que ia. E a gente foi se soltando mais, ia nas escolas e nas empresas dar palestra. A prefeitura fez um vídeo pra falar o que nós fazia. Quando ia as pessoas tímidas, a gente levava a fita, eles passavam e via como era o nosso trabalho.

E foi aumentando os materiais e o nosso ganho. Alguns que foram embora quando nós ganhava muito pouco começaram a voltar. Nós aceitamos porque eram do lixão. Nós já tinha uma prensa, para prensar os fardos, e uma empilhadeira elétrica para empilhar os fardos e carregar o caminhão. Acho que foi a Caixa Econômica Federal que doou pra nós. Quando a gente sabia que tinha uma cooperativa com mais experiência, nós pegava um ônibus que a prefeitura arrumava e íamos conhecer. Se a deles tinha alguma coisa que era melhor, a gente trazia e ia aplicando. Foi isso que ajudou a gente a chegar onde nós chegamos.

Depois, conseguimos comprar um caminhãozinho com nosso próprio dinheiro, começamos a buscar materiais nas empresas. A prefeitura começou a aumentar a quantidade de materiais com os caminhões dela, a gente foi buscando mais gente também, e chegou uma época que falava no Brasil inteiro que a Associação Refazendo era um exemplo.

# ***Eu parecia uma cigarra***

CLOTILDE DA SILVA

Sou catadora de materiais recicláveis em Maracáí, estado de São Paulo. Faço parte do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis, o MNCR, da Secretaria Estadual das Mulheres Catadoras de Materiais Recicláveis de São Paulo, SEMUC, do Comitê Oeste Paulista.<sup>3</sup> Nasci em Barueri, mas me criei na Fazenda Santa Amélia, próximo a Maracáí. E atualmente estou presidente da Cooperativa de Trabalho de Produção de Catadores de Materiais Recicláveis de Maracáí, a Coopascam.

Desde pequena, sempre foi o meu sonho ser cantora. Eu cantava o dia inteiro, parecia uma cigarra. Minha mãe me chamava de cigarra velha, e no dia que eu ficava em silêncio ela já sabia que eu estava doente ou alguma coisa estava acontecendo comigo. Depois que minha filha Letícia morreu, parei de cantar, eu comecei a mexer com planta e hoje estou com mais de 130 vasos. Agora, a música está voltando aos poucos. Mas aquela alegria de tempos passados nos barzinhos onde me chamavam para cantar, show de calouros que eu participava e ganhava, não existe mais.

Quando eu canto, solto tudo dentro de mim, chego até a arrear nos momentos que estou cantando. É uma entrega. Eu gosto muito das letras das músicas e sou bem eclética. Gosto de MPB, a Alcione me cativa por conta da letra, a música da “Loba”, é uma que eu mais gosto. Outra música que mexe comigo é aquele sonho antigo de ter uma casinha: “Eu queria ter na vida simplesmente, um lugar de mato verde, pra plantar e pra colher. Ter uma casinha branca de varanda, um quintal e uma janela, pra ver o Sol nascer.” Nossa, isso me pega lá dentro.

Quem passou por necessidade, e passou por fome mesmo, que nem eu, sabe a dor que é a fome. Hoje, se o meu trabalho der para pagar o meu sustento, a minha casinha e não deixar faltar o alimento para a minha família, eu acho que está bom. O lixão foi a minha salvação porque eu mandava currículos para as empresas, corria atrás de emprego e não aparecia. Como até hoje é muito difícil encontrar emprego aqui. Eu come-

cei no lixão morando com meu filho. Ficamos morando lá até eu conseguir juntar um dinheiro para alugar um cômodo do Miro, e até hoje eu moro na frente da casa dele. E aí com o colchão no chão eu comecei do nada. Foi uma vida muito dura, nós passamos fome, nós passamos necessidade, e depois que eu aluguei a casa continuei no lixão por seis anos. Depois do lixão fui para a associação, e então para a cooperativa que está aí até hoje, já são 13 anos.

---

Hoje, na Coopascam, tem 19 mulheres e um homem, seu Aparecido. É um senhor de 62 anos que no início ficava muito nervoso, pois a mulherada cobrava dele. Um dia peguei ele chorando e fui conversar. Ele disse que estava farto de tanta mulher brigando com ele. É que depois da SEMUC as mulheres da Coopascam, com todas as suas dificuldades, se empoderaram e querem que ele trabalhe de forma organizada. Cada um tem um dia pra limpar a frente da cooperativa e lavar os banheiros. E o seu Aparecido não queria lavar porque dizia ser serviço de mulher. Mas isso mudou, hoje ele faz sem criar caso e não trabalha mais de cara fechada.

Maria é uma mulher negra, analfabeta, seu maior sonho é ter uma casinha dela. Conquistou o respeito e a admiração de todos. Juliana Martins, de temperamento forte, às vezes grita muito. Silmara é uma grande liderança na nossa cooperativa, sempre sensata. Alessandra é muito trabalhadeira. Sofre de ansiedade e depressão. Ela diz que o trabalho é que alivia a ansiedade. Estéfani é a mais nova das cooperadas. É filha da Alessandra, mas às vezes tenho que intervir pois as duas não se dão muito bem, embora sejam mãe e filha. Juliana Gomes faz seis anos de cooperativa. Está grávida de cinco meses e cada dia sonhando com uma vida melhor. Dona Valdete tem 62 anos e não quer aposentar. Diz que quem se aposenta não vive. Já tentamos de toda forma que ela mudasse de ideia, mas não conseguimos ainda. Sabrina sempre calada, nunca se pronuncia por nada. E quando tentamos conversar no intervalo, ela sai pro cantinho. Sandra é um furacão prestes a explodir todo dia, os problemas de casa vêm todos pra cooperativa. Sueli é o Severino da Coopascam. Tudo, desde encanamento até conserto de carrinho, ela faz. Rosiane faz tudo com uma paciência e bem devagar. Já ganhou até apelido, não gostei. Mas agora pegou. Até na coleta chamam ela de “Tartaruga”, e ela só sorri. Izaura, mais um

caso de depressão. Dessa vez ela conseguiu se internar para o tratamento, começou depois que seu filho foi assassinado. Maria Loira é o esteio da sua casa, marido alcoólatra e ela que cuida de todos. Janaína, sofrida, mas com muitos sonhos. Ela quer ser caminhoneira, mas as condições de renda é difícil. Vilma, a alagoana guerreira que sonha em ser mãe, mas o marido fez vasectomia e não compartilha do mesmo sonho. Rosangela é a briguenta, mas de um coração enorme. Ana Paula, com o esposo preso, se vira de todas as formas para manter a família, inclusive faz bicos aos domingos. Maria José é da Paraíba. Veio com a família e sempre agradece pela cooperativa ter dado oportunidade. Sílvia adora maquiagem. Todos os dias usa seu batom vermelho marcante e delineador nos olhos.

E finalmente eu, Clotilde, que sou catadora, mãe, vó...

# “Deixa a vida me levar”

MARIA DAS DORES PEREIRA

Eu tenho 42 anos que moro aqui em São Paulo. Trabalhei 36 anos como diarista, em firma, sendo mandada pelos outros. Nunca consegui o que tenho hoje, em quatro anos de catadora. Hoje tenho geladeira, tenho fogão, tenho televisão, tenho guarda-roupa, tudo através da boa amizade que eu fiz como catadora, na rua.

Tenho orgulho do trabalho que eu faço, faço com gosto. Hoje posso dizer que eu me mando, não tenho ninguém pra pegar no meu pé. E me sinto muito honrada.

---

A primeira coisa que eu encontrei e guardo há quatro anos, e nunca deu um defeito, foi uma panela elétrica. Eu tenho orgulho dessa panela. É a panela que faz o nosso pão de cada dia. Faço arroz de manhã e fica pro almoço e pra janta. Fica conservadinho, quentinho.

---

Hoje eu considero a Cooperpires a minha segunda casa. É como se fosse uma segunda família pra mim. Porque a gente se dá super bem, tanto com as mulher quanto com os homem. Desde quando eu entrei na cooperativa, trabalhei só um ano no galpão. Fico mais na rua. Quando chego, é aquela alegria. A gente se diverte.

Já aprendi muita coisa depois que eu tô na cooperativa. Em 36 anos que eu trabalhava, tudo o que eu pegava, assim, um papel, revista, até papel de bala hoje eu guardo, porque antigamente jogava no lixo, eu achava que nunca ia servir pra nada. Hoje eu sei o valor que tem. Tudo hoje é valorizado. Você aprende, trabalhando, convivendo com as pessoas, vendo como é que é. Hoje sei muita coisa, o que significa uma reciclagem.

Uma coisa que foi muito marcante na minha vida... “Quanto tempo o coração leva pra saber que o sinônimo de amar é sofrer”. Então vou explicar o que significa. É de Zé Ramalho. Eu amo. Não sei cantar, mas adoro. Essa música foi muito marcante na minha vida. Em 1985, quando eu ganhei minhas filhas gêmeas, não sabia que era gêmeas. Ganhei na roça, e na roça é tudo mais difícil, não tinha médico, era com parteira. Minha mãe que era parteira. Minha mãe e a minha madrinha, que pegou a primeira. Minha mãe falou pra ela, baixinho pra mim não ouvir: “Tem mais um.” Minha madrinha falou: “Deixa morrer. Veio um, esse pode deixar morrer.” Minha mãe falou: “Não fala isso não.”

Então, essa música, acho que ela fez parte da minha vida porque foi uma coisa que eu lutei, sofri um pouco, porque demorou pra outra nascer, mas quando nasceu me senti uma mãe realizada. Sempre falo: quem tem amor na vida, tem tudo. Essa música tem tudo a ver comigo. Porque foi as minhas filhas, foi o amor que Deus me deu. Hoje tenho orgulho delas, porque as duas são mãe, cada uma tem um casal de filho. Nunca me deu tristeza, só alegria. Eu sempre falo, sou como Zeca Pagodinho: “Deixa a vida me levar”, sabe? Eu não sei dizer o tempo triste que teve na minha vida porque a tristeza... eu passava por cima e virava em alegria. Então essa música pra mim foi muito marcante, muito, muito mesmo.

---

Meu marido veio pra cá em 1976. Foi uma vida muito sofrida pra mim. Eu sofri muito, com meus filhos pequenos, uma crise lá na roça, e quando ele mandou me buscar, quando chegamos aqui eu levantava quatro horas da manhã pra ir pegar leite. Porque estava numa crise. Não tinha leite, não tinha carne. Ia pegar fila na padaria, pra pegar um litro de leite. Era duas crianças que tomava leite. Cada pessoa só podia pegar um litro de leite.

Eu levantava às quatro horas da manhã e ia pegar um litro de leite na padaria, pegava, deixava em casa, pra enfrentar a fila em outra padaria, pra pegar outro litro de leite. E a gente sofreu. Foi muito sofrimento, sabe? Nessa época a gente sofreu. Eu desempregada. Mas aí ele falava assim pra mim: “Não se preocupa. A vida nos ensina.” Aí eu falava assim pro meu marido: “Então vamos, vamos deixar a vida nos levar.” É por isso que eu digo

que Zeca Pagodinha ensinou muita coisa pra gente e ensina ainda. “Deixa a vida me levar.”

E hoje eu me sinto uma mãe realizada, tenho um esposo maravilhoso, tenho um filho maravilhoso. Tô aprendendo muito agora. Minha leitura tinha ido até o beabá e nem lembro se sabia ele todo. Vários sonhos que eu sonhava hoje eu sinto que realizei: é aprender a ler. Eu vou olhando, soletrando, agora com a chegada do livro da Carolina Maria de Jesus também... já aprendi muita coisa. Ah, eu tô tão contente. E vou aprender mais.

Eu tirei foto com meus parceiros do trabalho, tirei foto com o livro da Carolina, pras pessoas verem a felicidade porque tá todo mundo lá com o livro. O rapaz que toma conta da gente me pediu emprestado, pra ele ler nesse final de semana. Todo mundo quer ler. Falei que vou emprestar pra todo mundo. Cada um vai ler um pouco porque eu estou aprendendo aos poucos. Se Deus quiser eu chego lá.

Eu já tô onde pensava que nunca ia chegar. Então eu já me sinto uma mulher honrada. Tenho muito orgulho de mim mesma. Diz que não se tem coisa melhor do que nós se orgulhar da gente, não é verdade? Por isso eu falo que estou que nem Zeca Pagodinho: “Deixa a vida me levar”, e ela tá levando.

Tá vendo como nunca é tarde? A gente acha que só porque a gente já é de idade não vai aprender mais nada. Nunca é tarde. Nunca é tarde pra viver na vida e aprender as coisas boas. E ensinar também. O pessoal lá do meu serviço dá risada porque eles falam que a graça de lá sou eu. Porque eu chego da rua, o sol quente, vou almoçar duas e meia, três horas da tarde, quando eu chego. E eu já chego dando risada e eles falam assim: “Ô, Dorinha, não tem tempo ruim pra você não?” “Não, eu deixo a vida me levar.”

Principalmente quem trabalha na rua não pode ter tristeza, tem que estar sempre alegre. E falo pra eles: “Logo logo nós vamos escrever um livro aqui, nós mesmos, e mandar pro professor porque eu já aprendi muita coisa com ele, e logo logo ele que vai aprender com nós.”

# *Um pouquinho da minha vida*

GISLAINE DE CERQUEIRA RAMOS

Me chamo Gislaine, tenho 42 anos, sou baiana nascida na cidade de Catu. Vou falar um pouquinho sobre mim; venho de uma família humilde, porém unida. Minha mãe engravidou de mim aos 18 anos de idade, uma jovem que se apaixonou pelo seu primeiro namorado. Eu sou fruto da segunda gravidez dela. A primeira foi assistida pelo namorado. A segunda, já foi tudo diferente, ela foi abandonada tendo que assumir sozinha, junto com os meus avós, a gravidez indesejada. O namorado a abandonou sem dar nenhuma explicação.

Enfim, aqui estou eu para falar de mim. Tive uma infância boa, brinquei, corri, caí, chorei, normal como toda criança. Mas com uma diferença, eu não tive o meu pai ao meu lado, nunca pude contar com ele para nada até o dia de hoje. Pulando essa parte, quero falar sobre a minha experiência de vida.

Nunca tive uma roupa da moda quando criança, mas nunca reclamei. Aos 19 anos fui morar junto com um namorado, que mais tarde veio a ser o pai do meu único filho. No início ele foi um homem bom, carinhoso, atencioso, porém ciumento. Quando fui morar com ele na casa da mãe dele, as coisas começaram a mudar. Ao completar um ano e meio morando juntos, eu engravidei do meu primeiro e único filho, até o momento.

Quando meu filho tinha um ano e um mês, fomos morar juntos numa casa alugada. Tudo parecia bem até que ele começou a se familiarizar com a bebida, passando a dar para ela muita estima e valor. Ele passou a ser um homem violento, possessivo, controlador, totalmente desequilibrado.

Passei quase 15 anos da minha vida ao lado dele. Fiz tudo que estava ao meu alcance para vê-lo liberto da bebida, mas infelizmente ele não quis. Passou a me agredir verbalmente e fisicamente, a ponto de ir atrás de mim até quando eu ia na padaria. Detalhe, eu nunca saí de casa sozinha, estava sempre acompanhada do meu filho amado. Não aguentando mais

essa situação vergonhosa, sofrida e humilhante, depois de alguns anos, já evangélica, resolvi me separar.

Saí de casa com meu filho, levando na bagagem só as nossas roupas. Pois o que eu mais queria e precisava era a minha vida e liberdade de volta. Fui morar na casa da minha avó materna, ficando com ela oito meses. Nesse tempo, quase todos os dias o meu ex ia lá nos visitar. Não para uma visita normal, mas para me agredir verbalmente, isso já estava insuportável, a ponto da minha avó me mandar embora. Dizendo sempre que eu tinha que sair da casa dela, da minha cidade natal e do meu estado de nascimento.

Eu não concordava, achava que ela queria mesmo era me ver longe da casa dela. Mas com o passar dos dias, fui percebendo que ela tinha razão. Conversei com meu filho, que tinha 11 anos, ele entendeu a situação e me apoiou. Foi então que começamos a colocar em prática a nossa vinda para São Paulo. Não era o que eu queria, mas eu não tinha outra opção. Eu já tinha deixado a casa do meu ex, sem levar nada comigo. E ainda assim ele continuava me perseguindo. Comprei as passagens de avião, saímos da nossa cidade sem que ele soubesse. Estamos aqui faz oito anos. Não foi fácil, mas estou longe dele e das ameaças e perseguições.

Começamos uma nova vida, meu filho e eu. Viemos morar na casa da minha irmã mais velha. Comecei a trabalhar com limpeza numa firma, fábrica de móveis por nome Bartira. Eu trabalhava na terceirizada, onde fiquei por um ano e 11 meses. Onde conheci o meu atual marido, hoje temos quase sete anos juntos. Casamos, vivemos bem, sem brigas, sem violência. O meu filho, hoje com 19 anos, tem oito meses de casado. Já sofri muita humilhação, levei muitos “não”, mas entendo hoje que tudo teve o propósito de Deus, pois Ele sempre cuidou de nós!

Trabalhei, depois disso, como ajudante de produção, mas fiquei desempregada por quase cinco anos. Meu antigo vizinho me falava sobre o lugar em que ele trabalhava, com reciclagem. Foi daí a minha curiosidade pelo serviço. Pedi pra ele entregar um currículo, e ele assim o fez. Me chamaram para uma entrevista na qual eles me deram a vaga, e eu estou lá. Para mim é tudo novo, diferente do que já trabalhei, é um grande aprendizado. Essa é um pouquinho da minha história de vida...

Trabalho no sistema de cooperativa e tenho aprendido sobre a reciclagem no geral. Estou lá há pouco tempo e ainda não encontrei nada que mudasse a minha vida, mas as experiências e o aprendizado, isso

com certeza será de grande valia, e para a vida. Experiência que quero passar para os meus netos, quando tiver. As pessoas com que convivo lá na cooperativa, algumas delas nunca tiveram outro tipo de serviço antes, conhecendo somente a reciclagem e dela conseguindo criar seus filhos e tendo muito orgulho disso. Pessoas anônimas, mas que deveriam ser conhecidas e reconhecidas por toda a sociedade, simplesmente pelo fato de trabalharem com o lixo que a própria sociedade produz!

# ***E assim nasceu a sede da Coopcent ABC***

MARIA MÔNICA DA SILVA

A gente começou a sonhar com a Coopcent ABC em 2006. Algumas lideranças aqui do ABC fazia parte do projeto Brasil-Canadá, de coleta seletiva solidária.<sup>4</sup> A Francisca ganhou um curso, mas ela achava que eu tinha que fazer, porque eu tava chegando agora, tava me formando, e ela viu um potencial grande em mim. Abriu mão do curso e cedeu para que eu fosse participar. Era com uma entidade chamada ABDL, de São Paulo. A professora Jutta Gutberlet participou desse curso. Na época eu fiquei com medo de ir porque não sei escrever, e eu tinha acabado de aprender ler. Eu falava: “Como eu vou poder contribuir, Francisca?” “Você vai contribuir, vai participar. Vai ser um aprendizado grande para você, você me representa.” Fui morrendo de medo, mas fui.

Num almoço, a professora Jutta perguntou: “Mônica, o que você acha que tem que fazer para melhorar a situação dos grupos do Grande ABC?” Para nós, do Grande ABC, o projeto Brasil-Canadá foi um divisor de águas. Ele fez com que as bases do ABC desse um salto de qualidade. A gente saiu do invisível e começamos a participar de muitas coisas. Surgiu novas lideranças, que acabou indo se agregar no Movimento, virou Movimento Nacional dos Catadores. Formou pessoas, formou lideranças. E aí eu falei pra Jutta: “Uma das coisas que pode mudar um pouco a nossa vida, é a gente começar a vender em rede, a gente se juntar, igual a rede Catasampa.” Só que a Catasampa era uma rede de comercialização, não era uma cooperativa de segundo grau. A gente ainda não tinha visto uma experiência de cooperativa de segundo grau. O José Lacerda Borges, ele falava que fazia parte da Centcoop, uma cooperativa de segundo grau que tava só no papel, tinha a Cooperlimpa, a Granja Julieta e uma outra.

Quando eu fui pra Maringá, fui através do convite do Lacerda, que

fazia parte da Unisol Brasil. Lá que a gente viu essa experiência de uma cooperativa de segundo grau. Era três cooperativas singulares que formou uma de segundo grau.<sup>5</sup> Tinha associações que fazia parte, mas como um acordo político na tomada de decisões. De volta no ABC, numa reunião, em 2006, eu comecei a falar muito disso, e ninguém deixava eu falar direito, e eu tentando explicar o que era. O Fabio Cardozo, a Maria Ruth Freitas Takahashi, a Clarice, Solange eram técnicos que fazia parte do projeto Brasil-Canadá, e também as professoras Jutta, Ângela. Aí o Fabio resolveu me ouvir e todos gostaram da ideia. “Aqui no ABC a gente tem que ter a nossa rede, e nada mais correto do que seja uma cooperativa de segundo grau”, eu falei. O Fabio e a Ruth escreveu um projeto pra Petrobras e em menos de dois meses ele foi aprovado. Tinha que ter uma entidade proponente e não podia ser nenhuma das cooperativas que existia no ABC. O que eles fizeram? Negociaram com o Instituto Gea,<sup>6</sup> que foi o primeiro proponente pra um projeto aqui do Grande ABC, foi a constituição da Coopcent ABC. Ele foi aprovado em 2007.

Foi quando a gente começou a discutir dentro dos grupos como é que ia se formar a Coopcent. Tinha a Cooperlimpa, a Cooperpires, e a Cooperma, que era uma cooperativa de Mauá, que a Penha fazia parte. Para criar uma cooperativa de segundo grau, você precisa de três cooperativa singular. E quem faz parte da diretoria da cooperativa de segundo grau são os diretores da cooperativa singular. Na época, o Lacerda estava presidente da Cooperlimpa e era ligado na Centcoop, e não queria sair de lá. Mas a Centcoop de São Paulo não saiu do papel, não chegou a ter CNPJ. A primeira cooperativa de segundo grau constituída no estado de São Paulo foi a Coopcent ABC. Todo mundo conversando com o Lacerda: “Você é aqui do ABC, cara, a Centcoop é com o pessoal de São Paulo.”

---

5. A cooperativa singular, ou de primeiro grau, é aquela formada por um número mínimo de vinte pessoas físicas, devidamente registradas na junta comercial. Excepcionalmente é permitida a admissão de pessoas jurídicas que tenham por objeto as mesmas ou correlatas atividades econômicas das pessoas físicas ou, ainda, aquelas sem fins lucrativos. Desde 2012, as cooperativas de catadores se enquadram no segmento das cooperativas de trabalho. Já uma cooperativa solidária de segundo grau visa o apoio mútuo, a troca de experiências e a comercialização conjunta dos materiais recícláveis entre as entidades associadas.

6. Organização Não Governamental que trabalha pela educação ambiental, a cidadania responsável e a adoção de práticas e atitudes sustentáveis. Realizou projetos do governo federal para fortalecer a organização de catadores, entre eles apoiou a formação da Coopcent ABC.

Só que eu percebi que não ia rolar com o Lacerda. Na Cooperlimpa, uma liderança forte, que conseguia convencer o Lacerda, era a ex-esposa dele, a Lindalva, eles ainda eram casados nessa época. Quando tinha problema, era a Lindalva que conseguia contornar a situação, ela era a verdadeira liderança ali dentro. Eu percebi isso e pensei: “Ah, já sei quem vai convencer o Lacerda.” Aí eu e Ruth conversamos com a Lindalva, algumas vezes, até que ela entendeu qual era a ideia. A Lindalva foi quem conseguiu negociar com o Lacerda para que ele se desligasse da Centcoop e viesse pra cá, pra criar a Coopcent.

Esse projeto do Gea, o projeto que a gente tinha escrito pra Petrobras, ele veio pra constituição da Coopcent ABC. Não era muito dinheiro, mas deu pra gente fazer algumas atividades, fazer as assembleias, alguns encontros. Começar a discutir como seria o estatuto. O projeto Brasil-Canadá tinha conseguido um espaço e foi cedendo pra gente. A gente fez uma conversa com todos os grupos e marcamos o dia da nossa assembleia de constituição, que foi no Espaço Celso Daniel. A gente queria o Lacerda como presidente, só que ele era presidente também da Associação Pacto Ambiental, que era uma entidade que era um guarda-chuva para os grupos de Diadema.<sup>7</sup> Cada grupo teve a sua conversa, fez a sua assembleia, nos seus municípios, pra tirar quais as lideranças que iam fazer parte da diretoria da Coopcent. Tinha um acordo político, antes de se constituir de verdade, para que as associações tivessem voz e voto, mas, no estatuto, só ia aparecer o nome da Cooperpires, da Cooperlimpa e da Cooperma.

A Lindalva costurou um acordo que eu fiz, mais o Lacerda: a Mônica vai assumir a presidência da Associação Pacto Ambiental e o Lacerda a gente elege presidente da rede, vai ser o nosso primeiro presidente. Ela fez toda uma articulação com os grupos de Diadema para que eu assumisse a presidência da Pacto e o Lacerda fosse pra Coopcent ABC. Eu fui eleita em 2008, pra ser presidente da Pacto, e logo em seguida a gente fez a assembleia de constituição da Coopcent ABC, em 31 de janeiro de 2008. O Lacerda foi eleito presidente, Maria da Penha, tesoureira, e a Joana Darc Pereira, secretária.

---

7. Entidade criada para os catadores de Diadema poderem assinar um convênio com a prefeitura e serem remunerados pelo serviço prestado. Diadema foi a primeira cidade brasileira a remunerar um catador pelo serviço de coleta seletiva.

Aí nasceu a Coopcent ABC. Só que com a Coopcent ABC também nasceu um grande desafio. “Constituímos, e aí, quem toca? Como vai ser?” Os grupos, nós não sabia muito bem como tocava. Quem segurou o BO de tocar a Coopcent ABC durante um tempo foi o Fabio, o Lacerda, a Joana. Em Diadema, o grupo que era mais forte, mais antigo, que tinha uma história no município, e que de uma certa maneira ficava em cima de um “salto alto”, era a Cooperlimpa. Algumas pessoas na Cooperlimpa era contra a criação da Coopcent, e o Lacerda apanhou por causa disso. A Lindalva segurava o BO na base, mas ocorreu muitas polêmicas com o Lacerda por ele ser o presidente da Coopcent. As pessoas não tinham a visão que hoje em dia têm. Era muito novo, hoje eu entendo que não era na maldade, não era porque as pessoas são ruins. Era porque tinha medo do novo. Esse projeto inteiro foi tocado por ele, a Penha, a Joana, o Fabio. Fiquei meio distante. Eu tocava mais era a Pacto e comecei a ser puxada pro Movimento Nacional dos Catadores. Então, quando a Coopcent nasceu, foram estas pessoas as protagonistas desse processo: o Lacerda, a Joana, o Fabio e, nos bastidores, a Lindalva.

Pra poder registrar, tinha que ter um espaço. Teve que alugar uma sala comercial para que pudesse sair o CNPJ. Depois de um tempo, teve que entregar a sala. E pra onde que vai a Coopcent? Em 2009, a gente resolveu negociar com o governo de Diadema, que era parceiro, para conseguir uma sede pra Coopcent. E aí a gente conseguiu a área onde hoje é o escritório da Coopcent ABC. Só que só tinha a área. Porque antes aquela área era um posto de coleta seletiva. Quem tem a cessão de uso dessa área é o Vida Limpa, o programa de coleta seletiva de Diadema.<sup>8</sup> A gente tinha uma base lá, e quem tocava era o Vila Popular, o grupo que eu fazia parte. Mas o espaço tava ocioso porque como a gente começou a tirar muitos catadores dos ferros-velho, muitos catadores da rua, os ferros-velho mandou tocar fogo lá, não tinha mais como a gente ficar. A gente conseguiu negociar o espaço, mas aí tinha que construir. “E agora, nós não têm dinheiro pra construir esse espaço. Como é que a gente faz?” Mutirão. Conseguimos as mão de obra, mas não tinha material. Sentei com a Secretaria de Obras

---

8. Programa Vida Limpa. Programa criado pelo governo municipal de Diadema que tinha por objetivo realizar a gestão dos resíduos de forma integrada. Os RCD (Resíduos da Construção Civil), por meio dos ecopontos (pontos de descarte de objetos, moveis, madeiras, resto da construção etc.), os recicláveis por meio de núcleos e organizações de catadores existentes na cidade.

e o pessoal da limpeza urbana e eles cederam os materiais, e aí o Sérgio, o Claudineis de Oliveira, e outras pessoas, levantaram as paredes da Coopcent. Pra pintar, veio gente da Nova Conquista. E veio gente dos dois grupos de São Bernardo do Campo, que ainda eram associação. E assim nasceu a sede da Coopcent.

---

Em meados de 2010, a gente escreveu novamente o projeto, e foi contemplado. O Minoru Kodama, que prestava serviços para o Gea, teve uma participação muito importante na criação da Coopcent porque ele era o cara que tinha o pé no chão e que fazia os planos de negócio, a viabilidade econômica do empreendimento. Ele mexia com os números. A Ruth, o Fabio e o Minoru, eles defenderam que a gente fosse o proponente do projeto. Proponente de verdade, que a gente não ficasse mais dependente de entidade nenhuma, sendo que nós já tinha o nosso CNPJ. Eles escreveram um projeto, mandaram pra Petrobras, e depois de um tempo a gente foi contemplado. Foi a primeira vez que a Coopcent ABC foi proponente de um projeto. Um projeto de R\$ 875 mil e quem fazia a gestão disso era catador. Isso era muito novo pra nós do ABC. A gente via o pessoal de São Paulo, de Minas, participando de vários projetos, e a gente nunca era contemplado em nada. Foi uma conquista muito grande.

Com o apoio de R\$ 875 mil, a gente implantou a Fábrica de Varal e Vasoura na Coopcent ABC, proporcionou para os grupos de catador participar de alguns eventos, representando a Coopcent. A gente ia pro Festival de Cidadania, pra Expo, várias coisas. A gente dava uma diária para os catadores que representavam a Coopcent, porque eles não iam passear, ia a trabalho. A gente contratou a Capina para fazer um plano de negócios pra Coopcent. A gente deu visibilidade a Coopcent porque mudamos a logo e incluímos o carrinho do Movimento Nacional. Compramos uma TV pra colocar no escritório. Às vezes a gente participava das reuniões e queria apresentar um negócio, aí colocava na tela. Você via o projeto inteiro, as rubricas, como mexia nas rubricas. É uma coisa besta, mas que fez uma diferença. Você saber olhar um projeto, catador poder entender um projeto. Isso não tem dinheiro que pague. A gente comprou dois caminhões, pôde contratar motorista pra centralizar as cargas ou fazer coleta. E a gente tinha os rádios de comunicação, que era pago com esse projeto também.

A gente fazia com que as base começasse a comercializar em conjunto. Foi o início da comercialização em conjunto.

Alguns espaços que a Coopcent ABC conquistou foi no grito. Dentro do Movimento Nacional dos Catadores tinha um certo preconceito com a gente aqui do ABC. Na cabeça deles, a Coopcent tinha sido criada por técnicos. Hoje em dia, graças a Deus, isso mudou, e acho que eu contribuí pra quebrar alguns paradigmas dentro do Movimento. Tinha essa coisa de que catador é mais do que técnico, que catador não precisa de técnico, e eu não tinha essa visão. A Ruth, a formação dela é Assistente Social, ela é uma técnica que contribuiu muito com nós aqui do ABC. A gente não tinha visibilidade, era isolado. E a Ruth passou conhecimento pra gente, e nos fortaleceu. Até que a gente criou uma cooperativa de segundo grau que era nossa. Foi catador que criou. Na cabeça deles, quem criou foi os técnicos, mas não foi técnico. Nós sonhamos a Coopcent. O sonho foi de cada catador e catadora do ABC que tava cansado de ser esquecido, de ficar de lado. Tinha um preconceito com a gente.

Num Festival de Cidadania que a gente participou, começou a chamar todas as redes lá em cima, todas as redes de catador. Quem tava puxando no microfone era o companheiro Luís. Eu fiquei olhando: “Gente, como é que pode? A gente é cooperativa de segundo grau, a gente é catador, é base orgânica do Movimento, e não nos reconhece?” Aí eu comecei a gritar. Uma plateia cheia de gente. Nos eventos do Movimento tinha muita gente. “Luís!”, eu gritei o nome dele bem alto. Ele olhou e eu falei: “É você mesmo. Você acha que aí já está contemplado o estado de São Paulo? Não tá, não! Falta a Coopcent ABC, que é uma cooperativa de segundo grau criada por catador. E nós temos que estar aí em cima também, ou você não nos reconhece enquanto movimento?” Nossa, foi uma das loucuras que eu fiz. Era um evento nacional, chutei o pau da barraca. Mas ali começou cair a ficha de algumas lideranças do Movimento que a Coopcent era nossa. Porque o amor que eu demonstrei pela nossa entidade, que foi luta nossa, o pessoal começaram a olhar diferente pra Coopcent. Aí a Coopcent começou a entrar em alguns espaços que antes ficava de fora.

A gente foi contemplado, mas corria o risco de ter alguns cortes. Foi a primeira vez que eu fui na Petrobras. O Luiz Henrique é um catador de Minas Gerais que trabalha na Associação dos Catadores de Papel, Papelão e Material Reaproveitável – Asmare, faz parte da rede Cataunidos e é liderança nacional do MNCR. Eu tenho uma gratidão muito grande por esse

companheiro. Quem fez as lideranças de São Paulo entender o meu papel enquanto liderança da região do Grande ABC que representava o Movimento, que tinha uma certa voz ativa, foi o Luiz Henrique. Ele me convidou pra ir numa reunião no Rio de Janeiro, na Petrobras. Nunca tinha pensado na minha vida que um dia eu ia sentar no escritório da Petrobras, naquele prédio chique que tem no Rio de Janeiro pra discutir um projeto nosso, um projeto dos catadores do ABC. A gente foi negociar o projeto e ele foi aprovado sem nenhum corte, não cortou nem um centavo.

A história da Coopcent é muito rica. Os lugares que a Coopcent conquistou cadeira. Isso tem um valor muito grande, e não é valor em dinheiro. É valores que transformou a vida dos catadores pelo Brasil afora e de outros lugares até fora do Brasil. Quando chegava alguma coisa da Coopcent em qualquer lugar, o Movimento defendia com unhas e dentes, mesmo que a gente não estivesse lá presente. “Aqui é base orgânica do Movimento, aqui é Movimento.” A gente transformou a forma de as pessoas verem a gente aqui do ABC. O ABC começou a participar das coisas ativamente. Acho que a Coopcent ABC tem uma contribuição muito grande na vida dos catadores do ABC, dos catadores de outros municípios, de outros estados. A Coopcent vai além de alguns projetos de infraestrutura. Ela é uma entidade com força política muito grande porque ela é Movimento Nacional dos Catadores.

Eu entendo e vejo o salto de qualidade que a Coopcent deu de 2015 pra 2021, mas só chegou nesse patamar porque teve base sólida. Este projeto do livro, acho que vai dar um impacto muito grande. Para as nossas bases, do ABC, mas também para outros que pegar este livro pra ler, vai saber o quanto é sofrido você criar uma cooperativa de segundo grau, e você manter ela. São pessoas, são vidas de pessoas. A gente dedicou parte da nossa vida pra essa criação. A Penha tem uma contribuição tão grande, a Francisca. A Ruth, o Fabio são técnicos que sempre estiveram do nosso lado, que ajudou na minha formação enquanto pessoa e enquanto profissional que sou hoje em dia. A liderança que sou hoje nasceu no Projeto Brasil-Canadá e foi lapidada pelo Movimento Nacional dos Catadores.

Através deste livro, a gente tá começando uma nova jornada. Agora a gente tá mais unido. Eu voltei, e voltei de corpo, alma e coração. A gente tá mais junto e isso veio nos unir de uma forma que eu ainda não tinha visto. Depois desses encontros que a gente tem com a equipe da Festa Literária das Periferias – Flup, pra mim tá sendo uma experiência ex-

traordinária. Rever minhas companheiras, poder tá discutindo com elas, poder tocar em algumas coisas que a gente deixou no fundo do coração, guardada. Resolvendo algumas mágoas. Se reaproximar da Penha. Da Claudinha, muitas coisas juntas a gente passou. Coisas boas e coisas ruins. E se reaproximar da Patrícia, da Viviane.

# ***Juntando as duas casas***

FRANCISCA MARIA LIMA ARAÚJO

Fiquei muitos anos trabalhando no lixão até que a prefeitura fez um cadastro das casas e dos catadores e dava curso de como fazer pano de prato e sabonete, pra gente aprender uma profissão e tirar as pessoas do lixão. Dentro do lixão eu trabalhei oito anos mas cadastrada na prefeitura eu trabalhei seis anos. Durante esses seis anos, a gente ia nos cursos porque a prefeitura dava cesta básica e vale transporte pra gente, mas não dava pra gente sobreviver só com isso. A prefeitura queria fechar o lixão, mas no começo a gente não deixava. Eles iam lá e fechava e a gente abria. Nós fizemos capacitação pela USP e pelo Sebrae e aí fomos no Embu conhecer a cooperativa que o pessoal trabalhava no chão.

No dia 6 de fevereiro de 2001 levaram nós pra inaugurar o galpão construído pela prefeitura para a Associação Refazendo e aí a gente começou a trabalhar. Nós ficamos três meses trabalhando sem ter pagamento nenhum. Eu ficava das 7h da manhã até 9h da noite tentando fazer as contas e não acertava. Era difícil. O nosso primeiro pagamento foi de R\$ 28. O meu, que eu tinha mais horas.

Além da Associação Refazendo, de ex-catadores do lixão do Alva-renga, tinha um grupo formado por ex-catadores de rua, era a Raio de Luz. Em 2010, a prefeitura quis fechar a Raio de Luz. E eu não aceitei aquilo porque já tinha o Movimento Nacional dos Catadores e eu já tinha passado por bastante formação. A gente sabia da importância de manter os dois grupos de catadores. No meu entendimento, se ficasse só uma casa aberta, a gente ia ficar fraco e a prefeitura ia terminar fechando a outra. Hoje continua as duas cooperativas em São Bernardo, a Reluz, que era a Refazendo, e a Cooperluz, antiga Raio de Luz, cada uma trabalhando em um galpão.

# ***Refazendo levanta a Raio de Luz***

MARIA LUCIA SOUZA DOS SANTOS

O segundo galpão que a prefeitura construiu e que foi inaugurado uma semana depois do nosso, da Associação Raio de Luz, estava com problemas. Depois que o presidente morreu, as coisas foram dando para trás. Entraram novos associados que só puxavam para o lado deles, e com isso a casa foi se afundando. A prefeitura deixou de mão porque viu que ninguém estava se importando mais com nada. Um dia a prefeitura chegou e disse que ia fechar a Raio de Luz. E aí a Chiquinha falou: “Se fechar a Raio de Luz, com o tempo vai fechar nós também. Vamos enviar alguém daqui da Refazendo para ver se levanta a Raio de Luz.”

Fizemos uma reunião na Refazendo e todos os associados falaram que ia ter que descer duas pessoas para a Raio de Luz, porque se ela fechar ia fechar nós também. Ficou decidido que eu ia para lá levando uma pessoa pra me ajudar e levei o Messias Pereira dos Santos. A diretoria falou: “Lucia, você vai descer mais o Messias, por enquanto não tem dinheiro, mas vocês vão receber o dinheiro de vocês por aqui, pode ir sossegados.” A Coopcent ABC ajudou com o vale-transporte para as pessoas irem trabalhar. E nós entregava um vale-transporte para eles vir de manhã e voltar à tarde, porque se desse tudo de uma vez, eles iam passar a mão e não vir trabalhar.

Quando nós chegou na Raio de Luz, o pessoal trabalhava no sol. Quando chovia, trabalhava na chuva, porque as telhas estavam tudo furada. Tinha um monte de material, mas o pessoal não sabia como trabalhar. O material começava no portão e ia até o galpão (mais de cem metros). Os bags tudo cheio de material que vinha das empresas, só coleta boa, tudo cheio de latinha, e eles sem nenhum tostão no bolso.

Quando chegamos tinha sete pessoas apenas. Sentamos com todas e falamos que nós estava lá para levantar a Raio de Luz, e que todos tinham que ter força de vontade para trabalhar. “A moça que coordenava não vai ser mais coordenadora, quem vai ser a coordenadora sou eu, e o Messias

está aqui para me apoiar.” Alguns diziam que ali não tinha jeito, mas falei que material tinha e que nós íamos mostrar pra prefeitura que a gente era capaz de levantar essa Raio de Luz. A prefeitura havia dado duas semanas pra gente melhorar.

Nós trabalhava até no domingo pra limpar todo o material. Tinha bag com carniça, mas nós não podia jogar fora, porque tinha misturado latinha e fio. Nós deixava no sol para secar e depois separava. O lugar lá era um piscinão. Muitas vezes nós ficava até à noite porque não dava pra sair, estava tudo inundado. A água entrava nos armários, entrava na cozinha. Era muita água, mas a gente não desistiu, ficamos lá, lutamos.

Toda sexta-feira o pessoal saía às 9h para ir em uma igreja pegar a cesta básica e lá eles passavam o dia todo assistindo palestra e rezando. Falei que eles tinham que trabalhar na sexta e eles diziam que ganhavam a cesta, que ajudava bastante, mas precisava ficar o dia assistindo palestra e missa. Fui na igreja pra falar com as pessoas. “Se eles quiserem mesmo ajudar vocês, vão ter que dar esta cesta com vocês trabalhando no galpão. E se eles não quiserem dar a cesta, vocês vão trabalhar e ter dinheiro com o trabalho de vocês para comprar a cesta.”

Chamei o Reginaldo, que trabalhava na Refazendo, e fomos na igreja. Conversamos e explicamos que a Raio de Luz estava fechando e que as pessoas estavam precisando da cesta, mas que precisavam trabalhar e não podiam ficar o dia todo lá. O pessoal da igreja falou: “Lucia e Reginaldo, se vocês garantir que vão mudar aquele galpão, a gente vai ficar muito alegre, e lógico que a gente vai ajudar, eles podem trabalhar e nós vamos dar a cesta sim. E se chegar mais gente, vocês falam que nós vamos aumentar a quantidade de cesta.” Depois de uma semana, o pessoal da igreja foi no galpão e viu que já não tinha mais material desde o portão, e cada pessoa trabalhando ganhou três cestas. Era fardo de feijão, caixa de manteiga, fardo de café e açúcar, tudo fechado, e nós é que fazia as cesta pro pessoal. Tinha ovos, sabão. A cesta que eles ganhavam antes era menor. O pessoal ficou mais alegre e começou a trabalhar com gosto.

Eles começaram a receber o vale dia 20. E o pessoal falava que se recebesse o vale dia 20 não ia ter nada pra receber no dia 5. Nós fazia o fechamento, somava todas as vendas, tirava as despesas, dividia o restante pelas horas trabalhadas, descontava os vales e fazia a retirada. Fomos

nas empresas que tinha pedido para conversar e muitas voltaram a doar pra nós os recicláveis. Com isso a gente foi aumentando a nossa coleta. A prefeitura foi visitar e falou que era outra Raio de Luz. Falamos pra eles trocar as telhas, e eles trocaram. Nesse momento nós só tinha uma prensa pequena que não dava pra nada, e como o material foi aumentando, precisávamos conseguir outra prensa. Nesse tempo, a Guiomar Conceição dos Santos tinha uma prensa que estava parada, que a Coopcent tinha dado dos projetos. A prensa desceu pra ajudar nós. Essa prensa foi uma grande força pra nós. Ficamos com duas prensas e começamos a pensar o papelão, o papel branco, a caixa de leite. Melhorou muito.

Começamos a ter um ganho maior, e nem precisamos mais da ajuda da Refazendo. Com o que nós ganhava, dava pra viver. Quando fomos pra Raio de Luz, era tão difícil que nem o papel higiênico eles tinham dinheiro pra comprar. Todo mundo pra beber um cafezinho tinha que levar um pouquinho de pó de café da sua casa, de açúcar, e com a ajuda da Refazendo, compramos esses produtos.

Conhecemos uma dentista que foi visitar a Raio de Luz e perguntou de que forma ela podia ajudar. Eu nunca esqueci disso, porque eu falei: “O nosso sonho é ter uma cesta de Natal, e aqui nós não têm condições.” “Lucia, é só passar a lista de quantas pessoas têm aqui e vocês vão ter a cesta de Natal.” Quando estava faltando um dia pro Natal, chegou um caminhão-baú cheio de cesta. Cada um pegou a sua. Ela deu cesta de Natal durante três anos pra nós. Depois, ela falou: “Agora que vocês estão andando com as próprias pernas, e podem comprar a cesta de vocês, vou dar pra outra instituição que está precisando.” Foi aí que tivemos a ideia de separar as tampinhas para vender e reservar esse dinheiro pra comprar nossas cestas de Natal. Hoje a gente não compra mais a cesta, pega um envelope, coloca o dinheiro das tampinhas e eles fazem o que quiser.

# ***Aquele dia foi a diferença total***

VIVIANE CONCEIÇÃO DE SOUZA

A Nice, minha tia que mora em Diadema, tinha acabado de ter um filho e me chamou para cuidar do menino durante a semana, que ela ia trabalhar. No fim de semana eu voltava para Guarulhos. Da minha família, a Nice foi a primeira pessoa a trabalhar na catação. Um pessoal, amigo dela, perguntou se ela não queria trabalhar com eles. “Para fazer o quê?”, ela perguntou, e falaram que era para trabalhar na reciclagem, no Programa Vida Limpa, que estava iniciando em Diadema. A Nice começou a trabalhar no galpão da Vila Conquista e gostou, se identificou com o trabalho. Ela me disse que estava trabalhando num negócio de materiais recicláveis. Ela disse que eles transformavam o lixo. Achei aquilo um absurdo: “Mas, Nice, você está trabalhando com lixo? Você estava trabalhando numa firma e saiu para ir trabalhar com lixo?” “Não, Viviane, é um lugar bom, e é bom a gente conhece outras pessoas.” Contou que tinha ido participar de um encontro de catadores e que muita gente no mundo vivia disso.

Ela comentava comigo as coisas que acontecia lá e eu ficava achando aquilo o fim do fim. Depois ela saiu da Vila Conquista e foi trabalhar no galpão da Chico Mendes. Ela sempre junto do Lacerda, que era o presidente da Cooperlimpa. O Lacerda perguntou pra Nice se conhecia alguém para trabalhar na fábrica de corda de varal feita de garrafa PET. Naquela época vendia muita corda de varal, mais de dez mil unidades por mês. Ele precisava de uma pessoa para enrolar a corda de varal e colocar no saquinho, porque a moça que estava fazendo isso ia ter filho, ia se afastar do trabalho. A Nice falou para o Lacerda que tinha uma sobrinha que falava que não ia trabalhar com lixo, mas que ia falar com ela.

E a Nice falou para eu ir ver como era o trabalho. Eu não era tão ignorante ao ponto de nem querer saber como era o trabalho. Fui e o Lacerda estava lá com aquele jeito brincalhão, falando para eu ir trabalhar com

eles. Comecei a trabalhar só na parte da tarde, porque eu trabalhava à noite numa gráfica em Diadema, das 10h da noite às 6h da manhã. Eu ia de tarde, mais para ajudar mesmo. Assim foi.

---

A Joana, catadora da Cooperpires, era secretária da Coopcent ABC e vinha de Ribeirão Pires para fazer as coisas de escritório da rede. Nessa época, o Lacerda era o presidente da Coopcent ABC. A Joana tinha que vir três vezes por semana, era um esforço danado, para chegar até a Cooperlimpa. Um dia, o Lacerda perguntou se eu sabia mexer em computador, falei que sim. Ele perguntou para todos da Coopcent se podiam fazer um teste com a Viviane para fazer as coisas de escritório da rede, porque era muito duro a Joana sair de Ribeirão Pires e vir até a Cooperlimpa. A Joana respondeu que se eu soubesse fazer, que ela ia ficar muito feliz porque estava difícil vir de lá para cá. Eles me mostraram o que era e eu comecei.

Teve uma reunião lá no Consórcio Intermunicipal Grande ABC<sup>9</sup> e o Lacerda me levou para participar. Tinha um monte de gente de outros lugares, de outras cidades e a Nice também foi. Sei que foi bom. Eu gostei do que ouvi. Não entendi tudo de cara, mas percebi que eles estavam querendo fazer alguma coisa, que aquelas pessoas todas se juntavam para fazer alguma coisa em benefício de todos, e que não era muito fácil de conseguir. Era para melhorar a situação dos grupos. Já estava para a Coopcent inaugurar sua sede perto do bombeiro e quem ia tomar conta era eu, porque quem trabalhava na Coopcent era eu, e isso já vai fazer 11 anos. Minha entrada na catação foi dessa forma, de repente.

Eu passei a gostar e me identifiquei com essas questões dos catadores. Mas não vestia ainda a camisa de catador. Ficava com receio porque as pessoas iam falar que eu trabalhava no lixo, e eu não aceitava isso. Até que um dia fui convidada para ir num evento da Expocatador, que é um grande encontro de catadores e catadoras do Brasil inteiro. Nesse even-

---

9. O Consórcio Intermunicipal Grande ABC é o primeiro consórcio multissetorial de direito público e natureza autárquica do país e está formado pelos municípios de Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, Diadema, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra.

to tinha muita gente. Teve uma passeata e quando vi aquele mundo de gente, e abriu a bandeira, o Movimento Nacional dos Catadores tem uma bandeira enorme, e quando eu vi as pessoas cantando, quando eu vi um discurso que o Roberto Laureano da Rocha estava fazendo, fiquei impactada com aquilo tudo. Naquele dia eu mudei e não tive mais problema em trabalhar com resíduos, em trabalhar com o lixo.

Fiquei extremamente emocionada aquele dia, olhando o rosto das pessoas. Todo tipo de pessoas do Brasil e de fora do Brasil, aquilo me impactou. Eu fui tomada e falei que a partir daquele dia eu não ia trabalhar mais em outra coisa, e que ia defender o nosso trabalho onde estivesse. O que eu puder fazer, o que estiver ao meu alcance, a força que eu tiver que usar para defender o nosso trabalho, vou fazer, porque percebi quantas pessoas vivem e acreditam nesse trabalho. Quantas pessoas dignas, que vivem desse trabalho digno. Aquele dia foi a diferença total, foi o que eu senti, foi a emoção que eu senti e que entrou dentro de mim.

# ***A Coopcent ABC caminha com as próprias pernas***

PATRÍCIA FRAZÃO

VIVIANE CONCEIÇÃO DE SOUZA

Soubemos de rede de cooperativas ou cooperativa de segundo grau quando começamos a falar que nossas cooperativas precisavam vender diretamente para as indústrias da reciclagem, que pagam mais pelos nossos materiais, eliminando os atravessadores, que nos exploravam. Em 2008, reunimos as cooperativas existentes na região do ABC e formamos a Coopcent ABC. A princípio ela foi constituída por três cooperativas, a Cooperlimpa, de Diadema, a Cooperma, de Mauá, e a Cooperpires, de Ribeirão Pires. Através da Coopcent ABC conseguimos recursos de parcerias que realizamos com a Petrobras e com a Secretaria Nacional de Economia Solidária – Senaes. Esses recursos eram para melhorar a vida das cooperativas e nos ajudou muito para avançarmos na nossa organização. Os recursos vieram para contribuir para a estruturação da rede, formação dos catadores que estavam integrados na rede e de novos catadores, para serem inseridos no sistema, e também para comprar equipamentos.

Quando terminaram os recursos dos projetos, iniciou um novo problema. A Coopcent ABC ficou sem as assessorias, sem recursos para manter a sua estrutura, com algumas dívidas e com a prestação de contas do projeto da Senaes a ser realizada. Chegou ao ponto da Senaes comunicar à Coopcent ABC que estávamos para ser encaminhados à dívida ativa da união, por falta da prestação de contas. Foi um momento triste e desesperador. Mas, ao mesmo tempo, um grande desafio. A partir dali havia ficado claro que os catadores e catadoras teriam que iniciar uma nova fase, caminhar com suas próprias pernas e vencer esses problemas. O fato de a Coopcent ABC ter contado quase que exclusivamente com recursos externos para sua manutenção, foi positivo em alguns aspectos,

mas negativo em outros. Quando terminou os recursos dos projetos, os catadores e catadoras vinculados à Coopcent ABC estavam numa situação bastante complicada para continuar.

Nesse período, a Coopcent ABC iniciou uma parceria com a ABIHPEC, por meio do programa de logística reversa “Dê a Mão para o Futuro”,<sup>10</sup> com a participação e colaboração da Associação Regional de Catadores do Oeste Paulista – Arcop, que foi a entidade responsável pela capacitação, assessoria e treinamento nesse projeto. Os catadores e catadoras dos grupos da Coopcent ABC se reuniram e fizeram a gestão dos recursos em parceria com a assessoria da Arcop, com seriedade e maturidade, pois era a única forma de sobreviver. Conseguimos dar a volta por cima, fizemos a prestação de contas da Senaes, com as próprias pessoas que estava atuando no escritório da Coopcent ABC, pois não tínhamos recursos para contratar pessoas ou empresas especializadas para realizar esse serviço. Para garantir a sobrevivência da Coopcent ABC tivemos que fazer mudanças radicais na estrutura e funcionamento da rede.

As pessoas que trabalhavam no escritório eram celetistas e passaram a ser cooperadas da Coopcent ABC. Dessa forma, elas não trabalhavam mais como empregadas, mas como cooperadas, fortalecendo a entidade como cooperativa, e também reduziu os custos que antes eram pagos com os encargos trabalhistas. Tivemos que demitir o vigia noturno, que estava com o pagamento atrasado. Para que a sede não ficasse totalmente sem segurança, colocamos concertinas de proteção sobre o muro e um sistema de monitoramento por câmera à distância, e solicitamos à vizinhança que nos ajudasse com a segurança do espaço e dos nossos caminhões.

---

10 A logística reversa é o “instrumento de desenvolvimento econômico e social caracterizado por um conjunto de ações, procedimentos e meios destinados a viabilizar a coleta e a restituição dos resíduos sólidos ao setor empresarial, para reaproveitamento, em seu ciclo ou em outros ciclos produtivos, ou outra destinação final ambientalmente adequada” (definição da Política Nacional de Resíduos Sólidos, Inciso XII – Art. 3º). O programa “Dê a Mão para o Futuro: Reciclagem Trabalho e Renda” visa operacionalizar o sistema de logística reversa de embalagens, segundo a Lei 12.305/2010 e o acordo setorial para implementação do sistema de logística reversa de embalagens em geral, firmado entre o setor empresarial e o Ministério do Meio Ambiente. O programa “Dê a Mão para o Futuro” é mantido pela Associação Brasileira da Indústria de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos – ABIHPEC, Associação Brasileira das Indústrias de Produtos de Higiene, Limpeza e Saneantes de Uso Doméstico e Uso Profissional – ABIPLA e Associação Brasileira das Indústrias de Biscoitos, Massas Alimentícias e Pães & Bolos Industrializados – ABIMAPI.

A mudança mais radical veio com a reestruturação de todo o processo de comercialização coletiva, para garantir a sustentabilidade da rede e da manutenção do programa de logística reversa. Desde o início da Coopcent ABC até esse momento, a comercialização em rede era realizada apenas com alguns produtos, e ainda assim não na sua totalidade. Esse fato ocorreu porque as cooperativas que comercializassem em rede pagavam 5% de todo material comercializado para a Coopcent ABC realizar a sua manutenção.

Após reunião com todos os grupos chegou-se à conclusão que a comercialização deveria ser realizada 100% em rede para que os 5% de fato pudesse manter o funcionamento da Coopcent ABC, pois os recursos da logística reversa não poderiam ser gastos em hipótese alguma com as despesas de manutenção da estrutura, segundo exigência do próprio contrato com a ABIHPEC. Agora a Coopcent ABC realmente teria que caminhar com as próprias pernas, não tinha outra saída. Ou fazia dessa forma, ou fechava a rede.

Ao final de 2020, a Coopcent ABC está formada por cinco cooperativas e um grupo informal. Temos a Cooperlimpa, em Diadema, a Cooperluz e a Reluz em São Bernardo do Campo, a Coopercata, em Mauá, a Cooperpires, em Ribeirão Pires, e a Nova Conquista, que ainda não está formalizada. Ao todo temos quase duzentos cooperados e cooperadas que fazem parte da Coopcent ABC. A nossa sede está na cidade de Diadema.

Os quatro caminhões conseguidos por meio do projeto Cataforte II, em 2011, que estavam parados desde que chegou no terreno da sede da Coopcent ABC, teriam que ser colocados em funcionamento. O argumento principal para justificar os caminhões parados era que os grupos não tinham condições de mantê-los em funcionamento. O combustível e a manutenção eram muito caros e os gastos seriam maior do que o resultado econômico da coleta seletiva realizado pelos caminhões.

Hoje, todos os caminhões estão sendo utilizados. Um está sendo utilizado na coleta seletiva porta a porta de Ribeirão Pires, outro pela Coopercata, outro pela Cooperluz e a Reluz, e o último pela Coopcent ABC, para abastecer principalmente os grupos de Diadema. O combustível e a manutenção ficam na responsabilidade do grupo que está utilizando o caminhão. Infelizmente, está faltando caminhões e por este motivo a Coopcent ABC está pensando em adquirir outros a partir do fechamento de novos contratos. Já dialogou inclusive com o BNDES para

viabilizar essa proposta. Mas a pandemia paralisou momentaneamente esse processo.

Atualmente, a comercialização 100% em rede é motivo de orgulho para a rede Coopcent ABC. O que foi uma necessidade, passou a ser orgulho, pois só foi possível com a união de todos. É uma das poucas redes no Brasil que faz dessa forma. Esse fato fez com que todos os grupos percebessem a importância da união solidária e da gestão democrática, com todos participando das decisões, seguindo os princípios da economia solidária. Para garantir que esse processo aconteça dessa forma, são realizadas reuniões mensais com representantes de todos os grupos. Somente agora, com a pandemia, tivemos que parar com essas reuniões presenciais.

A Coopcent ABC trabalha a distribuição de recursos da logística reversa da seguinte forma: quem precisa mais recebe mais, não é quem contribui com maior volume de tonelada que recebe mais. A distribuição leva em conta as necessidades e as prioridades. Aqui é economia solidária. Os grandes ajudam os pequenos para que eles cresçam e fiquem num mesmo patamar. A nossa luta constante é para que todos sejam iguais. Desde o planejamento estratégico inicial realizado em cada grupo, como exigência do programa de logística reversa, para que fosse feito o levantamento das necessidades e o planejamento geral para estabelecer as prioridades, todos os grupos teriam que participar e os catadores e catadoras de cada grupo também, nas suas respectivas cooperativas. Essa era a regra para garantir a harmonia e o equilíbrio do processo.

Ficou muito claro para todos, desde o início dessa nova fase, que a compra de máquinas e equipamentos e a realização de reformas e manutenção com os recursos da logística reversa seria realizada de acordo com as prioridades. Os grupos mais necessitados receberiam mais e os menos receberiam menos, independente das toneladas produzidas. A Cooperpires, que corria o risco de fechar quando iniciou esse processo, pois era invadida e furtada praticamente quase todos os dias, recebeu cerca de um terço de todo recurso destinado a obras. Foram gastos cerca de R\$ 100 mil para a construção de um muro com colocação de concertina, cobertura para a área de recepção de materiais, portas de ferro, grades nas janelas, sistema de monitoramento por câmera a distância, fogão, geladeira, micro-ondas, computadores. A contribuição das toneladas da Cooperpires no montante global era de 2,4% e a cooperativa recebeu

cerca de 30% do total destinado a obras. “De cada qual segundo a sua capacidade a cada qual, segundo suas necessidades”, essa frase ilustra o princípio adotado, que foi fundamental para que a união entre os grupos se consolidasse.

Diante dos desafios dos novos tempos, a Coopcent ABC vem buscando desenvolver novos modelos de negócios para garantir sua sobrevivência. Desde dezembro de 2020, faz a gestão de resíduos recicláveis no Shopping Tamboré, no município de Barueri. Uma de suas filiadas, a Cooperluz, desde abril de 2019 faz a gestão de resíduos no maior shopping de São Bernardo do Campo, com a participação da Coopcent ABC. As cooperativas de catadores e catadoras necessitam ampliar seus campos de trabalho, e dinamizar sua atuação na sociedade. O mais importante é garantir que os princípios da economia solidária estejam sempre presentes em nosso meio, com os grupos atuando com autogestão e que a exploração e dominação do homem pelo homem não se faça presente em nosso universo.

O novo desenho da Coopcent ABC leva em consideração principalmente as parcerias estratégicas e a organização das redes de catadores no estado de São Paulo, para formar a Central de Redes do Estado de São Paulo. As parcerias estratégicas levam em consideração as universidades, a Universidade Federal do ABC – UFABC, inclusive, participa de todas as nossas reuniões mensais, o Ministério Público do Trabalho, por meio da Procuradoria do Trabalho de São Bernardo do Campo, o Ministério Público do Meio Ambiente, a Defensoria Pública do Estado de São Paulo, a Organização Internacional do Trabalho – OIT, o Sindicato dos Metalúrgico do ABC, o Fórum Estadual e Regional de Economia Solidária e as entidades de movimentos populares da região.

Desde 2015, a Coopcent ABC também vem participando ativamente do Fórum Paulista de Economia Solidária – FOPES, contribuindo, inclusive, com a hospedagem e a manutenção do site dessa organização em seu provedor. A Procuradoria do Trabalho de São Bernardo do Campo teve participação decisiva na abertura de canal de diálogos com as prefeituras da região, e na contratação de uma das filiadas da Coopcent ABC, a Coopercata. Com a OIT e o Ministério Público do Trabalho foi produzido em parceria com a Coopcent ABC em 2019, o documentário *As recicláveis* que aborda o tema do direito dos catadores e catadoras serem contratados pelas prefeituras. E, agora, novamente com a par-

ticipação do Ministério Público do Trabalho e da OIT, em parceria com a Coopcent ABC, foi viabilizado o projeto “Quarentena da Resistência” para a produção deste livro.

# ***Se você nunca mexeu com a formiga, não atíça o formigueiro***

PATRÍCIA FRAZÃO

Hoje, se não fosse a Coopcent ABC, talvez todas ou quase todas as cooperativas estivessem de portas fechadas. Esse mundo dos catadores é muito cruel. Porque tem poderosos ou gestores públicos mal-intencionados que atrapalha as nossas vidas, não querem que nós lutemos por nossos direitos. A gente trabalha hoje para comer amanhã. E tem gente que ainda dificulta o nosso trabalho. Tem grandes empresas entrando nesse mercado de coleta e triagem de materiais procurando também os benefícios da logística reversa dos materiais recicláveis, e se não nos organizarmos em redes e nos juntarmos, não sei não...

Os recursos da logística reversa, no caso da Coopcent ABC, ajudam muito os grupos filiados. O nosso programa de logística reversa se chama “Dê a Mão para o Futuro” e está relacionado a três associações de indústrias brasileiras que atuam no setor de higiene pessoal, perfumaria e cosmético, produtos de limpeza, massas alimentícias, pães e bolos industrializados e outros produtos alimentícios. De uma forma bem simples, podemos dizer que vendemos para essas associações as notas fiscais de comercialização de produtos recicláveis, levando em consideração os produtos lançados nas notas. Pela logística reversa, essas empresas têm que recolher as embalagens que elas comercializam no mercado, e posteriormente encaminhar para a reciclagem. Como as cooperativas de catadores é que fazem o trabalho de recolha das embalagens e reciclagem, essas associações têm que nos pagar por estarmos fazendo esse trabalho.

Na Cooperlimpa, foram realizadas muitas benfeitorias com recursos da logística reversa que, se nós fossemos retirar do montante de vendas que realizamos, a gente nunca ia conseguir comprar ou fazer o que foi feito. Colocamos cobertura no local onde fica a coleta que chega, que an-

tes estava descoberto e se chovesse perdíamos quase 70% dos materiais. Só conseguíamos aproveitar o plástico. Reformamos a nossa esteira, que estava bem danificada. Compramos produtos de informática, geladeira, fogão, mesas para a cozinha e para o escritório, prensa. Fechamos as baias com grades, colocamos câmeras de segurança.

A Cooperpires era furtada quase todos os dias. Foi colocado um muro de proteção com concertinas, portas e janelas reforçadas, cobertura para os materiais que chegam, câmeras de segurança. Antes de tudo isso, os cooperados chegou na Coopcent dizendo que ia fechar as portas. E hoje não tem mais problemas com segurança e estão caminhando. Foi investido um valor alto na Cooperpires, que representava um terço do total destinado a obras previsto no programa de logística para todos os grupos da Coopcent ABC. Ou seja, foi a união de todos os grupos que conseguiu salvar a Cooperpires, para ela continuar aberta.

Na Cooperluz foi fabricado uma esteira para subir os materiais para a esteira principal que ajudou muito eles. Compramos uma empilhadeira a gás, produtos de informática, escritório e cozinha para eles. Da mesma forma, para a Reluz também foram comprados prensa, ventiladores e produtos de informática, escritório e cozinha. Na Coopercata, trocamos a correia da esteira, grades para evitar invasões, baias para vidros e plásticos, produtos de informática, escritório e cozinha. Na Nova Conquista eles receberam vários benefícios, além dos produtos de informática, escritório e cozinha. E em todas as cooperativas colocamos bebedouros industrial, porque as cooperativas não tinham bebedouros. No calor tinha que beber água quente. Com os recursos da logística reversa estamos criando novos modelos de negócios com gestão de resíduos em shopping, onde colocamos prensa, empilhadeira elétrica, mesa em inox para triagem e balança.

Na Coopcent ABC nós decidimos como coletivo que o contador das cooperativas tinha que ser um só. Nós não fomos em nenhuma escola pra aprender o que nós sabemos hoje. Não existe escola pra catador. Tudo o que a gente aprendeu foi no dia a dia, na raça, com muita luta. Cada dia é um dia, é uma novidade, uma briga, uma luta. E assim a gente vai superando os obstáculos, os problemas. Onde um tá com problema, junta todo mundo e vai socorrer aquele que tá precisando. Tá acontecendo alguma coisa em tal cooperativa, chama fulano e fulano, junta todo mundo e vai pra lá. “O que tá acontecendo aqui? Não, ninguém vai fechar essa

cooperativa. Não, isso não vai acontecer mais aqui.” A sociedade muitas vezes vê nós, catadores, como se fôssemos pessoas despreparadas para alguns enfrentamentos. Mas, se você nunca mexeu com a formiga, então, não atica o formigueiro. É essa força, é essa união que faz com que a gente tenha a força de vontade de continuar lutando.

Para os grupos filiados, a Coopcent ABC representa união, força, organização. Porque antes nós não conversávamos entre nós. O problema que era de Diadema, era só de Diadema, o problema de São Bernardo era só de São Bernardo, de Mauá e Ribeirão Pires a mesma coisa. Agora, quando tem um problema num município, esse é um problema de todos, porque é um problema da Coopcent e as cooperativas filiadas tem que se juntar para solucionar. Se a Coopcent ABC estiver bem, as cooperativas filiadas terão a força da união para poder alavancar seus negócios e se levantar, se for preciso. Foi difícil a gente colocar isso na cabeça dos catadores, de algumas lideranças, que achava que a Coopcent ABC era só uma porta que estava aberta e que não significava nada. As cooperativas singulares se beneficiam dos projetos, se beneficiam das negociações com as prefeituras que conta com a participação da rede. A Coopcent ABC é um guarda-chuva que cobre todas as cooperativas filiadas.

Essa união veio através da economia solidária. Lá atrás, a economia solidária, para nós, era apenas o pessoal do artesanato que ia vender nas feiras e trabalhavam juntos. Com a Coopcent ABC, hoje entendemos que a economia solidária atende todos os setores, nós catadores, o pessoal da agricultura familiar, o pessoal do artesanato, e outros, e tem por objetivo unir todo mundo e fazer com que uns ajudem os outros e não deixar que uns explorem os outros. A economia solidária fala que nos empreendimentos não pode ter dono, patrão, tem que ter democracia. Todo mundo deve trabalhar junto, decidir junto e se beneficiar junto. Isso foi muito importante.

A Coopcent ABC trouxe também a universidade para ajudar a desenvolver as cooperativas. Isso foi um ganho muito grande para nós catadores. Porque nós estamos saindo daquela redoma onde só sabíamos trabalhar os materiais, coletar, triar e vender, receber aquele valor e acabou, e a gente volta a fazer tudo de novo. Essa união de certos campos da sociedade com as cooperativas vem trazendo uma visão de mundo diferente para nós, e levando a nossa visão para o mundo.

A Coopcent ABC comercializa 100% de todos os materiais recicláveis em rede. Hoje temos uma equipe que trabalha todo sistema de vendas e um

capital de giro de R\$ 260 mil para antecipar os pagamentos dos compradores. Antes nós vendíamos para um comprador e só íamos receber daqui a duas semanas, muitas vezes tomávamos calote. E somente depois que o dinheiro entrava na conta da cooperativa é que os catadores podiam receber. Agora, quando a cooperativa vende, a Coopcent ABC pode depositar na conta da cooperativa logo que a nota for lançada, e quando o comprador paga cai na conta da Coopcent. Tinha cooperativa que alguns catadores recebiam no dia primeiro, outros no dia cinco, e outros chegavam a receber no dia 15. Ou seja, somente quando os compradores pagavam pelos materiais, e isso era muito ruim, gerava desconfiança e discórdia.

Além dessas questões, a Coopcent ABC tem um papel político para negociação com todas as prefeituras, com o Ministério Público, com a câmara municipal, com sindicatos, grandes empresas. E isso é muito importante. Porque nós não éramos enxergado. Essa é a verdade. Se a gente chegasse em uma prefeitura e falasse: “Olha, eu vim aqui em nome da Cooperlimpa”, eles falavam: “Mas quem é a Cooperlimpa?”. Hoje a gente fala: “Estou vindo aqui em nome da Coopcent ABC, que é uma cooperativa de segundo grau, e estou representando quase duzentos catadores.”

A Coopcent ABC é formada por todos os catadores. A diretoria é composta por membros das diretorias das cooperativas filiadas, e as diretorias dessas cooperativas também se reúnem para tomar as decisões da Coopcent ABC. Todos os catadores são Coopcent ABC. Todo mês nós fazemos reuniões com representantes de todas as cooperativas filiadas no Consórcio Intermunicipal Grande ABC. Com a pandemia, prejudicou um pouco, mas vamos voltar a fazer essas reuniões. A diretoria da Coopcent ABC visita os grupos filiados e todas as vezes que tem problemas eles nos chamam para ajudar a solucionar.

# Quando começamos

ANA MARIA DA SILVA DE OLIVEIRA

Vou contar a história do início da cooperativa, a Coopercata. Eu não conhecia ninguém. Para abrir a cooperativa, precisava de vinte assinaturas, de vinte pessoas. O meu marido lavava litro na garagem, e um dia ele disse que tinha uma moça que passou lá que ia abrir uma cooperativa de catadores na cidade. Falei que quando ela passar de novo para avisar, eu queria falar com ela. Veio, pegou meu nome e comecei a fazer os cursos.

No começo, era Armando Octaviano Júnior e Denise Rocha da Silva. Eles foram catador de material reciclável na rua, mas os dois resolveram a procurar, para que houvesse a cooperativa. Eles precisava arranjar mais 18 pessoas, e uma delas sou eu, Ana, que quando fiquei sabendo me interessei, entrei e começamos os curso.

Eu fiz os cursos de primeiros socorros e o de logística, pela Coopcent ABC. Sempre gostei de aprender. O mais importante é procurar aprender. Pois nós estávamos acreditando numa porta que ainda estava fechada, porque a cooperativa estava em construção. E assim que eu acabei os cursos inaugurou o galpão da cooperativa, no dia 5 de dezembro de 2012, e no dia 6 nós começamos a trabalhar. Muitos assinaram mas, quando começamos a trabalhar, não vieram. Quando começamos, éramos 14 pessoas. Era o presidente, o saudoso Armando, tesoureira, Denise, secretária, Edna Lucia de Souza, e a cooperativa tinha um convênio com a prefeitura. A cooperativa encaminhou bem. A gente ganhava na faixa de um salário mínimo.

Depois de um tempo fui eleita presidente da Coopercata e fiquei por quatro anos. O presidente tem que tá a par de tudo, tem que tá ligado em tudo. Nos assuntos do galpão, do escritório, no geral. A responsabilidade maior está no presidente. Ele não manda mas tem que orientar se a pessoa não estiver agindo certo. O crescimento da cooperativa depende muito do presidente.

Quando entrei, era para acontecer contrato com a prefeitura, mas não, achei que o contrato não estava viável para nós, os catadores. Não assinei. Ficamos sem ter parceiros. Continuamos, os maquinário já mais de três anos de uso sem ter manutenção, e começaram a se quebrar tudo. Era prensa, esteira, as porta, e nós sempre demos um jeito para que os maquinário voltasse a funcionar, para nós podermos continuar. Eu entendia que para ficar melhor para nós tinha que ser através de um pagamento da prefeitura, por saber que prestávamos serviço para ela. E sempre conversando com Adolfo Homma, e ele sempre dava a esperança que ia dar certo. E, nessa conversa, foram quatro anos nós ganhando R\$ 200 por mês. Era muito triste ver um pai de família trabalhar para ganhar R\$ 200, até que chegou o dia que a prefeitura contratou nós, e agora estamos ganhando um salário mínimo, e melhorou muito.



Uma pessoa muito importante na cooperativa foi o Armando, que foi presidente da Coopercata. Ele lutou muito pelo contrato. Ficava pressionando a prefeitura para contratar. Ele ficou doente e eu sempre ia visitar ele. Até os últimos momentos, ele dizia que ia ficar bom e que ia voltar e lutar junto com nós para conseguir o contrato. Nós conversava bastante, a vontade dele era voltar, mas não foi da vontade de Deus. Ele morreu antes de sair o contrato. Onde ele estiver, está sempre torcendo para nós continuar. Os catadores no Brasil que ainda não têm contratos com as prefeituras têm que lutar, persistir, correr atrás e ter esperanças. Porque não é fácil, mas com o contrato melhora muito. Tem que ir à luta, atrás do contrato.

Hoje, nós estamos ganhando mais de R\$ 1 mil. É muito bom. Dá para pagar aluguel e ainda dá para comer. Não tem tanta dificuldade como era. Temos que agradecer muito a Deus e Adolfo, que se empenhou na luta junto de nós. Foi uma luta difícil, mas não me arrependo, porque quando começamos uma luta, não devemos desistir, temos que insistir até o fim.

Desde quando abriu a Coopercata até agora, já passou muitas pessoas porque tem pessoas que não se adapta aos trabalhos, outros conseguem emprego e aqueles que permanece. Sempre tem mais mulheres que homem. A gente procura ter união, não é fácil, porque se torna uma

convivência, e conviver é difícil, mas temos que procurar entender uns aos outros, e graças a Deus dá tudo certo. Como nesses quatros anos que eu estava na frente, eu sempre procurava ter o amor por cada um, como se fosse meus filhos, porque às vezes faz você passar uma raiva, mas você sabe que precisa de cada um para seguir em frente, e é um por todos, e todos por um.

Hoje eu fico um pouco triste porque as pessoas que estão trabalhando, não sinto que elas têm aquele amor pela cooperativa como antes, quando nós começamos. Querem trabalhar, ganhar dinheiro, mas não mostram aquele amor pela cooperativa. Eles já chegaram e encontraram tudo pronto, não precisaram catar na rua, não tiveram que lutar, por isso não dão muito valor. É necessário, tudo que você fazer, fazer por amor.

E assim nós estivemos na frente de uma cooperativa, nós temos que ter jogo de cintura para mantermos os cooperados. Tem horas que precisamos ser duros, porque se não vira bagunça, mas outras horas temos que tratar com um pouco de doçura para não perder os cooperados. Não é fácil, tem aqueles que é mais fácil de lidar, aí já tem outros de temperamento difícil. Tinha uma cooperada muito difícil. Todo dia ela me fazia passar raiva, mas é muito trabalhadora. Foi conversando com ela que ela passou a me chamar de “mamãe”, e eu chamar ela de “filhinha”, e assim vamos indo. Muitos fala que me tem como mãe, quero dizer, mostra um carinho como se a gente seja a mãe. E tenho olhar de mãe por todos, para com todos, os mais rebelde e os que se comporta melhor.

# ***Aqui tudo é administrado só por nós, catadores***

MARIA LUCIA SOUZA DOS SANTOS

Na Cooperluz, nossa esteira é semiautomática e é muito grande. É uma das mais modernas do Brasil e tem um computador que comanda ela. Tudo é controlado por uma tela. Ela é tão moderna que, quando dá um problema, o pessoal da Alemanha que fez ela já sabe onde está o defeito e eles falam em que lugar está o defeito. Tem uma esteira que sobe o material até a esteira principal, que foi planejada pela nossa cooperativa central, a Coopcent ABC, que é alimentada por uma empilhadeira e tem duas pessoas para retirar materiais como metais, papelão e plástico grande. Depois vai para uma área onde se tira o ferro e o plástico grande que passaram pela primeira separação, com seis pessoas, e em seguida vai para o rasga saco, onde tem uns garfos que rasgam os sacos para os materiais irem soltos na esteira.

Passa por um *trommel* que fica chacoalhando e uma peneira separa a terra e os materiais pequenos e joga para o rejeito. Os outros materiais continuam até chegar no local de separação onde ficam as 46 catadoras e catadores. Eles se dividem para separar vários tipos de plásticos, de papel, metal, leite longa vida, vidro e outros produtos. Tem duas empilhadeiras a gás. A produção aumentou muito depois que nós colocamos essa esteira vertical planejada pela Coopcent ABC, em setembro de 2020. O certo mesmo é ter essa rampa para puxar o material para cima da outra esteira, porque até o rejeito diminuiu bastante. No galpão tem uma prensa enfardadeira horizontal grande, automática, que faz fardo de até oitocentos quilos. Você joga no fosso o material a ser prensado que sobe em uma esteira e cai na prensa, que prensa e faz as amarras com arame totalmente automático.

Às vezes, tem pessoas que falam que catador não tem capacidade de resolver isso ou aquilo. Aqui tudo é administrado só por nós, catadores.

Tem catador que tem capacidade mais do que certas pessoas que têm vários estudos. Tem gente que fala: “Aquele é um coitadinho e não sabe nada”, mas se você puxar conversa, você vai saber que ele sabe sim. Tem capacidade de chegar para um de fora e mostrar como se administra uma cooperativa. Tem gente que vem aqui e fica de boca aberta quando vê como a gente administra essa cooperativa. Não é a prefeitura ou a empresa que administra, quem administra são os próprios catadores. Não vou dizer que nós aprendemos tudo sozinho, nós tivemos ajuda de pessoas que vieram de fora e deram cursos e palestras. Tem cooperativas por aí que têm pessoas que sabe muito mais do que nós, e procuramos trazer essas experiências para cá. Tem coisa que tem na nossa cooperativa que a gente passa para eles e eles também aprendem com a gente.

Hoje o pessoal tira um dinheirinho bom na Cooperluz. Tem mês que o pessoal tira R\$ 3 mil, sendo que nós paga o INSS como tem que pagar. Antes nós pagava 11%, hoje nós pagamos 20%, que é o certo. E tem também o fundo de reserva que é para dividir no final do ano. Quanto mais aumentamos a produção, vamos chamando mais gente para trabalhar.

Todos os dias nós recebe currículo aqui. Aparece gente que tem estudo, porque muitas empresas não têm o ganho que a gente tem. Aqui nós somos os donos, mas temos que ter responsabilidade, não é chegar a hora que quer, tem que ter zelo pelo seu negócio. Porque senão não tem como a gente chegar em lugar nenhum. A Coopcent sempre apoiou nós. Alguns acham que a Coopcent não é nada, mas se nós chegou onde chegou é também por causa da Coopcent ABC. E porque a gente não abaixou a cabeça.

---

Já sou presidente por três mandatos. Um presidente precisa ter paciência com as pessoas, não ser ignorante, lutar por todos. Presidente não manda, é igual a todo mundo. Sou presidente e não ganho mais do que ninguém, não decido nada sozinha, nós decidimos todo mundo junto. E para eu chegar a presidente, teve a decisão deles. Se eu fosse ruim, ninguém queria. Então, tenho que respeitar cada um deles. Coisa pequena eu decido sozinha, mas coisa grande, não, a gente vai para a sala.

A coisa mais importante na vida da gente, primeiramente, é a gente ter saúde. Sem a saúde não somos ninguém, precisa ter trabalho pra gente

trabalhar, pra gente levar o pão de cada dia pra casa, ter um serviço que não é debaixo de chuva nem debaixo de sol, ter o almoço meio-dia pra gente almoçar, ter o seu dinheirinho para receber. O respeito pelas pessoas e as pessoas ter respeito com nós, trabalhar em equipe porque sozinho você não consegue nada, tem que ter ajuda dos colegas, uns ajudam os outros. Pra mim, essas coisas são importantes. Todos os meu sonhos já foram realizados.

Meu sonho era ter uma casa, hoje eu tenho uma casa, tenho meu carro. Meu sonho agora é ver os catadores e catadoras realizar os sonhos deles igual eu realizei o meu, o meu sonho é esse. De ver todo mundo feliz, todo mundo com sua casinha, com seu carrinho, porque não é justo só um ter.

# **Acima de tudo, companheirismo**

CLOTILDE DA SILVA

Como é ser catadora e ter trabalhado no lixão, é no mínimo aprender todos os dias a ser resiliente, a lutar e ter amor naquilo que se propõe a fazer. Foi assim que em 2007 nasceu a Coopascam, quando a CETESB obrigou o fechamento do lixão de Maracaí para transformar o aterro sanitário.

As pessoas quando estavam comigo no lixão, tínhamos espírito individualista. Cada um se virava pra buscar o máximo da catação para vender diariamente. Se bobeasse, seríamos roubados. Quando se organizamos em associação tudo foi ainda mais difícil, todos mandavam e o ganho era menos da metade de um salário. Foram abandonando a associação um a um, até ficarmos, de 12 catadores, apenas cinco. Foi muita luta pra chegar até aqui, como estamos hoje. Cinco catadores pra fazer a coleta seletiva, triagem, parecia coisa de doido. Muitos diziam: “Isso vai fechar, não vai pra frente.” Era o que eu ouvia dos funcionários da Secretaria de Obras, ninguém acreditava.

Conhecemos o Movimento Nacional de Catadores através do Claudineis e um professor, Carlos, que disse que daria certo. Neste momento estava disposta a lutar. A luta de uma categoria desprezada, sem perspectiva e desacreditada. Parte de uma sociedade que exclui. Foi necessário aprender a trabalhar coletivamente, e desde então tem sido um aprendizado diário. Logo depois, conseguimos dar a volta por cima, com a ajuda da sociedade, do Comitê Oeste Paulista e projetos de incubação da universidade.

Muitas vezes, me senti um rato num laboratório (desabafo). Como uma mulher vinda do lixão, que estudou até o sexto ano, poderia aprender leis, decretos, pautas e estatutos? Tudo era muito cansativo, menos a vontade de conseguir. Quando lembro do passado, lixão, associação, cooperativa, catação, sinto que tenho muito a aprender. Hoje somos vinte catadores, temos contrato, fazemos prestações de contas, pagamos encargos, temos alimentação no trabalho. E uma união maravilhosa em

rede com a Coopercop e tantos companheiros de luta. Nós evoluímos demais e temos muito a evoluir. Isso é a mais valorosa escola da vida: respeito, democracia, força e, acima de tudo, companheirismo.

# Uma inclusão de pessoas

PATRÍCIA FRAZÃO

Hoje, estar na gestão da Coopcent ABC é ver de onde saímos e onde estamos. Então, nós almejamos algo maior, e uma igualdade pra todos os catadores, pra todas as cooperativas. A Coopcent ABC é uma inclusão de pessoas, ela é um guarda-chuva onde nós conseguimos resgatar muita coisa, muitas situações. Através da Coopcent ABC, conseguimos dar dignidade dentro das cooperativas, mas isso depois que nos empoderamos e falamos: “Olha, a gente não quer mais que ninguém venha mandar na gente, a gente quer que as coisas venham acontecer.”

Hoje nós temos diálogo entre as cooperativas. Isso, antigamente, era muito difícil, era difícil dialogar porque na maioria das vezes que a gente se encontrava era para resolver conflitos internos. Quando nós nos reunimos, nós temos um foco. “Peraí, vamos enfrentar a luta contra a incineração.” Tal município tá precisando que a gente vá lá, então a gente junta todo mundo: “Ó, pessoal, a gente precisa ir em tal cooperativa que tá acontecendo isso e isso, e a Coopcent ABC precisa estar lá, pra gente lutar juntos, pra gente defender.”

Naquela época que a Coopcent foi constituída, a gente não tinha muita noção do que fazer. O primeiro impasse foi o nosso nome. Por quê? É Cooperativa Central de Catadores e Catadoras do grande ABC. Foi a nossa primeira encrenca, foi o nome. Uns falavam: “Não, tem que pôr catador.” Outros falavam: “Não, mas não tem que ser catador.”

Naquela época, eu não fazia parte de nada. Não saía de dentro da cooperativa, então não tinha conhecimento desse mundo que depois a gente começou a entender. Hoje, quando se fala de cooperativa, na maioria elas são geridas por mulheres. E a sensibilidade de mulher, para trabalhar com pessoas, é muito diferente. Naquela época, na mente de algumas pessoas, eu não podia aprender, eu não podia participar de muita coisa, porque se eu fosse participar, ou eu ia ser excluída da cooperativa, ou eu ia descobrir coisas que eu ia levar para o coletivo.

As pessoas faziam com que eu não sáísse da cooperativa. Tentaram me podar de todas as formas.

O Lacerda é uma pessoa que contribuiu muito, e contribui ainda, muito com a gente. O projeto Brasil-Canadá, o primeiro projeto aonde nós vimos chegar cinco prensas, e chegou computador, e chegou tudo. A importância da rede dentro dos projetos, porque se não existisse a rede nós não íamos ter projetos que trouxesse equipamentos porque a nossa situação era muito precária. As cooperativas em si, o que nós tínhamos aqui no ABC era a Refazendo, que na época era a cooperativa rica, era o primo rico. Ela, às vezes, mandava o material pra gente, porque não tinha material dentro das cooperativas. Só que na formação da Coopcent, ela não poderia estar dentro porque ela era uma associação, ela não era uma cooperativa. Foi aí aonde tudo começou. Valeu a pena, né? Uma linda história. Muito linda. Muito choro, muitas angústias, muitos companheiros que não estão mais com a gente, que a gente sente falta.

# **Rede forte, base forte**

CLAUDIA DA SILVA

Meu nome é Claudia da Silva, tenho 39 anos e sou catadora de materiais recicláveis. Sou filha de ruralista, tenho três filhos e fui catadora do lixão. Faço parte do Movimento de Catadores há vinte anos. Represento a cooperativa Recicla Ourinhos no interior de São Paulo, cidade de Ourinhos, o Comitê Oeste Paulista por meio da Associação Regional de Catadores do Oeste Paulista – Arcop, a SEMUC, e a Cooperativa Central Regional dos Catadores e Catadoras do Oeste Paulista – Coopercop, que é a nossa cooperativa de segundo grau da região. E sou militante há vinte anos do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis.

A nossa missão é onde estiver catadoras e catadores de materiais recicláveis do movimento estaremos lá, esse é o nosso lema. Acompanhamos os catadores ativamente na região Oeste paulista em busca de melhorias e principalmente de reconhecimento do trabalho deles diante do poder público local, como prestadores de serviços ao município que precisam ser remunerados pela prefeitura por desempenhar suas atividades.

Na minha opinião, a sociedade e o poder público está sempre ligado, pois o poder público é o reflexo da sociedade, que muitas vezes vê o catador como desempregado e marginal. Não entende que por trás do trabalho da reciclagem existem pessoas que têm direitos que, porém, muitas vezes são negados.

Nós catadores estamos realizando um trabalho ambiental que a sociedade precisa reconhecer e valorizar. Muitas vezes temos que quebrar barreiras para que nos olhem como trabalhadores. O mercado da reciclagem explora e muitas vezes escraviza pelo simples fato de trabalharmos o reciclado bruto e não valoriza o benefício para o meio ambiente. Muitas vezes leva tempo para conquistarmos a confiança da população e quando isso acontece essa mesma população se torna ótimos apoiadores e fiscalizadores. Mas precisa ficar claro que é um trabalho de formiguinha e leva tempo.

Pensando nisso, o Comitê Oeste Paulista de catadoras e catadores sempre esteve nos municípios da região procurando fazer parceria com o poder público local, para que ele reconheça os catadores daquele município como agentes ambientais trabalhando a serviço do governo. Isso se tornou uma prática de convencimento constante. Alguns exemplos de contrato de prestação de serviço entre as prefeituras e as cooperativas de catadores vêm dessa parceria. Me recordo que quando cheguei em Presidente Prudente acompanhei as ações de duas cooperativas de catadores do município, muito precárias, que eram a Cooperativa de Trabalhadores de Produtos Recicláveis de Presidente Prudente – Cooperlix e a CooperPrudente. E também os catadores que trabalhavam no lixão a céu aberto.

O primeiro contrato foi a pedido do Ministério Público e da Caixa Econômica Federal, que buscavam uma solução para o problema. Levamos mais de um ano de trabalho tomando chuva e sol para conseguir efetivar a contratação entre a prefeitura e a cooperativa de catadores. A proposta em Presidente Prudente era contratar sessenta catadores inicialmente. Mas com muita luta e apoio da Caixa Econômica Federal, do Ministério Público, através de projeto da Companhia Energética de São Paulo – CESP, as prefeituras aderiram ao projeto e conseguimos contratar noventa catadoras e catadores, garantindo uma renda mensal a cada um deles pela prestação de serviço da coleta seletiva. Além do recurso do contrato, eles recebiam da venda dos materiais comercializados, dando sustentabilidade e motivação aos trabalhadores que estavam desacreditados com o que recebiam no lixão. Hoje eles viram que o apoio que receberam e o trabalho que vêm realizando deu certo.

A maior dificuldade foi mostrar para o poder público local que nós catadores somos capazes de realizar o trabalho de coleta seletiva da cidade, e que somos dignos de confiança. Muitos gestores públicos acham que catador não tem competência. E que não deve ganhar mais do que garis, ou do pessoal que trabalha na limpeza urbana da prefeitura. A gente fala: “Nós, catadores, reconhecemos o nosso trabalho, o nosso valor. O problema não é nós ganhar mais e sim vocês não reconhecer os funcionários da prefeitura e não dar valor ao trabalho deles.” A gente tem que mostrar que nós fazemos um trabalho e esse trabalho gera frutos e benefícios, que estão nas questões social, ambiental e econômica.

Hoje a Recicla Ourinhos tem em torno de cem cooperados. Tem cooperativa que tem muito mais cooperados do que uma empresa de porte

médio. E muitas cooperativas já estão atuando há vinte anos. Tem empresa que nasce hoje e morre com menos de cinco anos. É um desafio mostrar para esses gestores que não é um favor que eles estão fazendo, que o contrato é previsto por lei, e que realizamos um contrato muito melhor do que uma empresa que não é uma cooperativa. O catador vai olhar o material e não vai deixar ir para o aterro, porque depende desse material. A gente vai lá e mostra para os gestores que a gente é capaz, mas muitos acham isso um absurdo. Então, você vai para o convencimento e mostra que com o nosso trabalho é mais vantajoso para a prefeitura. Há anos nós fazemos esse trabalho, sabemos fazer. E assim vamos juntando esses argumentos. Depois disso é planejar e organizar os trabalhos, e trabalhar. As catadoras e os catadores também precisam acreditar que juntos e organizados podem conseguir atingir os objetivos. O resto é consequência do trabalho e da luta.

A nossa região tem uma rede, a Coopercop, que veio da união entre três cooperativas singulares: Recicla Ourinhos, Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis de Assis – Cooocassis e Cooperativa Paraguaçuense de Coleta de Materiais Recicláveis – Coopacam, de Paraguaçu Paulista. Possui diretoria e conselho fiscal formados por representantes das cooperativas filiadas. Hoje a rede cresceu e é uma cooperativa de segundo grau que atende todo o Oeste e Centro-Oeste paulista. A rede é uma peça importante para nosso trabalho, pois em rede conseguimos não só a parte do contrato entre as cooperativas e as prefeituras, mas também melhorar a renda com a comercialização dos materiais recicláveis e com a formação sobre diversos temas necessários para o desenvolvimento e continuidade dos grupos e da Coopercop. Em alguns municípios em que o número de catadores é pequeno e não existe cooperativa formalizada, o critério adotado para a contratação desses catadores é por meio da cooperativa do município mais próximo.

Com a rede, as prefeituras enxergam a força dos catadores unidos e organizados e que o grupo local não está sozinho. Rede forte, base forte. E com a catadora e o catador sendo reconhecidos pelo trabalho ambiental que realizam, isso é importante. Também é necessário melhorar a situação dos grupos que não estão formalizados. Fornecer ajuda para torná-los cooperativas. Com tudo isso, a rede vem trazendo esperança e solução a problemas da nossa categoria de catadoras e catadores.

Hoje, a rede Coopercop conta com cooperativas de catadores que realizaram contratos com prefeituras em 23 municípios da região Oeste e

Centro-Oeste paulista. Tem vários modelos de contratos. Tem contratos que é por tonelada coletada, tem contrato com preço global, como o de Presidente Prudente, que é um valor fixo que leva em consideração que eles têm que receber um salário mínimo. A garantia do contrato depende do conjunto, prefeitura e cooperativa, os dois têm que trabalhar juntos.

# Projeto Cataforte I

MARIA MÔNICA DA SILVA

Quem sonhou o Cataforte I foi o Movimento Nacional dos Catadores. Em 2006, a Chiquinha, a Nanci, a Valdirene começou a rodar as bases Brasil afora, em vários estados, alguns municípios de São Paulo, fazendo levantamentos. O Movimento queria fazer uma grande formação pelo Brasil. Aí começou a se desenhar esse projeto, lá atrás. Em 2010, fomos pra uma reunião eu, Alex Cardoso, Luiz, Severino e a Marilza Aparecida de Lima, da Comissão Nacional das Mulheres, com o Carlos Lupi, que era Ministro do Trabalho. E também o Roberto Marinho, que era da Secretaria Nacional de Economia Solidária, junto com o Paul Singer.

A gente sentou com Lupi para falar sobre como ia iniciar o Cataforte I. Foi a primeira vez que ouvi que o projeto ia se chamar Cataforte I, um grande projeto de formação pelo Brasil. Ia pegar grupos de catadores de nível 1 e ia abrir um edital. Foram montar as equipes. Tinha que montar equipe de catador para fazer as formações. O Movimento queria fazer formação de catador para catador, e queria criar uma metodologia própria. Contratou-se a Viviane Junqueira, o Almir, para formar as lideranças que seriam as pessoas que fizeram essas formações, e contratou alguns técnicos também. A gente fez uma grande formação em Mongaguá, alugou uma pousada para quinhentas pessoas e veio gente de praticamente todo o estado de São Paulo. Foram nove dias de formação. A gente se formou, para formar. Eu, Cláudia, Matilde Ramos, Maria Antonia Veneza, o Carlos Alencastro Cavalcanti, Guiomar. Em dois dias a gente foi formada, e depois já tinha que começar a fazer formação. E os formadores ia ser de dupla. Ficou eu mais o Carlos. O Armando tava no grupo que a gente formou. Foi incrível. A gente se formou nesse encontro, e a gente praticou a formação. Era de frente pro mar. A formação começava às 8h da manhã, tinha pausa para o almoço, a gente fez um combinado. Tinha duas horas de almoço para quem quisesse ir dar um mergulhinho e voltava porque a formação só acabava às 10h da noite.

Quando acabou aquilo ali, o Fabio Cedri, da World Wide Fund for Nature – WWF, escolheu pra sair rodando pelo Brasil afora: Matilde, Cláudia, eu, Roselinie Neguinha, Marilza, Guiomar, o Dudu. Um pessoal de Minas, a Madalena. O Léo, da parte artística. A gente foi distribuído. Tinha que fazer formação em dez ou 12 estados. O Cataforte I foi um divisor de águas para mim, enquanto liderança do Movimento, e pro próprio Movimento. A metodologia que a gente usava era a “pedagogia da alternância”, do Paulo Freire.

Foi um divisor de águas porque essa formação foi libertadora de verdade. Ela libertou bases de catadores de ONGs, de incubadoras, de catadores opressores, de prefeituras pilantras, de técnicos que se tornou dono dos catadores. O Cataforte I libertou muita gente, mesmo.

A gente segurou alguns BOs enquanto liderança e educadora daquelas formações. Passamos conhecimento do que era ser catador, ser Movimento Nacional dos Catadores, ser militante. E o protagonismo maior dessas formações foi mulher. A gente libertou muita gente, de coisas grandes e de coisas pequenas. As incubadoras de Campinas, era absurdo. Se o catador participasse da formação do Movimento, ele perdia R\$ 30 da retirada! Eu arrumei uma briga com as incubadora, foi outro rolo que Roberto teve que resolver. E fui pra Natal, fazer formação na base de Severino. A base do Severino, hoje em dia, tem uma liderança que se chama Lena. Quem formou a Lena foi eu. Hoje em dia ela é da Comissão Nacional.

No projeto Cataforte I, o Movimento, de uma certa forma, renasceu. Ele brotou dentro do coração de algumas pessoas porque não tava no coração de muita gente. Com a nossa formação, a gente conseguiu fazer com que brotasse no coração das pessoas, o MNCR. Fico triste porque hoje o Movimento tá parado. O Movimento tem que se movimentar. Movimento, legítimo, ele tem que se movimentar, não pode ficar parado. Movimento não fica em cima de mundo. Tem momentos de mesa de reunião, mas não dá para viver a vida só assim.

# ***A importância dos catadores na Política Nacional de Resíduos Sólidos: lembranças<sup>11</sup>***

CLAUDIA DA SILVA

MARIA MÔNICA DA SILVA

PATRÍCIA FRAZÃO

A audiência pública da Política Nacional de Resíduos Sólidos aconteceu na região Sudeste na Fiesp, em 2009. O pessoal do Movimento Nacional dos Catadores passou um informe para os grupos de catadores participarem dessa audiência pública sobre a Política Nacional de Resíduos Sólidos, porque era um assunto muito importante e que ia impactar as nossas vidas, e a gente teria que mobilizar o pessoal para participar. Quando a gente chegou lá é que fomos entender que de fato estava rolando o debate sobre a lei mais importante de resíduos sólidos do Brasil, que iria definir o futuro dos catadores de materiais recicláveis neste país.

Era um momento histórico importante para os catadores. Depois da audiência pública sobre a Política Nacional na Fiesp, fomos para a sede do Movimento Nacional debater sobre a importância da gente conseguir estar em massa na audiência pública em Brasília, onde iria reunir representantes de todos os setores e com diversos interesses relacionados a resíduos sólidos. E nós, catadores, tínhamos que estar lá, em peso.

Em Brasília, nós montamos uma estratégia de guerra. Quando chegamos em Brasília já tinha muitos catadores por lá. O Alex foi analisar o auditório onde tudo iria acontecer, para planejar nossa estratégia. Fizemos uma reunião fora do auditório e o Alex falou que nós tínhamos que ocupar o auditório, se espalhando e ocupando todos os espaços de forma estratégica. Uma turma fica na frente, outra fica no meio, e duas turmas ficam na parte de trás, para os momentos das votações. E dessa forma, nós tomamos conta do lugar. Os outros grupos não eram gran-

des como o nosso, que tínhamos ido em várias caravanas, de todos os estados do Brasil. A nossa caravana de São Paulo saiu de ônibus e levou quase 13 horas de viagem.

A fala dos catadores foram organizadas de forma articulada. Os caras que tinham interesses diferentes dos nossos não conseguiam se manifestar porque nós éramos a grande maioria e a gente chegava na frente. Foi um momento histórico no Movimento, da gente se unir, articular, montar estratégias, e breçar algumas coisas que estavam querendo empurrar na Política Nacional de Resíduos Sólidos e que não eram positivas para o meio ambiente e para os catadores. Foi um momento histórico importante de organização e luta.

A Marilza foi com a dra. Margarete Matos, que nos ajudou muito. E tinha o Carlos Henrique Andrade Oliveira e o Tarcísio de Paula Pinto, que foram técnicos que trabalharam no Vida Limpa de Diadema e que assessoraram o pessoal do Ministério do Meio Ambiente para fazer a redação da Política Nacional de Resíduos Sólidos. E ajudaram muito a dar essa cara a PNRS, onde o catador foi citado e ficou fortalecido. E tinha a Daniela Metello, que também deu uma grande força.

Olhando para tudo que aconteceu, a gente só tem a lamentar uma coisa, não conseguimos barrar a questão da incineração. Havia ficado certo de que a incineração era algo que somente seria utilizada depois de atendido todas as outras prioridades: não geração, redução, reutilização, reciclagem e somente depois vinha a incineração, ou seja, seria praticamente a última alternativa e dificilmente seria realizada. O grupo que defendia a incineração desviou o foco da incineração de resíduos sólidos em geral, chamando atenção para a questão da incineração hospitalar, argumentando que os resíduos hospitalares tinham contaminantes que deveriam ser incinerados por segurança à saúde pública.

Quando saiu a Política Nacional de Resíduos Sólidos e que nós vimos que não havia ficado da forma como decidimos, ficamos um pouco frustrados e com sentimento de que havíamos sido enganados. Porque a incineração de resíduos em geral, inclusive com nossos recicláveis, poderia ser realizada, e não apenas o hospitalar. Mas naquele momento da audiência pública em Brasília, o nosso foco maior era a questão da contratação das cooperativas e associações, que deveria ser realizada pelas prefeituras. Para nós aquele momento era de conquista, pois fazia mais de vinte

anos que essa lei estava engavetada e finalmente estava sendo debatida para ser encaminhada para aprovação. Isso três anos após a aprovação da lei de saneamento básico.

Essa lei de saneamento aprovada em 2007, já citava a questão da contratação das cooperativas de catadores pelo poder público com dispensa de licitação. Por isso a importância do Programa Vida Limpa, de Diadema. Uma das pessoas que estava no Vida Limpa, o Tarcísio, desenvolveu o programa de coleta seletiva de Diadema e a experiência de Diadema serviu de subsídio para essa lei de saneamento, e que depois também foi citada na Política Nacional de Resíduos Sólidos. O Programa Vida Limpa teve uma importância muito grande, porque contribuiu para transformar a história em muitos locais e até em outros países. Na Colômbia, eles buscaram a experiência de Diadema, na Nicarágua, no Peru e a rede latino-americana<sup>12</sup> também. Nós brigamos pela Programa Vida Limpa, até na manutenção da logo, porque também serviu de subsídio para duas leis importantes relacionadas a resíduos sólidos no Brasil: a Lei de Saneamento de 2007 e a Política Nacional de Resíduos Sólidos de 2010.

Foi uma conquista muito grande pra todos nós. Quando a gente criou a Coopcent ABC em 31 de janeiro de 2008, que foi a primeira cooperativa de segundo grau de catadores no Brasil, porque as outras eram redes, mas ainda não eram formalizadas como de segundo grau, muitos não nos reconheciam nem como rede. Já naquela época nós tínhamos conseguido computadores de última geração, prensas, esteira, empilhadeiras, a gente conseguiu bastante coisa. Tudo conquista nossa, foi muita lágrima, muito choro, muita luta, muitas ameaças, mas a gente conseguiu. Hoje quando a gente fica lembrando algumas questões, a gente vê que a gente é doido mesmo. Ser doido hoje não é nenhuma ofensa para nós. Foi assim que conseguimos avançar.

O que eles não engoliam e não engolem até hoje, é que a gente do Oeste e Centro-Oeste paulista pegou a Coopcent ABC como exemplo. Até hoje a gente trabalha junto, a rede Coopcent ABC, a Arcop e a Coopercop. Analisando tudo que passamos, que pena que no meio do caminho per-

---

12. Red Latinoamericana y del Caribe de Recicladores (Red LACRE). É uma organização transnacional que visa reunir movimentos nacionais de catadores da América Latina e Caribe.

demos tantas pessoas, mas que bom que a gente está junto agora, lembrando. Se tivéssemos que fazer tudo novamente, faríamos tudo de novo, sem tirar nada. Com toda ousadia e loucura.

# Projeto Cataforte II

CLAUDIA DA SILVA

MARIA MÔNICA DA SILVA

O Cataforte I foi mais nessa parte de sensibilização, do coletivo, de você conseguir montar cooperativas, associações, redes. O Cataforte II foi voltado pra logística, coleta seletiva, solidária, e teve algumas cooperativas que ganharam caminhões. O princípio já era esse projeto em rede. A Coopcent foi contemplada no Cataforte II. Uma parte foi para grupos que já estavam organizados, e uma grande parte para catadores de rua. O Cataforte I foi pra dar visibilidade ao MNCR e libertar pessoas, o Cataforte II foi pra gente se profissionalizar e criar nossas redes. O primeiro foi sobre o que é ser catador e dar visibilidade ao trabalho do catador, e o segundo foi pra gente se profissionalizar de verdade, e montar as redes. A maioria das redes nasceu nessa época.

# ***Violência doméstica***

PATRÍCIA RAMOS

Eu sofri quando criança e já casada. Meu pai morreu quando eu tinha oito anos, muito pequena, e minha mãe casou de novo e meu padrasto batia em mim e nas minhas irmãs. E quando eu disse a ela, ele dizia que era mentira, e ela acreditava.

Eu, adulta, em 2013 comecei trabalhar como catadora e por ser muito esperta me tornei líder do grupo e fui escolhida como catadora mobilizadora do projeto Cataforte II em Alagoas. Aí viajei muito aqui em Alagoas. E quando eu dizia “vou viajar” ele não falava nada, meu marido até comprava roupas para eu viajar. Mas quando eu chegava – ele era outro homem, agressivo. Pense você, passa uma semana longe de casa e passa duas horas dentro de um avião pensando nos filhos. Aí, quando abria a porta, era só xingamento.

Hoje ele é outro homem!

# Diálogo com o presidente Lula<sup>13</sup>

MARIA MÔNICA DA SILVA

Lembro que eu estava no hospital com a minha filha Keila, que ia ganhar neném e eu estava acompanhando ela e me ligaram perguntando se eu podia participar de uma reunião. Naquele momento eu estava focada na minha filha, mas quando disseram que eu ia sentar com o Lula, veio na minha cabeça o município de São Bernardo do Campo, que estava uma loucura por causa do incinerador de resíduos que a prefeitura do PT estava tentando colocar na cidade. Eu falei: “Isso é coisa de Deus, não vou perder a oportunidade de perguntar para o Lula se ele deixou de ser cidadão.” E fui para a reunião.

Na reunião estavam várias lideranças do Movimento Nacional dos Catadores e fiquei sentada numa posição que dava para olhar diretamente para o Lula. Meu olho ia ficar dentro do olho dele, para que, quando eu falar, ele tinha que olhar dentro do meu olho. Discutiram um monte de coisa e depois ele olhou pra mim e disse: “E você, não vai falar nada?” Olhei para as lideranças presentes e falei: “Se eu puder, vou falar. Porque eu vim aqui para falar.” E todo mundo me olhou, todo mundo assustou. Porque eu sou como uma bomba atômica, se eu for num lugar você nunca sabe o que eu vou fazer. Você não sabe em que momento eu vou explodir. Pode ser uma coisa boa ou uma coisa ruim, infelizmente.

E ele falou: “Pois não, fala aí para nós, primeiro fala de onde você é.” Falei que era cearense, nordestina: “E eu queria te fazer uma pergunta, Lula, porque isso está me incomodando demais. Se eu sair daqui sem falar isso, não sou eu.” E ele disse: “Pode falar.” “Lula, eu queria entender qual que é a sua cara, porque você é o presidente que deu voz ao

---

13. Em agosto de 2012, em uma reunião na cidade de São Paulo, houve um diálogo entre a catadora Maria Mônica e o presidente Lula, durante uma reunião em que estavam presentes várias lideranças nacionais de catadores.

catador, que deu visibilidade ao catador, presidente que para nós será eternamente presidente. Você é o cara que nos deu a oportunidade da gente ter uma vida mais digna, da gente viver um pouco melhor, não só enquanto catador, mas enquanto cidadão, e aí você deixa de exercer a sua cidadania. Você deixa de ser cidadão no município onde você mora.” E ele perguntou: “Mas como assim?” “Em São Bernardo do Campo, tão tentando, tão tentando porque nós não vamos permitir, tão tentando rolar um incinerador lá. E você está lá no município, você não fala nada. Você não exerce a sua cidadania, porque você é cidadão de lá, se poluir o ar de lá, vai chegar na sua casa, vai poluir onde você está também. Você pode morar bem longe de onde está o incinerador, mas vai chegar as consequência pra você também. E tu não faz nada, cara. Como é que você não faz nada, como você deixa acontecer isso, no município onde você mora? Você é o presidente da República, como você permitiu que isso acontecesse, Lula? Sabia que você é a pessoa que eu mais admirei na vida? E você não faz nada? Vai acontecer o incinerador e você fica quieto? Como assim? Cara, você é a pessoa que eu tenho muito orgulho de falar, eu queria muito sair na foto com você. Mas hoje em dia, Lula, não tenho coragem de sentar do seu lado e tirar uma foto com você. De verdade. Você me decepcionou. Desde criança que eu te admiro. A minha família inteira sempre falava de você. Eu tenho um respeito... eu tinha, porque agora eu tenho mais ou menos. Porque você é tão grande, e como você não faz nada quando vai montar um incinerador dentro do município onde você mora... Isso fica feio pra você. Muito feio”.

“Tu que ajuda catador, você dá com uma mão e tira com a outra. O que acontece com o incinerador? O incinerador polui o ar, o solo, ele queima postos de trabalho, ele desagrega pessoas. Porque quem vai manusear a central, quem vai ficar na boca do incinerador não vai ser catador. E aí, você não faz nada? Como você não faz nada? Você é o cara que nos defendeu durante tanto tempo como presidente, e você vai deixar acontecer um negócio desse. Quer dizer, não vai deixar não, Lula, porque eu não tenho medo de luta. Nós estamos lutando para impedir esse incinerador. E eu não tenho medo de luta. Vocês não vão conseguir.”

“Só que eu acho que você devia sentar com o pessoal da prefeitura, dá um papo reto neles pra eles respeitar catador. Porque, olha aqui, você está sentado perante catadores. E você tem respeito por nós, mas a prefeitura não respeita a gente. Fala pra eles respeitar a gente, fala pra eles

sentar com a gente. A gente quer discutir, a gente quer falar o que nós queremos, qual é o nosso papel dentro do município. Faz esse favor pra gente. E se você fizer esse favor, se você exercer sua cidadania, quem sabe eu não tiro uma foto com você. Porque no momento eu não vou tirar a foto com você não, Lula.”

Ele ficou parado, me olhando, e depois olhou para as lideranças presentes, eles estavam derretendo nas cadeiras. Eles estavam com muito medo. Olhei pra eles e senti que ali tinha medo. E desabafei, lavei a alma. Eu tinha muita vontade de falar isso para o Lula, e quando eu tive a oportunidade, não perdi. Aí ele olhou pra mim e disse: “Olha, caramba, baixinha arretada, tinha que ser nordestina, e é das minhas”, e falou para os meninos e para a Marilza: “Cuidado com essa aí, essa aí vai longe. É de pessoas assim que o movimento precisa.” E falou pra mim: “Olha, Mônica, eu vou ser muito sincero com você. Quando você é presidente, tem coisas que você consegue impedir, tem coisa que está na sua alçada, que você de verdade pode impedir, tem outras que não. Porque você tem que fazer negociação pra muitas coisas, e algumas negociações você perde e essa é uma delas. Eu sinto muito em lhe dizer, depois de tudo que você falou pra mim aqui, não vou dizer que em São Bernardo vai ter, mas vou dizer que em alguns lugares no país vai brotar incinerador e infelizmente vocês vão ter que aprender a conviver e se adaptar a essa nova realidade. Porque eu não consegui impedir. Eu tentei, mas não consegui impedir, então vocês vão ter que aprender a conviver com isso. E essa coisa de você não querer tirar uma foto comigo, você vai tirar uma foto comigo hoje.”

E eu falei: “Não vou não”. E ele: “Vai, sabe por quê? Pra você chegar na minha mesa e falar tudo isso pra mim é porque você me respeita e me admira muito ainda. No final da nossa reunião a gente tira uma foto junto.” Aí bati a cabeça e não falei mais nada, porque apertou o meu coração e não consegui falar mais nada. E no final eu acabei tirando uma foto com ele.

## ***Só tem uma forma de barrar o incinerador***

FRANCISCA MARIA LIMA ARAÚJO

Nós estamos com essa ameaça grande do incinerador em Mauá, foi uma dificuldade pra gente fazer um ato em Mauá, eu tive que chorar, brigar, pra levar meia dúzia de gente pra lá. Tem coisas que nós temos que priorizar. O incinerador, só tem uma forma, hoje, de barrar o incinerador, é conscientizando a população, convencendo a população.

# ***A gente fez uma zoadá***

IVANILDA DA CONCEIÇÃO GOMES

Aqui em Alagoas, em 2016, eles instalaram uma incineradora no município de Pilar. Quando a gente soube que estava instalando, a gente foi lá. “Opa, não é assim, a gente vamos sentar pra conversar com vocês.” A gente sentou, chamou o Ministério Público, chamou os representantes, os parceiros, então, parou, foi embargado. De fato, ela não foi instalada no nosso estado. Mas, a gente fez uma zoadá, a sociedade tem que estar ciente dos prós e dos contra sobre a incineração. Não é benefício pra ninguém, muito menos pra sociedade, porque vai ser poluição do ar, vai causar mais doenças ainda.

# ***Eu nunca vi arroz e feijão pegar fogo***

EDILAINE GONÇALVES (NANÁ)

É uma indignação falar de incineração. Eu abro o meu texto com indignação. É a extinção das cooperativas, essa é a realidade, porque não tem como incinerar com o material molhado que é a tal sugestão da Unidade de Recuperação Energética (URE). É com rejeito, com material molhado. Isso não existe. Eu nunca vi arroz e feijão pegar fogo. Mesmo que eles usem tecnologia de secamento, entre outros tipos de equipamentos, mas ninguém joga fora tanto arroz e feijão. Haverá realmente a queima de resíduos sólidos, e isso é o fim de todas as cooperativas do Grande ABC, Mauá e uma boa parte de São Paulo. Essa é a realidade, porque não tem como suprir.

É preciso explicar o que é a URE, levar a informação do que significa a implantação de uma URE. É uma usina que vai dissipar não só os cooperados, como um todo, mas a sociedade, porque a questão é social. A questão não é só dos catadores, não afeta só os catadores. Afeta a sociedade num contexto geral. Porque partículas serão dissipadas no ar, cancerígenas. Imagina uma URE colocada próxima de um lençol freático, como é o nosso caso aqui, dentro do Parque Pedroso.<sup>14</sup> Onde a água do município e da grande São Paulo se espalha, e isso levará partículas cancerígenas, quer dizer, afetará toda a sociedade.

Nós temos que lutar e fazer algo para que as pessoas conheçam o problema. Não é vestir uma bandeira, dizendo: “Olha, eu sou catadora, e, veja bem, isso vai acabar com a minha vida, vai acabar com a minha vida profissional.” Não, não é isso, porque se nós fizermos isso, nós não vamos alcançar ninguém, porque nós somos invisíveis, infelizmente. O catador, ele é invisível. Há uma invisibilidade muito grande, então, nós temos que colocar isso de maneira social, para que todos compreendam que não é só os catadores que serão afetados, e sim a sociedade como um todo. Eu acho que esse é o caminho.

O que mais me choca é saber que eles usam essa fonte e não traz

um benefício em prol da sociedade, em prol de Mauá, ou como um todo. Ainda, vai trazer prejuízo, não só financeiro, mas na questão de saúde, entre outras coisas. E acha que está tudo lindo, flores, flores, flores pra quem quiser enterrar aqueles que vão nascer. Porque é isso que certas empresas têm feito. Infelizmente, é uma porta que certas empresas têm tentado abrir, e se os nossos governantes, junto conosco, não gritarmos pra essa sociedade que infelizmente não conhece a realidade da implantação da URE, eles vão continuar sendo os bilionários do município de Mauá. A URE é uma implantação que vai resolver o problema financeiro de algumas pessoas.

Na minha concepção, considero imaturidade dos governantes, seja no exterior ou no Brasil, claro, com suas exceções, como no Japão. Uma ilha onde a faixa territorial é pequena e onde se exige estratégias de força. Meu pensamento, seja nos países asiáticos, europeus, ou no Brasil, deveria ser levado em consideração consequências na saúde, pois quando falamos de incineração estamos colocando agravantes como em tudo que não medimos em fazer de errado. O certo seria respeitar a Política Nacional de Resíduos Sólidos.

Muito se fala no crescimento tecnológico, muito se fala no desenvolvimento. Não quero crer que com tudo isso esqueceram do crescimento do homem. Instalações que não teve êxito em São Bernardo do Campo e que insistentemente nossos governantes teimam em dizer que alcançariam picos de fontes de gases e de energia elétrica. Às custas de quê? Da desigualdade social, e desemprego! Dentro desta cadeia os catadores se encaixam.

O grande desastre ecológico decorrente seriam fatos irrelevantes aos nossos governantes? Pois a água, o ar, o solo, o lençol freático e o próprio manancial que está próximo geograficamente e que através do ar trariam partículas cancerígenas, não só para a população do entorno, mas também os moradores do Grande ABCD e Baixada Santista teriam grandes prejuízos, como, entre os quais, suas cooperativas podendo até ser fechadas, pois arroz e feijão não queima!

O que esta usina iria queimar? Em suas alegações justificáveis comprova-se tecnicamente que seriam três toneladas por dia a serem queimadas. Prejuízos, social, físico e financeiros em dependendo de um investimento de R\$ 5 bilhões em tecnologia. Será que estou sendo demagoga? Que duzentas famílias de catadores deixaram de existir por números que alegam

apenas uma família que possui todo o domínio do lixo de Mauá.

Amo a matemática, mas esses números me trazem repúdio, dor, violência. Demagoga eu seria de acreditar que alguns governantes irá olhar os catadores? Ou posso acreditar nos olhos da força do companheirismo daqueles que permanecem crendo que a tecnologia, a indústria será nossa parceira? Seria uma convocação de divisão de poderes onde, ao invés da dissipação tecnológica, dissipação de vidas, de vidas paulista, pudéssemos unir forças para não enviar rejeito para os aterros sanitários e não só 0,12% seriam recolhido e não teríamos as necessidades de buscar soluções ambiciosas como cientes de ser crescimento em parceria com meio ambiente? Ideal ou sonho? Se posso acreditar? Posso! A lei do Resíduo Sólido nos faz crer que se bem aplicada faz crescer um mundo melhor para as futuras nações.

Porque esta afirmação da URE não é Recuperação, não é energia limpa! É destruição do planeta que sou Eu.

## ***As pessoas mais afetadas são as grávidas, os idosos e as crianças***

PATRÍCIA FRAZÃO

É bom enfatizar o valor dessa Unidade Energética, e de quem realmente vai sair esse gasto, que vai sair da população. Quando a gente fala no sentido de uma URE, aqueles que entendem não querem que a sociedade saiba o que realmente vai acontecer. Quando a gente fala dessas dioxinas, e furanos, que são substâncias químicas que vai ficar no ar, a gente está falando que as pessoas mais afetadas são as grávidas, os idosos e as crianças. Porque quando a gente vai falar com o gestor público a respeito da incineração, eles mostram pros catadores que é uma forma de trabalhar todo o material reciclável, que vai ser as mil maravilhas. Eles não estão pensando na água, eles não estão pensando nas pessoas, eles não estão pensando em nada. O que eles visam é simplesmente o dinheiro. Aquilo que ninguém queria lá atrás, que era o lixo, que é nossa sobrevivência, hoje virou uma concorrência. Os nossos maiores concorrentes hoje são as grandes indústrias, são os grandes empresários, e a maioria deles está infiltrada dentro do poder público.

# ***A tecnologia tem que estar nas mãos corretas***

VIVIANE CONCEIÇÃO DE SOUZA

A tecnologia não é ruim em si mesma, ela só tem que estar nas mãos corretas. Os catadores estão dispersos. Não estamos conseguindo nos organizar, nem no âmbito estadual e muito menos no nacional. Porque as pessoas não entenderam os problemas que nós estamos vivendo. Nós temos muitas lideranças que não conseguem enxergar lá na frente, ainda tem o olhar preso só ao seu redor. E não consegue enxergar quão grande tudo isso é, quão grande tudo isso está, e quão grande isso é prejudicial a nós. Não conseguiu abrir os olhos a esse respeito.

Falta organização dos catadores a nível nacional, com todos participando desse processo, não apenas algumas lideranças. Falta conscientização, comunicação e organização. O fato de muitos não conhecerem o que está acontecendo, ou não acreditarem, coloca os catadores fora da briga. Somente uma organização unificada, uma organização de fato, da nossa categoria, daria condições para enfrentar essa invasão do nosso espaço. Barrar totalmente, é difícil conseguir, porque já se avançou muito. E nós estamos vivendo um tempo político que é a favor que estas tecnologias ocupem o nosso espaço e façam nosso trabalho.

Algumas redes de cooperativas no estado de São Paulo estão se reunindo para pensar em organizar os catadores no estado formando uma rede de redes, desde 2018. Essa união é o caminho para criar uma estratégia conjunta que leve em consideração as bases dos catadores, os catadores de maneira geral, e não apenas algumas lideranças. Isso pode começar a nos abrir um caminho de organização legítima.

Essa união de redes que iniciamos está possibilitando uma rede trabalhar em conjunto com outra. Com a nossa organização, nós conseguimos balançar gestores públicos, movimentar defensoria, procuradoria

do trabalho, órgãos que existem para fazer com que as leis sejam cumpridas. Isso está sendo grandioso, a meu ver. É só quando nos organizarmos e agirmos de forma unificada que a nossa força faz a diferença. É uma pena que a pandemia tenha nos deixado balançado, desestruturado, nos tirando do foco, tendo que adiar algumas coisas.

# O projeto Cataforte III

CLAUDIA DA SILVA

Particpei do Projeto Cataforte III por meio das redes que eu faço parte. O Cataforte III foi a mais ousada iniciativa do governo federal que começou em 2013, durante o governo Dilma, e atendeu 35 redes, envolvendo mais de 450 cooperativas de catadores, somando mais de 13 mil catadores em treze estados e no distrito federal. A coordenação do Cataforte III foi realizada pelo Centro de Estudos e Apoio ao Desenvolvimento, Emprego e Cidadania – CEADDEC, de Sorocaba, que com muita competência e responsabilidade conseguiu desenvolver as atividades e atingir as metas previstas.

O Cataforte III veio para potencializar redes de catadores no Brasil inteiro. Foi um grande projeto que estava dividido em duas modalidades: uma modalidade relacionada à elaboração de planos de negócio, plano contábil, de logística, infraestrutura e gestão participativa, que estava com a Fundação Banco do Brasil – FBB. E a outra parte era para investimento, repassava máquinas e equipamentos para as cooperativas, e os recursos eram da Fundação Nacional da Saúde – FUNASA. Nós aqui no Oeste paulista resolvemos participar nas duas modalidades e fomos contemplados nas duas. Fizemos em parceria com a Universidade Estadual Paulista – UNESP.

O nosso plano de negócio nós fizemos em duas partes. A parte da comercialização, que tinha por objetivo melhorar a comercialização que nós já fazíamos. E a parte da moagem do plástico, PEAD e PP. O que nós queríamos é ser referência na comercialização dos recicláveis e na moagem do plástico. Entender melhor a cadeia do plástico, as dificuldades, custo, porque das oscilações de preço. A nossa intenção era vender em rede, fazendo ligações com outras redes. Depois que o plástico for moído a gente comercializa e retira os custos e a porcentagem da rede, e o excedente será dividido para as cooperativas, de acordo com o peso que eles repassaram.

Eu fui fazer formação em muitos lugares do Brasil pelo Cataforte III. Fui na região de Curitiba, com quatro redes de lá, fui em Salvador, conhecer as redes, Belo Horizonte, Acre, Manaus. Eu tive oportunidade de conhecer muitas redes. Existia uma diferença grande entre uma rede e outra. Era triste eu chegar em certas regiões em que os grupos não tinham nem prensa e eu dizer que na minha base eu tinha quatro, cinco prensas. Era um choque muito grande. Hoje, se você for ver, enquanto umas redes avançaram, outras faliram. É triste. A gente sonhou alto, mas deveríamos ter sonhado e realizado juntos. Eu acho que foi isso que faltou. Cada um fez o seu separado do outro.

Foi um projeto muito ousado, só que deveria ter começado da base. Não adianta a gente ter um plano de logística e trabalhar com grupos que não tem nem o barracão para pôr uma prensa. O projeto foi um sonho, porém a realidade era totalmente diferente daquilo que foi colocado pra gente. Foi um sonho que aconteceu para algumas bases apenas. Se os recursos do Cataforte III fossem utilizados após uma reflexão coletiva entre as redes de catadores, e não apenas com os técnicos, pode ser que isso teria dado mais certo do que foi. Uma das lições que ficou é que assessores técnicos decidindo distante da realidade dos grupos, sem interação mais próxima, não dá certo.

# Cooperativa toma decisões no coletivo

MARIA MÔNICA DA SILVA

Eu sempre ouvi muito falar de “coopergado”, mas eu nunca tinha tido contato com uma “coopergado”. Nas formações que a gente tinha, de economia solidária, de cooperativismo, sempre se falava dessas questões da “coopergado”. Porque desde 2006 sou filiada ao UNISOL Brasil,<sup>15</sup> e a UNISOL tocava nesse assunto em algumas formações que eu participava. Quando eu cheguei em São Caetano do Sul, eu fui com o pensamento que eu ia participar de uma reunião, até chamei a Guiomar, e ver no que poderia ajudar, e iria embora. Liguei pro Roberto, do MNCR: “Olha, Roberto, tá rolando uma situação assim e assim, na cooperativa de São Caetano do Sul, e o pessoal quer colocar eles pra fora porque acabou o contrato, eles não querem mais renovar contrato com eles, e vão tirar todos os catadores de lá. E são 26 pessoas, então vou lá ver no que eu posso ajudar.” “Vai lá, companheira, tamo junto”, o Roberto falou pra mim. Foi dia 9 de julho de 2020.

Na minha cabeça, a Cooperativa de Trabalho dos Catadores e Recicladores de São Caetano do Sul, a Coopresc, fazia as coisas direitinho, que era organizada, que eles tinha contrato, contrato sem-vergonha, porque o contrato lá nunca foi bom. Mas tinha um contrato. E a gente sabia que a melhor coleta seletiva da região do Grande ABC é São Caetano, porque a gente recebia doações de lá. Então, estava tudo certo. A antiga presidente, pra mim, era uma pessoa honesta, que fazia as coisas direitinho. Só era uma pessoa meio estranha, que eu não tinha muito contato. Na minha cabeça era porque o pessoal do Sistema de Água, Esgoto e Saneamento Ambiental – SAESA meio que podava ela. Porque lá tinha uma ingerência muito grande.

Quando cheguei lá, vi que tem umas mulher porreta, não foge da luta. E quando elas contaram o que estava acontecendo, e tal, falei: “Pô, tranquilo, vamo ajudar.” A gente chegou lá de manhã. Com o passar do tempo, eu conversei bastante com as mulheres e eu entendi o que de fato tava acontecendo. Quando eu vi que não tinha jeito, não ia ter diálogo com a

prefeitura, nem com ninguém, eu falei: “Gente, se o Movimento sai daqui hoje, eles tiram essas pessoas daqui e tomam o espaço. Nós vamos ocupar isso daqui.” Isso o Movimento nunca tinha feito, foi a primeira vez. Porque não é Mônica, é Movimento Nacional.

Liguei pro Fabio e disse: “A gente vai montar uma estratégia, nós vamos ocupar a base. Eu vou ficar aqui dentro, vou fazer uma assembleia com essas pessoas, vou propor do Movimento ocupar a base. Se eles concordarem, nós vamos ocupar a base. Qual a estratégia: eu fico aqui dentro, não ponho o pé lá fora, você fica de fora fazendo a articulação. E a gente faz vídeo, joga na mídia, vamo chutar o pau da barraca.” “Tudo bem, vamo lá!”

Fiz uma assembleia com todos os sócios-cooperados. Estavam todos lá, a presidente, tava todo mundo. Tavam os 26. Foi deliberado em assembleia que o Movimento iria ocupar a base até que o SAESA sentasse com a gente pra resolver a situação do contrato. Eu falei com Fabio: “Acho que é bom pedir ajuda pra Coopcent”. O Fabio procurou a Coopcent e a gente foi ficando. Com o passar dos dias, acho que tinha três dias que eu tava lá, comecei a ver umas coisas estranha, as pessoas diziam o seguinte: que lá era uma empresa e eles eram empregado, lá dentro. O rateio, não era um rateio de horas, não era um valor que era rateado pra sair o valor hora. Tinha um valor fixo de hora. Eu pensei: “Gente, mas geralmente cooperativa não é assim.”

As tomada de decisão, quem tomava a decisão era a presidente, a tesoureira e o contador. Não era tomada de decisão em assembleia, quem decidia era as três pessoas. Tinha uma ingerência muito grande do SAESA, eles fazia o que o SAESA mandava. Quando a gente foi olhar a prestação de contas, a Guiomar falou: “Mônica, tá errado isso aqui! Tem muita coisa errada.” O rateio do dinheiro do SAESA, não rolava. Era rateado entre a presidente, a tesoureira e o contador. E as pessoas não sabiam de nada. Na cabeça das pessoas eles recebiam um salário, não era retirada. É um valor por hora fixo e pronto! A pessoa recebia aquilo. Você não participa das divisões, você não participa da tomada de decisão, você não participa do rateio. As sócias-cooperadas da cooperativa não podia entrar no escritório, não podia reclamar de nada. Quem questionava era mandado embora!

Cooperativa, não é assim que funciona. Tomada de decisão, tem que ser no coletivo. Tem que jogar na assembleia. Qual é o papel de presidente, secretária e conselho fiscal? Cara, você faz o que é deliberado em as-

sembleia. Você executa o que a assembleia deliberou. E lá era o contrário, não era assim. Onde que um sócio-cooperado não tem o direito de entrar num escritório? Num pode, num é assim. Aí comecei: “Fabio, isso aqui não é uma cooperativa não! Cooperativa não age assim, isso é uma ‘coopergato!’” E as pessoas começaram a me perguntar: “O que é coopergato?”

“Coopergato” é quando você tem um CNPJ de cooperativa, mas você não segue os princípios do cooperativismo, você não segue os princípios da economia solidária. Porque na lei do cooperativismo, lá tem as coisas. Tem que ter autogestão, tomada de decisão no coletivo. Tem várias questões na lei que te legitima enquanto cooperativa. Agora, você tá num local que você não participa da tomada de decisão, tem que ficar com o cabresto só olhando pra frente, você não pode olhar pro lado, você tem que dizer só “amém, amém e amém”. Você sabe a hora que tem que entrar, você trabalhou, deu a hora de ir embora, você vai embora. Você não pode perguntar, não pode questionar, você não pode nada. Isso não é uma cooperativa, isso é uma “coopergato”! Isso caracteriza uma “coopergato”.

Cooperativa tem que ter transparência, cooperativa toma decisões no coletivo. As pessoas participam de fato, pensam no bem do sócio-cooperado. Cooperativa de verdade decide junto, se tiver que brigar, briga todo mundo na assembleia, debate tudo, mas no final chega no consenso! Não é um manda e os outros tudo obedece.

# **As coopergatos**

FRANCISCA MARIA LIMA ARAÚJO

As “coopergatos” são as cooperativas falsas onde os trabalhadores são submisso a uma pessoa que se faz dono. Um manda e todo mundo tem que obedecer. É um lugar em que uns levam vantagem e os outros nunca conseguem nada. A “coopergato” é um espaço que não é organizado, não tem prestação de contas, não tem transparência, é um local em que um chega, grita, e todo mundo cala. Sabe por que tem “coopergato”? Muita gente que entra numa cooperativa não é catador consciente, não sabe o que é cooperativismo. Defende interesses individuais e não do coletivo. Uma cooperativa de verdade é um local em que todos dão a sua opinião e todo mundo cresce junto, respeitando as leis, o regimento interno, e as regras.

Pra acabar com as “coopergatos” em nosso meio os cooperados precisam de formação política. Precisam ter lideranças conscientes e responsáveis e os cooperados precisam também ser conscientes. Saber o que é a cooperativa e o papel de cada cooperado. Não tem patrão e nem empregado, todos são iguais. Tem o mesmo poder de decisão.

# **Nós não somos um coitado**

IVANILDA DA CONCEIÇÃO GOMES

A minha gestão na cooperativa foi a oportunidade de eu conhecer outros horizontes porque quando a gente trabalhava no lixo, a gente não tinha essa oportunidade. A partir do momento que eu entrei na cooperativa, veio as capacitações, de atendimento ao público, de como chegar na sociedade. E como eu tinha um grau de escolaridade mais um pouquinho de que as outras companheiras, fiquei logo como tesoureira. Foi meu primeiro cargo na cooperativa, passei três anos como tesoureira.

Sempre tem um ou dois que fica: “Ah, isso não vai dar certo.” Como meu primeiro cargo foi tesoureira, mesmo tendo transparência toda semana, a gente fazendo prestação de contas, se não era por semana, era por mês, o que entrou, o que saiu, com o que gastou, mas sempre tinha um que dizia: “Ah, mas isso está errado.” Aí tem outro companheiro que diz: “Não, perai, as contas batem, a companheira mostra, a companheira faz a prestação de conta.” Os companheiros sempre ficavam com pé atrás. Isso é até hoje um ponto negativo na questão de você estar à frente de uma gestão de cooperativa. Por mais transparente que você seja, que você mostre, sempre tem um que fica contra você e ainda coloca outros contra você.

É por isso que um ponto positivo de você participar de uma cooperativa, de uma associação de catadores, é a oportunidade e a confiança que os companheiros têm. Outro ponto positivo é a oportunidade de você aprender, de você evoluir, de ver que outras pessoas, outros companheiros, acreditam na sua capacidade, acreditam que você pode ir mais além. É realmente a questão do conhecimento. Não só o conhecimento para você próprio, como para o grupo que acredita na sua capacidade e na sua competência de estar levando o nome da cooperativa, defendendo ela lá fora, ocupando os espaços, representando eles, conhecendo pessoas lá fora e as pessoas acreditando no seu trabalho.

Esse é um ponto muito positivo porque nós catadores ainda somos invisíveis, ainda temos que lutar para que a gente saia da invisibilidade.

Não saímos 100%. E a partir do momento que você sai e vê que as pessoas se interessam pelo seu trabalho, essa é a oportunidade que você tem de mostrar que nós não somos coitadinhos, porque tem pessoas lá fora que acham: “Ah, eles são uns coitadinhos, eles são desinformados, são desorganizados. A gente vai colocar papa na boca deles porque o que a gente falar aqui, tá bom.” Quando eles veem que a gente senta pra conversar, eles: “Opa, peraí, não é assim não. Os catadores estão preparados.” A gente se aprofunda na nossa profissão, nos nossos direitos, nos nossos deveres.

Numa associação de catadores você se permite ver que não é um coitadinho. Você é um profissional reconhecido pela Classificação Brasileira de Ocupações – CBO, está na CBO que você é um catador de material reciclável profissional. É uma profissão, como todas as outras profissões que existem no Brasil. Nós não somos um coitado. A gente senta numa mesa e diz: “Oh, sabemos quais são nossos direitos e sabemos quais são nossos deveres.” A sociedade lhe vê com outros olhos, passa a se interessar por você e pelo seu trabalho.

Outro ponto negativo, não só dentro da base, mas também lá fora, é o enfrentamento, que é muito grande. De tá brigando com os grandão, de tá brigando com as “coopergato”, de tá brigando com quem tem dinheiro. Porque antigamente ninguém dava nada pelo nosso trabalho, hoje tem gente que faz riquezas em cima do nosso trabalho. A gente trabalha, a gente cata no dia a dia, a gente leva sol, leva chuva, ainda trabalha em lixões, em rua, e não recebemos essa riqueza porque no processo da riqueza do material reciclável, hoje, ela vai ficando no meio do caminho. E quando chega pra gente, chega quase nada. Principalmente aqueles companheiros que não têm um contrato, por menor valor que seja, mas tem muitos companheiros que não têm contrato nenhum. Então, se ganha menos ainda daquelas companheiras, daqueles companheiros que têm um contrato, ou que têm um convênio. Assim, as riquezas ficam na mão dos grandão.

Eu costumo dizer que nós, trabalhadores e trabalhadoras, somos quem produzimos as riquezas do Brasil, mas não somos nós que usufruímos dela. A gente só trabalha, trabalha, trabalha. E nós catadores somos assim. Ainda estamos muito na invisibilidade. Além de a gente brigar com os grandões, a gente ainda sofre, por alguns companheiros nosso, a desconfiança. Mas, mesmo com tudo isso, a gente olha e diz da onde a gente saiu, até onde a gente chegou e pra onde a gente quer chegar.

Então, as lágrimas rolam diferente, porque elas rolam de superação, de resistência, porque nós catadores de materiais reciclável somos resistência na nossa profissão. Pelos grandões, já não existia, pela sociedade, pior ainda, ainda vem a questão da incineração.

A gestão da cooperativa não é feita só por uma pessoa, mas por todo o coletivo, de acreditar na capacidade da diretoria, de dizer que nós temos a capacidade de gerir, mas sempre dialogando com todos, sentando e conversando, até porque uma cooperativa de catadores só funciona se tiver os companheiros. Sem os companheiros, elas não é uma cooperativa. Se os companheiros não opinarem, se os companheiros não tiver seu espaço de fala, ela não é uma cooperativa. Ela se torna uma “coopergato”, onde um manda e todos obedecem. Numa cooperativa de catadores, o cooperativismo é forte, a solidariedade é forte, e os desafios são grandes.

É muito gratificante você trabalhar numa cooperativa onde várias cabeças pensam diferente, mas quando você foca num objetivo só, a força é tremenda. Você sente uma força de superação naquilo que quer junto com o coletivo. Você diz: “Eu não imaginava que tinha essa força”, mas o coletivo lhe dá essa força. No lixão, os homens geralmente catavam mais do que as mulheres. Eles vendiam mais e ganhavam mais do que as mulheres. Na cooperativa, não. Independente da produção individual de qualquer companheiro ou companheira, a gente ganha o mesmo valor, por dias trabalhados. Independente se eu sou rápida ou devagar na produção.

# O que eu sei é que ninguém faz nada sozinho

GISLAINE DE CERQUEIRA RAMOS

Eu morava perto de um vizinho que já trabalhava na cooperativa. Uma vez eu perguntei: “Onde você trabalha e o que você faz?” Ele me explicou por alto e fiquei curiosa pra conhecer o lugar e saber mais sobre o assunto. Eu tava desempregada um tempo. Porém, quando ele me falou o valor que recebia, eu falei: “É doido! É mentira um negócio desse, não acredito nisso não. Nossa, mas esse dinheiro dá para quê, gente? Você não consegue comprar nada com isso. Não, deixa quieto, não quero não.” Fui vendo outros serviços, inclusive, fiz uns bicos também com faxina e tal. Depois eu consegui um temporário de final de ano. Quando me vi desempregada, voltei pra ele. Chamei meu vizinho e perguntei: “E aí, lá tá pegando?” Ele falou: “Acho que não, por enquanto não, mas se você quiser eu levo o currículo.” “É, não gosto muito da ideia de receber o valor que você tá recebendo, mas, tudo bem, melhor do que nada. Vamos lá.” Dei o currículo pra ele e com o tempo fui chamada.

Nesse dia, tive um choque de realidade quando vi a situação toda em volta. Quando cheguei lá fui surpreendida pelo que vi. Eu ouvia falar por alto, não sabia ao certo o que existia, nunca tinha entrado em uma cooperativa e não sabia como funcionava. Tudo me assustou. Isso é fato, não posso negar. Era tudo diferente, muito lixo, muita sujeira, pra mim, não tem outra forma de falar. Mas, é do lixo que a gente tira o nosso sustento. O primeiro impacto que eu tive foi esse. Muito lixo. “O que é que eu tô fazendo aqui? O que é que eu vou fazer aqui?” Muito estranho, muito assustador.

Hoje eu já não penso mais dessa forma. Vou aprendendo com a convivência com as colegas cada dia um pouco mais, com as experiências de

todas elas, conhecer os materiais, a separar, também, os materiais. E a importância do nosso trabalho, que infelizmente não é reconhecido, mas é de suma importância, é fundamental.

Eu não entendia nada sobre cooperativa, não sabia como funcionava e aprendo todos os dias, e o que eu sei é que ninguém faz nada sozinho. A gente aprende é uma ajudando a outra, trabalhando em unidade, para que a coisa cresça e haja um fluxo. Se trabalho com alguém que sabe mais do que eu, ela vai me ensinar, e o pouco que eu sei, deve ter alguma coisa que ela vai tirar algum aprendizado. Eu acho que é dessa forma que a coisa deve caminhar. É um ajudando o outro e todos pensando no bem comum, que é as outras pessoas, a cooperativa, o local em si e o trabalho. Agora estamos como gestores. Procuro participar quando vejo algo que não é favorável para todos. Mesmo antes de ter sido escolhida para isso, eu já batia o pé. Sou sempre assim, das interrogações. Minha parte é fazer as aparas, que é ficar com o plástico. Eu procuro estar sempre no meu setor, mas se alguém precisar de mim num outro setor, vou lá e ajudo no que for necessário.

Eu ainda não consigo diferenciar uma firma com regime CLT de uma cooperativa. Se trabalho num local e tenho uma responsabilidade pra fazer, então, é a mesma coisa de uma empresa em regime CLT, que é o registro em carteira. Eu tenho um trabalho pra fazer, vou ter que cumprir aquele trabalho. Existem metas. Tenho horário de entrada, horário de saída, eu só não bato cartão, não bato ponto. Mas eu assino. As regras a serem seguidas, de horário de entrada, de horário de saída, de serviço a ser cumprido, eu vejo como a mesma coisa. A diferença é a participação das pessoas porque numa firma normal ninguém opina em nada. A gente tem que seguir o que o chefe mandar e acabou, gostando ou não. E numa cooperativa, não. Tem esse lado que é mais flexível. Conta com a nossa opinião. Se a pessoa não concordar, vai entrar num acordo, vai ter uma conversa, uma reunião pra poder chegar ao denominador comum e numa posição que seja favorável para todos.

# O lixo é responsabilidade de todos

CLOTILDE DA SILVA

Uma frase que nós falamos muito é: “Coleta seletiva sem catador é lixo”, e significa para a nossa categoria de catadores e catadoras um símbolo de luta. O catador vive do material reciclável que coleta, separa e comercializa. Ele conhece os materiais recicláveis, e não vai mandar para o aterro o seu ganha pão. Muitas empresas estão querendo fazer o trabalho do catador, mas isso não funciona porque a coleta seletiva é feita de qualquer maneira, não é feita com o amor que a gente faz, casa a casa, conscientizando a população, com conhecimento dos materiais. A empresa não vai ter aquele cuidado. Ela está ali fazendo só pelo dinheiro. Por este motivo a Política Nacional de Resíduos Sólidos fala que as prefeituras têm que contratar prioritariamente as cooperativas de catadores para fazer a coleta seletiva na cidade.

Aqui em Maracaí, que é uma cidade pequena que tem 14 mil habitantes, a cooperativa Coopascam possui um contrato de prestação de serviço com a prefeitura e coleta cinquenta toneladas por mês de material reciclável. Procuramos atender bem o morador e não faltar com a palavra com ele. A gente vai nas casas e conversa, nada como olhar no olho e isso a gente faz em Maracaí. Quando vejo que deixaram uma casa para trás, o que eu falo: “Gente, nós têm que dar valor ao nosso trabalho, nós temos que mostrar competência e profissionalismo, vamos voltar lá e conversar com as casas que não passamos e vamos pegar os materiais. A gente tem que honrar essa responsabilidade, porque nós assinamos um contrato com a prefeitura.” E sabemos que tem muitos municípios em que moradores reclamam que juntaram materiais recicláveis com todo carinho e não foram buscar. Isso é falta de profissionalismo na coleta seletiva.

Nós, da cooperativa, queremos ver a população se sentir bem, a cidade crescer e as coisas melhorarem. Temos em Maracaí duas usinas de cana-de-açúcar e dois supermercados. Depois da prefeitura, quem mais gera emprego e renda dentro da cidade é a cooperativa de catado-

res, e ela não é valorizada. A gente paga ISS que nem empresa, a gente paga todos os impostos da cooperativa de trabalho e é muito difícil levar isso sem incentivo do governo municipal, estadual e federal.

As usinas de cana-de-açúcar só dá o material de refeitório que é aquele copinho e aquele pratinho que têm pouco valor, é leve. O material bom mesmo, eles vendem. E a gente não tem como debater e dizer que eles não podem comercializar as embalagens dos produtos que chegam na usina, porque não podem lançar nota disso e isso é ilegal. A política deu esta brecha e o Ministério Público não faz nada. A gente se vê à mercê do atravessador que compra os produtos bons. E logo eles estão tomando a nossa coleta seletiva. Porque as pessoas são muito gananciosas.

O povo tem que ter a real consciência de que o lixo é um problema e que a destinação correta é responsabilidade de todos. Parte da população ainda acha que está dando aquele material porque o catador é coitado. Não está pensando na nossa contribuição para com a vida, o meio ambiente, o planeta, os filhos, netos, a família. Ainda não tem esta consciência. E outra questão que é triste é a gente triar o material reciclável e achar bicho morto no meio, fralda descartável suja. Isso é uma falta de respeito ao ser humano e, infelizmente, ainda acontece hoje.

A cooperativa é um espaço de inclusão social e de trabalho, é um bem do município que procura solucionar problemas da cidade, além da destinação correta dos resíduos recicláveis. Hoje entra desempregados que são excluídos do trabalho e de outros locais e a cooperativa abre a possibilidade para ajudar na renda e na inclusão social. Tem um monte de ex-desempregado dentro da cooperativa. A gente tem que existir pelo bem da sociedade e pelo bem do meio ambiente.

A gente tem que aprender a coletar, separar e comercializar, mas, mais do que tudo, a gente tem que aprender a fazer a conta de todos os impactos, o social, o ambiental, o econômico, para colocar na ponta da caneta e dizer: “Olha, o meu trabalho durante um ano beneficiou a sociedade e o meio ambiente assim, assim e assim.” Para mostrar o valor real do nosso trabalho.

Nós somos uma categoria de luta, mas a gente abaixou muito a guarda durante os últimos anos. A gente não fez o convencimento do Ministério Público para a nossa causa e nossos direitos. Os promotores do meio ambiente, procuradores do trabalho e defensores públicos tinham que ter um treinamento para conhecer a legislação sobre meio ambiente

e os direitos dos catadores, que são negados pela grande maioria dos gestores públicos. Porque muitos não conhecem a legislação, e por não conhecer os direitos dos catadores, muitas vezes se somam aos preconceituosos, que não enxergam os catadores como trabalhadores.

No Termo de Ajuste de Conduta - TAC da Companhia Energética de São Paulo,<sup>16</sup> na região Oeste e Centro-Oeste paulista, os catadores sensibilizaram o Ministério Público, e só assim conseguiram os contratos em Presidente Prudente e em outros municípios da região. Com o Ministério Público do Meio Ambiente e o do Trabalho atuando em defesa da lei, as cooperativas passam a ser as grandes vitoriosas. Nós ainda temos lixões a céu aberto e muitas pessoas que estão trabalhando de forma sub-humana para lutar pela sobrevivência de forma precária, alimentando a cadeia milionária da reciclagem.

# ***Você sabe quais são os plásticos recicláveis?***<sup>17</sup>

MARIA DA PENHA APARECIDA CUNHA GUIMARÃES

MARIA IZABEL DA CRUZ OLIVEIRA

De acordo com informação do Cetea, Centro de Tecnologia de Embalagem, as embalagens metalizadas, assim como as transparentes, devem levar o símbolo de reciclável e ser coletadas, juntamente com os plásticos (PEAD, PP, PVC, PS, acrílico, garrafa PET branca, verde, azul e laranja), mas as embalagens plásticas metalizadas de biscoito e salgadinho não são recicláveis.

Materiais que não recicla: papel higiênico (não dá pra reciclar papel usado), fralda descartável, guardanapo com gordura, embalagem de café, embalagem de macarrão. Embalagens de café e macarrão não é reciclável porque é fabricado com mais de um material. Bituca de cigarro, cerâmica, porcelana, adesivos, acrílico e cabos de painéis, embalagem de salgadinho, mangueiras. Materiais que desce para o rejeito: sacolas sujas, papel higiênico, guardanapo sujo, copinho sujo de comida, embalagens de salgadinhos, macarrão, café, plástico com resíduo de tinta, espelho, vidro temperado, adesivos, etiquetas, lâmpadas e pilha.

Materiais que são recicláveis: papel branco, revistas, jornais, papel misto (caixa de sabão em pó, caixa de sabonete, papel de pão, entre outros), papel carbono, caixa de papelão, caixas de leite, garrafas PET, copinhos descartáveis PP e PS. Metal: latas de alumínio, latas de produtos alimentícios, PP, PEAD, vidro, materiais fino, tampinhas de garrafas, aparas branco, aparas coloridas, chapas, CD, pregos, ferro, parafusos, cobre e alumínio, lata de óleo, radiografia, garrafas de leite, garrafas de iogurte, material brilhoso (ketchup, maionese, mostarda e outros), ráfia (sacos de milho).

## **O dia a dia nas cooperativas**

LUCIANA MARIA FERREIRA

O dia a dia nas cooperativas começa bem cedo, apesar que cada uma tem sua própria rotina, ainda mais agora com a pandemia. Na minha cooperativa Chico Mendes, por enes motivos, hoje começamos a trabalhar às 8h da manhã. Eu sou a primeira a chegar. Abro a cooperativa, olho tudo primeiro, pra ver se está tudo ok, coloco minha roupa de guerra, passo meu super perfume cheio de glíter, porque não posso ficar sem brilhar. Eu, sem meus brilhos, não sou nada. Já vou preparando o café... é a única coisa que sou chatinha, não gosto de café fraco e nem amargo. Meu dia começa bem com um cafezinho forte como eu e doce como a vida tem que ser.

Quando as companheiras chegam, já está tudo pronto. Recebo a todos com um sorriso de bom dia. Quero saber como todos estão, como estão a família, os filhos, cachorros, papagaios... E quando percebo que algo não anda bem, já procuro saber o que houve e tento ajudar, ou eles mesmo tem a liberdade de me procurar e desabafar. Me apelidaram carinhosamente de “psicóloga do Chicão”, e eu a eles. As meninas são as “cataletes” e os meninos os “catabetos”. Aliás, somos uma família. Mesmo sendo cooperativa, cada uma a sua maneira temos uma relação bem próxima. Enfrentamos momentos bons, outros não tão bons, mas sempre juntas. Temos nossas diferenças também. Assim como concordamos, há quem discorda, mas procuramos sempre resolver no diálogo. Ainda mais agora que, pelo menos pra nós, está tudo mais difícil do que já estávamos enfrentando durante esses anos todos trabalhando em péssimas condições. Sem estrutura, equipamentos, e o pior, sem o material reciclável para trabalhar e ter nossa renda de onde tiramos o sustento de nossas famílias e a forma de pagar aluguel, as contas. Infelizmente, temos hoje a tristeza de ver nossos esforços e sonhos escorrer por entre os dedos, quando vemos a cada dia nosso galpão vazio, sem material, e a incerteza de quanto vai ser nossa renda no final do mês.

Mas, ainda assim, não desistimos de que um dia essa situação possa mudar, pois tivemos fases boas. Nosso trabalho na cooperativa já nos favoreceu muito, aprendemos com vários cursos, capacitações de diversas áreas. Uma delas rege minha esperança, fez e faz muita diferença para toda vida se a gente praticar de verdade: cooperativismo e solidariedade. Infelizmente, nesse período de isolamento tem muitos companheiros dentro de cooperativas passando dificuldades e precisando de ajuda em diversas áreas. Muitos até falam a respeito, mas pouco se pratica. De uma coisa eu tenho certeza. Mesmo com tudo isso temos amor pelo que fazemos e defendemos a catação com mãos fortes e unidos. Afinal somos catadores com muito orgulho, com muito amor: dignidade já.

## **Eu sou coordenadora de esteira**

MARIA IZABEL DA CRUZ OLIVEIRA

Eu sou coordenadora de esteira na Cooperlimpa. Desde que engravidei e perdi o neném, não pude mais trabalhar na rua. De lá para cá, a diretoria decidiu para mim ajudar as meninas na esteira. Não me neguei. Sortearam e me colocaram como coordenadora e ainda estou, até hoje. Quase ninguém quer uma responsabilidade, né? Assim, todo mundo tira o seu da reta!

Sempre chego aqui primeiro que todo mundo. Já vou falando: “Eu não tenho obrigação, a cooperativa é minha e é de todo mundo.” Sempre falo isso, “a cooperativa é minha e é de todo mundo”. Como tem aquela reclamação de fazer café, nunca tem ninguém para fazer o café, eu chego de manhã, primeiro que todo mundo, já abro a cooperativa, ponho a água no fogo, faço um café. Quando eles estão chegando por volta de 7h, o café tá pronto. Quem sai pra rua toma café 7h, quem fica na esteira comigo, às 9h. E assim vai indo! As meninas reclamam muito: tá cansada, uma tá doente. Mas eu falo: “Vamos trabalhar, vamos trabalhar porque é nosso.” Se a gente não fizer, não tem ninguém que faz. A gente não tem patrão.

Patrícia também tem que sair muito, aí eu tô na esteira, o telefone toca, ninguém atende, me chama para eu atender, ninguém pega um recado, nem nada! Desço correndo, atendo o telefone, aí subo, chega um caminhão, venho assinar o papel para ele, subo de volta para a esteira. E quando alguém vem carregar, se a Patrícia saiu e esqueceu de deixar uma nota, tenho que ligar para as meninas da Coopcent pra pedir uma nota pra mim dar para o rapaz, porque ele não pode sair com a carga sem nota. Bem dizer, eu sou um faz-tudo, e nunca deixo as meninas sozinha. Acho assim: o gado engorda com o olho do dono. Fico sempre lá, juntinho com elas: é pra pegar papelão, arrastar um bag, limpar o salão. Escolhendo os dias de quem lava o banheiro, um dia um, outro dia é outra que lava.

Eu tô sempre junto com as meninas, não deixo elas sozinhas não! Tem umas que reclama, tem umas que tá juntinho comigo. Eu falo: “Vamos fazer tal coisa, vamos pegar o papelão.” E dá certo. Às vezes, eu falo assim: “Não quero ninguém conversando, para de falar, vocês falam demais, quem fala demais não trabalha direito.” Ou o celular na mão, não tem como ficar com o celular na mão porque trabalha com as mãos. Tem quem reclama, tem quem não reclama. Falo bastante com elas, converso com todas, tem umas que gostam de mim, tem umas que não gostam. E assim vai, mulher!

Tem dia que eu tô apertada, porque às vezes uma entra de férias, a outra tá doente, precisa de ir no médico, e se a Patrícia tá por aqui eu falo: “Vamos, Patrícia, trabalhar!” Arrasto a Patrícia também pra esteira. Os homens chegam da rua, eu peço para um fazer uma coisa, outro fazer outra. Às vezes faz reclamando, mas faz! Os homens reclama mais do que as mulheres. Os homens reclamam! Às vezes eu tô lá em cima na esteira, a Patrícia não tá, tenho que descer para atender um telefone, às vezes é uma pessoa do porta a porta que a gente pega reciclável na casa dela, aí eu ligo para algum deles que tá na rua, um dos motoristas, e peço: “Passa lá na casa de fulano, tal número, tal rua, precisa pegar!” Tenho que fazer rápido assim porque escrever, né, fica embaçado. Tenho que guardar tudo na cabeça. Mas dá certo, comigo dá certo. É meu jeito mesmo. Se é para fazer, vamos fazer. Não tem esse negócio de ficar esperando sentada, não! Se desse para trabalhar sentada, legal, mas não dá.

Sobre o material reciclável, a gente tem muito rejeito. Eu falo que é rejeito o material que a gente não tem venda. É resto de comida, papel higiênico, tem muitos vidro, que nem de leite. Tem uns que não serve, não tem venda, é mandado para o rejeito. A gente tem que tirar o material que a gente vender tudinho para não deixar ele pro rejeito.

A prefeitura sempre cobrou pelo rejeito por tonelada, sempre cobrou da gente. Agora não cobra porque tá essa baderna, essa coisa que ninguém ajeita, ninguém faz nada. Aí tem caminhão que descarrega o lixo. Então aí tem que ficar de olho porque sempre tem que ficar descendo, entra um carro e aí as moças da prefeitura, da portaria lá de cima, elas manda eles descenderem para descarregar entulho, que agora é assim né? E aí, se não tem ninguém, se eu não tô lá, não olho, não desço, você tem que ter jogo de cintura, digo: “Não, não é aqui que você tem que jogar

esse entulho, aqui não pode, aqui é cooperativa, você tem que descer mais pra baixo, é lá em baixo que joga o rejeito. Entendeu?” Se não, vira bagunça.

E sobre rejeito, a gente tem bastante rejeito. Agora a prefeitura nem cobra, mas a prefeitura sempre cobrou esse rejeito da gente. Então tem: resto de comida, vem terra no meio do reciclado, vem resto de construção às vezes, dentro de um saco, madeira... Então, tudo isso, vai tudo pro rejeito. O rapaz vem e empurra o rejeito com a máquina para o lixão. O lixão está aqui encostadinho, da usina, aí o rapaz empurra para lá. E tem muito rejeito também que vem no meio do reciclável mesmo e aí a gente tem que separar.

As garrafas PET a gente usa todas elas, todos os tipos de garrafa PET: laranja, verde, branca, azul. Esses tipos de PET nós usa todas. Passando pela esteira tem que tirar as tampas porque as tampas são vendidas separadas. E vai jogando verde com verde, branca com branca, azul com azul. Tem uns três tipos de papel. Tem um misto que é caixinha de remédio, caixa de sabão em pó, papel de pacote de pão, e assim vai. Outro tipo tem as caixas, que eu falo que é o papelão. E aí é separado também, o papelão. É jogado no bag sozinho. E aí tem o papel de escritório, o pessoal fala que é papel de escritório, eu falo que é de arquivo, é só papel branco, e assim vai.

Que nem eu falo para as meninas, resto de comida é rejeito. Tem uns PS que a gente trabalha com ele, tem uns PS que a gente não trabalha. Tem uns acrílicos que a gente trabalha, tem uns acrílicos que a gente não trabalha com ele, porque a gente não tem comprador, e ele vai embora pro rejeito. Embalagem de salgadinho também vai embora para o rejeito. Além dela ser muito leve, ela suja muito o pátio. Quando tá vendendo, agora nosso rejeito tá a céu aberto, então venta, vai tudo pra grade, cola tudo na cerca, aí fica uma beleza.

Terra é rejeito também, meia e sapato, roupa é rejeito, bastante coisa. E não tem venda, né? Que nem sapato quando tá bom, sapato as meninas levam, ou eu levo. Eu levo sapato até para as minhas sobrinhas e pras minhas netas, quando serve. Às vezes você acha muitas coisas boas. É assim...

É difícil falar, é mais difícil. Não tenho muito o que falar, não. Só no cara a cara, a gente conversando, sei lá... Que eu gosto de ir conversando e explicando, o que é que eu faço, o que eu não faço, e vou mostrando pra

pessoa. Falando assim fica um pouco difícil, parece que você não explicou direito. Gosto de explicar e mostrar pra pessoa, entendeu?

Quando é dez pras 4h, todo mundo quer ir correndo embora, e eu tenho que ver se tá tudo fechado, tem que deixar tudo fechado, eu tenho que trancar tudo, e assim vai... E assim dia após dia eu vou fazendo esse mesmo ritmo.

Então, às vezes, eu tô começando a comer, comendo um arroz, chega alguém. Chega alguém que quer comprar alguma coisa picado, e assim vai...

## ***Peruca longa de cabelo humano***

ANDRÉIA FIRAGI

A muamba mais importante que achei me deixou muito feliz porque meu filho faz show de drag. Ele queria muito uma peruca longa de cabelo humano. Um dia, eu trabalhando na esteira de produção da minha cooperativa, achei uma sacolinha cheia de cabelo humano. Meu filho ficou tão feliz, aquele dia mesmo, à noite inteira, ele costurou todo o cabelo e fez a peruca. E ficou do jeito que ele queria.

Acordei no outro dia cedo pra ir trabalhar, vi a peruca pronta, pendurada. Eu fiquei muito feliz. Ele guarda a peruca até hoje.

# O valor do trabalho dos catadores

CLOTILDE DA SILVA

Nem nós catadores e nem a sociedade tem a dimensão real do valor do trabalho dos catadores. Quando a gente começou o nosso primeiro contrato era tão precário, que levava em consideração as toneladas existentes na nota fiscal de comercialização, como sendo a coleta realizada. Eles pagavam pela coleta realizada. Tinha mês que a gente em vinte cooperados recebia de contrato R\$ 4 mil. O que a gente fazia com esse valor se estávamos num galpão que era alugado, e tinha várias despesas, faltava para comer. E o dinheiro arrecadado com a venda do material não dava nem um salário mínimo. Esse contrato nós levamos por três a quatro anos, até conseguir outro, foi muita briga.

A gente foi na porta da prefeitura, ficava o dia inteiro sentado, batendo panela, e o prefeito dizendo que não ia atender. Nós falava: “Vamos buscar marmita e vamos ficar aqui.” Aí o prefeito pensou: “Esse povo não vai sair daí, vamos ter que atender.” E nos atendeu às 4h da tarde, para fazer um novo contrato um pouco melhor mas que desconta rejeito, que não paga o serviço que a gente faz como deveria, porque não tem uma lei municipal de coleta seletiva baseada na Política Nacional de Resíduos Sólidos.

Eu ainda tenho esperança que o ser humano tenha um pouco mais de amor para o próximo, e a gente consiga fortalecer a economia solidária. Onde não tenha nem exploradores e nem explorados. Sei que é muito difícil essa luta porque o capitalismo está tão enraizado na cabeça das pessoas, nas veias, que até dentro das cooperativas acontecem lutas internas com pessoas que estão ali meramente pela renda e não veste a camisa da economia solidária para todos crescermos juntos. Com isso a gente fica triste, e muitas vezes parece que a gente está lutando em vão.

As cooperativas e associações de catadores precisam ter uma união verdadeira, organizada. Os catadores se calaram, deixando um lugar vago. E infelizmente as grandes empresas estão aí e estão preenchendo esse lugar. Precisamos construir a central de redes de catadores do estado

de São Paulo. E depois construir uma plataforma da logística reversa nossa, para fazer a compensação ambiental das empresas. Quem tem a plataforma negocia o preço e nós recebemos o que eles querem pagar. Eles dominam a tecnologia da compensação ambiental da logística reversa, eles nos dominam. As cooperativas recebem pela logística reversa o preço que eles querem.

Imagine se os catadores do Brasil falar: “Vamos parar, ninguém vai entregar papelão não.” Nós já passamos fome, caramba, nós entope nossas bases, eu duvido que na hora que a indústria sentir o peso da nossa força não vai negociar com os catadores que nem gente grande. Nós não recebemos pelo valor do nosso trabalho. Nós gastamos energia elétrica, água, aluguel, combustível, caminhão, e a nossa mão de obra. Quanto que vale tudo isso? Não somos nós que dizemos quanto vale o nosso trabalho, são os outros que passa para a gente quanto eles querem pagar. Eles ganham nas nossas costas. E o duro é isso, é que os catadores não falam a mesma língua. E a gente não consegue alcançar os nossos objetivos.

Se a gente ver todo trabalho que o catador fez pelo país... A dívida histórica ambiental e a dívida social é muito grande da sociedade brasileira para com o catador. E o catador não reivindica esse direito. Essa dívida tinha que ser paga na logística reversa. Estamos recebendo pela logística reversa desde 2014, mas quanto tempo nós estamos fazendo a logística reversa e trabalhando de forma precária sem reconhecimento?

Eu acho que a Secretaria Estadual das Mulheres Catadoras de Materiais Recicláveis de São Paulo, a SEMUC, criada em 2014, tem que acender novamente. O objetivo da criação da SEMUC foi a gente ter representação feminina nas instâncias de decisão. Nós mulheres precisamos ter o nosso espaço de fala e nosso espaço de ação. Tem muitos assuntos que são da mulher, são assuntos muito sério que ao ser debatido por um homem não é verdadeiro. Os homens não vão falar por nós. Aqui mesmo em Maracá, as mulheres lutam por escola de tempo integral. A gente não tem creches, a gente não tem quem fala isso por nós, sem falar da violência doméstica, que ainda hoje é um tabu e tem crescido cada vez mais, e o feminicídio, então. A criação da SEMUC mexeu um pouco com o ego de catadores homens, eles ficaram bravos, na época falaram que nós estávamos rachando o movimento, criando outra bandeira, e não era nada disso. Só estamos lutando pelo nosso espaço da mesma forma que todos os catadores estão lutando contra as ameaças que tiram o nosso sono.

## ***Muita coisa boa depois que eu cheguei na cooperativa***

MARIA BENEDITA FARIA

Eu estava trabalhando na rua e encontrei uma colega, que disse: “Lá no posto onde trabalho vai um pessoal que dá curso para as pessoas trabalhar em cooperativas. Por que você não vai?” Fui, fiz o curso e gostei, estou lá até hoje. Cheguei dia 5 de outubro de 2012. O que mudou na minha vida? Muita coisa boa depois que eu cheguei na cooperativa. Não trabalho mais no sol, não passo da hora de comer. Uma vez tava subindo um morro cheia de sacola de reciclagem, tava um sol muito quente e eu passei mal, com fome. Achei umas torradas no lixo e comecei a comer pra não morrer de fome. Hoje nós trabalha juntos, antes trabalhava só eu. Levava um monte de coisa e recebia umas moedinhas na palma da mão, parecendo que eu estava pedindo esmola. Que triste que é uma pessoa guerreira sentir que está recebendo esmola.

No começo não foi fácil. Cheguei a ficar três mês sem receber R\$ 1, mas nunca abandonei a cooperativa, confiando que ia melhorar. Hoje, graças a Deus, está bem. Vale a pena confiar. Antigamente, quando nós tinha coordenadora, ela fazia e desfazia. Nós não podia falar nada, nós távamos com os pés amarrados, mão amarrada e vendas nos olhos. Nós ali dentro vivia ameaçado. A coordenadora sabia as coisas, e nós não sabia nada. Ela falava assim: “Ah, qualquer coisa eu pego aqui, saio, vou embora e deixo vocês na mão.” Aquilo foi criando um sentimento dentro da gente. A gente começou a pensar: “Poxa vida, nós tamo se sentindo inútil.” Nós ficava muito afligida. Ela não deixava nós respirar, não deixava a gente falar nada. Não tive oportunidade nenhuma de aprender alguma coisa.

Eu pensava comigo: “Como vai ser quando chegar uma pessoa nova? Porque nós estamos acostumados. Não que nós gosta, mas nós acostumou. E quando chegar pessoa nova? Que vai ver esse maltrato, ela tratar assim

a gente. Não vai dar certo, a pessoa não vai ficar, não vai querer trabalhar com nós. E o que vai acontecer? Nossa cooperativa vai pra baixo.” Eu comecei a pensar isso dentro de mim. “Não, eu vou tomar uma providência, porque não quero que nossa cooperativa vá pra baixo, de jeito nenhum.”

Quando ela entrou de férias, me chamou no escritório e disse: “Tô saindo de férias. Até eu voltar, você resolve isso aqui. Vou passar uns contatos pra você no seu celular.” Acho que ela pensou que eu ia falar: “Ah, não, eu não vou fazer isso não.” Porque sempre a gente falava. A gente tinha muito medo. A gente pensava assim: “Eu não vou conseguir, não vou aprender, não vou saber.” Ela me passou o contato da Coopcent e um monte de contato que pôs no meu celular. Ela foi colocando tudo e falou: “Agora você fica responsável aí.” Eu simplesmente falei: “Tudo bem, tá bom. Alguma coisa que eu não souber ligo para as meninas lá, pergunto e as meninas me ensinam. As meninas não ensinou pra você?”, e ela falou “é”. Aí juntou todo mundo, todos nós, e tomemos nossas atitudes. Daí em diante, nós estamos aprendendo um com o outro.

Hoje nós somos livre, viva a liberdade. Como é bom ser livre. Hoje nós canta, nós ri, nós brinca e ninguém nos proíbe. Não vou dizer que a gente não tem nenhum conflito. Às vezes, temos, mas nós senta e nós conversamos. Às vezes tem um ou dois que não é de acordo com a nossa conversa. A gente fala: “Pensa no que você quer, para tá com nós tem que pensar como nós, todos pensarmos positivo, para nós crescer.” Quando a gente vê que alguém não quer concordar de jeito nenhum, aí a gente fala: “Vamos resolver entre nós ou precisamos chamar a Viviane.” Porque todos falaram que não precisava de coordenador.

E foi através das oficinas da Flup que a gente foi conseguindo, porque a gente passemos a ter contato com a Coopcent ABC. Com a Patrícia, com a Viviane, com a Michele Gonçalves da Silva, a Maria Helena de Oliveira Ramos. Ninguém dava o contato delas pra nós. Então, a gente não sabia nada, e nem elas sabiam nada do que se passava lá. Quando Patrícia e Viviane foi lá, elas libertaram nós, eu tenho muito a agradecer elas duas porque elas fizeram um papel muito lindo. Elas souberam conversar com cada uma de nós, com quem tava certo, com quem tava errado, elas souberam conversar de uma maneira que não ofenderam ninguém. E a palavra que elas falaram, foi uma coisa que me libertou. Elas falaram que, às vezes, a gente pensa que alguém tá falando da gente, tá rindo da gente, eu tinha isso comigo, e consegui me libertar disso.

## ***Ninguém é melhor do que ninguém***

NAIR CAMILO FARIA

Eu sou a Nair Camilo, trabalho na reciclagem Nova Conquista. Ficava muito feliz quando amanhecia o dia e ia trabalhar. Eu ia muito rápido, “opa, não vejo a hora de chegar no meu serviço, fazer um cafezinho pra nós tomar e ir trabalhar”. Mas chegou um tempo que eu já não fiquei mais feliz, eu ficava triste, ia devagarzinho. Depois dessa coordenadora que ficou com nós, era tanta humilhação, ela gritava com nós na frente dos outros. Nós tava muito oprimida ali dentro. Nós não tinha o direito de brincar nem de rir, éramos considerados escravos onde tinha uma pessoa nos vigiando o tempo todo. Não conseguia trabalhar direito e a produção não rendia. Certo dia nós conversando, eu e minhas colegas do trabalho tomamos uma decisão e resolvemos dar um basta nessa situação e decidimos que nós não íamos mais querer ninguém mandando em nós. E agora somos livres, somos feliz, trabalhamos, cantamos, rimos, brincamos. Às vezes tem algum desentendimento, mas logo a gente conversa e tudo se resolve.

Nessa reunião com a Patrícia e a Viviane, elas conversou com nós de igual pra igual e mostrou que ninguém é melhor do que ninguém, mesmo sendo uma coordenadora, uma fiscal de mesa, uma presidente. Porque a Patrícia é presidente, mas a Patrícia nunca pisou em nós, nunca humilhou nós, sempre tratando a gente de igual pra igual. A Viviane, a mesma coisa. Eu penso assim: posso ser uma faxineira, uma limpadora, uma pessoa que trabalhe na mesa, ou que separa um papelão, ou que abasteça o homem da prensa, não sou melhor e nem pior do que ninguém.

Depois que a Patrícia e a Viviane foram lá conversar com nós, teve uma mudança tão grande. Muita coisa mudou na minha vida depois que eu fui pra cooperativa. Nós sendo uma catadora avulsa, nós vai catar aquele monte de material, e nós vai chegar no ferro-velho, simplesmente ele vai pôr umas moedinha na nossa mão. Nós vamos olhar e falar “poxa vida, eu juntei tanta reciclagem, latinha, tanta coisa e olha o dinheiro que peguei.

Acho que mal dá pra mim comprar um pacote de arroz, uma caixinha de leite pro meu filho”.

Agora, na cooperativa, nós sabe, nós tá trabalhando, mas cada um vai receber o seu dinheiro e no dia da retirada nós fica feliz porque não importa o quanto nós vamos pegar, se é R\$ 600, R\$ 500, R\$ 400. Nós fica feliz, nós nunca é de reclamar. Nós estamos ali para dar o nosso melhor, estamos trabalhando, fazendo a nossa parte. Chegou o dia de nós receber, se eu faltei, sei que vou pegar pouco porque tive que faltar, ou chegar atrasada. Não vou reclamar porque aquela pessoa pegou mais do que eu. Eu não tenho que reclamar desse emprego que eu tô. Agradeço, de novo, a Viviane, a Patrícia, a Mônica, o Adolfo, eles me deram a oportunidade.

## **É no trecho que a gente aprende**

PATRÍCIA FRAZÃO

Aquele pessoal da Nova Conquista, eles não têm noção do passo que eles deram, porque eles se libertaram de opressores que passaram na vida deles. De uma certa forma, não tinham boca pra abrir, pra falar, pra reclamar. A Benedita falou de uma forma muito espontânea. Não alterou a voz, desse jeitinho dela, ela e a irmã, Nair, falou à coordenadora: “Não, a gente não quer mais. Você fala isso de nós, você faz isso, isso e isso. A gente não precisa de ninguém aqui. A gente não quer coordenador. A gente não quer ninguém pra mandar na gente. Esses dias que você ficou fora, a gente se virou sozinha, a gente viu que a gente pode fazer.” É no trecho que a gente aprende, nas maiores dificuldades é onde nós aprendemos que sabemos e podemos sobreviver.

Elas já tinham isso dentro delas. A gente foi só pra incentivar, mas elas são mulheres guerreiras. Elas estão ali quietinhas, mas têm um valor muito grande, era só a questão das pessoas entender isso. Que todos nós somos importantes nesse ciclo, no nosso mundo. Todos somos importantes, quem tá na baía, quem tá na rua, todo mundo tem o mesmo valor. Essa força tava dentro delas, e elas conseguiram colocar isso pra fora. E não precisou de ninguém, elas só aprendeu a falar “eu não quero mais”, e isso é muito importante.

# Como eu voltei pro eixo

MARIA MÔNICA DA SILVA

Eu entrei num quadro de depressão e me isolei das pessoas, de todo mundo. Me desliguei da Cooperlimpa e da Coopcent ABC. Passei por algumas necessidades. Não tinha dinheiro pra pagar aluguel. A gente chegou a passar fome. Em alguns momentos, eu, o Sergio, meu marido, a Monique e a Jennifer, minhas filhas, a gente ficou sem ter nada pra comer em casa. A gente comia porque a igreja que a minha filha frequentava começou a doar cesta básica pra gente. Quando eu vi essa situação, as condições que a gente tava, pensei que tinha sair disso. “Tenho que acordar, que reagir a isso.” Fiquei mais ou menos um ano afastada.

Um dia, minha filha tava com muita fome e eu não tinha o que dar pra ela comer. Foi quando falei: “Não, para com isso. Você veio das ruas, você sobreviveu nas ruas, você é trabalhadeira, você não é uma pessoa preguiçosa. Você é uma das lideranças do Movimento Nacional dos Catadores, porque eu nunca me desliguei do Movimento. Volta pra base, reage!” Eu fui no velório da dona Celma, uma catadora do Movimento Nacional dos Catadores que fazia a diferença na nossa vida. Muito guerreira. Nisso, encontrei uma senhora que falou assim pra mim: “Mônica, como você some assim? Como você nos abandona? A gente se sentiu sem pai e sem mãe. Eu preciso de você, a minha cooperativa precisa de você, e outras companheiras. A gente acabou de perder a Celma. Você tem que voltar pra luta.”

Comecei a trabalhar com os catadores de rua num projeto da Casa da Economia Solidária, da prefeitura de Diadema. Pra trabalhar com os carrinhos dos catadores de rua. Eu ia ganhar R\$ 8 mil por três meses de trabalho. Sentei com o Roberto, que é liderança nacional do MNCR, contei pro Roberto da minha situação, que eu tinha arrumado alguma coisa pra fazer e que era nessa linha de fazer trabalho com os catadores. Embora eu ia tá prestando um serviço pra Casa da Economia Solidária, eu não estava entrando pro governo, não era nada disso. E eu tava feliz da vida porque ia poder colocar o que comer dentro de casa. Pra mim, tava óti-

mo. Porque eu tava desempregada, meu marido desempregado e uma filha menor dentro de casa.

Comecei esse trabalho em outubro de 2015. Em dezembro, o Roberto me convidou para participar de uma atividade pela Expocatador em São Paulo. Ia fazer um grande ato, uma mobilização, com três mil catadores. A gente ia fazer uma marcha de três mil catadores e o Roberto me convidou pra ajudar nisso, porque eu sempre fui boa pra juntar pessoas. Quando o Roberto me chamou no Movimento, ele me falou: “Companheira, algumas lideranças da Coopcent ABC fizeram uma articulação para que você não fizesse parte de nenhuma cooperativa. Eles vieram pedir para que a gente fizesse o seu desligamento do Movimento Nacional dos Catadores. E respondi o seguinte pra essas pessoas: uma liderança para se formar como Maria Mônica se formou, no trecho, leva muitos anos. É um investimento muito grande que o Movimento Nacional dos Catadores fez numa pessoa, numa liderança que é uma líder nata, que nasceu assim, a gente apenas lapidou. Não se desconstrói uma liderança assim. Vocês têm algum documento que prove que a Mônica roubou? Vocês têm algum documento que prove que a Mônica infringiu alguma das regras da Coopcent? Ou dos princípios do Movimento Nacional dos Catadores, ou da Economia Solidária, do cooperativismo? Vocês têm como provar o que estão me pedindo, excluir a Mônica do MNCR?” E eles não tinham. Eu era uma liderança que incomodei e incomodo algumas pessoas. O Roberto falou: “Então, não tem como tirar a Mônica do MNCR. A Mônica foi eleita em 2006 no Encontro Nacional dos Catadores. Lideranças do Brasil inteiro votaram na Mônica. Não tenho como tirar a pessoa desse jeito. Para nós, a Mônica ainda é a liderança que representa vocês, que representa a região de vocês.”

Naquele momento, foi muito difícil pra mim. Alguns meses antes eu tinha saído de um quadro de depressão e fiquei com um medo tão grande de ficar muito mal de novo. Fiquei triste com tudo aquilo, doeu demais, mas aquilo me deu força para que eu provasse pra essas pessoas que não é assim. Eles falavam que eu tinha traído a minha categoria, que eu tinha me vendido pro governo de Diadema, que eu agora falava em nome de governo. Continuei terminando o meu trabalho, na Casa de Economia Solidária, e comecei a negociar com o governo um espaço onde hoje é a Cooperfênix. Falei pra eles: “Eu faço esse trabalho, mas eu vou formar uma cooperativa.”

Depois de tudo isso, entendi que eu tinha que montar uma base. Uma base sem vícios, que trabalhe com transparência, uma base que trabalhe os princípios da economia solidária, do Movimento Nacional dos Catadores e do cooperativismo. Foi quando comecei a sonhar em criar a Cooperfênix. Falei pro governo que ia arrumar um espaço onde eu ia constituir uma cooperativa. Lembrei do espaço do Taboão, que foi construído com recurso federal.

Quando fui visitar o galpão, cinquenta usuários de droga. Os cara usando crack, muita gente, sujeira, um negócio deprimente, horrível. Mesmo assim eu tinha decidido ocupar o espaço. De vez em quando eu ia no espaço onde hoje é a Cooperfênix e comecei a conversar com essas pessoas, falando pra eles: “Eu sou catadora de material reciclável. Esse espaço foi construído para nós, catadores. Vou constituir uma cooperativa aqui. Se alguns de vocês quiser se agregar, a gente pode fazer um trabalho desde que vocês aceitem fazer um tratamento pra parar de usar droga.” Comecei, aos poucos, a tirar essas pessoas. Até que a gente conseguiu, na paz, desocupar o espaço. A gente fez uma mega limpeza, tinha muita pulga, sujeira, a gente conseguiu limpar tudo. Nisso, comecei a puxar alguns catadores que eu tinha feito o trabalho com os carrinhos, os catadores de rua.

Aí fiz uma articulação pra criar a Cooperfênix. Entrei no galpão dia 23 de fevereiro de 2016. Três pessoas, só, entrou comigo. Entramos com a cara e a coragem. Não tinha água, não tinha luz, não tinha nada. Só três. E o pessoal: “Como a gente vai fazer, Mônica?” “Vamos trabalhar!” Liguei pra um parceiro da Tetra Pak e chamei pra ele vir na Cooperfênix. Quando ele chegou: “Cadê o povo?” Eu falei: “Você vai fazer parte da nossa história. Você vai me ajudar, doando bag pra nós, pra gente poder buscar material na rua. O mais importante a gente já tem, que é a vontade de trabalhar, um espaço coberto, um carrinho que dá pra puxar material.” Como a gente se conhecia há muitos anos, ele me ajudou. Doou cem bags pra Cooperfênix e a gente começou a ir para as ruas.

Fui atrás do Reginaldo, da Viviane, da Lucia. Conversei com eles, falei que a gente tava criando uma cooperativa, se eles não tinha como me ajudar. O Reginaldo falou: “Aqui sobra material direto. Vou começar a mandar uns caminhões aí para vocês.” E assim começou a Cooperfênix.

O primeiro caminhão que chegou, seis toneladas de material. Jogamos no meio do quintal e abrimos o portão. “O material já tá aqui. É só nós abrir os portão. O povo vai passar, vão ver que a gente tá aqui tra-

balhando, vão entrar e pedir serviço.” Aí entrou uma pessoa: “Oi, aqui é o que mesmo?” “Aqui é uma cooperativa.” “E vocês tão pegando gente?” “Estamos, a gente tá precisando agregar pessoas aqui.” Veio um, e um foi falando pro outro, foi falando pro outro. Daqui a pouco, nós tava em 12 pessoas. A gente já chegou na Cooperfênix a ficar com 27 pessoas, dando conta de oitenta e poucas toneladas.

Foi assim que eu voltei pro eixo.

# Gênero

EDILAINE GONÇALVES (NANÁ)

Só se for na força bruta, ser escolhida como gênero e se colocar como a força, a força mais frágil. Onde mulher é frágil? Se é capaz de dirigir caminhão, puxar bags, conduzir prensa, empurrar rejeito, alimentar esteira. No meio de tudo isso, ainda é capaz de fazer café, lavar o banheiro, varrer o pátio, dar conselhos para saúde mental, ter paciência de ouvir o desabafo de diversos homens com problemas com suas companheiras ou por conta de suas fragilidades momentâneas.

Se isso é ser gênero, quero ter a força todos os dias pra suportar tudo isso e muito mais e amanhã poder levantar, passar batom, arrumar o cabelo, colocar as luvas que às vezes tira o esmalte porque ficou úmido do suor. Ser transformadora com suor na cara, com tuas linhas de expressões da marca da poeira escura que se formou ao longo do dia.

E quais são as diferenças na cooperativa?

Só consigo perceber quando o corpo feminino transborda a sensibilidade dos cinco dias de puro stress. No entanto, descontado em força-tarefa em exemplo de mulher. Gênero é força, respeito, trabalho!

# ***Disputas internas nas cooperativas***

LUCIANA MARIA FERREIRA

Pra mim foi muito difícil quando entrei na cooperativa e me deparei com essa questão de disputa interna, justamente em um lugar em que se falava muito em cooperativismo e inclusão social. Pois era liderada por homens extremamente machistas, inconsequentes e não se abriam para o diálogo, tinham suas próprias regras. Para minha surpresa eram poucos os cooperados negros, os demais, assim como o coordenador e a maioria da sua família, eram brancos, olhos verdes bem claros, mas o cabelo crespo, e não admitiam que tinham um pezinho na negritude. Infelizmente se comportavam como se fossem melhores que os outros. Senti na minha pele negra e cabelos enrolados o preconceito, o machismo e a desigualdade.

Chega a ser engraçado porque eu era a única que vivia tendo apelidos sempre pelas costas, às vezes baixinho, ou escancarados mesmo, tipo: “Oh, favelada!” “Alguém chama esse cabelo duro aí.” Se eu não ouvia me chamar, me atiravam objetos quando estava de costas trabalhando, muitas vezes até me machucavam. Pediam desculpas, mas sempre rindo, com tom de ironias, até que um dia fui empurrada do caminhão enquanto ajudava a descarregar os materiais. Só que esse “sem querer” e com uma chuva de risadas resultou o meu afastamento por 15 dias. Tenho sequelas até hoje.

Por várias vezes trabalhava triste, chateada, chorava escondido, mas sempre firme, não poderia desistir pois tinha meus filhos para sustentar. Comecei a fazer diferente, agir diferente. Quando me tratavam com essa crueldade eu encontrei na letra da música que fala “sará crioulo”, na voz da Sandra de Sá, a estratégia para mudar essa situação e dar um basta no preconceito, e nessa disputa desnecessária, preconceituosa. Afinal, “a verdade é que você” e todo brasileiro, têm: têm sangue crioulo.

# ***Administrar uma cooperativa não é fácil, mas eu faço isso***

PATRÍCIA RAMOS

Administrar uma cooperativa não é fácil, mas eu faço isso. Em 2014, logo quando abrimos, era eu sozinha. Não era bom, eu tinha que fazer tudo. Vender, pagar, resolver conflitos entre os cooperados, prestação de contas, mas eu conseguia. Hoje é mais fácil. Com a contratação da prefeitura a cooperativa teve que ter um corpo técnico, um auxiliar administrativo. Ficou mais leve o meu trabalho porque tudo referente a parte administrativa, papéis, documentos, é com ele. Pensei que não ia dar certo outra pessoa fazendo o meu trabalho, pois pensei que ia tirar o meu lugar. Mas foi o contrário, tudo ficou melhor.

As dificuldades da minha gestão é fazer os cooperados entender que a cooperativa é nossa, que temos que cuidar dela como se fosse nossa casa. Tem alguns que já pensam assim, e por mais transparência que você faça as coisas, ainda tem pessoas que dizem que você rouba dinheiro. Outra grande dificuldade é porque aqui é uma filial de outra cooperativa e a presidente não me deixa trabalhar em paz, não perde um dia da sua vida para me ajudar e só reclama e diz o que não deve. Peço a Deus todos os dias para isso mudar e nós de filial passe a ser uma cooperativa de verdade.

# **Problemas na cooperativa**

FRANCISCA MARIA LIMA ARAÚJO

Os maiores problemas, os maiores desafios que encontrei dentro da cooperativa, primeiro é lidar com as pessoas. Dentro da cooperativa tem vários pensamentos, um pensa de um jeito, o outro pensa de outro. Lidar com ser humano não é uma coisa fácil. A gente convive, mas é difícil. Dentro da cooperativa, eu vi muitas histórias bonitas. E é mais ou menos assim, um tem um pensamento, o outro tem outro pensamento, pra todo mundo chegar no mesmo objetivo as pessoas têm que querer, têm que querer e têm que entender. E muitos não questionam para que mude algumas coisas dentro das cooperativas.

Nessa caminhada, encontrei vários amigos e aprendi muito, principalmente com os companheiros que hoje são grandes exemplos, pessoas que me surpreenderam. Como fala a Maria Benedita, como fala a Nair, a gente não pode abaixar a cabeça, tem que se soltar e falar aquilo que pensa porque às vezes a gente não fala por medo. E essas pessoas que às vezes tava ali recuado, deixou de crescer antes porque tinha medo, e a partir do momento que perdeu aquele medo, a gente vê que as pessoas têm muito o que nos ensinar.

Uma coisa que eu senti, é que a gente às vezes pensa que sabe de tudo, e a gente não sabe de nada. Cada dia a gente tá aprendendo com a vida, com a realidade. Eu saí praticamente de dentro do lixão onde trabalhei seis anos, vim da indústria, não nasci no lixão como alguns catadores que começaram a catar de criança, mas a partir do momento que eu entrei na coleta seletiva, no lixão, posso falar que vesti a camisa de uma catadora de verdade. E não só dentro da cooperativa, porque não tem como a gente falar só dentro da cooperativa, mas na vida, no mundo mesmo, tiveram vários companheiros que nos ensinaram a realidade da vida como ela é. E o que mais segura a gente dentro das cooperativas e dentro dos movimentos, é a gente ver essa vontade das pessoas de lutar, essa garra que as pessoas têm, essa facilidade que as pessoas têm de fazer crescer.

Dentro da cooperativa, os maiores problemas foi lidar com o ser humano porque cada um tem um pensamento diferenciado e no início todos falavam a mesma língua. Mas os anos foram passando, entrou muita gente nova e não teve mais formação. No ano de 2011 foi a luta contra a incineração. Levei muita porrada, quase que entro em depressão, só chorava e colocava o joelho no chão. Mas a força política, a união das pessoas, foi muito importante. Veio gente de Brasília, as meninas de Ourinhos, Matilde, Claudinha. Teve uma articulação forte de fora. O Armando foi uma pessoa muito importante nesse processo, esteve comigo até a última hora. As grandes lições aprendi com vários amigos, que devemos lutar, mas precisamos se cuidar, pois vivia com a saúde abalada. Queria ver tudo certo e aprendi que a vida é um jogo. Podemos perder ou ganhar, mesmo estando com a razão. A minha melhor conquista foi barrar o incinerador de São Bernardo do Campo, e manter a Reluz e a Cooperluz é prioridade na minha vida.

## Meio ambiente

MARIA DA PENHA APARECIDA CUNHA GUIMARÃES

Já morando em Capuava, em Mauá, existia poluição das empresas e enchentes. Na catação se falava em meio ambiente, mas não se fazia nada. Busquei saber como eu poderia ajudar. Fui na Secretaria de Trabalho e Renda, tinha esse sonho, conversamos, me ajudou muito. Mas na Secretaria do Meio Ambiente me falavam: “Pode até rolar no chão pedindo, se eu disser não é não”, dando tapinhas nas minhas costas. Foi muitas tentativas pra ter uma reunião. Até cheguei a ficar um dia na prefeitura, esperando a secretária, que mandava me dizer que estava em reunião. Eu respondia: “Fala pra ela que até meia-noite era dia.”

Foi com muita luta e conseguimos mostrar que precisava de uma coleta seletiva. Em 2004, 4 de junho, foi constituída a Cooperma. Data importante, faz parte da semana que se comemora o meio ambiente. Ficava na Vila Carlina, no polo industrial do Sertãozinho, em Mauá. Depois, todos os anos era feito no Teatro Municipal eventos e sempre fui convidada para falar sobre a limpeza do rio Tamanduateí. Trazia palestrante de outros países mostrando as limpezas nos rios. Muito interessante, tinham muitos gastos nesses eventos, só que pra nossa categoria de catadores reclamavam que essa secretaria é a que menos vinha verba.

Fiz parte do conselho pra ter mais informações nas reuniões. Por exemplo, falavam dos solos, água, plantar árvore é fundamental à saúde do planeta e todos os seres vivos que moram nele. É lindo na teoria, na pratica é diferente. Veio a implantação do incinerador em São Bernardo do Campo. As catadoras Francisca e Mônica iniciaram o processo. Jutta, do projeto Brasil-Canadá, MNCR, catadora Maria da Penha, fomos à luta com catadores do Movimento Nacional de todos os estados. Fomos pra rua manifestar contra.

Não foi só uma passeata e informes. Conseguimos barrar o incinerador. Infelizmente, estamos num tempo onde o boi é considerado benéfico ao meio ambiente. Uma boiada descontrolada e apoiada pelo cuidador

da porteira, com suas conveniências. E termino assim: no Brasil todos foram comprados, as secretarias do Meio Ambiente e muitos ambientalistas e parceiros que dizem ajudar nossa categoria de catador. Como dizem, amigo do catador é rato.

## ***A Tiranossauro e a Dirty Mouth***

VIVIANE CONCEIÇÃO DE SOUZA

A minha primeira sensação quando visitei o aterro sanitário da empresa Estre em Paulínia, em 2018, e ouvi a apresentadora falando de duas máquinas, a Tiranossauro e a Dirty Mouth, que conseguiam triar automaticamente sem precisar de quase ninguém trabalhando, separando os materiais recicláveis por tipo, papelão, alumínio, plástico e vidro, a minha primeira sensação foi medo. Senti que o nosso trabalho poderia ser engolido por aquelas máquinas que fazia tudo automaticamente de forma rápida. Fiquei assustada.

A apresentadora comentou que a máquina Dirty Mouth processava seiscentas toneladas por dia de material coletado diretamente das residências dos moradores e separava automaticamente 240 toneladas de papelão, plástico, metais e vidro. A moça falou de forma muito tranquila que as máquinas iriam substituir o trabalho que nós fazemos há muitos anos. Isso foi muito verdadeiro. E era isso mesmo, as máquinas iam substituir o nosso trabalho, era só uma questão de tempo. E pouco tempo.

Falou também da outra máquina, a Tiranossauro, importada da Alemanha, com um investimento de R\$ 45 milhões. Por dia, ela processava mil toneladas de lixo vindo também diretamente das residências, sem precisar fazer a coleta seletiva. A cada mil toneladas colocada na máquina, quatrocentas toneladas será transformada em combustível derivado de resíduos (CDR), vinte toneladas de metais irá para a reciclagem e 580 toneladas de matéria orgânica será triturada e depositada no aterro.

Diante dessas novas tecnologias, os catadores têm que refletir e se organizar. Em primeiro lugar, temos que continuar fazendo o que sabemos fazer, sem desesperarmos. E depois temos que encontrar maneiras dessa tecnologia não ficar sob o controle de grandes empresas que dominam o mercado da limpeza urbana e que agora querem também dominar a coleta seletiva. Eles já são bilionários, trilionários, e querem mais. Essa tecnologia tem que ser nossa, dos trabalhadores catadores, para serem utilizadas com justiça social.

Esse pessoal compra essas máquinas com dinheiro do povo, do BNDES, e depois enriquecem explorando o povo. Apesar de todo medo que eu senti, o que tenho certo na minha mente é que essa tecnologia veio para ficar e nós temos que nos apropriarmos dela. Porque os catadores vêm sobrevivendo há muitos anos com essa atividade, fazendo trabalho ambiental, e agora tem que ser reconhecido pelo seu trabalho e não ser colocado de lado. E o capital tem gritado na nossa área. Por conta do capital, por conta do dinheiro, estão querendo engolir todos nós com essas máquinas.

Estive na feira internacional do plástico em 2019, na cidade de São Paulo, e vi imagens de máquinas com uma tecnologia muito moderna, que separava tudo sozinho. Eu vi uma máquina que tinha 16 braços que faz separação dos materiais recicláveis por leitor ótico, por sopradores, por ímãs, e cada tipo de material vai para o seu lugar. Fiquei vendo aqueles resíduos correndo pela esteira, e quando chega no fim de cada um dos braços já sai o fardo prensado, finalizado. Percebi que a máquina separa, mas não tão bem como nós, catadores, separamos. Para termos resíduos bem separado, precisamos da mão humana. Essas máquinas podem agilizar o nosso trabalho, mas têm que ser usadas para beneficiar o ser humano. Quando saí de lá, fiquei pensando que temos que ter esses maquinários para ajudar em nosso trabalho. Eu vi uma oportunidade sem tamanho, que não podemos deixar se transformar em risco.

## ***E aí eles viram que a coisa era séria***

ANA MARIA DA SILVA DE OLIVEIRA

Em relação à contratação da cooperativa pela prefeitura, foi muito difícil e demorado, foi muita luta. Em 2012, o prefeito recém-eleito de Mauá foi na cooperativa e assinou um contrato, mas não foi pra valer. A pessoa da prefeitura que tratava essa questão da contratação não acreditava na cooperativa e nem nos catadores e ficou enrolando a gente. Depois de quatro anos, quando ia sair, depois que perderam a eleição, um dia ele foi na cooperativa e pediu desculpa. Mas achei que era uma coisa muito injusta porque ele sabia que nós estava trabalhando e precisava desse apoio da prefeitura e ele nunca acreditou em nós. Se tivesse acreditado, tinha contratado. Achei muito errado da parte dele.

Quando entrou o outro prefeito, também demorou um bocado de tempo para contratar. Quando ele foi eleito nós catadores fomos lá falar com ele na prefeitura e ele disse que ia contratar, que ia passar para os secretários pra contratar, mas passou três anos de muita luta, e só aí que contratou. O contrato foi assinado no dia 27 de dezembro de 2019. Demorou muito, e era uma coisa que era preciso. E ele só contratou por causa da procuradora, a dra. Sofia Vilela. Se não fosse a procuradora do Trabalho, não tinha contratado não.

Naquela época a contratação estava sendo tocada pela Secretaria de Serviços Urbanos e tava tudo enrolado. A procuradora chamou a prefeitura toda para fazer reunião com nós catadores da Coopercata e da Coopcent ABC, que é a nossa cooperativa central, lá na Procuradoria. Foi o secretário e os assessores, gente da Secretaria de Trabalho e Renda, do Meio Ambiente, o procurador da prefeitura, todo mundo. E aí eles viram que a coisa era séria, que precisava contratar nós. Com a procuradora é que eles entenderam que precisavam assinar logo. Porque se não assina, a coisa ia ficar ruim pra eles. Mas graças a Deus que através da procuradora a prefeitura resolveu assinar.

E antes de assinar, a Secretaria do Meio Ambiente começou a negociar com os catadores. Ajudou muito. Eles fizeram o que era certo. Também o mais importante foi a Coopcent ABC, que ajuda todas as outras cooperativas. Foi ela que fez toda a papelada para o contrato e junto com nós da cooperativa conversava com a prefeitura e com a Procuradoria. Se não fosse a Coopcent ABC, a procuradora e o Clei, não teria saído o contrato não.

Antes do contrato com a prefeitura cada catador ganhava mais ou menos R\$ 200 por mês. Era muito difícil. Trabalhar o mês todo pra chegar no fim e ganhar apenas R\$ 200. Tinha conta para pagar e não podia pagar porque o dinheiro não dava. Era difícil. Eu tinha a esperança que ia dar certo, que ia ser contratado. O pessoal reclamava porque ganhava pouco, mas não saía porque não tinha onde trabalhar. Vai ficando, reclamando e ficando, que foi o nosso caso. Tinha gente que ficava e falava pra gente: “Vou aceitar trabalhar na cooperativa porque estou passando fome.” Nesse caso, é uma coisa muito triste. Por outro lado, tinha gente que achava que o contrato ia sair e ficava. Eu fiquei, mas não vivia só do que ganhava na cooperativa, tinha meu marido. Fiquei também porque ajudava os outros e porque tinha esperança que ia dar certo.

## ***A gente não pode mais ser humilhado por este tipo de pessoas***

PATRÍCIA FRAZÃO

A primeira experiência em contratação de cooperativa de catadores por parte de prefeitura no Brasil foi no Projeto Vida Limpa, criado em 2002 pela prefeitura de Diadema. O Projeto Vida Limpa dizia que os catadores tinham que ser remunerados porque prestava serviço de coleta seletiva ao município. O pagamento da prefeitura para os catadores era só o que ela economizava evitando colocar esse material no aterro. Eles não pagavam pelo serviço prestado, pela coleta ou pela triagem. Era pouco, acho que na época era R\$ 62 por tonelada, mas foi um começo e ajudava muito.

Um dos maiores problemas para as cooperativas de catadores no Brasil são os gestores públicos responsáveis nas prefeituras pela coleta seletiva, que na maioria das vezes são pessoas desinformadas, incompetentes ou que agem de má-fé e não faz o que manda a lei. A Política Nacional de Resíduos Sólidos aprovada em 2010 fala que prioritariamente a prefeitura tem que contratar a cooperativa de catadores para realizar a coleta seletiva na cidade. E a prefeitura tem que remunerar a cooperativa.

Em 2016, fomos conversar com o responsável pela Secretaria de Obras de Diadema e a gente saiu de lá indignado porque falamos da Política Nacional de Resíduos Sólidos, falamos dos direitos que os catadores tinham e as obrigações que a prefeitura tinha com as cooperativas e ele falou que aquilo era só lei e que no Brasil a lei não precisava ser cumprida. A gente saiu de lá muito chateado e desmotivado. Mas a gente não desistiu. A gente montou uma grande estratégia para chegar no prefeito.

Na igreja que eu participo tinha um pastor que trabalhava para o governo municipal. Eu liguei para ele e falei sobre o nosso objetivo de falar com o prefeito e ele disse que ia colocar a gente em contato com o Secretário de Assuntos Jurídicos da prefeitura, e lá disseram que isso tinha

que ser resolvido com a Secretaria de Obras. Mas nós resolvemos falar com o presidente da Câmara Municipal, que também chamou o líder do governo na Câmara para conversar. Os dois disseram que participariam de uma reunião com o prefeito junto com nós. Nessa reunião estava o prefeito, o presidente da Câmara, o líder do governo na Câmara, o secretário de Assuntos Jurídicos, o secretário de Obras, o assessor especial do prefeito, nós da Cooperlimpa e o assessor da Coopcent ABC, Adolfo.

Nós explicamos na reunião o que era a Política Nacional de Resíduos Sólidos e que ela dizia que as prefeituras tinham que contratar as cooperativas para fazer a coleta seletiva do município. Levamos até um plano emergencial para que a contratação fosse realizada de imediato. Depois de tudo que nós falamos parecia que o prefeito ia contratar. Mas aí o secretário de Obras começou a dizer que a Cooperlimpa não era uma cooperativa de verdade, que era formada por um grupo fechado de pessoas, que outras pessoas não podiam entrar, e eu olhei pra ele, estava vermelho e estranho. O prefeito começou a falar que o contrato era paternalismo e que naquele momento não iria contratar. Nós fomos hostilizados por eles. Além deles não entenderem o que era uma cooperativa, falava que éramos um grupo fechado e que ficávamos com o dinheiro do material que nós vendemos, como se fosse suficiente. E eu falei: “É lógico, além de não fazer o que a lei determina, vocês querem que nós trabalhamos e entregamos o dinheiro para vocês, para a prefeitura.”

Nós saímos de lá muito chateados e lá fora eu estava muito revoltada. Naquele dia eu falei pro Adolfo: “A gente não pode mais ser humilhado por este tipo de pessoas. Eles são servidores públicos, estão para servir as pessoas, não estão aqui para mandar e a gente não tem que ter medo deles. Nós vamos direto para o Ministério Público, que é quem tem o dever de fazer cumprir a lei.” E aí decidimos ir para o Ministério Público. Todas as cooperativas de catadores da região do ABC estavam sofrendo muito porque os governos, as prefeituras, não entendiam a Lei de Resíduos Sólidos.

Conseguimos marcar uma audiência na Procuradoria do Trabalho e quem nos atendeu foi a procuradora, dra. Sofia. Nós entregamos para ela um documento que a Coopcent ABC preparou sobre as cooperativas do ABC que são filiadas na cooperativa de segundo grau. Conversamos a respeito da contratação e do que as cooperativas do ABC estão passando.

Nós tínhamos a Coopercata, de Mauá, que estava passando uma situação difícil porque os catadores estavam recebendo de R\$ 150 a R\$ 200 por

mês, porque também não tinham contrato com a prefeitura. Nós tínhamos a Cooperpires, em Ribeirão Pires, que, apesar de ter um contrato para prestação de serviços com a prefeitura, tinha que arcar com todos os custos, inclusive água e luz, o que impactava na renda deles, fazendo com que não fossem remunerados adequadamente. Em São Bernardo do Campo as duas cooperativas também tinham problemas.

A dra. Sofia falou que antes de vir para São Bernardo ela era procuradora do Trabalho na cidade de Pato Branco, no Paraná, e lá já tinha trabalhado com questões relacionadas a cooperativas de catadoras e estava familiarizada com esse tema da contratação. Foi quando a gente conseguiu respirar. Falamos: “Finalmente alguém que entende a nossa língua, sabe do que a gente está falando.” E poucos dias depois ela chamou para a audiência na Procuradoria os secretários das prefeituras dos quatro municípios onde a Coopcent ABC tem cooperativas, para falar a respeito das contratações. E eles todos compareceram e também os representantes das cooperativas de cada município e da Coopcent ABC.

Na audiência, o Ministério Público do Trabalho determinou que as prefeituras teriam um prazo para encaminhar as questões relacionadas à contratação. No município de Mauá foi feito o contrato de prestação de serviços entre a Coopercata e a prefeitura. Em Diadema, a prefeitura pediu um prazo maior porque tinha uma lei municipal que dificultava a contratação, e nesse sentido foi alterada a Política Municipal de Resíduos Sólidos e incluída a possibilidade da contratação das cooperativas de catadores pelo município. A Coopcent ABC participou das negociações para elaboração dessa nova política. A contratação em Diadema ainda não ocorreu, mas vamos voltar a discutir com a nova administração que assumiu. Em Ribeirão Pires a prefeitura promoveu pequenas melhorias.

Depois que as prefeituras foram conversar com as cooperativas de catadores nas audiências do Ministério Público do Trabalho, os gestores públicos passaram a respeitar mais os catadores, passaram a receber as cooperativas nas prefeituras, porque antes era difícil até para marcar uma reunião. O Ministério Público abriu as portas. Os gestores públicos sabem que se eles não nos atenderem, nós vamos acionar o Ministério Público.

## ***Olha o meu futuro aí!***

MARIA IZABEL DA CRUZ OLIVEIRA

O que eu espero do futuro! Espero viver muitos anos, ver minhas filhas realizadas, e minhas netas também. E falar para você que eu vou esperar ter dinheiro... essas coisas, não. Que melhor não vai ficar, né. Melhor não vai ficar! Mas eu espero que meus filhos realizem os sonhos deles. Eles realizando, para mim já tá bom. O que eu quero é sossego, sabe. Assim, paz no coração. Paz. Porque às vezes você leva a vida e não tem paz. E, dinheiro, a gente tendo saúde, a gente vai e conquista. Não tá fácil, não é fácil, é difícil. Ainda mais a gente que é de classe baixa, bem baixa mesmo. A gente luta todo dia. Hoje mesmo, eu não tenho dez centavos no bolso. Mas não tem importância. Eu acho assim: tenho saúde, peço pra Deus todo dia pra me dar saúde. Saúde, coragem e que eu sempre seja do jeito que eu sou. Não tenho preguiça de levantar, não tenho preguiça de encarar a vida, de trabalhar, de fazer o que eu preciso fazer.

Sonho de casa. Casa é uma coisa que a gente conquista. O meu cantinho, não é lá muita coisa, mas tá bom e de pouquinho a gente tá dando um jeitinho aqui, um jeitinho ali. Tenho o sonho de ter umas coisas, mas isso não vai vir assim, nós temos que trabalhar e batalhar muito. Levei oito anos pra fazer um quarto e uma cozinha. Agora, graças a Deus, de pouquinho a gente vai fazer os quartos e até o ano que vem, nós termina. Eu vou ter um quarto para mim, Amanda vai ter um quarto para ela, a Marcela vai ter um quarto para ela, Ozeias vai ter um quartinho para ele também. E as minhas netas, já falou também: “Vozinha, deixa um quarto para nós, faz um quarto para nós.” Acho que vão vir tudo morar comigo. Olha o meu futuro aí! As quatro dizem que querem vir para cá, morar comigo: Alice, Brenda e Júlia, e a Giovana, que já fez quatro meses e daqui a pouco vai falar, vai tá querendo vir morar comigo também. Por enquanto, sou eu, Amanda e Ozeias. A Marcela mora, mas ela dorme no serviço. Ela é babá em Alphaville, daí ela vem aqui de 15 em 15 dias, por causa da pandemia. Por enquanto, só tá eu, o Ozeias e a Amanda.

Se você não tem um conforto, um lugarzinho pra você encostar a cabeça, você não tem nada. Eu não gosto de muita coisa. Sabe, casa cheia de coisa? No meu quarto tendo uma cama, um guarda-roupa, tá de bom tamanho. Uma televisão, eu gosto de televisão. Na sala, já falei com as meninas, vai ter um sofá pras visitas, e só. Na cozinha eu quero fazer embaixo da escada, ainda nem fiz a escada, fazer a escada, fazer uma despensa embaixo da escada pra casa não ficar cheia de armário. Do lado da pia, uma bancada, uma mesa de canto, geladeira e o fogão. Tá de bom tamanho. E quero fazer uma cozinha com fogão a lenha. É, quero. A minha irmã, a que faleceu, a Landa, fez um puxadinho e fez um fogão a lenha, ela mesmo. Onde ela morava tinha uma olaria, ela ia lá, pegava aqueles barros, que faz tijolo, e fez um fogão.

Depois que ela faleceu, acho que só fui duas vezes onde ela morava. Hoje mesmo eu tava lembrando. Eu falei assim: “Às vezes a gente fica lembrando, a gente fica sozinha lembrando, e eu sinto muita saudade.” Sabe do quê? Sabe quando a madeira tá queimando? Eu sinto o cheiro daquela madeira. Eu adorava ir na casa dela e sentir aquele cheiro de madeira. Do fogão a lenha. Eu adorava chegar lá. Aquele cheiro de fumaça. Era muito bom, eu sinto saudade desse tempo.

Eu também adorava dormir na cama dela. Mas agora, os filhos dela mudou tudo de lá, os meninos dela que ficou na casa, só ficou o Wellington e o Wesley. O Wellington ia casar, depois que a mãe faleceu ele esperou mais um pouco e casou. Só no civil, não fez festa, não fez nada.

Eu falo até pra minha menina: “Marcela, a gente vai fazer um fogão a lenha!” Ela falou: “Pode deixar, mãe, a gente vai fazer um fogão a lenha pra senhora.” Uma comidinha feita no fogão a lenha não tem comparação. Minha mãe tinha umas panela de ferro, uns caldeirão de ferro. Não era panela de pressão, ela cozinhava feijão naquele caldeirão de ferro, no fogão a lenha. Nossa, fica muito bom. A lembrança nem some da minha cabeça.

A gente quer bastante coisa pros filhos. A Marcela quer ter a casa dela, a Amanda também, o Ozeias, eu não sei. Todo mundo tem o sonho de ter uma casa. A Amanda quer ser comissária. Ela sempre tá falando, então, vamos batalhar pra isso. Ela começou a trabalhar num servicinho, já deu entrada na carta, vai tirar carta de motorista. Tudo é difícil, mas, se é um sonho, a gente tem que batalhar por ele. Tô feliz de saber que tá todo mundo andando e batalhando pelo sonho. É que nem eu falo pra Marcela: “Quando a gente terminar aqui em casa, a gente pode comprar no sítio

Joaninha, lá onde minha irmã morava. A gente compra um terreninho e constrói. A gente vai devagarzinho e chega lá. Com certeza!” Sonha, mas não pode parar.

Meu sonho não é grande não! Eu já fico satisfeita de Deus me abençoar, de eu ter saúde e trabalhar. Às vezes você vê cada coisa por aí que é triste mesmo. O sítio Joaninha é uma vilinha bem do lado onde era o antigo lixão do Alvarenga. Muita gente que morava lá já faleceu. Conhecia pessoas do tempo da minha mãe que já faleceram, mas ficaram os filhos. Naquele tempo, eles ganharam um pedacinho de terra e cada um construiu um barraquinho. Agora quase todo mundo tem uma casinha. E tá melhorando, tá ficando bonito. Tudininho novo. Lá onde minha mãe morava. Eu gosto de lá.

A casinha da minha irmã, moram meus dois sobrinhos. Pensa onde só tem moleque! Aqueles moleque corre aquele mato todinho, às vezes até descalços eles correm aquele mato, nossa! No começo de 2020, depois que minha irmã faleceu, a gente perdeu a filha mais velha dela também, uma morte muito estúpida. Os dois filhos dela caçulas, Wellington e Wesley, moram lá. Eles estão arrumando, tão construindo mais, fechando o terreno. Esse final de semana que passou, me ligou no domingo, eram umas 6, 7h da noite, falou: “Ô, tia, faz um bolo de fubá que eu tô indo aí tomar um chá e o bolo de fubá.” Eu disse: “Então vem, vem que quando chegar o bolo tá pronto.” Fiz dois bolos, eles comeu quente mesmo. Ficaram um tempão aqui, batendo papo. Ele falou: “Tia, a senhora precisa ir lá. Tô arrumando, tá ficando bem bom, tá ficando diferente.”

## ***O futuro do catador***

CLOTILDE DA SILVA

Primeiro, para que o catador possa ter um futuro bom, governos opressores e autoritários precisam cair. Segundo, os catadores precisam se profissionalizar e conquistar a importância do seu trabalho. Largar mão de ser a parte da cadeia da reciclagem que só trabalha para os outros ganharem. Porque hoje as coisas são inversas, quem não trabalha usufrui do trabalho do catador, e ele fica com a menor fatia e, ainda, não é reconhecido. Se nós não formos valorizados na cadeia da reciclagem, estamos fadados a terminar com a nossa categoria. Igual os cortadores de cana, que foram substituídos pelas máquinas. Se não nos unirmos e nos organizarmos, a nossa categoria vai acabar ganhando patrão. Porque tem empresas que de todas as formas querem tirar o nosso trabalho, com tecnologia. Cada vez mais estão inventando coisas para tentar mostrar a ineficiência do catador. Tem a incineração, que vai e volta ela bate na nossa porta. Mas não podemos deixar ela entrar.

# ***A gente tem que levantar os pequenos***

CLAUDIA DA SILVA

O Cataforte III foi interrompido no meio do processo, mas existiam alguns problemas de concepção na origem do projeto. Porque é complicado um projeto em rede, com regiões bem diferentes uma das outras, e desenvolver as mesmas atividades. Em alguns lugares os grupos estão iniciando e em outros estão mais avançados. Por exemplo, em Minas Gerais os grupos de catadores já têm experiência em rede, pois trabalham assim há muitos anos. E sentar junto com quem faz a coleta de barco, e pensar em solução únicas, é complicado. Para potencializar esses projetos deveria ter uma proposta que levasse em consideração essas diferenças. Vale a pena, se tiver um Cataforte IV, potencializar as redes não só na parte de planos e equipamentos, e sim na parte das relações humanas, das pessoas.

E também integrar as redes para a comercialização. Juntar uma rede de Minas Gerais com São Paulo, onde o preço é maior, trabalhando questões de mercado. E o que aconteceu é que cada rede fez seu plano de negócio sem pensar nessa parceria entre as redes. Se, em São Paulo, eu tenho um moinho de plástico, e outras três redes também têm, qual o sentido de fazer uma quarta rede na mesma região com moinho de plástico? Não se pensou nesse tipo de estratégia de negócio. Mas, valeu a pena. Foi um projeto que ajudou a fortalecer as redes, atingindo seu objetivo. Eu senti força entre essas redes que estavam participando. A maior parte, mulheres. Só falta oportunidade. Você via esperança, vontade.

Falta planejamento a nível nacional. A gente tem que levantar os pequenos. Aqui na região Oeste paulista a gente tem um lema: “Cada vez que eu levanto quem está caído, é um passo que a gente anda para a frente.” Depois levantamos outro, e outro, e outro e assim sucessivamente. E vai ficando cada vez mais forte, mais próximo. Se a gente planejar melhor e ousar um pouquinho mais, eu acho que ninguém segura. É muita gente.

As cooperativas de catadores têm conhecimentos para realizar os planos de negócios e os demais planos, e estão fazendo, de uma forma ou de outra. Acontece que os planos por si só não mudam as coisas. É necessário que as prefeituras, o Estado e a União, façam as suas partes. O poder público tem obrigações e, se não cumprir, fica difícil.

## ***A universidade tem que sair da redoma***

PATRÍCIA FRAZÃO

Muitos estudantes universitários foram nas cooperativas estudar os catadores e o seu mundo. Só que, quando eles se formavam, faziam o trabalho de conclusão de curso e esqueciam que as cooperativas existiam. Parecia que nós éramos cobaias, essa é a palavra correta, das universidades. As pessoas vinham estudar as nossas rotinas, depois sumiam. Quando fomos conversar sobre a parceria da Universidade Federal do ABC – UFABC com a Coopcent, uma fala minha foi que não queríamos que estudantes e professores fossem nas cooperativas para estudar a gente, como se fôssemos cobaias. A gente queria que a universidade saísse daquela redoma, daquele círculo fechado, e viesse para as cooperativas e para as comunidades para procurar soluções em conjunto para nossas necessidades e nossos problemas. A universidade não pode continuar formando as pessoas para mudar o mundo amanhã. Se o aluno não aprende a mudar de verdade, no hoje, fazendo a mudança, no amanhã é que ele não vai fazer. As coisas não podem continuar a ser faz de conta.

Hoje nós conseguimos uma parceria saudável com a UFABC, em que o professor Adalberto Mantovani Martiniano de Azevedo e alunos bolsistas assumem um compromisso com os catadores de participar buscando soluções concretas para os nossos problemas. Participam das nossas reuniões mensais, pensam e fazem junto conosco. A universidade para nós é importante e estratégica. Em uma das reuniões, pedimos para a UFABC estudar os nossos materiais para ver de que forma podemos transformar esses materiais recicláveis em produtos finais. Precisamos ter novas tecnologias dentro das cooperativas. Precisamos avançar. Tem várias coisas que a universidade pode desenvolver para melhorar o nosso mundo.

Uma ação estratégica importante que a UFABC nos ajudou foi no debate sobre a Política Nacional de Resíduos Sólidos e a obrigatoriedade de

contratação das cooperativas de catadores pelas prefeituras. Nós chamamos para participar desse debate, que foi no auditório da UFABC, o Ministério Público do Trabalho, veio a dra. Margarete e o dr. Sinclair, a Defensoria Pública, a professora Jutta, da Universidade do Canadá, o Francisco do Nascimento, do Comitê Interministerial para a Inclusão Social e Econômica de Catadores de Materiais Recicláveis e Reutilizáveis – CIISC, os gestores públicos dos municípios da região responsáveis pela coleta seletiva e catadores do estado de São Paulo. O evento foi transmitido pela internet e teve muita gente assistindo. No telão da universidade estavam quatro telas com catadores de Campinas, São Paulo, Fortaleza e Rio Grande do Sul.

Se nós tivéssemos convidado os gestores públicos para participar de um debate nas cooperativas, ou feito por catadores, eles não iam vir. Só participaram porque foi a UFABC e o Consórcio Intermunicipal quem convidou. A cooperativa de catadores de São Caetano foi contratada pela prefeitura pouco tempo depois e o gestor público daquele município falou no debate que eles iriam contratar. O município de Ribeirão Pires também. Nessa parceria entre universidade e cooperativa de catadores todos ganham. É um processo de construção coletiva de um mundo melhor. Os catadores ganham porque melhora suas condições de trabalho e de vida, e os alunos e professores ganham porque aprendem na prática a transformar a sociedade para melhor, atuando de verdade como cidadãos.

## **Lideranças conscientes da economia solidária**

VIVIANE CONCEIÇÃO DE SOUZA

Um dos problemas que prejudica as cooperativas de avançar e se desenvolver é a existência de pessoas que estão à frente do processo como lideranças, mas que ainda não entenderam o seu papel, os ideais do cooperativismo, da economia solidária, e pensam nos seus interesses individuais em primeiro lugar. São oportunistas que entram nas cooperativas com uma visão individualista e isso atrapalha nosso desenvolvimento. Tem cooperativas “cooperगतos” que os associados não sabem que são “cooperगतos”, e precisam saber. Se eu pudesse falar para todos os catadores do Brasil, diria que nós temos condições de nos organizarmos, de enfrentar os grandes empresários que tudo fazem em nome do dinheiro, de melhorar a sociedade, melhorar o nosso planeta. Nós contribuimos para transformar o lixo em um novo produto. Transformando o lixo, construímos uma nova sociedade.

# ***A economia solidária como solução***

IVANILDA DA CONCEIÇÃO GOMES

As cooperativas autênticas de catadores têm gestão democrática, são transparentes, e são da economia solidária. A economia solidária é uma alternativa de desenvolvimento ao capitalismo. Se estou sozinha, hoje o capitalismo me derruba. Se sou uma catadora individual, sou invisível e quem tem mais recursos passa por cima de mim. Mas se me junto com um grupo, uma cooperativa ou uma associação, começo a quebrar o tabu da invisibilidade.

A economia solidária veio justamente para isso, para quebrar a exploração do homem pelo homem e promover uma melhor divisão da riqueza. Nós, pobres, somos quem produzimos as riquezas do Brasil, mas, infelizmente, não somos nós que usufruímos. O capitalismo define como as riquezas devem ser divididas e concentra em alguns, que são os privilegiados. A economia solidária é a valorização de pessoas. Ela sempre existiu. Na agricultura familiar, por exemplo, as pessoas trabalhando juntas, de forma democrática. A economia solidária valoriza o humano e o produto, cobrando o preço justo, sem exploração e dominação entre quem produz e quem consome. Valoriza também o cuidado com o outro.

Tem muitos que pensam que os catadores são coitadinhos, que não sabem produzir, não sabem falar, só que a gente já cresceu e se fortaleceu, temos muito que crescer ainda, e sem a economia solidária a gente não tinha conseguido chegar onde está hoje. Se não fosse a organização da categoria e também o movimento de economia solidária, a gente não tinha avançado o que avançamos.

Há vinte anos nós estávamos brigando por reconhecimento, para que a nossa profissão fosse legalizada para sermos vistos pela sociedade. Com a organização da categoria junto com o movimento de economia solidária, a gente mudou essa visão. A sociedade hoje nos vê, conquistamos direitos. Tem muitos companheiros invisíveis, sim, porque pensam individual. A primeira coisa que você tem que fazer ao entrar na economia

solidária é parar de pensar só em você. Se você pensa individual, não faz parte do empreendimento econômico solidário. Eu, sozinha, pensando só em mim, não vou vencer o capitalismo. Pra mim, a economia solidária é a revolução para construir uma sociedade melhor, justa, solidária, mas pra isso o povo precisa acordar, se unir e se organizar.

Se a gente não conseguir derrubar o capitalismo, sempre existirão pessoas excluídas e exploradas. Hoje são catadores, amanhã serão outros. Infelizmente, nós vivemos num mundo totalmente desigual, porque quem tem poder é quem tem dinheiro, quem nasce em berço. Pra gente ter um país igualitário, precisa de fato acabar com o capitalismo e fortalecer a economia solidária, porque assim vamos diminuir a exploração e dominação do homem pelo homem e construir novas relações sociais. A economia solidária não vem para mudar a vida só do catador, mas de todos os segmentos da sociedade. Temos possibilidade de criar empreendimentos econômicos solidários de enfermeiros, professores, agricultores, enfim, de todas as profissões. E assim vamos nos unindo e organizando, toda a sociedade, para acabar com o capitalismo.

## ***De muito coração, eu mando meu axé***

MARIA DA PENHA APARECIDA CUNHA GUIMARÃES

A primeira palavra que eu tenho que dizer é “gratidão”, porque este é o histórico de todas nós, catadoras. Foi um sonho realizado, com muito amor, por meio deste projeto maravilhoso. Armando, meu amigo catador, sempre falava que nosso sonho era fazer um livro. Mostrar o nosso trabalho, a luta da nossa categoria. Eu me orgulho muito de ser catadora.

Queria agradecer a Carolina Maria de Jesus, que trouxe a oportunidade de falarmos sobre nossas histórias, muitas tristes, mas de alegria também. Queria agradecer a todos, e mostrar que fazemos a educação ambiental, há muitos anos, em cada município, nos estados, e o poder público nunca valorizou. Dar educação ambiental para a população, empresas, escolas. Queria agradecer muito ao Movimento Nacional dos Catadores, que representa nossa categoria.

Tenho 62 anos, mas continuo na luta. Este livro é ainda um pedido de socorro ao poder público. Quero ver nossa categoria lá na frente, sendo reconhecida.

Para nós, a pandemia trouxe a oportunidade de refletir que a natureza tanto dá, quanto toma. A pandemia mostrou muita solidariedade pras pessoas, no mundo todo. Ser solidário e ter amor, porque você pode ajudar o próximo. Não é só com dinheiro, com mantimento, mas com uma palavra que a pessoa está precisando naquela hora.

Vamos nos agarrar à natureza, ao amor, à fraternidade. Buscar dentro de nós, refletir tudo o que podemos passar para o nosso irmão, que está do lado ou distante. Nós plantamos e depois de plantar é a hora da nossa colheita. Tudo o que construímos, vamos mostrar para os nossos filhos, nossos netos, que vencemos esta luta. Gratidão, a todos e todas.

De muito coração, eu mando meu axé, a energia que vem das águas,

das matas, do ar. Que chegue até vocês com muito amor. Tenho que pedir a Deus e a todos os Orixás que iluminem vocês. Luz, muita luz. Muita força. A gente sabe que temos a nossa passagem aqui, na Terra. Todos nós temos começo, meio e fim. Então, vamos viver o agora!

## QUARENTENA DA RESISTÊNCIA

# **TEXTOS INSTITUCIONAIS**



# Catando corações

Tem certas coisas que fazemos que definem uma vida. Comprovam toda uma história de acertos. Revelam a verdadeira vocação de uma biografia. Definitivamente, foi o caso da parceria que fizemos com a Organização Internacional do Trabalho, o Ministério Público do Trabalho e a Universidade Federal do Rio de Janeiro em torno das oficinas de escrita criativa com as catadoras do ABC paulista. Essa parceria visava incluí-las na produção de um livro com outras duzentas mulheres que, juntas, são a definitiva comprovação do acerto das ações afirmativas da Era Lula.

O livro a que me refiro não é este, mas foi igualmente extraordinário. Engloba mulheres de todos os estados da federação, que se dispuseram a escrever a partir do *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus. Esse livro, que chamei de *Carolinas*, gerou outros livros. Alguns individuais e outros coletivos. Todos com um potencial extraordinário que certamente deixará marcas indelévels na literatura brasileira. Mas nenhum deles tem o mesmo apelo que este, que reúne vinte e uma catadoras do ABC paulista, agora para construir uma trajetória indissolúvelmente ligada a uma história de lutas coletivas, de resgates de vidas que só existem na perspectiva do nós.

Todos que acompanhamos a feitura deste livro, ao longo de encontros comandados pelas mãos delicadas do professor Eduardo Coelho, encharcamos o coração de emoção com as histórias ouvidas nos três, quatro ou cinco meses de oficinas, cuja contabilidade não consigo fazer — eu e todos os demais — porque aqui estamos falando de eternidades. Todos nós mudamos, e mudamos de uma forma definitiva, sem retorno, acompanhando a evolução dessas catadoras.

Em algum momento do processo o professor Eduardo falou que elas catavam palavras, assim como Carolina Maria de Jesus. Eu diria que naqueles encontros elas estavam catando os nossos corações — o meu, pelo menos. Tive vontade de fazer um livro com cada uma delas. Sobre cada um daqueles encontros, sempre apontando para camadas que, se

cavadas, revelam todas as agruras do Brasil, mas todas as suas potencialidades e riquezas.

Prepare-se para uma experiência transformadora. Se você não quiser mudar de vida — e mudar para melhor — aconselho vivamente a ficar por aqui, nas minhas linhas tortas. Depois não diga que não foi avisado.

*Julio Ludemir*

# A garantia do trabalho decente

“Ah, comigo o mundo vai modificar-se. Não gosto do mundo como ele é.” Assim era Carolina Maria de Jesus, mulher forte, pensadora, crítica de um mundo que sabia injusto, de um mundo que a destratou, mas que ela fez de palco para mudanças que nos impactam até hoje, mais de cem anos depois do seu nascimento. Carolina era negra, pobre, catadora de papel, que achava entre seus catados as letras com as quais construía seus pensamentos e escritos. Tornou-se autora de um best-seller, o *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, publicado em 1960, além de outras publicações, dentre poesias e narrativas.

Começamos este posfácio com Carolina porque reconhecemos a importância de reverenciar uma trajetória como a dela, de renovar sua memória para que as gerações que a sucedem tenham o privilégio de beber na sua história. Carolina descortina as desigualdades e nos faz pensar que temos que avançar para que outras Carolinas não precisem passar pelas mesmas violências, fome, preconceitos e falta de condições dignas de vida. Para a construção de um mundo onde Carolinas, Marias, Silvias possam simplesmente crescer com todas as possibilidades de desenvolvimento e usufruindo plenamente dos seus direitos, atingindo o mais alto grau da sua potência humana e intelectual. Ainda não chegamos lá, mas é esse o destino que buscamos e é por isso que o projeto “Quarentena da Resistência” se tornou tão especial e simbólico, em um momento único global.

A Organização Internacional do Trabalho foi criada em 1919 como parte do Tratado de Versalhes, que pôs fim à Primeira Guerra Mundial. Em sua pedra fundamental, estava escrito “se deseja paz, cultive justiça” (*si vis pacem, cole justiciam*) e é sob essa premissa que a OIT segue atuando com seus 187 estados-membros. É a primeira agência especializada das Nações Unidas e tem uma característica única por ser tripartite, ou seja, formada por trabalhadores, empregadores e governos, em igualdade de condições. Igualdade talvez seja a palavra máxima desta instituição cen-

tenária que atua promovendo o trabalho decente, aquele exercido por homens e mulheres em condições de liberdade, equidade, segurança e dignidade humana.

O projeto “Quarentena da Resistência” é parte de uma série de iniciativas conjuntas entre a OIT e o Ministério Público do Trabalho para a garantia do trabalho decente para pessoas em situação de vulnerabilidade. Um desses grupos é composto por catadoras e catadores de recicláveis, uma categoria historicamente com menos direitos garantidos, trabalhando em situações precárias, perigosas e, muitas vezes, sem alcançar um salário mínimo ao final do mês. A iniciativa teve como um dos pontos centrais a produção de um documentário, chamado *As recicláveis*,<sup>1</sup> que mostra a realidade de um trabalho que está tão presente em nossas vidas, mas, ao mesmo tempo, tão invisível e desvalorizado. A proposta tinha por objetivo visibilizar trabalhadoras e trabalhadores absolutamente necessários para preservar nosso bem mais precioso, o meio ambiente. Além do documentário, foram feitas ações com prefeituras e cooperativas para colocar em prática a legislação, formalizar as organizações de trabalhadoras e trabalhadores e garantir que o trabalho fosse feito em condições de segurança e dignidade.

As ações estavam avançando quando a pandemia da covid-19 nos atingiu, causando impactos importantes na saúde, na economia e no mundo do trabalho, afetando em maior proporção as pessoas que já estavam em situação de vulnerabilidade. As catadoras de recicláveis fazem parte de um desses grupos. Mulheres, a maioria negras, muitas chefes de família, que ficaram sem condições de trabalhar. Foi neste contexto de dificuldade e crise que nasceu o “Quarentena da Resistência”, uma parceria entre a OIT, o Ministério Público do Trabalho de São Paulo, a Festa Literária das Periferias – Flup e a Cooperativa Central do ABC – Coopcent ABC, além do apoio da Universidade Federal do ABC e da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

O projeto trouxe arte, escrita, leitura, reflexão e apoio para que as mulheres catadoras de recicláveis pudessem passar por esse período de forma mais segura, já que recebiam uma bolsa de apoio. Mas o projeto foi

---

1 O documentário *As recicláveis* está disponível no canal do Ministério Público do Trabalho no Youtube.

além! Foi um espaço de reconstrução e ressignificação de histórias e memórias. A partir da literatura de Carolina Maria de Jesus, as mulheres reviveram, muitas pela primeira vez, suas histórias com outro olhar, mais amoroso, mais forte, capaz de reconhecer o valor de cada dia vivido e cada batalha conquistada. Essa costura de histórias, memórias, choros e risos tornou os dias mais significativos, formou uma rede de afeto e justiça, fortaleceu o reconhecimento como trabalhadoras dignas de direitos e resultou neste livro que tivemos o prazer de apoiar na sua realização.

A Organização Internacional do Trabalho, e nós, como funcionários do seu escritório, seguiremos apoiando a categoria das catadoras de recicláveis para que elas tenham autonomia, direitos e reconhecimento a que têm direito, numa sociedade mais justa, sustentável e igualitária.

*Martin Hahn*

*Diretor do escritório da OIT no Brasil*

*Tháís Dumê Faria*

*Oficial técnica em Princípios e  
Direitos Fundamentais no Trabalho*



# A força e a potência das catadoras

O Ministério Público do Trabalho, instituição permanente, independente, que tem por missão defender a ordem jurídica, o regime democrático e os direitos sociais dos trabalhadores, tem a honra, a emoção e o orgulho de apresentar à sociedade, juntamente com as entidades parceiras do projeto “Quarentena da Resistência”, obra literária de importância fundamental para o mundo. Seja pela força e potência das “escrevivências”<sup>1</sup> de suas autoras — mulheres trabalhadoras, catadoras de materiais recicláveis, que a partir da leitura de Carolina Maria de Jesus, em *Quarto de despejo*, nos brindam com seus olhares, sentimentos e ensinamentos sobre o trabalho, a natureza, a luta, a vida —, seja pela importância dos temas aqui tratados para o desenvolvimento sustentável do planeta, para o respeito à dignidade da pessoa humana, para o reconhecimento do valor social do trabalho de catadores e catadoras.

O trabalho realizado por milhares de trabalhadores, por meio de associações e cooperativas de catadores de materiais recicláveis, deve ser enaltecido e valorizado, pois além de atuar na preservação do meio ambiente, na educação da sociedade, proporciona rendimento a inúmeras famílias brasileiras. É um labor essencial, que deve ser contratado de forma prioritária pelos municípios, conforme exige a legislação. A meta de eliminação de lixões, com a implementação de política sustentável de descarte do lixo, associada à inclusão social e à emancipação das cooperativas e associações de catadores, é dever do Estado.

Nesse contexto, o projeto de escrita criativa “Quarentena da Resistência” surge da parceria entre Ministério Público do Trabalho, OIT, Flup, Coopcent ABC, UFABC e UFRJ, para fomentar a troca de saberes e ex-

---

<sup>1</sup> Conceito trazido por Conceição Evaristo como a escrita que nasce do cotidiano, das lembranças, da experiência de vida da própria autora e do seu povo, em especial das mulheres negras.

periências de vida entre as autoras com base na obra de Carolina Maria de Jesus, autora homenageada na edição de 2020 da Flup e que inspirou o projeto, e dar visibilidade à luta incessante ao respeito e ao trabalho digno das catadoras de materiais recicláveis nos municípios brasileiros.

Em encontros semanais virtuais no ano de 2020, em meio à pandemia do coronavírus, vinte e uma mulheres participantes, de diferentes regiões do país, trocaram vivências, sentimentos e saberes, marcados muitas vezes por dores e opressão, mas também por luta, amor e resistência. E que aparecem na escrita das suas histórias de vida, das dificuldades na realização do trabalho por ausência de políticas públicas inclusivas e efetivas, assim como dos desafios enfrentados pelas mulheres negras para o reconhecimento da igualdade e respeito no ambiente laboral. Para participar das oficinas semanais, as autoras receberam formação orientada por profissionais integrantes do projeto, com a coordenação do professor Eduardo Coelho, da UFRJ; auxílio financeiro para custeio de material, acesso à internet, alimentação; além de exemplares do livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus.

Este livro, portanto, é fruto das narrativas emocionantes de mulheres incríveis, que nos contam, a partir de suas vivências, histórias de luta, superação e conquistas, que espelham a realidade de vida de milhares de mulheres trabalhadoras, essenciais ao desenvolvimento sustentável do planeta, tão pouco conhecidas da nossa sociedade. O livro também traz à tona a importância do trabalho que elas realizam, e o quanto ele precisa ser valorizado por governos, gestores e cada um de nós. São elas também “Carolinas de Jesus” que labutam diariamente pelo direito de serem vistas, ouvidas e compreendidas.

Sendo assim, a possibilidade de instrumentalizar essas mulheres a desenvolverem seu potencial criativo para a literatura e produção da escrita é, para nós, ação gratificante e transformadora, pois estabelece conexões diretas com suas realidades e a vida e obra de Carolina, ressignificando olhares e perspectivas sobre o mundo, a vida e o trabalho. No decorrer da obra, escutamos o grito das mulheres catadoras. Elas clamam por respeito e justiça. Pela contratação das organizações de catadoras e catadores de materiais recicláveis para a gestão compartilhada dos resíduos sólidos nos municípios, em cumprimento à Lei nº 12.305/2010, dotando cooperativas e associações, que são fruto das suas lutas históricas, de toda a estrutura necessária para seu adequado funcionamento, com remuneração

digna e direitos assegurados pelos serviços essenciais que prestam à sociedade. Para além do aproveitamento dos resíduos sólidos descartados nos lares brasileiros, esses serviços impactam numa condição de vida saudável, sustentável e equilibrada no planeta.

*Elisiane dos Santos e Sofia Vilela de Moraes e Silva*  
*Procuradoras do Trabalho*



# Bastidores: O processo formativo de 21 catadoras

A palavra que serve de título a este texto, “bastidores”, designa o espaço que contorna o palco e não é visível à plateia. Nele se dá a movimentação de atores e outras pessoas, fora de cena, bem como as relações, tramas e intrigas que se desenvolvem dentro de uma organização, de um grupo, companhia etc., e que o público desconhece. As histórias que o leitor encontrou neste livro são algumas das que foram narradas no decorrer deste projeto, *Quarentena da resistência: na voz de 21 catadoras*, realizado entre maio de 2020 e janeiro de 2021. Durante esse período, vivemos uma trama ainda não contada: a própria realização desta obra. Além de compartilhar com o leitor a experiência de ter participado de mais este capítulo da história dessas mulheres, esta seção foi elaborada na intenção de mostrar, àqueles que queiram realizar um projeto semelhante, alguns dos métodos, dos desafios e dos resultados que a equipe encontrou durante o processo.

Resolvemos discutir determinados aspectos ocorridos nos bastidores por meio deste texto escrito coletivamente por nós, membros da equipe de concepção pedagógica e execução do projeto, que estivemos fora de cena até então: um grupo um tanto improvável, diga-se de passagem, marcado pela interdisciplinaridade, composto por pessoas de diversas áreas (de dentro e de fora do meio acadêmico) e de estados distintos.

## AS CATADORAS

A invisibilidade das catadoras de material reciclável é uma realidade da nossa sociedade desigual. Como bem definiu Françoise Vergès em sua obra *Um feminismo decolonial*, nossa organização social é fruto “de uma colonialidade que herdou a partilha do mundo que a Europa definiu

no século XVI e que continuou reafirmando por meio da espada, da pena de escrever, da fé, do chicote, da tortura, da ameaça, da lei, do texto, da pintura e, depois, por meio da fotografia e do cinema, uma colonialidade que institui uma política de vidas descartáveis”. Seres humanos tratados como lixo são vistos como problema, assim como o lixo produzido em larga escala. Pessoas tornadas excedentes humanos: bandidos, pedintes, moradores de rua, catadores, drogaditos, imigrantes, aqueles de que não se deve aproximar, tocar, dirigir a palavra ou manter qualquer forma de contato.

Por isso, a profissão de catador é especialmente sofrida, resultando em preconceito e exclusão desses indivíduos, o que foi bem relatado pelas autoras em suas narrativas ao longo das oficinas de produção textual e contação de histórias. É preciso romper essa condição subalterna de inferioridade, um ciclo que se perpetua em nossa sociedade. Neste livro, as mulheres catadoras encontraram formas de sair da invisibilidade ao dar voz e narrar suas histórias de vida, lutas e resistências, suas alegrias e tristezas, sonhos e conquistas.



Das 21 catadoras que participam deste livro, algumas relataram que são imigrantes e vieram para São Paulo em busca de oportunidades de trabalho, num momento em que havia certa profusão de oferta de empregos. Todavia, esse contexto começou a mudar nos anos 1990, devido a uma série de eventos globais que os economistas chamam de reestruturação produtiva — nome tecnicamente neutro para um conjunto de escolhas políticas e econômicas de governos e empresas, que geraram desemprego, pobreza e a necessidade de a população mais vulnerável criar meios de sobrevivência. Nos textos deste livro, não foram poucas as catadoras que lembraram que suas famílias foram vítimas do desemprego e encontraram na catação uma saída para sobreviver, muitas vezes em condições difíceis e até desumanas, como o trabalho em lixões. Algumas, inclusive, moraram com suas famílias nesses locais absolutamente insalubres.

Tais privações sociais e econômicas, como é comum, são acompanhadas de outras situações de abandono, violência e sofrimento, relatadas por essas mulheres em alguns dos textos: lembram que foram abandonadas ou sofriam violência na infância e tiveram que trabalhar nessa etapa

da vida (algumas tiveram que sair da escola), contam que sofreram violência sexual e foram vítimas da violência urbana, e há, ainda, catadoras que trabalharam em situação análoga à escravidão.

É surpreendente que, longe de colocar as catadoras numa espiral de degradação econômica e social, a trajetória pessoal de dificuldades e especialmente a busca pela sobrevivência por meio da catação levou essas mulheres a patamares mais elevados de autovalorização, senão econômica, ao menos social e política, tornando-as militantes de um movimento social cujos integrantes conhecem, valorizam e defendem a importância desse trabalho para a sociedade. Em paralelo ao crescimento das catadoras, a categoria em seu conjunto foi sendo gradualmente notada e valorizada pelos poderosos, governos e empresas, o que é atestado por diversas políticas sobre resíduos urbanos dos últimos 15 anos. Esse crescimento é ilustrado pelas experiências narradas nos textos, incluindo a participação intensa dessas pessoas em formações, encontros, educação ambiental, discussões e debates legislativos nos níveis municipais, estaduais, federais e até internacionais. As narrativas de formação de lideranças políticas entre as autoras atestam esse desenvolvimento. As páginas deste livro também revelam como essas mulheres passaram a influenciar políticas públicas nos níveis de governo citados. O orgulho por essa trajetória de conquistas compreende ainda práticas de solidariedade que notamos na valorização que as catadoras dão ao apoio a pessoas em situação de vulnerabilidade social, que frequentemente são acolhidas como integrantes de associações e cooperativas de reciclagem.

Por outro lado, os textos também nos mostram, de forma honesta e corajosa, que nem tudo nas cooperativas são flores, tanto no que diz respeito a sua organização e convívio cotidiano, como nas relações com governos, empresas, organizações de assessoria, universidades e outras instituições. Conflitos são comuns, e sem dúvida são uma barreira ao crescimento. Os relatos, e o próprio ato de relatar esse tipo de problema, revelam contudo a disposição dessas pessoas em resolver suas questões internas e externas de forma justa e democrática, observando seus direitos e deveres com responsabilidade e um senso de cidadania que indica o valor intrínseco que a valorização dessas trabalhadoras, de seu trabalho e de sua participação na gestão de políticas de resíduos traz para a própria consolidação de práticas democráticas de cooperação transparente entre sociedade e governo, gerando o que a literatura

especializada chama de capital social compartilhado entre cidadãos e governo no dia a dia da gestão de assuntos públicos.

Em diversas passagens das histórias de vida profissional e de militância das catadoras, surge uma forte identificação como pertencentes a um grupo que tem uma identidade própria como movimento social, o movimento de trabalhadores na coleta e beneficiamento de resíduos, cuja entidade mais representativa no Brasil é o Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis – MNCR, lembrado em diversos textos. A identidade de catadora é compartilhada e expressa em símbolos como bandeiras, “gritos de guerra”, músicas, compromissos formais e informais, práticas de formação de novos integrantes.

Talvez essa identidade se expresse de forma mais poderosa nas relações que as catadoras estabelecem entre si e com atores externos. Como em outros movimentos sociais, trata-se de relações de conflito e cooperação, entre pares e com atores não considerados parte do grupo identitário. Isso parece revelar uma tensão entre a identidade como grupo e o desejo de autonomia plena, e pode incluir até uma diferenciação entre o que a categoria chama de “catadores históricos” e novos integrantes das organizações.

Contudo, as trajetórias políticas e profissionais relatadas mostram a necessidade de buscar apoios externos que muitas vezes geram desconfiança ou uma resignação insatisfeita com o que sentem ser pessoas que trazem valores e objetivos estranhos ao movimento. Mais ainda, em muitos casos esses apoios exercem forte influência sobre a pauta de ações organizacionais cotidianas, e mesmo de militância política, assumindo um protagonismo “de fora” que na prática se transforma em poder sobre os rumos das discussões e ações dessas organizações.

Essa tensão também ocorreu nas oficinas de produção textual que geraram o presente livro, em que a definição de temas e motes para as produções textuais cabia à equipe de apoio, mas pareceram ser atenuadas com o desenvolvimento das discussões entre as catadoras nas oficinas, em que a equipe procurava limitar suas falas, deixando o máximo de espaço para os diálogos “de catador para catador” – um jargão do movimento, simbologia identitária que expressa o desejo por autonomia. Aliás, em função do estigma que a profissão carrega e que as torna frequentemente objeto de ações assistencialistas e paternalistas, que adiam o sonho de independência que qualquer categoria profissional almeja, essa

autonomia tem que ser conquistada cotidianamente: o controle de suas discussões e ações.

Muito humildemente frente à trajetória das catadoras aqui representadas, esperamos que este livro e seu processo de produção contribuam para que sejam prestadoras de serviços ambientais geridos integralmente por elas. Organizando, planejando, se relacionando, divergindo, lutando, sonhando e evoluindo de forma autônoma. E que nossa iniciativa de oficinas de produção textual gere, para além da vontade de ler e produzir textos, a capacidade de questionar suas realidades como profissionais e cidadãs, expor problemas e buscar mudanças aderentes às questões que consideram relevantes.

Entre as fragilidades existentes no universo das catadoras, estão aquelas que dizem respeito às dificuldades de auto-organização e do reconhecimento do seu trabalho enquanto construção coletiva. A própria condição em que vivem e a busca pela sobrevivência impõem essa condição, que é muito difícil de ser superada.

Este projeto de uma certa forma as fez perceber essas fragilidades e que os caminhos para a superação dessa condição estão na tentativa de escapar da condição individual em que vivem e buscar a emancipação por meio da união e organização coletiva. Em tese, o fato de estarem atuando em uma cooperativa pode sugerir, a princípio, que essa organização coletiva venha a ocorrer de forma natural. No entanto, incorporar valores cooperativistas na sociedade em que vivemos, em um segmento social excluído da condição de cidadãs, exige um esforço muito grande ao qual projetos como este podem contribuir. O início deste projeto e parte significativa da justificativa para a sua realização levaram em consideração essas questões. De uma certa forma, o livro *Quarentena da resistência* representa um grito sufocado das catadoras que participaram desse processo de criação.

---

Durante todo o projeto, nunca duvidamos de que estávamos diante de profissionais, de mulheres comprometidas com suas ocupações e também com o modo pelo qual elas atuam e poderiam atuar na sociedade. No entanto, não foram poucas as vezes em que ouvimos relatos de um orgulho em ser catadora que se construiu na prática do trabalho diá-

rio e na partilha de suas experiências. Orgulho que se formou estando juntas e não por meio do olhar daqueles que, não sendo catadores, não entendem do serviço e ainda as rotulam e as diminuem.

Percebemos que, para elas, a catação tornou-se uma profissão a que se apegaram com intensidade e consciência política, de tal forma que denunciam, enfaticamente, a precariedade das condições a que estão submetidas. Em nossos encontros, não faltaram, por parte delas, relatos emocionados de descaso do poder público e de certo apagamento social que as torna invisíveis como trabalhadoras. Não é possível romantizar suas histórias já que a realidade se impõe a cada palavra. Elas visam o futuro e buscam mudanças. Com elas, aprendemos a força de suas organizações e a importância de seus saberes, entendemos o quanto a tecnologia e o investimento bem feito são aliados de um processo de modernização que deve ser eficiente e, ainda assim, essencialmente humano.

## AS OFICINAS

A princípio, encontramos um desafio central: como desenvolver oficinas de produção de narrativas em que a quase totalidade das participantes não era leitora nem escrevia regularmente, entre as quais, inclusive, algumas eram analfabetas? Mulheres que foram impedidas de frequentar a escola pelas condições de pobreza e pela própria instituição escolar, que não raro exclui os que não se adaptam à sua estrutura rígida, até mesmo autoritária. Esse desafio se apresentava ainda maior em função da pandemia da covid-19, exigindo que as oficinas fossem realizadas on-line. Afinal, como ia ser possível realizá-las se as participantes deste projeto eram, também, analfabetas digitais? Algumas não tinham celular, outras não tinham internet, e as que tinham não dominavam os recursos disponíveis.

O primeiro movimento de organização das oficinas foi lançado por uma equipe de apoio, que buscou dissolver os obstáculos digitais levando, virtualmente, todas as catadoras aos encontros, em igualdade de condições. Com apoio do Ministério Público do Trabalho, compramos aparelhos de celular, adquirimos pacotes de internet, orientamos as catadoras sobre a utilização dos telefones, dos seus recursos e aplicativos, e o que mais surgisse como demandas de cada uma delas.

Quando pensamos em tecnologia, é raro pensarmos nela como ferramenta de emancipação de uma categoria, que muitas vezes é colocada como invisível. Invisibilidade é uma palavra que traz o silêncio de quem tem algo que pode ajudar a nossa sociedade a superar vários problemas futuros, e quando são apresentadas ferramentas que possibilitam este grito de transformação, um grande salto pode ser dado. A tecnologia é uma ponte que interligou as catadoras como amigas da sociedade, e este vínculo depende sempre da aproximação. Pois quando os veículos tecnológicos são trabalhados para aproximar histórias, vivências, dificuldades, esperanças e a luta constante por um mundo melhor, olhamos o quão importante é o papel das tecnologias nesse processo. Por isso, usar a tecnologia como veículo emancipatório das catadoras é olhar para avanços sociais transformadores e trazer a sociedade para fazer este enfrentamento juntamente com elas.

---

Superada a fase mais grave de carência tecnológica, criamos estratégias para organizar as oficinas de produção de narrativas. Como gesto inaugural de trabalho, adotamos a *metodologia da escuta* para mapear desejos, inseguranças, necessidades, entre outros aspectos caros às participantes. Inicialmente, a *metodologia da escuta* foi mobilizada a partir de um interesse sobre quem eram as catadoras, que manifestamos com simplicidade, a cada uma delas. Enquanto falavam, registramos palavras-chave como “catação”, “invisibilidade”, “reciclagem”, “meio ambiente” e “violência doméstica”, além de muitas referências afetuosas a “muambas” (objetos) coletadas em lixões. Assim, foi possível identificar temas e problemas comuns entre as participantes. Eles que deviam pautar a subsequente organização das oficinas e nos orientar a respeito do desenvolvimento de algumas estratégias de trabalho.

A maior parte das catadoras apontou que suas experiências de ensino foram traumáticas. Em suas falas, predominavam referências à indiferença e à insensibilidade de seus professores, que desconsideravam, sem dúvida alguma, os impactos positivos da afetividade nos processos de formação escolar. Isso contribuiu fortemente para a construção da ideia de incapacidade cognitiva que as catadoras revelaram sobretudo nos primeiros encontros. Na maior parte dos casos, a ideia de “limitação” inte-

lectual foi associada, por elas mesmas, a “dificuldades” com a gramática, de que se envergonhavam. Dessa maneira, precisamos oferecer, durante as oficinas, outros modos de relação com o ensino – não violentos e não excludentes, bem como outros modos de se relacionar com o idioma, compreendido a partir de sua pluralidade de manifestações, para além da gramática normativa. Tornava-se urgente dar a oportunidade de as catadoras construir imagens, emoções e sensações positivas sobre o processo de ensino e aprendizagem. Em outras palavras, as oficinas deviam acolher as participantes, apontando, num primeiro momento, somente os valores mais favoráveis de suas produções, e fortalecendo, conseqüentemente, um percurso de aquisição de autoconfiança no que diz respeito à criação de narrativas. Era fundamental sermos afetados pelas suas produções, para que elas se sentissem então afetadas pelo processo em si.

Algumas catadoras demonstraram insatisfação por terem de contar suas histórias de vida a uma equipe com que não se identificavam, constituída majoritariamente de homens brancos, de classe média, com formação escolar completa e de terceiro grau. De certa maneira, esse problema justificou a manutenção da *metodologia da escuta* durante todo o processo, tanto na primeira quanto na segunda etapa de trabalho. Assim, a coordenação não ocuparia centralidade, distanciando-se de uma imagem de poder. Competia-nos o papel de mediadores, que não deviam intervir em larga escala, mas apenas sinalizar as possibilidades de desenvolvimento de algumas narrativas encapsuladas, muito pontuais, que podiam render boas histórias. Por outro lado, considerando toda a desconfiança relacionada ao ensino e ao ambiente escolar, não houve de nossa parte qualquer intenção de preencher o tempo das oficinas com ensinamentos professorais. Ao contrário, destacamos somente os recursos de narratividade a partir das narrativas das próprias catadoras, compartilhando saberes que elas mesmas mobilizavam em seus textos e contações. Foi assim que tratamos brevemente de técnicas como o diálogo e funções de linguagem como a metáfora, para que se tornassem mais conscientes de recursos muito característicos da produção literária. Além disso, organizamos as primeiras oficinas a partir das relações das participantes com os objetos, em que, antes de escreverem ou contarem experiências mais pessoais, deviam criar narrativas sobre as coisas, objetivando a possibilidade confessional que temiam pela natureza de suas experiências, muitas das quais haviam sido

marcadas pela violência doméstica. As oficinas foram então organizadas também como um gradativo *exercício de aproximação* entre a equipe e as catadoras, mas de pouco a pouco constatamos que esse exercício se firmava também entre elas, que foram se conhecendo e se reconhecendo por meio dos encontros e de suas narrativas. Quando as diferenças entram em cena, com abertura aos diálogos e trocas, afetar e ser afetado se tornam dinâmicas determinantes e transformadoras.

Nesse período de mapeamento, as falas das catadoras apresentavam duas tendências básicas: umas se caracterizavam pelo excesso, outras se caracterizavam pela escassez de informações e acontecimentos. Foi por meio da percepção dessas duas tendências que selecionamos a *pergunta* como nossa principal forma de intervenção durante as oficinas. Para algumas participantes, a pergunta devia estimular o foco e o aprofundamento sobre aspectos relevantes de suas histórias, muitas vezes mais caracterizadas por uma listagem de acontecimentos diversos do que propriamente por uma estrutura narrativa. Nesses casos, em que havia muitos restos, devíamos *catar* o que apresentava potencial literário. Para as demais catadoras, cujas falas sofriam de escassez, a pergunta devia estimular a produção em si, tornando-se um sintoma do nosso interesse pelas suas histórias, o que foi colaborando para dissolver a sensação de “invisibilidade” de que elas tanto se queixaram, legitimamente. Enfim, recorreremos às *perguntas*, também, como uma estratégia de visibilização das catadoras. As questões precisavam ser formuladas com brevidade e simplicidade, intervindo o mínimo possível na definição do enredo. As *perguntas* não poderiam se tornar uma estratégia de dirigismo, mas um estímulo aos deslocamentos de sentido.

Assim, o processo de aprendizagem ganhou novos significados; as mulheres participantes, que de início se achavam pouco interessantes, pouco inteligentes, aos poucos desaprenderam esses conceitos errados que tinham de si mesmas. As histórias que contavam foram se avolumando, seus textos iam ficando maiores e com mais detalhes, e aos poucos perceberam que não estavam sozinhas em seu sofrimento: as colegas interferiam, conversavam, trocavam suas experiências, de forma que algumas tiveram coragem de “abrir o baú” e contar histórias que nunca tinham contado a ninguém.

O escritor italiano Primo Levi, sobrevivente do Holocausto, conta com espanto sua descoberta de que muitos dos sobreviventes de Ausch-

witz tinham o mesmo pesadelo: o de estarem contando, à mesa do jantar, para amigos e familiares, sobre os horrores pelos quais passaram, mas sendo ignorados ou ouvidos com tédio e indiferença. Essa situação, que Slavoj Žižek chama de “história-que-ninguém-escuta”, encontrou nesse processo de criação alguém (nós, leitores) para escutar suas experiências, em que nos apresentaram a luta que é a vida da mulher negra, trabalhadora, e pobre no Brasil.



No segundo ciclo de oficinas, a equipe de apoio cresceu. Às relações que já estavam sendo construídas se somaram novos encontros. Isso provocou estranhamento e a necessidade de procurar pontos de contato. A equipe cresceu principalmente com a inclusão de mulheres, o que parece ter tido um duplo efeito: por um lado, a possibilidade de abrir um caminho para falar de questões de violência, de abusos, de assédios, de maternidades precoces. E, por outro, apareceram mais nítidas certas diferenças, pois o denominador comum do fato de sermos “mulheres” muitas vezes não nos aproximava suficientemente, confirmando que experimentamos mundos diferentes. Ao mesmo tempo, havia o desafio de que esses mundos se escutassem e se lessem, que afetassem um ao outro. Talvez esse tenha sido um dos maiores desafios das oficinas, no seu encontro “presencial/virtual”, sem poder olhar olho no olho, sem contar com outros canais nem com outras linguagens que o som da voz ou a aparência. Para estabelecer contato, era necessário mostrar a escuta aberta e abrir a confiança. Como podem efetivamente se encontrar pessoas que nunca compartilharam os mesmos espaços, nem física, nem simbolicamente? As oficinas respondem à pergunta sem que ela seja resolvida. Essas pessoas só se encontraram ensaiando diversos modos de contato, às vezes bem-sucedidos, outras vezes nem tanto. Mas é só na tentativa do encontro que pode haver o produtivo desencontro.



Outro importante acontecimento do processo de formação se manifestou na relação que as catadoras estabeleceram com o livro de Carolina

Maria de Jesus, *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, que em 2020 completou sessenta anos de publicação. Carolina Maria de Jesus foi a autora homenageada da Festa Literária das Periferias – Flup, o que motivou o convite às catadoras para a produção das narrativas aqui reunidas.

Com recurso do Ministério Público do Trabalho, compramos um livro para cada catadora participante do processo de formação da Flup. Ao receberem o livro, cada uma enviou uma *selfie* segurando seu exemplar do *Quarto de despejo*. As fotos são comoventes, pois estampam, nos rostos dessas mulheres, muito mais do que uma satisfação: as fotos manifestavam a visibilidade, a surpresa, o encantamento e sobretudo o sentimento de pertencimento a um universo de que não faziam parte.

O livro recebido era, para a grande maioria, o primeiro livro em suas vidas. A experiência de ter um livro consistiu num processo não apenas de formação de leitoras, mas também autorizou as catadoras a escrever suas próprias histórias. Elas se reconheciam nas narrativas de Carolina Maria de Jesus e ainda conseguiam ver algo para além de si mesmas. A leitura do *Quarto de despejo* revelou uma via de mão dupla em que elas, ao mesmo tempo, se viam espelhadas numa literatura e encontravam caminhos a perseguir e aprofundar por meio de suas próprias narrativas.

É relevante destacar que, autônomas e habituadas aos princípios de compartilhamento do cooperativismo, estas mulheres não se valeram do livro apenas para si, mas até mesmo organizaram, por conta própria, uma dinâmica de empréstimo de seus exemplares a colegas de trabalho. Assim, formaram-se redes de compartilhamento de leituras e de compartilhamento de sentidos.

---

Desde que iniciamos o contato com as catadoras, ouvimos muito sobre o quanto esse exercício de fala e escuta era “terapêutico”, na medida em que possibilitava a transposição em linguagem de memórias, vivências, dores, traumas, alegrias, conquistas. As camadas desdobráveis desse tecido tão complexo que é a linguagem humana se tornavam nítidas, por vezes densas, nesse processo de falar, revelar, transbordar, trocar que as palavras possibilitaram em nossas noites de quintas-feiras. Essa trama formada ao longo dos meses de *Quarentena da resistência* é feita de histórias potentes – de ação e de transformação, de alcance individual e coletivo. De certa

forma, todos fomos afetados por essas potências, imbuídos do exercício de uma escuta ativa, do diálogo aberto, da troca verdadeira. Se as oficinas foram terapêuticas para as catadoras, que experimentaram a força transformadora da linguagem na revelação de vidas repletas de coragem e de esperança, sem dúvida foram terapêuticas também para nós, na medida em que nos serviu como tomada de consciência de nosso lugar no mundo e do compromisso com o engajamento ético que visa a transformação social. O processo se revelava terapêutico porque a rede que nos uniu, para além da virtualidade, costurou-se com palavras de coragem, de esperança, de confiança, de afeto, de vontade. Se a vida quer da gente coragem, então a vida quer da gente a energia desses momentos de pura potência da linguagem. É como afirmou Lilla Watson em 1985, na Conferência das Nações Unidas para a “década das mulheres” em Nairóbi: “Se vocês vieram para me ajudar, estão perdendo seu tempo. Mas se vieram porque a libertação de vocês está ligada à minha, então trabalharemos juntas.”

---

Já nos primeiros encontros das oficinas, destinados a pensar na relação entre questões de gênero e o trabalho nas cooperativas, foi possível perceber como cada história singular que aparecia nos textos e nas contações estava entrelaçada com a história coletiva de boa parte das mulheres brasileiras. Nelas, infelizmente, a violência de gênero não era a exceção, mas a regra. Naturalizada durante séculos e transmitida por gerações, essa violência parece ser elemento constitutivo da cultura. Constatamos que ainda hoje não é incomum que as mulheres sintam a própria vida constantemente ameaçada por aqueles que estão mais próximos. No encontro de vozes que compõem o livro, os traços dessa violência também deixaram suas marcas, suas cicatrizes que ainda ferem e lágrimas que ainda rolam. São histórias de perda, rupturas, muita solidão e dor de ver-se a si, ou aos seus filhos, em situação de completa vulnerabilidade diante de um ambiente machista, opressor e homofóbico onde qualquer diferença deve ser perseguida e aniquilada.

Entretanto, para além das trilhas formadas pelas cicatrizes visíveis e invisíveis, escutamos estratégias de sobrevivência que passavam por rotas de fuga, pela música e pelo cooperativismo, e muitas vezes essas estratégias estavam juntas e misturadas. Para as vozes dessas histórias,

trabalhar, cantar e reivindicar direitos são modos de escapar ao silenciamento imposto pela violência machista, racial e social. Formas de criar um território seguro, ainda que instável, estabelecendo novas relações, formando novos lares.

Cantou-se muito durante as oficinas. Os lamentos na voz de Alcione, a nossa Marrom, uma das cantoras preferidas do grupo, abriam um espaço de respiração para a organização coletiva de mulheres dentro das próprias cooperativas: “Me balança mas não me destrói/ Porque chumbo trocado não dói/ Eu não como na mão/ De quem brinca com a minha emoção”, diz a música “Loba”, de Alcione, cantada em um final inesquecível de uma das oficinas. A letra de “Loba”, na voz possante de Clotilde da Silva, na batucada de Maria da Penha Aparecida Cunha Guimarães, na dança de Luciana Maria Ferreira e na presença sorridente de todas, expressa um cantar que narra o momento em que a cena da violência é deixada para trás. Aqui já não é possível aceitar mais, dentro das cooperativas, a reprodução do machismo e da desigualdade que envolve todas as relações pessoais e de trabalho no mundo externo. Ler e ouvir essas histórias, que são em parte testemunho, em parte a entoação de outras formas de cantar para além da violência e suas marcas, traz ensinamentos fundamentais para a construção de um modo feminista de estar no mundo.

Não é possível falar em feminismo sem relacionar de forma inseparável várias esferas da vida: econômica, política, subjetiva. E, mais ainda, como diz uma frase célebre de Audre Lorde, nenhuma mulher será livre enquanto outra for prisioneira. É a força do coletivo, que não tem nada de conciliado e apaziguado, pois as divergências são muitas, mas que é capaz de garantir minimamente a emancipação de cada uma, num país infelizmente ainda cruel e hostil, que invisibiliza e desvaloriza o trabalho das mulheres. Aqui não há superação individual que não venha acompanhada desse movimento de agrupamento, de auto-organização.

Lutar contra essa invisibilidade é também o que fazem esses testemunhos, que se materializaram em narrativas, choros, cantorias e duras vozes de protesto. Foi interessante perceber, ao longo das oficinas, muitas reticências em relação ao uso do termo “feminismo”. Essa incerteza tinha como fundo dois questionamentos principais: o primeiro indagava a efetiva desvantagem das mulheres na sociedade e no ambiente de trabalho, em geral porque todas se consideram muito fortes, tendo superado diversos obstáculos pessoais, profissionais e financeiros. Essa

mitologia da “super mulher” que consegue dar conta de tudo sozinha, responsável por cuidar de todos, em casa e na cooperativa, foi sendo analisada e aos poucos criticada pelas participantes durante os encontros, que começaram a apontar o caráter injusto e opressivo dessa sobrecarga. O peso invisível carregado pelas mulheres é muito maior do que os muitos quilos de material reciclável que é preciso erguer.

O segundo questionamento em relação ao feminismo incidia no que algumas reconheciam como um ambiente pouco acolhedor dos espaços de debate feministas, muitas vezes misturando essa desconfiança ao enorme descrédito em relação à política institucional. Entretanto, a importância de entidades como a Secretaria Estadual de Mulheres Catadoras – SEMUC, e da união e cooperação entre as mulheres catadoras foi endossada pela maioria das participantes, que reconhecem na cooperativa a abertura de novos caminhos para além das realidades abusivas no ambiente familiar. Desconfiança e reconhecimento marcaram o tom das conversas sobre feminismo e política: a necessidade de ocupar espaços institucionais, a pergunta sobre como fazer isso sem ter que jogar o jogo muitas vezes mafioso dos esquemas de poder não encontraram respostas, mas puderam ser abordadas abertamente.

---

Há algumas décadas, junto com a visibilização do trabalho de movimentos sociais e cooperativas de trabalhadores excluídos, também vimos surgir, em alguns países da América Latina, o fortalecimento de ONGs e grupos de pesquisas de universidades preocupados com esses setores. Se muitas vezes foram feitas parcerias importantes, não é estranho que, quando escutamos os movimentos, a relação com ONGs e universidades outras vezes resultou não em uma parceria, mas em uma relação ainda vertical, paternalista e, principalmente, “extrativista”. Esse extrativismo da riqueza em termos gerais vem sendo denunciado por muitos movimentos feministas, principalmente indígenas e comunitários, e está na base da posição política das catadoras. As catadoras, depois de anos de trabalho individual ou na cooperativa, sabem muito bem disso. Como elas diziam, “estão vacinadas”, acostumadas a ser apenas um “objeto” de estudo, ou alvo de políticas que deixam alguns ganhos, mas sobre as quais alguém está lucrando, ao menos simbolicamente.

mente, e ainda tendo os seus saberes apropriados, em uma exploração epistemológica.

Nas oficinas de escrita, essa relação com a universidade, principalmente, partiu de outros pressupostos. Talvez porque nossos encontros semanais não estavam voltados para que a universidade “ganhasse” ou “levasse” algum conhecimento como se fosse um produto próprio. Aqueles de nós que estamos na universidade participamos dos encontros a partir da escuta, como motores de perguntas e interrogações, apenas com certo domínio do ofício da escrita para ajudar a costurar as lembranças de cada catadora em uma memória coletiva. Nesse sentido, a própria lógica da oficina nos permitiu escapar de qualquer relação de exploração ou de apropriação do conhecimento dos outros.

Essa prática de oficina, por outro lado, não é estranha nem à catação, nem ao cooperativismo. Catar também é alinhar e juntar coisas que estavam separadas. Separar coisas que estavam juntas. E fazer parte de uma cooperativa tem por princípio não estabelecer uma coletividade onde todos são iguais, mas uma coletividade onde todos são diferentes, e onde o que se tem em comum é a vontade de estar juntos como modo não apenas de sobrevivência, mas como modo ético de viver e fazer um mundo mais justo, como fica claro depois da leitura destes textos.



No meio disso tudo, existe ainda um aspecto norteador, referente a uma das questões centrais de *Quarentena da resistência*: o amor e a sua falta, que permeiam diversos textos. Assim, este livro consiste numa história de vivências em busca de dignidade, de reconhecimento da importância dessas catadoras como profissionais que cuidam do bem-estar da sociedade e da preservação do meio ambiente, mas sem desconsiderar as experiências amorosas muitas vezes infiltradas por marcas tão características da sociedade desigual em que vivemos, como o racismo, o machismo e a violência.

O princípio da catação como alinhavo nos serviu de guia para a edição do livro. Por se tratar de uma narrativa a 21 vozes, era necessário criar um enredo que manifestasse uma linha comum de disputas e vivências, mas também suas diferenças, suas particularidades. Nesse sentido, este livro foi organizado de modo a revelar um percurso épico que

foi se deslocando da superação individual à transformação das subjetividades por meio da organização coletiva, enfim, do cooperativismo. Dessa maneira, há uma intenção pedagógica na ordem apresentada dos textos, pois desejamos fortemente que os saberes aqui reunidos revelem a outros grupos, excluídos ou socialmente valorizados, possibilidades de superar os obstáculos individuais e também as contradições do próprio cooperativismo, da vida pública e em comum.

*Adalberto Mantovani Martiniano de Azevedo, Adolfo Homma,  
Alan Arnese, André de Jesus Torres, Carolina Casarin, Eduardo Coelho,  
Fabio Cardozo, Glaucia Secco, Jucilene Nogueira, Lucas Mathias Ribeiro,  
Luciana di Leone, Mariana Patrício, Marta de Jesus Gabriel*

## **SOBRE AS AUTORAS**

ANA MARIA DA SILVA DE OLIVEIRA

Nasci em 9 de dezembro de 1961 em Acopiara, no Ceará. Filha de Ana Alves Vieira e Raimundo Nonato Vieira. Sou viúva, tenho dois filhos e um neto. Moro em Mauá, em São Paulo. Estudei até o quinto ano. Trabalho há 23 anos como catadora.

ANDRÉIA FIRAGI

Nasci em 4 de março de 1976 em Guarulhos, São Paulo. Filha de Lídia Félix Firagi e Mateus Sérgio Firagi. Sou solteira, tenho três filhos. Moro em São Bernardo do Campo. Tenho o ensino médio completo.

CLAUDIA DA SILVA

Nasci em 5 de março de 1981 em Rio das Pedras, mas fui registrada em Ourinhos, São Paulo, e é nesta cidade que eu moro. Solteira, sou negra, tenho quatro irmãos e três filhos. Estudei até o terceiro ano do ensino médio. Faço parte da cooperativa Recicla Ourinhos. Gosto de uma frase de luta da Rosa Luxemburgo: “Por um mundo onde sejamos socialmente iguais, humanamente diferentes e totalmente livres. Pois quem não se movimenta não vê as correntes que os prendem.”

CLOTILDE DA SILVA

Nasci em 29 de novembro de 1975, filha de Maria de Lourdes da Silva Acrisio e José da Silva. Sou divorciada. Tenho três filhos, a Letícia, que faleceu, o Pedro, que tem 25 anos, e o Guilherme, que tem 19, mas eu não o conheço porque doei quando nasceu. Tenho duas netas e dois netos. Moro em Maracá, São Paulo. Sou catadora há vinte anos.

EDILAINE GONÇALVES (NANÁ)

Nasci em 17 de julho de 1971. Mãe de um filho e avó de um neto. Sou catadora e atualmente faço faculdade de Engenharia Ambiental e Sanitária.

FRANCISCA MARIA LIMA ARAÚJO

Nasci em 26 de abril de 1962, na cidade de Oeiras, Piauí, filha de Maria Jovelina da Conceição Lima e Antônio Teixeira Lima. Tenho três filhos, uma menina e dois meninos. Já trabalhei como operadora de máquina na indústria e tive várias ocupações, mas amo a minha profissão de catadora de materiais recicláveis.

GISLAINE DE CERQUEIRA RAMOS

Nasci em 29 de maio de 1978. Tenho um filho e sou casada. Não fumo. Tenho o ensino médio completo. Minha profissão é auxiliar de produção. Atualmente sou catadora.

IVANILDA DA CONCEIÇÃO GOMES

Sou brasileira, nasci em 14 de março de 1986 em Jaboatão dos Guararapes, Pernambuco, filha de Maria Gomes dos Santos e Daniel Francisco Gomes. Sou solteira. Tenho três filhos. Estou terminando o ensino médio. Moro em Maceió, Alagoas.

LUCIANA MARIA FERREIRA

Tenho 46 anos, nasci em 14 de agosto. Sou solteira, tenho três filhos, sou alfabetizada.

MARIA LUCIA SOUZA DOS SANTOS

Nasci em 25 de novembro de 1962 em Itagibá, na Bahia, filha de Mario Arruda Souza e Deraldina Santiago de Jesus. Sou casada com Reginaldo Rufino dos Santos. Tenho três filhos, seis netos, duas noras e um

genro. Moro em Diadema. Estudei até o quinto ano. Trabalho na cooperativa há 19 anos.

MARIA BENEDITA FARIA

Nasci em 10 de dezembro de 1967, no Paraná. Moro em Diadema. Sou casada há 35 anos e meu marido é do Sergipe. Tenho nove irmãos e minha mãe de 85 anos, que eu amo muito. Estudei até o segundo ano primário. Fui cuidadora de criança, tive barraquinha de bijuterias, fui operadora de máquinas e catadora avulsa. Trabalho na Cooperativa Nova Conquista, em Diadema, há nove anos, onde atualmente estou como coordenadora.

MARIA DAS DORES PEREIRA

Nasci em 18 de outubro de 1959. Sou casada há quarenta anos com excelente parceiro, tenho sete filhos. Trabalho há quatro anos com reciclagem e venho cada dia interagindo mais. Hoje sou uma pessoa bem melhor e futuramente quero compartilhar todo esse processo com os meus netos e bisnetos, sobre o que eu aprendi com esse serviço.

MARIA DA PENHA APARECIDA CUNHA GUIMARÃES

Nasci em 11 de outubro de 1958, filha de Joanelinha Cavelanha e Julio de Souza da Cunha. Nascida na Penha, em São Paulo, moro em Mauá há quarenta anos. Sou viúva, tenho três filhos, quatro netos e vem mais um neto. Tenho o ensino médio completo. Minha profissão é catadora de materiais recicláveis há 35 anos. Fui catadora avulsa, criei a Cooperma e hoje faço parte da Coopercata, em Mauá, e da Coopcent ABC. Moro sozinha com Deus e a espiritualidade.

MARIA IZABEL BRAGA

Nasci em 13 de junho de 1957. Tenho seis filhos, sou divorciada e trabalho como catadora avulsa.

MARIA IZABEL DA CRUZ OLIVEIRA

Nasci em 9 de outubro de 1964, filha de Marcelina Mercedes de Oliveira e Jamil da Cruz Oliveira. Minha mãe era de São Gonçalo do Sapucaí, em Minas Gerais. Sou mãe de cinco filhos, porém uma faleceu no parto, e tenho quatro netas. Moro em Diadema, São Paulo, não tenho escolaridade e minha profissão é catadora de material reciclável há 19 anos.

MARIA MÔNICA DA SILVA

Nasci em 11 de fevereiro de 1973, em Acopiara, no Ceará, filha de Maria Teixeira da Silva. Tenho cinco filhos, todos sabem ler e escrever. A Jennifer e o Kennedy trabalham numa empresa como ajudante geral, a Keylla é catadora e a Monique quer ser catadora. O Jonathan não tem profissão, é presidiário. Todos moram em Diadema.

NAIR CAMILO FARIA

Nasci em 20 de agosto de 1970, em Vera Cruz do Oeste, no Paraná, filha de Aguiar Camilo Faria e Maria Ferreira Fernandes. Sou casada, tenho cinco filhos e três netas. Moro em Diadema. Estudei até o sexto ano. Antes de ser catadora, trabalhei em casa de família, fui também babá, cuidadora de criança e lavava roupa para fora, para sobreviver. Hoje trabalho numa cooperativa em Diadema, a Nova Conquista.

PATRÍCIA FRAZÃO

Nasci em 7 de setembro de 1978, em Garanhuns, Pernambuco. Filha de José Pedro da Silva e Maria Helena Frazão da Silva. Sou casada e moro em Diadema. Sou mãe de quatro filhos de sangue e três enteados. Tenho quatro netos. Tenho o ensino médio completo. Estou há vinte anos na cooperativa Cooperlimpa.

PATRÍCIA RAMOS

Nasci em 29 de outubro de 1979. Sou casada, tenho quatro filhos e duas netas. Tenho o ensino médio completo.

SILVANA DOS SANTOS

Tenho sessenta anos, sou casada e tenho um filho. Não fui alfabetizada.

VIVIANE CONCEIÇÃO DE SOUZA

Nasci em Guarulhos, São Paulo, em 6 de setembro de 1977, filha de Gerson Bento de Souza e Tânia Aparecida Barbosa da Silva. Sou solteira. Tenho uma filha adotiva de 16 anos. Moro em Mauá. Tenho o ensino médio completo. Trabalho há 11 anos como catadora.

Este livro foi composto nas fontes Lora e Montserrat em maio de 2021.



EL SILVANA PATRÍCIA EDILAIN  
NEDITA NAIR ANDRÉIA V  
CIA GISLAINE MARIA DA PENHA  
IANA MÔNICA DORA MARIA PAT  
ÍCIA EDILAIN IVANILDA MARIA  
RÉIA VIVIANE FRANCISCA MARI  
RIA DA PENHA CLOTILDE CLAUDI  
RA MARIA PATRÍCIA ANA MARIA  
NILDA MARIA IZABEL SILVANA P  
ANCISCA MARIA BENEDITA NAIR  
TILDE CLAUDIA LUCIA GISLAINE  
A ANA MARIA LUCIANA MÔNICA  
BEL SILVANA PATRÍCIA EDILAIN  
NEDITA NAIR ANDRÉIA VIVIANE  
CIA GISLAINE MARIA DA PENHA  
IANA MÔNICA DORA MARIA PAT  
ÍCIA EDILAIN IVANILDA MARIA  
RÉIA VIVIANE FRANCISCA MARI  
RIA DA PENHA CLOTILDE CLAUDI  
RA MARIA PATRÍCIA ANA MARIA  
NILDA MARIA IZABEL SILVANA P  
ANCISCA MARIA BENEDITA NAIR  
TILDE CLAUDIA LUCIA GISLAINE

APOIO:

REALIZAÇÃO:



Organização Internacional do Trabalho



Ministério Público do Trabalho



LABORATÓRIO DA PALAVRA  
LETRAS – UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO



LABORATÓRIO DE TEORIAS E PRÁTICAS FEMINISTAS  
LETRAS – UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO



PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO E CULTURA  
Universidade Federal do ABC